



HERÓDOTO

Volume 9, Número 2, Dezembro de 2024

ISSN Eletrônico – 2448-2609

HERÓDOTO

Revista do Grupo de Estudos e
Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e
suas Conexões Afro-Asiáticas

<http://mundoclassiconectado.unifesp.br/>

V.9, N. 2/dezembro de 2024 – Brasil
Escola de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História



Imagem da capa disponível em:

<https://fineartamerica.com/art/herodotus>

Editor de Layout/Layout Editor

Prof. Glaydson José da Silva

sglaydson@hotmail.com

Prof. Filipe Noé da Silva

fnd.silva@udesc.br

Suporte Técnico/Technical Support

Glaydson José da Silva

sglaydson@hotmail.com

Responsável/Principal Contact

Glaydson José da Silva

mundoclassiconetado@unifesp.br

Heródoto [recurso eletrônico]: revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas conexões afro-asiáticas / Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História . – v. 9, n. 2 (dezembro 2024) . – Guarulhos : UNIFESP/EFLCH, 2016-

Anual, v. 1, n.1 (2016)

Semestral, v. 9, n.1 (2023)

ISSN 2448-2609

Modo de acesso: World Wide Web.

Disponível em: <<http://www.herodoto.unifesp.br>>

1. História Antiga - Periódicos. I. Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História. II. Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História.

HERÓDOTO

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas. Volume 8, Número 1 - Julho/2023 Unifesp/Guarulhos/Brasil.

EQUIPE EDITORIAL - EDITORIAL STAFF

EDITORS-IN-CHIEF

Prof. Glaydson José da Silva, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

EDITOR ASSOCIADO - ASSOCIATE EDITOR

Prof. Filipe Noé da Silva, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

AVALIADORES - REVIEWERS

Prof. Airton Brazil Pollini Junior, Université de Haute Alsace, França

Prof. Anderson de Araujo Martins Esteves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. André Leonardo Chevitarese, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Profa. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, Universidade Estadual Paulista, Brasil

Profa. Camila Aline Zanon, Universidade de São Paulo, Brasil

Profa. Camila Condilo, Universidade de São Paulo, Brasil

Prof. Delfim Leão, Universidade de Coimbra, Portugal

Profa. Esther Paglialunga, Universidad de los Andes, Venezuela

Prof. Fábio Augusto Morales, Pontifícia Universidade Católica (Campinas), Brasil

Prof. Fábio Vergara Cerqueira, Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Prof. Gustavo Junqueira Duarte Oliveira, Universidade de São Paulo, Brasil

Prof. Ivan Esperança Rocha, Universidade Estadual Paulista, Brasil

Prof. José Antonio Alves Torrano, Universidade de São Paulo, Brasil

Pofa. Juliana Caldeira Monzani, Universidade de São Paulo, Brasil

Prof. Julio César Mendonça Gralha, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Profa. Kátia Maria Paim Pozzer, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Profa. Leonor Santa Bárbara, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Profa. Lorena Lopes da Costa, Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil
Prof. Manuel Albaladejo Vivero, Universidad de Valencia, Espanha
Profa. Margaret Marchiori Bakos, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Profa. Margarida Maria de Carvalho, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Profa. Maria Aparecida de Oliveira Silva, Universidade Federal de São Paulo, Brasil
Profa. Maria Cecilia Colombani, Universidad de Morón, Argentina
Profa. Maria Regina Cândido, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Marcelo Rede, Universidade de São Paulo, Brasil
Prof. Pedro Paulo Abreu Funari, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Profa. Raquel dos Santos Funari, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Profa. Regina Maria da Cunha Bustamante, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Profa. Renata Senna Garraffoni, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Prof. Renato Pinto, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Profa. Silvia Calosso, Universidad Nacional del Litoral, Argentina
Profa. Typhaine Haziza, Univeristé de Caen, França
Prof. Uiran Gebara, Universidade de São Paulo, Brasil
Prof. Vagner Cavalheiro Porto, Universidade de São Paulo, Brasil

CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL ADVISORY BOARD

Prof. Gilberto da Silva Francisco, Universidade Federal de São Paulo, Brasil
Prof. Glaydson José da Silva, Universidade Federal de São Paulo, Brasil
Prof. Julio César Magalhães de Oliveira, Universidade de São Paulo, Brasil
Profa. Maria Aparecida de Oliveira Silva, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

REDE UNIVERSITÁRIA

Ion CreangăPedagogical State University, Moldávia
Museu Nacional de Arqueologia, Portugal

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
PontificiaUniversidad Católica Argentina “Santa María de los Buenos Aires”
Univeristé de Caen, França
Universida El Bosque, Colômbia
Universidad de Barcelona, Espanha
Universidad de los Andes, Venezuela
Universidad de Morón, Argentina
Universidad de Salamanca, Espanha
Universidad de Valencia, Espanha
Universidad Nacional de Cuyo, Argentina
Universidad Nacional del Litoral, Argentina
Universidade de Coimbra, Portugal
Universidade de Lisboa, Portugal
Universidade de São Paulo, Brasil
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil
Universidade Estadual Paulista, Brasil
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Universidade Federal de Alfenas, Brasil
Universidade Federal de Goiás, Brasil
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Universidade Federal de Pernanbuco, Brasil
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil
Universidade Federal do Paraná, Brasil
Universidade Federal do Piauí, Brasil
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Università degli Studi di Perugia, Itália
Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha
Université Cheikh Anta Diop, Senegal
Université de Haute Alsace, França
Université de Tours, França
University College London, Reino Unido
Universidad del País Vasco, Espanha

EDITORIAL

Rafael Guimarães Tavares da Silva é professor de Literatura da Universidade Estadual do Ceará, *campus* Aracati, com interesses de pesquisa e inserções ligados à Literatura, à História e à Filosofia – antigas e contemporâneas. Estudioso do mundo grego, tem se preocupado com a história e as especificidades epistemológicas dos Estudos Clássicos no Brasil. No dossiê ora publicado pela *Heródoto* e por ele organizado, congrega estudiosos com igual preocupação, brindando-nos, ao final, com a disponibilização de um documento (de acesso limitado e consideravelmente desconhecido) de Agostinho da Silva, intitulado *Teorética cabocla da filologia clássica*. Neste documento, de particular interesse, dentre outras questões, Agostinho da Silva (que assina com o heterônimo Mateus-Maria Guadalupe) trata da instalação dos Estudos Clássicos na UNB e no Brasil, constituindo-se numa importante fonte para a compreensão da constituição deste campo em nosso país.

Desejamos a todos uma excelente leitura das contribuições disponibilizadas.

Cordialmente,

Glaydson José da Silva/Filipe Noé da Silva

Editores

EDITOR'S NOTE

Rafael Guimarães Tavares da Silva is a professor of Literature at the State University of Ceará, Aracati *campus*, with research interests and insertions related to Literature, History and Philosophy - both ancient and contemporary. He is a scholar of the Greek world and has been concerned with the history and epistemological specificities of Classical Studies in Brazil. In the dossier now published by Heródoto and organized by him, he brings together scholars with the same concern, offering us, at the end, a document (of limited access and considerably unknown) by Agostinho da Silva, entitled *Teorética cabocla da filologia clássica*. In this document, of particular interest, among other issues, Agostinho da Silva (who signs with the heteronym Mateus-Maria Guadalupe) deals with the establishment of Classical Studies at UNB and in Brazil, constituting an important source for the understanding of the constitution of this field in our country.

We wish you all an excellent reading of the published contributions.

Sincerely,

Glaydson José da Silva/Filipe Noé da Silva

Editors.

“À MARGEM DA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS” APRESENTAÇÃO

Rafael G. T. da Silva¹

O que está implicado na condição de intelectuais que se veem instados a habitar as margens dos grandes centros de conhecimento e poder das áreas dedicadas ao Estudo da Antiguidade? Quais são as características que destacam esses indivíduos e suas obras como um grupo distinto daquele que ocupa espaços centrais de produção do saber? Conduzidos até essas margens, quicá arrastados para lá, segundo as vicissitudes vivenciais de cada um, mas distantes das instituições prestigiadas como referenciais de educação e pesquisa em áreas como Letras Clássicas, História Antiga, Filosofia Antiga – para nem mencionar seus avatares pregressos, a *Alterthums-Wissenschaft* e a *Philologia* –, como entender suas particularidades sem cair nos riscos de uma complacência indulgente ou de uma intransigência excessivamente inflexível?

O presente dossiê temático, intitulado “À margem da história dos Estudos Clássicos”, pretende encarar essas perguntas e apontar algumas vias de resposta. Em primeiro lugar, um esclarecimento acerca da convocação feita a colegas que atuam nessas diferentes áreas coligadas pela noção amorfa, ainda que tradicional, de Estudos Clássicos. Essa realização foi propiciada por um convite feito a mim pelo Prof. Glaydson José da Silva (Unifesp), editor-chefe da *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas*. Nossas colaborações durante eventos da Associação Nacional de História (ANPUH) acabaram nos aproximando ao longo dos últimos anos e, quando assumi como Professor de Letras na Universidade Estadual do Ceará, campus Aracati, recebi com alegria a ideia de propor uma chamada para a revista *Heródoto*.

Pensando na nova realidade que eu passava a encarar com a docência universitária numa região passível de ser entendida como “marginal” em pelo menos três sentidos principais – na medida em que está fora do grande eixo mundial de produção do conhecimento clássico (nas principais

¹ Professor Doutor -Universidade Estadual do Ceará, Aracati, Brasil. E-mail: gtsilva.rafa@gmail.com.

instituições do “Norte”, sobretudo na Europa e nos EUA), mas também do sudeste brasileiro (eixo RJ-SP-MG) e mesmo de uma grande capital metropolitana (Fortaleza, CE) –, escrevi uma chamada que levasse em conta ainda as discussões contemporâneas sobre a alteridade e a relação com a diferença, em termos de abordagens teóricas, perspectivas (sujeitos) e temas (objetos). A ideia foi aprofundar alguns dos direcionamentos que propus na conclusão de minha tese *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos* (a ser em breve publicada em livro com esse mesmo título pela Eduerj, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). A inflexão histórica da proposta acena para a tarefa memorialística de resgate do passado, sem prescindir de uma valorização ativa do presente, com a atenção sempre desperta ao futuro. Com esse mosaico de questões em vista, propus a seguinte chamada:

A área de história dos Estudos Clássicos tem sido cada vez mais reconhecida no Brasil e no mundo. Estudiosos de História Antiga, Arqueologia Clássica, Filosofia Antiga, Letras Clássicas e áreas afins têm buscado conhecer melhor a história de suas disciplinas, não apenas em termos da biografia de seus precursores, mas também no que diz respeito ao conjunto de práticas e discursos epistemológicos do passado, a fim de desenvolverem uma compreensão mais aguda de sua realidade no presente. Apesar desse reconhecimento público, com vários trabalhos primorosos publicados desde o início do século XX, essa historiografia raramente leva em conta obras, estudiosos e instituições que não façam parte de um eixo bastante exclusivo de produção do conhecimento, em geral restrito aos grandes centros de países como Alemanha, França, Itália, Inglaterra e EUA. Com o objetivo de suscitar um questionamento a esse tipo de limitação, o presente dossiê visa à publicação de artigos sobre diversos temas relacionados àquilo que poderíamos chamar – no plural – de histórias dos Estudos Clássicos, incluindo trabalhos sobre as vidas e as obras de estudiosos da Antiguidade atuando nas mais diversas regiões do planeta, assim como sobre instituições e projetos que promovam o conhecimento da cultura greco-romana e suas conexões afro-asiáticas para além dos eixos hegemônicos de produção do conhecimento clássico.

Com entusiasmo recebemos contribuições instigantes que se destacam pela diversidade, tanto em termos da proveniência e local de atuação de seus autores quanto também de suas formações e áreas de pesquisa. Essa é uma característica importante para uma empreitada coletiva como essa, uma vez que seu intuito é propiciar trocas que se mostrem enriquecedoras justamente pelas interações com as diferenças. Vale notar que a dimensão

bilíngue (via de regra, português-inglês, mas também espanhol-inglês) potencializa ainda mais esse aspecto do volume.

O dossiê inicia-se com o texto de James I. Porter, Professor da Berkeley University (Los Angeles, EUA), intitulado “Filologias do presente para o futuro”. Com sua abordagem panorâmica e seu vasto levantamento bibliográfico, esse texto oferece um excelente exórdio, afinal, ele retoma a natureza multifacetada da filologia (desde suas raízes na antiguidade até o presente) para abordar as contribuições de figuras muitas vezes ignoradas pela história do campo, como Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno e Horkheimer, Rachel Besspaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico e Spinoza. Nesse sentido, Porter reflete sobre aquelas e aqueles que produziram amiúde literalmente à margem dos Estudos Clássicos.

Na sequência, María Cecilia Colombani, Professora da Universidad de Morón e da Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina), contribui com “Ensinar as línguas clássicas e os autores clássicos como forma de construir uma ponte para o outro”. A autora baseia-se em sua experiência docente para propor reflexões sobre ensino e aprendizagem à luz do contato com a alteridade, a partir de uma perspectiva não tanto didático-pedagógica, mas sim ético-antropológica. Seus apontamentos têm implicações pertinentes para diferentes áreas cujas responsabilidades envolvem o ensino de aspectos do passado (antigo) no presente.

Por sua vez, Maria de Fátima Silva, Professora da Universidade de Coimbra (Portugal), publica “As Clássicas em Coimbra: Um passado com futuro”. O texto combina uma síntese objetiva de dados históricos relativos à atuação do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra nos últimos oitenta anos, de uma perspectiva subjetiva que enriquece esse material com seu testemunho de experiência direta. Em vista da importância que os Estudos Clássicos de Portugal, mais especificamente de Coimbra, desempenham na história da educação no Brasil, esse trabalho certamente traz uma contribuição digna da atenção especial de quem se interessa pela história dos Estudos Clássicos no país.

Passando para as contribuições especificamente brasileiras, ainda que na mesma chave memorialística, cumpre mencionar o trabalho de Pauliane

Targino da Silva Bruno, Professora da Universidade Estadual do Ceará, com o artigo “Uma breve história dos Estudos Clássicos na Universidade Federal do Ceará”. Em mais uma combinação equilibrada de dados objetivos organizados segundo uma visada subjetiva (de quem tem na instituição estudada sua *alma mater*), esse texto se junta a outras publicações recentes que têm valorizado a história afetiva de estudiosos e centros de cultura clássica em diferentes regiões do Brasil.

Em seguida, Bruno de Alves Borges, doutorando na Universidade de Brasília, e Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, escrevem em coautoria “Eudoro de Sousa a contrapelo: O pensamento autocrático na história dos Estudos Clássicos”. Expandindo a veia polêmica deste dossiê, o artigo aborda a vida e a obra de um importante nome dos Estudos Clássicos do Brasil – ainda que nascido em Portugal, onde desfruta também de certo reconhecimento intelectual – a partir de um trabalho de contextualização histórica. Sem se furtar aos aspectos complexos da biografia de Eudoro de Sousa e outros intelectuais do período, os autores do texto oferecem uma análise detalhada das conexões entre política e produção do saber, com implicações profundas para quem busca compreender certas idiosincrasias dos Estudos Clássicos no Brasil e de como sua história é contada.

No campo da história da Filosofia Antiga no Brasil, a colaboração de Robert Brenner Barreto da Silva, Professor da Universidade Estadual do Ceará, oferece referências e reflexões sob o título de “A pesquisa plotiniana na literatura brasileira: Apontamentos sobre traduções, materiais de pesquisa e ferramentas historiográficas”. Assumindo esse recorte concentrado num filósofo da antiguidade greco-romana, Plotino, o autor sintetiza vários dados para que se entenda melhor o panorama nacional de traduções e estudos relevantes para o tema, oferecendo inclusive direcionamentos capazes de subsidiar futuros trabalhos de pesquisa.

Por fim, temos a alegria e a honra de publicar um documento de inestimável valor histórico, o texto “Teorética cabocla da Filologia Clássica”, assinado por Mateus-Maria Guadalupe, nome assumido pelo verdadeiro autor: Agostinho da Silva. Outro intelectual português de renome com atuação impactante no Brasil, ele oferece aqui um diálogo

literário-filosófico no qual se apresenta um panorama crítico extremamente relevante para uma reflexão sobre o lugar do Brasil, mas também da América Latina em geral, na história dos Estudos Clássicos. Com proposições acerbadas sobre o presente de grandes centros como Alemanha, França, Inglaterra e outros, ele delineia o que podem ser algumas contribuições de uma “teórica cabocla” para esse campo. Os responsáveis por resgatar esse texto de uma *d’As folhas soltas de S. Bento e outras* (com publicação em 1965), apresentando o documento e transcrevendo-o, são Bruno de Alves Borges, doutorando na Universidade de Brasília, e Pedro Mesquita de Carvalho, mestrando na mesma instituição. Da autoria deles é o texto intitulado “Descobrir o Nordeste e verificar nele o Mediterrâneo: Uma iniciação a Agostinho da Silva”.

Esses são os nomes dos estudiosos que fazem parte do presente dossiê. Não são muitos, mas são *muito*. Acredito que essa publicação instigue o debate sobre temas fundamentais para quem se dedica ao estudo da antiguidade, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo, com suas contribuições arrojadas, em abordagens inter- e transdisciplinares.

Por fim, publica-se também uma entrevista que eu concedi aos editores da *Heródoto*, Professores Glaydson José da Silva (Unifesp) e Filipe Noé da Silva (Udesc), abordando diferentes aspectos de minha formação e minhas pesquisas, além de temas elaborados nos artigos do presente dossiê. Espero que esse conjunto contribua para uma valorização do que podem ser trabalhos produzidos a partir de uma vivência à margem dos grandes centros, afinal, compartilho da intuição de que o olhar só consegue perceber a configuração total de certas estruturas centrais e centralizadoras quando se demora alhures. Como sugere Nietzsche, no aforismo 616 de *Humano, demasiado humano* (orig. 1878), essa perspectiva deslocada suscita um tipo de entendimento que jamais será capaz de desenvolver quem sempre permaneceu no centro, ensimesmado.

“AT THE MARGIN OF HISTORY OF CLASSICAL SCHOLARSHIP”

FOREWORD

Rafael G. T. da Silva

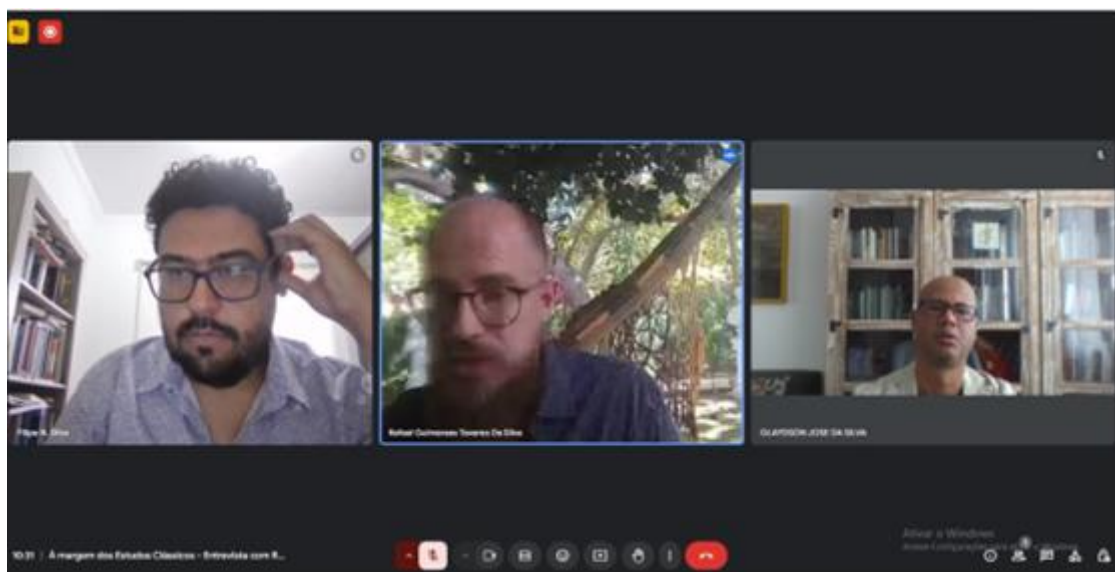
The English version of this text will be published later.

À MARGEM DA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS - ENTREVISTA COM RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

Glaysdon José da Silva²

Filipe Noé da Silva³



Entrevista realizada por Glaysdon José da Silva e Filipe Noé da Silva, em 18 de dezembro de 2024. Duração: 01 hora e 11 minutos. Link para o vídeo da entrevista: [\[https://youtu.be/PZXhQzd2aB0\]](https://youtu.be/PZXhQzd2aB0)

¹ Professor Doutor –Universidade Estadual do Ceará, Aracati, Brasil. E-mail: rafae.silva@uece.br.

² Professor Associado – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: gjsilva@unifesp.br

³ Professor Adjunto – História Antiga e Medieval, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. E-mail: fnd.silva@udesc.br

Glaysdon José da Silva (*Revista Heródoto*)

Olá, meu nome é Glaysdon José da Silva, sou professor de História Antiga da Escola de Filosofia e Letras da Universidade Federal de São Paulo e editor da *Revista Heródoto*. Estamos aqui hoje para gravar uma entrevista com o professor Rafael Guimarães Tavares da Silva, professor da Universidade Estadual do Ceará e responsável pela organização do dossiê *À Margem da História dos Estudos Clássicos*, que integrará o volume 10, volume especial da *Heródoto*. Então, muito bom dia, Rafael.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Bom dia, Glaysdon, bom dia, Filipe. Obrigado pelo convite. É um prazer estar com vocês aqui hoje.

Glaysdon José da Silva (*Revista Heródoto*)

Bom, acompanha essa entrevista hoje e realizará essa entrevista comigo o professor Filipe Noé da Silva, também editor da *Heródoto*. Rafael, algumas questões: você é um jovem estudioso dos Estudos Clássicos que tem se destacado em nosso contexto por diferentes inserções – ligadas à Literatura, à Filosofia, à História da Antiguidade. Talvez uma boa forma de iniciarmos essa conversa seja um convite a uma autorreflexão acerca da sua trajetória pessoal e intelectual até aqui, acerca dos caminhos que o trouxeram até esse momento da sua carreira. Você poderia falar um pouco a esse respeito? Seria um bom início de conversa.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

É sempre muito difícil falar sobre as origens de um percurso, mas, no meu caso, eu destaco especialmente a importância do incentivo à leitura desde a infância, por parte da minha mãe e de alguns professores que me marcaram, e, no âmbito desse incentivo, eu destaco especialmente o contato que eu tive com o jogo de Role Playing Game, o chamado RPG, a partir de diferentes sistemas desse jogo, alguns deles de ambientação medieval, de ambientação antiga. Ainda muito jovem, com 12, 13, 14, 15 anos, comecei a estudar um pouco sobre História Medieval, História Antiga, me interessando pelas línguas, pelos artefatos. Isso no âmbito de um jogo que propunha aventuras para jogadores vivenciarem esses universos fantásticos em diálogo com o passado.

Quando entrei na universidade, eu fiz a primeira opção pelo curso de Direito, e, nesse curso, entre outras disciplinas, cursei o latim, disciplina ministrada pelo professor Matheus Trevizam, na UFMG, e me identifiquei imediatamente com esse estudo, mas nem um pouco com as outras disciplinas específicas de Direito, o que me fez abandonar esse curso no terceiro período, no quarto período, e migrar para o curso de Letras, onde, a princípio, o meu intuito era estudar o latim. Só que, como eu já tinha feito a primeira disciplina do curso, eu não podia entrar como calouro e estudar imediatamente o latim II, o que me levou a fazer o curso de grego I, como uma espécie de teste, mera deriva inicial, enquanto eu esperava poder cursar o latim II no segundo período. Mas foi uma deriva que me levou irremediavelmente para o mundo grego, porque eu fiz o curso com o professor Jacyntho Lins Brandão, que me maravilhava tanto nas aulas de língua quanto nas de literatura, e eu tive certeza absoluta de que, para o meu percurso, o estudo da Grécia Antiga seria incontornável, ainda que eu viesse a me interessar depois e fazer, de fato, as disciplinas de língua e literatura latinas com outros professores igualmente importantes.

Mas eu destaco muito o papel do professor Jacyntho Lins Brandão na minha formação. Ele e os seus livros me marcaram profundamente, e foi graças ao incentivo dele, sobretudo, que eu fiz disciplinas em outras áreas das humanidades, na UFMG, incluindo a Filosofia Antiga, onde conheci professores como Marcelo Marques Pimenta e Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, e também de História Antiga, onde conheci o professor José Antônio Dabdab Trabulsi, que é excepcional. Nessas disciplinas, enquanto eu as cursava, iniciei amizades com colegas muito perspicazes que me fizeram ver questões interessantes no estudo da Antiguidade, e eu destaco a importância dessas amizades durante o percurso acadêmico, mencionando aqui os nomes da Lorena Lopes da Costa, o Igor Barbosa Cardoso, ambos da História Antiga, o Luiz Philipe de Caux e o Gabriel Lago Barroso, da Filosofia Contemporânea.

Todos me marcaram muito, e eu destaco a importância dessa relação com os colegas na vida acadêmica. Ainda enquanto eu me formava bacharel em grego antigo, atuei no Centro de Extensão (CENEX) com o ensino de grego antigo. Foi um período importante, sob a orientação do professor Olimar Flores Júnior, e atuei também como monitor das disciplinas de grego antigo na graduação.

Esse momento foi muito formador. Eu tive certeza de que queria atuar dando aulas de cultura grega, de língua grega, eventualmente também de língua e cultura latinas, e fiz outras amizades que me marcaram nas Letras, incluindo pessoas que depois se tornaram professores de universidades públicas no Brasil, como o Gustavo Frade, a Júlia Batista Castilho de

Avellar, e outros. Concluindo os trabalhos de graduação, eu escrevi uma monografia intitulada *Uma Poética de Platão*, que já apontava alguns dos caminhos para os quais os meus estudos iam se dirigir, porque eu entrei no mestrado, na UFMG, onde comecei um trabalho sobre arqueologias do drama, pensando nas várias hipóteses sobre as origens do drama na Grécia Antiga, e esse trabalho está em diálogo com a proposta anterior, porque justamente Platão é um dos nomes importantes para refletir sobre as origens da poesia, as origens do drama, tal como ele trabalha na *República*, nas *Leis*, obviamente inspirando o que Aristóteles vai propor na *Poética*. Esse filão que eu investiguei ao longo do meu mestrado envolveu textos que, eventualmente, incluíram também os nomes de Nietzsche, Wilamowitz e, mais próximos de nós, do próprio Dabdab Trabulsi. Ali eu esbocei o que depois viria a publicar como livro, pelas edições Loyola, *Origens do Drama Clássico na Grécia Antiga*, pensando drama em sentido bastante lato, incluindo tragédia, comédia, drama satírico, mas investigando, sobretudo, as origens desses gêneros, com base no que é o ditirambo arcaico, no que são as performances poéticas, de modo geral, da tradição épica, mas também da tradição mélica. Esse foi um trabalho, a meu ver, muito importante para o meu amadurecimento intelectual, porque me mostrou que diferentes teorias sobre um determinado tema podem variar muito segundo os pressupostos teóricos de que se parte, e esse foi um amadurecimento teórico, então, para a importância das teorias que se adotam no momento de propor uma pesquisa.

Durante o mestrado, atuei no chamado Apoio Pedagógico, que me ofereceu uma experiência, tanto durante o mestrado quanto o doutorado, de seis anos na sala de aula em nível superior, como voluntário, e destaco a importância do trabalho que a professora Heloísa Penna realizou com esse projeto, que permitia a pós-graduandos terem uma experiência docente durante o período da pós-graduação.

Foi, de fato, muito importante para mim, e concluí esse período de pós-graduação com o doutorado, tendo atuado por um tempo como editor da revista *Em Tese*, revista discente da pós-graduação do curso de Letras da UFMG. Por lá, organizei alguns dossiês. Tive essa experiência de trabalho como editor de textos, e foi onde, pela primeira vez, me dei conta da possibilidade de agir no debate intelectual por meio da proposição de temas em revistas, tal como eu viria a fazer agora com essa proposta da *Heródoto*. Foi no doutorado que eu defendi uma tese intitulada *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*, que, de certa forma, encaminhou esse percurso anterior de investigação sobre temas da Antiguidade, mas sempre à luz de problemáticas relativas à teoria

moderna, à teoria contemporânea, pensando no lugar dos estudos clássicos no mundo de hoje.

Terminado o doutorado, teoricamente a minha formação tinha chegado ao fim. Veio então aquele período de limbo, que é até se conseguir uma posição numa universidade, em meio a muita angústia, como ocorre com a maior parte dos pós-graduados no Brasil, porque há muita incerteza. Nesse período eu, inclusive, compartilhei algumas das minhas reflexões numa série de vídeos que eu intitulei “Existe vida (acadêmica) depois da pós-graduação?”. Eu os disponibilizei lá no meu canal no YouTube, “Rafael Silva Letras”. Neles, abordo esse problema dos processos seletivos, de certos arranjos, às vezes, não necessariamente muito democráticos ou não muito transparentes na regência de concursos públicos. Em todo caso, eventualmente tive sucesso e estou muito feliz hoje atuando aqui na Universidade Estadual do Ceará, onde tenho dado continuidade a esses trabalhos anteriores.

Glaidson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Rafael, obrigado pela resposta. Esse percurso, sobretudo ao final da sua fala, remete a uma experiência muito comum de muitos jovens doutores que têm uma excelente formação e depois buscam uma inserção e experimentam todas as adversidades, os percalços próprios mesmo desse momento da trajetória escolar, da trajetória acadêmica. Às vezes, a gente tende a não entender muito isso e vai entender *a posteriori*, às vezes, como funciona toda essa dinâmica. Um aspecto que me chamou a atenção na sua fala foi essa relação com redes de colaboração. São redes de afeto, de amizade, dentro da universidade, e os jovens se retroalimentam em redes de colaboração acadêmica. A outra questão que tenho a colocar para você, e que eu gostaria de retomar aqui é o seu último trabalho monográfico, sua tese de doutorado – *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Ainda que tenhamos no Brasil importantes tradutores e estudiosos de Homero e de sua obra, não se pode dizer que há no país uma tradição de estudos homéricos. Nesse sentido, como a sua pesquisa se aproxima e se distancia da produção aqui desenvolvida, com quem ela dialoga? E num sentido mais amplo, internacional, em quais frentes se insere uma pesquisa como a sua?

Rafael Guimarães Tavares da Silva

São recentes, de fato, os estudos acadêmicos publicados no Brasil sobre Homero. Pelo que me recordo, o mais antigo é um livro chamado *Introdução a Homero*, escrito pelo Robert Henri Aubreton, que foi professor na USP durante uns anos, na década de 50. Esse livro é de 1956. De lá para cá surgiram importantes estudos e trabalhos sobre a tradição homérica no Brasil, na UFMG mesmo, por onde eu fiz toda a minha formação.

Nós temos um importante centro de homeristas por lá. Eu gosto muito da obra *Antiga Musa: Arqueologia da ficção*, do professor Jacyntho Lins Brandão. Mas eu destaco também os trabalhos publicados por Teodoro Rennó Assunção, que foi meu orientador de mestrado e doutorado, assim como os trabalhos de Antônio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, de Gustavo Frade e de Tatiana Chanoca.

Todos eles têm propostas importantes de interpretação do legado homérico, com os quais meu próprio trabalho dialoga em alguma medida. Na USP, também há importantes estudiosos. Eu destaco especialmente o André Malta, que tem uma tetralogia de estudos sobre Homero, dos quais eu menciono *A Musa difusa: visões da oralidade nos poemas homéricos*, porque é um título específico com o qual a minha tese dialoga diretamente no que diz respeito a essa conformação moderna de Homero, passando por nomes como Vico, o abade d'Aubignac e, eventualmente, o Wolf, que é, por assim dizer, o fundador dos estudos modernos acerca de Homero. Há muitos outros estudiosos importantes de Homero no Brasil hoje, mas esses foram aqueles com os quais minha pesquisa dialogou mais diretamente.

Falar sobre *O Evangelho de Homero* me impõe contar um pouco sobre o trabalho de pesquisa e as suas vicissitudes, porque toda dissertação e toda tese trabalham com um projeto, que é uma espécie de roteiro prévio, mas acabam oferecendo um destino que pode ser algo bastante diverso desse projeto, na medida em que as aventuras do pensamento, enquanto percorre as veredas da investigação, acabam deixando marcas no escrito, no produto final. O material textual final, a dissertação, a tese, são o destino alcançado pela pesquisa, mas também o registro dos percalços, dificuldades, soluções, ideias novas, derivas etc.

Nesse sentido, a minha pesquisa de doutorado partiu de um incômodo pessoal, mas que me parece ser compartilhado por colegas dessa geração mais nova, que entram na universidade já no século XXI, que pode ser colocado nas seguintes perguntas: por que e para que existem os estudos clássicos numa universidade brasileira nos dias de hoje? Eu colocava essa pergunta para professores, para colegas, e sentia um incômodo com o mero

colocar a pergunta, então, no doutorado, resolvi investigar isso melhor. Enquanto editor da revista *Em Tese*, propus um dossiê que saiu em duas edições, com o título “Em torno a uma Crise Clássica”, e eles são justamente desse momento inicial da pesquisa, quando eu estava tentando entender as questões educacionais em jogo no cenário contemporâneo, a politização desse debate, e, pouco a pouco, fui rastreando algumas referências importantes para a gente entender o lugar da educação clássica, então, o estudo do grego, o estudo do latim, o estudo da História Antiga, da Filosofia Antiga, dentro do debate educacional contemporâneo.

Aí eu percebi a importância das chamadas *Culture Wars*, esse contexto bem específico dos Estados Unidos, da década de 80, década de 90, e fui estudar sobre isso. Pouco a pouco, dei-me conta do papel de Homero dentro desses debates lá nos Estados Unidos. Achei um pouco curioso, mas investiguei isso a fundo, um título como, por exemplo, *Who Killed Homer?* É um livro publicado por Victor Davis Hanson e John Heath, em 1998, tendo se mostrado particularmente emblemático do tipo de debate que podia ser feito em torno a Homero, que funcionava como uma espécie de metonímia do campo clássico nesse debate mais amplo sobre educação, com questões como afirmação de uma identidade ocidental, eventualmente cancelamento de autores do cânone. Então, os posicionamentos de autores conservadores em termos políticos e progressistas variava muito, mas eu fui identificando que esse debate era reflexo de uma questão mais ampla e que respingava eventualmente em autores com algum interesse em temas clássicos, como, por exemplo, Allan Bloom, que publica um *best-seller* do pensamento conservador lá no final da década de 80, ou o Martin Bernal, que faz a mesma coisa, só que de uma perspectiva progressista, com o *Black Athena*: ele tenta trazer para a cena pública questões como, por exemplo, o racismo inerente da área de Clássicas, a constituição de uma visão etnocêntrica ou eurocêntrica desse cânone na modernidade e outros nomes que orbitam esse debate, como, por exemplo, a Mary Lefkowitz, que vai debater com o Martin Bernal, a Page DuBois, que entra aí também... A gente poderia citar muitos outros nomes. Então eu percebi que essas *Culture Wars* tinham, por assim dizer, precedentes.

Precedentes na chamada *Kulturkampf* do século XIX na Alemanha, na chamada *The Battle of Books* do século XVIII na Inglaterra, na *Querelle des Anciens et des Modernes* do século XVII e XVIII na França, em que, frequentemente, a questão era qual o lugar dos clássicos greco-romanos dentro da nossa cultura. E isso remontava ao Renascimento e, em última instância, à própria Antiguidade. O lugar do clássico nunca foi simples, e

me pareceu que Homero desempenhava uma metonímia para falar desse lugar clássico em várias dessas discussões.

Foi então, refletindo sobre esse lugar de Homero, que eu propus uma investigação sobre a constituição desses debates educacionais em volta dessa figura como metonímia do campo, em geral. Aí descobri a existência de um subcampo, um subgênero, chamado História dos Estudos Clássicos, dedicado especificamente a escrever a história do campo. E foi uma surpresa para mim constatar que esse subgênero surgiu no final do século XVIII com o Wolf, tendo sido mais ou menos praticado ao longo do século XIX, com um florescimento de fato só no século XX com a proposta de histórias do campo que, em geral, pretendiam justificar sua importância no presente por meio de uma história que remontava à Antiguidade.

O argumento era mais ou menos assim: os estudos clássicos têm que ter uma centralidade no debate educacional hoje porque, ao longo de toda a nossa história, eles foram centrais. A gente encontra isso nos trabalhos do Sir John Edwin Sandys, do Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, do Rudolf Pfeiffer... Lendo um livro da Pascale Hummel, uma estudiosa francesa, chamado *Histoire de l'histoire de la philologie*, constatei que nessa tarefa de escrever a história dos estudos clássicos às vezes a nomenclatura varia: Filologia Clássica, Ciência da Antiguidade, *Alttertumswissenschaft*, *Classical Scholarship* etc. Mas aquilo com que eles estão preocupados é o lugar desse legado greco-romano em termos de letras, história, filosofia, nos dias de hoje, de uma perspectiva que vai contar essa história do passado. Eu percebi que havia uma série de, digamos, “coincidências” entre as diferentes versões dessa história e essas “coincidências” sempre incluíam dizer que a história dos estudos clássicos remontava à própria Antiguidade. Foram os próprios antigos que começaram a escrever essa história, seja com os bibliotecários de Alexandria no período helenístico, seja com Aristóteles, Platão e os sofistas no período clássico; seja, mais curiosamente, com os próprios rapsodos e ninguém menos que Homero, quando ele compõe a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Aí os dois fios da minha pesquisa se atam: o interesse pela crise contemporânea e a identificação do valor metonímico de Homero dentro dessa crise, porque, desde a historiografia do campo, Homero desempenha esse lugar central. Isso eu chamei de “Evangelho de Homero”. Então, a ideia de uma centralidade de Homero como uma espécie de metonímia para falar dessa cultura clássica, e o que eu propus na tese, como resultado final, foi justamente isso. No capítulo um, investigar essa crise contemporânea. No capítulo dois, remontar por meio dessa historiografia dos estudos clássicos ao que é Homero, o que são esses poemas homéricos atribuídos a ele, o que foram outras tradições que poderiam ter se tornado

hegemônicas junto da homérica, o que foi a constituição dessa hegemonia no período arcaico, por meio de Pisístrato, por exemplo, na Atenas clássica que encena as tragédias, que encena as grandes Panateneias. Depois, o papel de Homero já no contexto helenístico de afirmação de uma identidade grega, quando um império macedônico espalha a cultura grega por todo o Oriente até a transmissão desse legado por meio do Império Romano para a Europa como um todo, que vai eventualmente desaguar no que é o período medieval e depois o Renascimento. Eu tento mapear historicamente esse debate no segundo capítulo, e no terceiro eu volto para questões contemporâneas, mostrando como o debate sobre o cancelamento de Homero, ou a afirmação de Homero como um grande defensor de valores ocidentais, é mais uma apropriação como as várias que ele sofreu ao longo da sua história, a história da sua recepção, e proponho uma intervenção, digamos, progressista nesse debate, tentando dizer que nem devemos afirmar Homero como um grande bastião da cultura ocidental, nem cancelá-lo como esse bastião, porque ele é outra coisa. A Antiguidade é outra coisa. Explorar esse caráter de alteridade da Antiguidade é o que mais me interessa. É o que tenho feito nos meus estudos e o que defendo nesses trabalhos. Essa tese, inclusive, vai sair agora em 2025, publicada pela EdUERJ, num formato mais sintético, visto que a tese é um pouco longa, com muitas notas. Esse livro vai sair ainda com o título de *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*.

Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)

Rafael, obrigado. Um aspecto muito interessante da resposta que você deu à questão anteriormente formulada se relaciona à busca de respostas a uma interpretação que afeta todos os pesquisadores, estudantes, brasileiros particularmente, fora desses espaços originariamente considerados, originalmente ligados à história da Antiguidade. A busca de uma resposta a questões como essa é algo que inquieta e incomoda todos os estudantes na área de estudos clássicos, na área de estudos da Antiguidade. Eles são chamados a responder sobre a relevância dos seus estudos para os seus pares, para os seus colegas, amigos de universidade, familiares, pessoas da sociedade, de uma forma geral, e sempre se deparam com a enorme dificuldade de “justificar” (entre aspas), a relevância dos seus estudos, para além do fato da relevância em si, da relevância de se tratar de algo relacionado à história universal como um todo. Eu acho muito importante uma resposta como a sua, que dá subsídios para que os estudantes, os pesquisadores, possam formular respostas a essas questões com que eles se deparam. A minha terceira e última pergunta se relaciona a isso. Você fez referência na sua fala, na sua tese, e já na tese a gente pode perceber

pelo próprio subtítulo, “por uma outra história dos Estudos Clássicos”, a gente percebe por esse subtítulo uma preocupação com a ideia de desvio, com aquilo que está fora das normas, aquilo que está fora da tradição. Essa preocupação se faz presente em outros trabalhos que você realizou, conhecendo aí o seu percurso um pouco, e parece orientar também a proposta de organização do dossiê da *Heródoto*: “À margem da história dos Estudos Clássicos”. Eu gostaria que você comentasse um pouco essa perspectiva e, ao mesmo tempo, nos falasse também da história do dossiê, das contribuições que compõem o dossiê, dos colaboradores que você convidou.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

De fato, eu me interesso por pensar essas alteridades, na medida em que, durante a minha formação, fui me dando conta de que nós, no Brasil, frequentemente incorporamos um discurso colonizador, imperialista, que muitas vezes é contrário aos nossos próprios interesses enquanto pesquisadores à margem, marginais. E isso me incomodava muito... Escutar colegas que têm problemas estruturais no seu cotidiano, mas que incorporam um discurso, por exemplo, sobre a *Pax Romana* como um período áureo de produção da humanidade, durante o qual todos eram felizes e tranquilos, sem se dar conta do que há de violência, do que há de exclusão, do que há de estruturalmente violento dentro dessa noção. Então, como nós, no Brasil, poderíamos repensar, por exemplo, um conceito como *Pax Romana*, veiculado por estudiosos de Cambridge, como se fosse, de fato, uma grande paz imposta tranquilamente pelo Império. Isso eu apliquei na leitura desse subgênero, chamado História dos Estudos Clássicos, porque, desde Friedrich August Wolf, que escreve algo nessa linha, em 1807, até os trabalhos de John Sandys, no início do século XX, Ulrich Wilamowitz-Moellendorff, Gaetano Righi, Rudolf Pfeiffer, Franco Montanari, todos eles estudiosos desses grandes centros: Alemanha, Itália, França, Inglaterra etc.

Percebi que esses discursos convergiam em muitos aspectos, e endossavam uma determinada versão dessa história. O que eu tentei propor foi uma versão alternativa, levando em conta a nossa inserção social brasileira, à margem, a fim de tentar pensar o que seria uma história dos estudos clássicos de uma perspectiva brasileira. E aí, eu propus que essa tese teria sido a primeira história dos estudos clássicos brasileira, ainda que depois eu tenha vindo encontrar os trabalhos do Agostinho da Silva, do Eudoro de Souza, que são duas contribuições presentes nesse volume da *Heródoto* e que me fazem repensar um pouco esse ineditismo conclamado ali,

porque, tal como o Bruno Borges, doutorando na UnB, mostra bem, tanto o Agostinho da Silva quanto o Eudoro de Sousa têm reflexões importantes sobre o que significa fazer estudos clássicos, escrever a história desse campo no Brasil, e atualmente a gente ainda tem a tradução para o português da *História da filologia* do Wilamowitz, traduzida pelo Thiago Venturott, publicada pela editora Mnema.

Então, esses são alguns dos trabalhos em português que a gente tem, além do meu, que nos permitem pensar, no Brasil, essa história dos estudos clássicos. São materiais que tentam pensar essa história hegemônica mesmo, a que está lá, acontecida na Europa, eventualmente nos Estados Unidos, cujas ressonâncias chegam ao Brasil. Uma empreitada paralela a essa seria a de estudar a história dos estudos clássicos brasileiros. Eu cheguei a aludir a isso muito brevemente no final da tese, depois escrevi uns dois trabalhos sobre o tema, mas é uma outra questão. E ela foi abordada já por alguns estudiosos no Brasil, como a Maria Celeste Consolin Dezotti e a Maria Helena de Moura Neves, num texto de 1987, pela Paula da Cunha Corrêa, em 2001, pelo Jacyntho Lins Brandão, em 2006, e pela Zélia de Almeida Cardoso, em 2014.

Todos esses trabalhos, aliás, como o meu, destacam a dimensão incipiente dos estudos acadêmicos sobre a Antiguidade greco-romana no Brasil, uma vez que os primeiros cursos universitários com áreas afins a ela são fundados nas primeiras décadas do século XX, ou seja, têm menos de um século de existência. Todos esses textos costumam enfatizar o papel fundamental de Rio de Janeiro e São Paulo na constituição do campo no Brasil, ainda que, conversando recentemente com o Bruno Borges (pesquisador já mencionado), esteja me parecendo cada vez mais estranho o silêncio em volta do trabalho de Eudoro de Sousa na UnB, nas décadas de 60, 70 e 80, porque a proposta dele por lá era bastante diversa daquilo que foi efetivamente cultivado na USP, na UFRJ, na UFMG, e em outros centros importantes do Sudeste e do Sul do Brasil: o estudioso português tentou estabelecer no Centro de Estudos Clássicos da UnB um modelo de *Altertumswissenschaft*, de estudo científico da Antiguidade, segundo os moldes preconizados por Wolf, lá na Alemanha, em que o estudo da Antiguidade envolvia não apenas uma valorização do legado clássico em termos literários e filosóficos, mas uma empreitada analítica sistemática do passado mediterrâneo, não restrito à Grécia e Roma, incluindo campos como Arqueologia, Numismática, Epigrafia, Estudos da religião, Mitologia etc. Para mim, resta ainda a investigar o porquê desse silêncio em volta de Eudoro de Sousa e do CEC na UnB. Uma pista investigativa envolveria a fundação da SBEC, a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, destinada a desempenhar um papel importante na historiografia do campo, e que

começa a surgir ali justamente no final da década de 80. Por quê? A SBEC é fundada em 1985, com a redemocratização no Brasil. Eudoro de Sousa já estava praticamente aposentado nessa época. A atividade dele já estava muito restrita, e ele falece em 1987. Então, é possível que o silenciamento em volta da figura dele tenha a ver com a institucionalização dos estudos clássicos enquanto uma grande área no Brasil, sob a liderança da USP, das universidades do Rio, e da UFMG em alguma medida. Resta a saber se essa hipótese se confirma ou não.

Estou trabalhando aí com o Bruno Borges, nessa frente. Ele, portanto, é um dos convidados para o dossiê da *Heródoto*. Antes de entrar nos nomes dos outros convidados, eu só gostaria, para não parecer injusto, de deixar de mencionar alguns nomes importantes que nos ajudam a entender a constituição da história dessa área, que é muito ampla, uma vez que envolve Letras Clássicas, História Antiga, Filosofia Antiga, Arqueologia etc. Alguns nomes: no que diz respeito ao estudo do latim e do grego no Brasil, assim como sobre a tradição de traduções de obras clássicas, eu menciono Ernesto Faria, Eduardo Tuffani, Thaís Fernandes, José Amarante Santo Sobrinho e Adriane da Silva Duarte, todos com trabalhos fundamentais sobre esses temas; no que diz respeito à História Antiga no Brasil, a gente está conversando com o Glaydson José da Silva, que tem importantes trabalhos sobre o tema, com destaque para o volume organizado por ele, junto com o Pedro Paulo Funari e o Adilton Martins, em 2007, assim como a obra intitulada *Pesquisadores da Antiguidade: A formação de um campo interdisciplinar no Brasil*, organizada por Guilherme Moerbeck e Fábio Frizzo, em 2023. A gente teria muitos outros nomes para mencionar no que diz respeito ao estudo da tradição clássica e da recepção clássica, mas, para quem tiver interesse, eu listo esses nomes num artigo chamado “Estudos Clássicos no Brasil: Um presente do passado?”, onde será possível encontrar essas referências.

Para a proposta de dossiê da *Heródoto*, eu propus que a gente refletisse sobre o que significa atuar com a Antiguidade greco-romana em centros menores, naquilo que a gente pode chamar de periferia intelectual, periferia em termos de comparação com os grandes centros hegemônicos do norte global, Estados Unidos, Europa. A princípio, eu fiz o convite para que pesquisadores periféricos, portanto, refletissem sobre o que significa atuar com essa área diante de todas as dificuldades estruturais, dificuldades de formação dos alunos, dos próprios professores, em universidades no Brasil, na América Latina, na África. Ainda assim, as contribuições que recebi não vieram apenas de pesquisadores atuando nessas condições, como, por exemplo, a que foi proposta por James I. Porter, que é um estudioso de Berkeley, nos Estados Unidos, Califórnia,

que propôs um trabalho intitulado “Philologies of the Present for the Future”, no qual ele investiga a condição de alguns pesquisadores em ambientes de perseguição, sobretudo na Alemanha nazista, mas que produziram investigações interessantes, uma vez deslocados dos centros de produção do conhecimento hegemônicos. Então, embora ele mesmo, enquanto estudioso, seja estadunidense e esteja localizado num grande centro, seu interesse se volta para esses estudiosos marginais, e faz deles um dos centros do seu trabalho. Esse artigo é muito interessante.

A gente tem ainda a María Cecilia Colombani, pesquisadora argentina, refletindo sobre o que significa ensinar as línguas clássicas e os autores clássicos no contexto que é o dela, na Argentina. A gente tem a professora Maria de Fátima Sousa e Silva, pensando sobre o que significa fazer clássicas em Coimbra, o que obviamente pode ser considerado um centro com relação ao Brasil, mas é uma periferia com relação aos centros hegemônicos na Alemanha, na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Itália.

Depois a gente tem a contribuição de Pauliane Targino, que reflete sobre uma breve história dos estudos clássicos na Universidade Federal do Ceará, e esse é um trabalho especialmente gratificante: a autora comentou que viu nesse convite a oportunidade para fazer uma espécie de levantamento/homenagem àqueles mestres que a formaram, e ela traz os primeiros professores de grego e latim da Universidade Federal do Ceará, oferecendo uma contribuição inestimável para quem venha a se interessar pelos estudos da antiguidade no ambiente universitário cearense. De outro colega aqui do Ceará, a gente tem uma contribuição intitulada “Pesquisa Plotiniana na Literatura Brasileira”, proposta pelo Robert Brenner, professor de Filosofia Antiga na Universidade Estadual do Ceará. Ele estuda aí sobre o legado de Plotino, o que diz respeito à produção intelectual de Filosofia Antiga brasileira.

A gente tem ainda a contribuição de Bruno Borges; na verdade, são duas contribuições. A primeira é um artigo que ele escreve em coautoria sobre “Eudoro de Sousa a contrapelo”, investigando as colaborações, os flertes do pensamento do jovem Eudoro com ambientes autoritários, na Alemanha do período nazista, e em Portugal, no período salazarista. Depois, quando ele chega ao Brasil, e tem uma primeira inserção no chamado Grupo de São Paulo, com Vicente Ferreira e Miguel Reale, no círculo do Instituto Brasileiro de Filosofia, em meio a nomes importantes do conservadorismo na filosofia brasileira. Trata-se, portanto, de uma contribuição interessantíssima para pensar no que é o legado de Eudoro, tendo, de certa forma, flertado com essas propostas autoritárias, em termos políticos, com inevitáveis implicações sobre a sua produção intelectual. A

segunda contribuição, que encerra o volume, é justamente o resgate de um trabalho do Agostinho da Silva sobre história dos Estudos Clássicos no Brasil, vista de uma perspectiva brasileira, que ele publica com a ideia de propor “uma teórica cabocla da filologia clássica”. Trata-se de um título provocativo, com essa ideia de uma teórica cabocla, mas é justamente porque ele vai pensar o que significa refletir sobre a filologia clássica da margem. É um diálogo, algo ficcional, proposto ali na Bahia, com reflexões sobre a Antiguidade Mediterrânea. O Eudoro de Sousa, inclusive, figura como uma espécie de interlocutor sugerido ali pelo texto.

Para resumir, eu fiquei muito feliz com esse dossiê, porque ele traz contribuições de diferentes áreas – Letras Clássicas, Filosofia Antiga e temas conexos – para pensar a história dos Estudos Clássicos no Brasil e em outros contextos à margem dos centros hegemônicos.

Glaydson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Sem dúvida, teremos uma excelente contribuição com o seu dossiê, Rafael. Obrigado.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Obrigado, professor Glaydson. Eu me chamo Felipe Noé da Silva, sou professor da Universidade de Santa Catarina. É uma enorme satisfação participar dessa entrevista com o professor Rafael Guimarães, que eu estou conhecendo agora também. É uma enorme satisfação poder falar com o professor. Bom, dentre as questões que nós colocamos aqui, professor Rafael, eu vou apresentar uma questão bastante simples, mas que de certa forma converge com essa sua leitura, com essa avaliação que você fez da sua trajetória. Você já trabalha com a Antiguidade há mais de uma década. Durante esse tempo, na sua opinião, você presenciou modificações importantes no campo dos Estudos Clássicos? Se porventura a sua resposta for positiva, poderia comentar quais transformações te pareceram mais interessantes e promissoras para o desenvolvimento e a consolidação desse campo de estudos no Brasil?

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Sim. Eu agradeço muito pela pergunta, porque, de fato, apesar de esse discurso da crise ser importado muito do debate nos Estados Unidos, o

Brasil, especificamente, sobretudo à luz de décadas anteriores, no que diz respeito à produção acadêmica voltada para os estudos clássicos, vive um *boom*, vive uma primavera. Essa primavera me parece reflexo das políticas que incentivam a educação pública, no início do século XXI no Brasil, devido, em larga medida, aos investimentos educacionais propostos pelos governos do PT, com o presidente Lula e depois a presidenta Dilma. Isso levou a uma diversificação gradual no perfil social de quem estuda Antiguidade Clássica no Brasil, porque novas pessoas vindas de diferentes camadas populares passaram a frequentar cursos de Filosofia, Letras, História e áreas conexas. Essa diversificação gradual levou a uma produção diversificada em termos de objetos de interesse, de novas metodologias, e tudo isso, de certa forma, qualificou o tipo de produção que pesquisadores brasileiros têm publicado nos últimos anos.

Eu, inclusive, fiz um estudo publicado num desses dossiês já mencionados, da revista *Em Tese*, justamente sobre o novo perfil social dos estudiosos da área no Brasil, identificando transformações no modo de entender nossa relação com o passado antigo, inclusive em termos de pautas progressistas. O título desse artigo é “Algumas verdades e mentiras sobre os Estudos Clássicos no Brasil”. Há um mapeamento aí, um levantamento de dados, então a gente percebe, por exemplo, que no Brasil a identificação étnico-racial dos pesquisadores ainda é majoritariamente branca, a localização dos estudiosos é majoritariamente no Sudeste, há uma maioria de homens (a proporção sendo de dois homens para uma mulher), que são tendências tradicionais na área, mas que têm aos poucos se transformado, e isso é alvissareiro. Isso é entendido por mim como extremamente positivo, porque caminha no sentido dessa diversificação do perfil social, socioeconômico dos pesquisadores, com implicações em termos práticos de pesquisa e, obviamente, em termos também de ensino depois, em termos de produção do conhecimento. Trata-se de um efeito em cascata que, apesar dos eventuais retrocessos dos últimos anos, será sentido ainda, me parece, na próxima década.

O incentivo em políticas públicas de valorização da educação, com bolsas de estudo, com eventuais programas de intercâmbio cultural em centros fora do Brasil, faz parte desse contexto de valorização dos estudos clássicos produzidos na Academia Brasileira. Isso tem reflexos práticos muito evidentes, como muito mais traduções publicadas no Brasil de obras clássicas nos últimos 20 anos do que entre 1950 e os anos 2000. Repetindo: o Brasil, nos últimos 20 anos, publicou muito mais traduções de obras clássicas do que entre 1950 e os anos 2000. Isso a gente pode dizer sem sombra de dúvidas, apesar das mudanças em termos de política educacional. Porque aí são duas coisas diferentes. O Latim, a História

Antiga, a Filosofia Antiga etc., têm saído do currículo, devido a debates educacionais muitas vezes politizados, mas raramente de uma forma crítica.

Daí, o Latim, por exemplo, saiu do currículo básico com mudanças propostas no período da ditadura cívico-militar, na década de 60. Depois, ele sai como matéria obrigatória da formação dos estudantes de Letras, com a nova Lei de Diretrizes e Bases de 1997. Isso, a princípio, nos levaria a ficar alarmados, porque são matérias perdendo o seu prestígio curricular. A mesma coisa, eu acho que a gente pode dizer do lugar da História Antiga, no currículo de formação dos historiadores, e da Filosofia Antiga no currículo de formação dos filósofos. Essa tendência de incompreensão sobre o potencial formativo dessas áreas em termos de educação e projetos pedagógicos por parte do Ministério da Educação é um problema.

Isso eu identifico como uma tendência complicada, que precisaria ser muito mais debatida antes da tomada de decisões como as que eu mencionei agora há pouco. Mas, paralelamente, o incentivo à educação pública tem dado esses frutos positivos em termos de produção do conhecimento, em termos de publicação de traduções, e a gente tem visto, inclusive, o surgimento de novas linhas de pesquisa, novos programas de pós-graduação fora do eixo Rio-São Paulo, o que é bastante alvissareiro também. Eu termino dizendo que, partindo da iniciativa, muitas vezes, dos próprios pesquisadores, a gente tem visto mais interação com a sociedade de modo geral, com projetos de extensão, projetos de inserção na comunidade, às vezes, ensino do latim, ensino do grego antigo, da mitologia e da história antiga, em escolas públicas, e mesmo o trabalho de divulgação científica nas redes: todas essas frentes que nos permitem ver essa transformação gradual da área com olhos bastante otimistas para o que ainda está por vir nos próximos anos no Brasil, em termos de uma produção de conhecimento que dialoga com a comunidade, que entende o que significa produzir esse conhecimento no Brasil, pensando as realidades locais, e ainda que tendências conservadoras, reacionárias, eventualmente se coloquem contra esse tipo de propósito, contra esse tipo de avanço, acho que a gente tem caminhado num sentido eminentemente promissor.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Muito bom, agradeço a sua resposta, professor, e a próxima questão vai um pouco nessa linha também, é um pedido, na verdade, para aprofundar sobre o que o professor acabou de dizer. Nós verificamos no seu currículo que você tem coordenado um projeto de extensão intitulado “Mito em

Cena”, que precisamente, como você já nos antecipou, é um projeto que trabalha a tradição textual antiga, grega e latina, com crianças e adolescentes em escolas públicas. Então nós gostaríamos, por um lado, que você comentasse a importância dos trabalhos de extensão como um todo, ou seja, dessas iniciativas de a universidade ultrapassar seus muros, chegar, de fato, a estabelecer diálogos profícuos com as comunidades diversas; por outro lado, se possível, a gente queria saber também um pouquinho sobre as impressões que você tem obtido por meio desse contato com os jovens, como você mencionou, crianças e adolescentes, por meio desse repertório textual antigo mesmo.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

A extensão é um dos pilares da universidade pública brasileira, não à toa, previsto inclusive em dispositivo constitucional. Lá, fala-se de pesquisa e ensino, com o terceiro pilar sendo a extensão porque é justamente esse diálogo com a comunidade que faz com que o conhecimento produzido e transmitido no ambiente universitário tenha um sentido efetivo para a comunidade em que essas universidades estão inseridas. Esse diálogo tem que se dar numa chave multidirecional e não trabalhar com a lógica de uma mera transmissão do conhecimento acadêmico para essas comunidades externas, porque é nos ambientes de troca, nos ambientes de intercâmbio, que surge a oportunidade profícua de pensar o novo, de pensar o diferente. É esse o trabalho que eu tenho promovido aqui na Universidade Estadual do Ceará, *campus* Aracati, que se localiza no litoral leste do Ceará, numa cidade de cerca de 90 mil habitantes, não muito grande, mas também não muito pequena. Tem sido especialmente alvissareiro pensar aí nas oportunidades que a extensão oferece para um pesquisador.

Eu tenho mantido dois projetos, um de extensão, intitulado “O Aracati literário”, e um de iniciação artística, intitulado “Mito-em-cena”, por meio dos quais eu tenho entrado em contato com a produção local, buscando valorizá-la, a produção artística ou cultural, e, por outro, levar algo dessa formação acadêmica no campo das antiguidades para trazer para o debate, junto à comunidade em geral, mas também a jovens de escolas públicas, e pessoas que queiram frequentar os eventos que a gente promove. Essa troca tem sido muito profícua por meio do “Mito-em-cena”. A princípio, com os próprios estudantes da graduação, nós lemos tragédias antigas, e eles escolheram fazer uma adaptação de *Antígona* para abordar temas que são debatidos ali.

Essa adaptação me surpreendeu fundamentalmente porque eles conseguiram, sempre em diálogo comigo, fazer uma adaptação para o que a gente chama de “casamento matuto”, que é basicamente uma encenação durante uma quadrilha de festa junina. E por que isso me surpreendeu tanto? Porque eles pegaram uma tragédia, extremamente trágica, de Sófocles, que é a *Antígona*” na qual a maior parte dos personagens morrem, mas transformaram isso numa encenação cômica. Como isso foi possível? Com uma transvaloração do sentido da morte, porque no enredo de *Antígona*, no enredo original, Antígona morre enfrentando os desmandos de seu tio, Creonte, que tinha proibido o enterro de um dos seus irmãos, aquele que morreu atacando a cidade de Tebas, e ela decide se contrapor a essa proibição, pagando com a própria vida, porque, para ela, prestar as honras fúnebres para o irmão era um dever muito acima da manutenção da própria vida. O que esses estudantes propuseram foi trazer o conflito fundiário para o primeiro plano: então, a gente tem um conflito entre dois irmãos que morrem e cujas terras terminam na mão de uma espécie de mandatário local, Seu Creonte, que resolve não permitir o enterro de um desses irmãos (o que tinha vindo da cidade tentar tomar as terras que pertenciam à família). Maria Antígona se contrapõe à lei imposta por esse mandatário local, e ela acaba pagando com a própria vida por isso. Contudo, os estudantes propuseram uma virada, que foi transformar o romance muito lateral no enredo original de Sófocles, entre Antígona e Hêmon, num ponto central da trama, fazendo com que Hêmon se tornasse Hemona, uma personagem do sexo feminino.

Daí o romance entre elas, Antígona e Hemona, ganha um tom homoafetivo. A perseguição por parte desse tio assume então uma dimensão homofóbica, e essas duas mulheres enfrentam a morte, mas a transvaloração proposta pelos estudantes foi justamente a de que, na verdade, a festa de casamento delas aconteceria no mundo dos mortos. Quando Antígona morre, Hemona se suicida e vai acompanhá-la, isso engendra, como em Sófocles, uma série de outras mortes, mas em vez de ter o tom trágico original, isso tem um tom cômico, porque, à medida que as pessoas vão morrendo, elas vão migrando para uma cena que está no mundo dos mortos, que é onde o casamento efetivamente acontece, e o único excluído de poder participar desse casamento é Creonte, que fica condenado à vida.

Então, eu achei essa experiência muito legal. A gente terminou essa fase de adaptação, apresentou a peça já num festival literário que aconteceu no Aracati, e em dois eventos acadêmicos que nós conseguimos propor, com a recepção do público tendo sido muito boa, porque, embora o enredo original de *Antígona* não necessariamente seja sempre conhecido, quando

a gente situa um pouco a ação e o público acompanha os atores em cena, eles entendem imediatamente tudo o que está em jogo. O problema dos desmandos de um governante autoritário, na nossa adaptação, surge em trejeitos de fala, como “Zeus acima de tudo, a terra acima de todos”, ou algo assim, com ecos do discurso reacionário político brasileiro contemporâneo aparecendo no que Seu Creonte defende. As questões de gênero e de sexualidade também aparecem tematizadas. Mas há muito riso, porque tudo termina numa espécie de carnaval, tocando um forró tradicional, da banda “Mastruz com leite”, que dá início a uma quadrilha. Então, a ideia com que a gente tem trabalhado no projeto é encenar isso, de fato, durante as quadrilhas juninas aqui na região do Aracati, neste próximo ano de 2025. A nossa recepção vai ser muito mais ampla e talvez mais complexa, porque o ambiente será muito menos controlado em termos de público. Qualquer pessoa que estiver frequentando a festa junina onde a performance for proposta pode acompanhar. É uma adaptação que dura ali uns 30 minutos, mas que é muito dinâmica, com falas curtas, cenas curtas, então, eu acho que a recepção não será prejudicada por um excesso de intelectualismo.

Daria para mencionar outros aspectos, mas em todo caso, o que eu gostaria de destacar como muito positivo dessa experiência é que o diálogo com a comunidade, quando ele acontece de forma efetiva, permite que o novo apareça. Eu digo isso porque essa proposta de adaptar *Antígona* para um casamento matuto veio de oficinas em que a gente estava apresentando tragédias gregas para o público aqui no Aracati. Então, isso foi surgindo aos poucos, não uma proposta que tenha vindo de mim. Inclusive, adaptar *Antígona* para um enredo cômico, eu não saberia como fazê-lo, mas descobri que isso é bastante próprio de um certo *ethos* aqui do litoral leste cearense: saber rir de tudo, saber colocar o riso até perto da morte. Então, tem sido bem legal esse trabalho.

Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)

Eu adorei, fiquei curioso para assistir também. Muito boa a iniciativa. Bom, professor, para nós encerrarmos, então, tem uma última questão que diz respeito à escavação arqueológica de que você participou recentemente. Você teve contato, portanto, direto com a cultura material antiga, é uma oportunidade ímpar. Então, se possível, gostaríamos que você comentasse a importância dessa experiência arqueológica, digamos assim, para sua formação mesmo como pesquisador, como professor, e mesmo como ser humano também, de uma formação, só que muito ampla.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Excelente pergunta. Isso aconteceu na minha formação duas vezes. A primeira em 2018, quando participei do curso “Exploração Cultural das Cíclades”, na Grécia, oferecido pelo Instituto Diakron, com uma temporada de aprendizado arqueológico e escavação *in loco*, na ilha de Despótico, no Egeu, no âmbito do projeto “Tocando o Passado”, idealizado e promovido pela professora Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, do curso de Filosofia da UFMG, a quem eu agradeço sempre por essa oportunidade.

Esse primeiro contato com a materialidade do passado clássico me despertou para uma série de aspectos até então não contemplados por minha abordagem no campo dos Estudos Clássicos, e eu comecei a refletir cada vez mais sobre a realidade material da produção do conhecimento, mesmo a produção do conhecimento no Brasil, pensando ali na minha sala de aula, na minha biblioteca, no meu acesso aos repositórios de dados, e incorporei esse tipo de consideração nas notas tomadas para a elaboração da minha tese. Isso aconteceu num momento muito formativo para mim. Ter tido contato ali com as dificuldades materiais, com o que arqueólogos que trabalham em todo o mundo experimentam. A gente pensa na Grécia, o chamado berço da civilização ocidental, e não sabe que as dificuldades são muitas... A maior parte da mão de obra que faz as escavações vem de voluntários, não tem muito dinheiro envolvido, tem uma dimensão de improvisação nesse trabalho, de tomada de decisão *in loco*, sem muitos meios, e isso inclusive me aproximou de pesquisadores gregos que compartilham dessas dificuldades materiais com pesquisadores brasileiros. Percebi que a gente tende a trabalhar bem junto, Brasil e Grécia, e refletir sobre isso me ajudou a pensar inclusive no que foi a constituição, por exemplo, do cânone homérico na Antiguidade. Comecei a pensar quais eram os interesses políticos envolvidos na conservação desse material, porque a princípio, dadas as condições de clima da Grécia, tudo se perderia; quais eram os interesses envolvidos em transmitir esse material, a princípio oralmente, mas depois por escrito; quais eram as forças políticas em jogo, e aí obviamente surge a Atenas do período clássico, depois a Alexandria do período helenístico, com todo um ideal de helenidade, sobre o que significa ser helênico, que depois é transmitido para Roma, e que é de certa forma reivindicado por Roma, responsável por transmitir isso para as gerações seguintes... Ter tido contato com essa realidade material me chamou atenção para isso, para os jogos de interesse envolvidos na transmissão do legado, porque a princípio tudo deveria se perder, ou tudo deveria ter se perdido. Perdeu-se uma parte. É importante perguntar por

que essa parte se perdeu, mas me parece que uma pergunta complementar é por que uma parte não se perdeu.

Achei de fato fundamental para a minha formação esse contato, e um segundo contato aconteceu em 2019, quando eu, mais uma vez, envolvido com esse projeto da professora Maria Cecília Coelho, “Tocando o passado”, fui para uma escavação no sítio *arqueológico* da antiga Eleuterna, em Creta, sob a supervisão do professor Nikolaus Stampolidis, que na época era diretor de dois importantes museus de Atenas: o Museu da Acrópole e o Museu de Arte Cicládica. Posso dizer sem titubear que nunca aprendi tanto sobre a história da arte antiga quanto nas semanas em que acompanhei a equipe do professor Stampolidis em Creta, entre museus e trincheiras de escavação: a gente acompanha todo o processo, que inclui desde o uso de picaretas, carrinhos de mão, para tirar a terra dos buracos, até a limpeza dos artefatos, o cuidado que eventualmente é preciso quando você está chegando em um extrato que contém objetos de potencial arqueológico, a limpeza, a avaliação, o estudo das peças depois em laboratório, com os microscópios... É toda uma dimensão do trabalho que muitas vezes a gente não conhece, porque só lidamos com os livros, ou os artigos que trazem o resultado final, mas que é interessantíssimo acompanhar para a gente justamente compreender a dimensão de subjetividade que há também no trabalho arqueológico, porque às vezes a gente pensa que a materialidade pode ser mais objetiva do que o trabalho com os textos, o trabalho com a análise dos fatos passados, mas essa dimensão subjetiva existe também na análise dos objetos, e ter tido esse contato com a equipe do professor Stampolidis foi muito esclarecedor. Às vezes uma estatueta era encontrada e eles postulavam que era Zeus, mas no meio das discussões diziam: “Espera aí, pode ser Poseidon, pode não ser nenhum deles, pode ser uma outra figura”. Ver isso acontecendo é quase como estar ali atrás, nos bastidores da produção do conhecimento. Quando você vê a discussão acontecendo, dá para perceber que as certezas da Arqueologia são menos objetivas do que às vezes se diz, então isso foi muito esclarecedor para mim enquanto pesquisador das Humanidades também.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

É quase um aparato crítico.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Exatamente, um aparato crítico do artigo arqueológico. Exato.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Quase um aparato crítico ao vivo e a cores, rs. Bom, acho que a gente pode encerrar, Professor Glaydson? Agradecendo a participação do Rafael Guimarães, pela disponibilidade, tanto por ter participado dessa entrevista, mas também, sobretudo, por ter levado a cabo a organização deste dossiê. A gente sabe que é, para ficarmos ainda no âmbito desse trabalho, algo hercúleo, é sempre muito pesado, muita coisa, muita gente envolvida, então gostaríamos de agradecer ao professor pela organização do dossiê, pela participação na entrevista também.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Eu que agradeço, Felipe Noé, pelas perguntas, e agradeço encarecidamente a parceria com o Glaydson José da Silva, que é um pesquisador que admiro já há muitos anos e que me deu a honra de poder organizar este dossiê da *Heródoto* com um trabalho, de fato, hercúleo, porque é difícil fazer essa gestão com os convidados, a questão dos prazos, o envio de textos, não só em português, mas com a tradução para o inglês, uma especificidade da *Revista Heródoto* que torna mais difícil o processo de recebimento desse material, ainda que, ao mesmo tempo, qualifique muito o tipo de produção alcançada depois, justamente em termos de acessos, de difusão desse material. Agradeço muito pelas perguntas que vocês fizeram hoje. Foi uma entrevista em que eu pude revisitar diferentes aspectos da minha carreira, diferentes engajamentos com os quais eu busco trabalhar e que muito me gratifica terem sido reconhecidos por vocês, enquanto leitores, enquanto estudiosos da área, então, para mim, é muito bom ter participado desse debate, dessa entrevista, e da promoção deste novo número da *Revista Heródoto*. Eu agradeço muito.

Glaydson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Nós também estamos muito felizes, Rafael, com seu aceite. Tivemos uma excelente entrevista, e tenho certeza de que os nossos leitores, ou ouvintes, ou quem for assistir a essa entrevista, uma vez que a gente divulga em diferentes formatos, todos terão uma excelente experiência com a sua

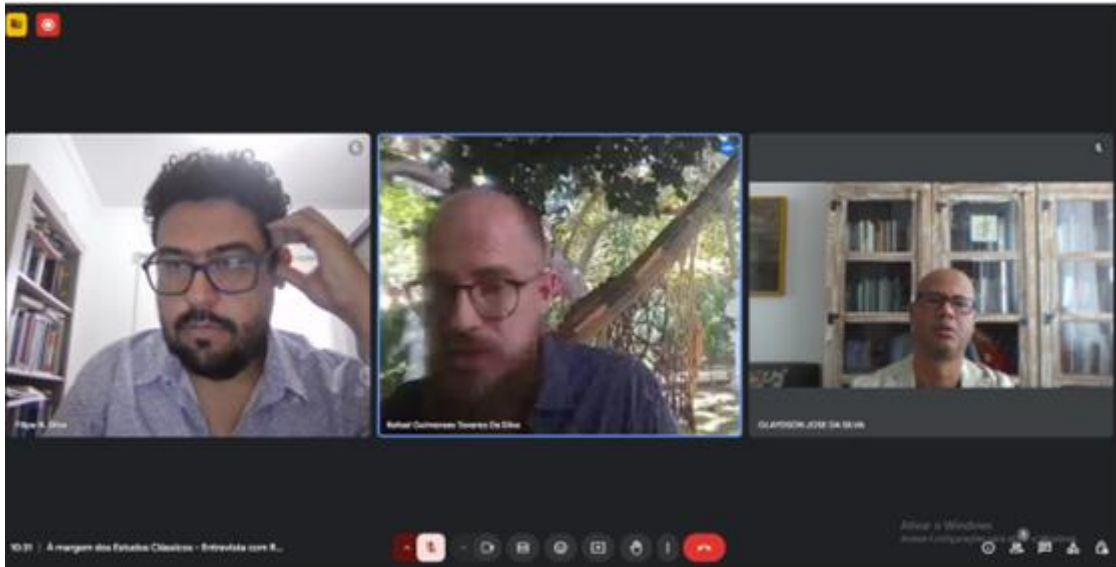
entrevista. Então, muito obrigado e em breve teremos no ar, disponível, o dossiê organizado por você e aqui o nosso registro de agradecimento. Muito obrigado.

AT THE MARGIN OF HISTORY OF CLASSICAL SCHOLARSHIP

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

Glaydson José da Silva²

Filipe Noé da Silva³



Interview conducted by the Google Meet platform, on December 18, 2024.⁴

Link: <https://youtu.be/PZXhQzd2aB0>

The English version of this text will be published later.

¹ Adjunct Professor – State University of Ceará, Aracati, Brazil. E-mail: gtsilva.rafa@gmail.com.

² Associate Professor –Federal University of São Paulo, São Paulo, Brazil. E-mail: gjsilva@unifesp.br

³ Adjunct Professor – Ancient and Medieval History, Santa Catarina State University, Florianópolis, Brazil. E-mail: fnd.silva@udesc.br

FILOLOGIAS DO PRESENTE PARA O FUTURO

James I. Porter¹

Resumo

Este artigo explora a natureza multifacetada da filologia, traçando suas raízes na história ocidental desde a Grécia clássica até seu florescimento na Alexandria helenística e a subsequente integração na Europa durante o Renascimento e depois. Ao contrário da narrativa predominante da "philologia perennis", esse relato desafia o entendimento convencional da filologia ao destacar suas diversas dimensões além da análise textual. O argumento lida com as posições críticas defendidas por acadêmicos tão diferentes quanto James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta e outros. A tensão entre os dois domínios da filologia e da filosofia é então explorada a fim de enfatizar a interconexão da sabedoria e das palavras. Ao considerar figuras muitas vezes ignoradas pela história da erudição clássica, como Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno e Horkheimer, Rachel Bepaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico e Spinoza, o presente relato vê a filologia além dos limites acadêmicos tradicionais, levando a uma reflexão sobre a relevância contemporânea da filologia e seu futuro em potencial.

Palavras-chave

Filologia; História da erudição clássica; Racismo; Colonialismo; Contrafilologia.

¹ Professor titular - Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos. E-mail: jiporter@berkeley.edu

Abstract

This paper explores the multifaceted nature of philology, tracing its roots in Western history from classical Greece to its flourishing in Hellenistic Alexandria and subsequent integration into Europe during the Renaissance and afterwards. Contrary to the prevailing narrative of “philologia perennis,” this account challenges the conventional understanding of philology by highlighting its diverse dimensions beyond textual analysis. The argument grapples with the critical positions defended by scholars as different as James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta, and others. The tension between the two domains of philology and philosophy is then explored in order to emphasize the interconnectedness of wisdom and words. In consideration of figures often overlooked by the history of Classical Scholarship, such as Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno and Horkheimer, Rachel Bepaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico, and Spinoza, the present account views philology beyond traditional academic confines, prompting a reflection on philology’s contemporary relevance and its potential future.

Keywords

Philology; History of Classical Scholarship; Racism; Colonialism; Counterphilology.

A filologia, como convencionalmente entendida, é o estudo, geralmente o estudo amoroso (fiel à sua etimologia), da linguagem manifestada por meio de textos, sua linguagem, significado, transmissão, classificação, tradução e assim por diante. Suas origens no Ocidente estão na Grécia clássica. Ela atingiu sua plenitude somente na Alexandria helenística e, por fim, chegou à Europa durante o Renascimento. No século XIX, a filologia se expandiu para abranger todos os idiomas e literaturas antigos e modernos. Atualmente, ela é o método implícito que fundamenta todo estudo de textos lidos como textos. Mas isso não é tudo o que existe na filologia, e essa imagem de desenvolvimento da "filologia eterna" (*philologia perennis*), embora canônica hoje, tem muito de questionável, pois foi filtrada pelas tradições classicizantes ocidentais. Essa é a história que a filologia mais frequentemente conta sobre si mesma.²

Em alguns setores, acredita-se que a filologia tenha fornecido a base das ciências humanas *tout court*. Esse é o argumento do livro de 2014 de James Turner, *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*.³ Turner sustenta sua afirmação associando, corretamente, a meu ver, o estudo da linguagem ao estudo da história e ao historicismo, o método desenvolvido no século XIX que privilegia as perspectivas históricas como guia para o conhecimento – uma ciência do passado. Turner está certo ao afirmar que "o historicismo, com sua insistência na comparação e na genealogia, reproduziu-se no DNA das humanidades modernas".⁴ E, na medida em que o projeto das humanidades não pode ser dissociado dos produtos históricos da linguagem dos povos e de suas vidas, não é exagero afirmar que a filologia tem a pretensão de ter sido, no passado, "a rainha das ciências".⁵ A questão agora é se essa afirmação continua válida para nós no século XXI. A filologia ainda é a rainha? Será assim daqui a um século? Eventos recentes nos lembram o que pode acontecer com as rainhas. No entanto, o argumento genealógico, se verdadeiro, não pode ser facilmente descartado. O que foi afeta o que é e, até certo ponto, é verdade que a filologia continua a fazer parte da composição genética das ciências humanas atualmente. No entanto, as objeções à filologia, tanto materiais (a perda do aprendizado de idiomas) quanto ideológicas (o ceticismo em relação a esse conhecimento), estão ameaçando anular sua importância. A filologia pode ter um futuro? Muito depende de como

² Veja o relato canônico de Rudolf Pfeiffer (Pfeiffer, 1961; Pfeiffer, 1968; Pfeiffer, 1976). As raízes desse relato remontam ao século XIX.

³ Turner, 2014.

⁴ Turner, 2014: x.

⁵ Pollock, 2015: 2.

entendemos a filologia.

O argumento de Turner é reconfortantemente abrangente, mas eu diria que seu objeto, "filologia", apesar de toda a sua amplitude, é definido de forma muito restrita, enquanto seu subtítulo, "The Forgotten Origins of the Modern Humanities", é enganoso. As origens da filologia não são tão esquecidas quanto ele quer nos fazer crer. Erich Auerbach, frequentemente citado como o inventor da literatura comparada (embora sua formação tenha sido em filologia românica), baseou-se na ampla compreensão de filologia de Vico para chegar a uma definição convincente de filologia que merece nossa atenção hoje. Nem Auerbach nem Vico desempenham um papel importante no livro de Turner. No entanto, ambos têm muito a nos ensinar sobre a resiliência da filologia e, principalmente, sobre seu potencial ilimitado – não menos importante, seu potencial de ultrapassar as estreitas fronteiras acadêmicas. Ambos fazem isso indo além do humanismo que o livro de Turner se propõe a defender, em parte excluindo a investigação filosófica de sua busca. Mas as origens da filologia devem tudo à investigação filosófica, tanto no sentido restrito quanto no amplo. Dizia-se que Teágenes de Régio (fl. 520) era o criador da filologia (*grammatikē* e *hellēnismos*, entendidos como o estudo da língua grega e do estilo).⁶ Mas ele parece ter lido a *Ilíada* como uma alegoria do mundo físico.⁷ Os títulos preservados de Demócrito indicam um interesse saudável na interpretação homérica. Metrodoro de Quios foi aluno de Anaxágoras e alegorista homérico. Após os chamados pré-socráticos, os sofistas foram os próximos a contribuir para a filologia literária, depois Platão e Aristóteles. No período helenístico, um confronto entre os estudantes filosóficos e gramaticais de Homero, antes fundidos na pessoa de Teágenes (pelo menos por reputação) e seus sucessores dos séculos V e IV, chegou ao ápice com a guerra filológica travada por Aristarco da Samotrácia, o bibliotecário de Alexandria e editor-chefe de Homero, contra Crates de Malo, um crítico literário de Homero com propensão filosófica. Desde aquela época, as linhas de batalha foram traçadas e redesenhadas, e Turner é apenas o mais recente participante dessa escaramuça. O conflito entre esses dois campos do conhecimento (filologia e filosofia) é lamentável. A filosofia é o amor pela sabedoria, a filologia é o amor pelas palavras. O que é sabedoria sem palavras ou palavras sem sabedoria? Vazio, dizem Vico e Auerbach. Mas vamos retomar a história com Auerbach.

⁶ DK 8A1a (Schol. in Dion. Thrac.).

⁷ DK 8A2 (Schol. in Hom., *Il.* 20.67 [Porfírio]).

Auerbach e Vico

A primeira visão registrada de Auerbach sobre valor literário aparece em sua dissertação de 1921: "a riqueza dos eventos da vida humana que se desdobram no tempo terreno constitui uma totalidade, um desenvolvimento coerente ou um todo significativo, no qual cada evento individual está inserido de várias maneiras e por meio do qual pode ser interpretado".⁸ Ele teve o cuidado de enfatizar o caráter "infinito" desses eventos em toda a sua "riqueza", mas também a "sensualidade da vida" concreta que eles abrangem. Além disso, ele observou que uma compreensão perfeita dessa totalidade é proibida. Como consequência, o acadêmico é jogado de volta a algum meio menos que perfeito de intuir a lógica dos eventos – chame isso de sentimento, intuição ou especulação. O pesquisador, menos um cientista do que um ser humano que é movido por exigências humanas e dentro de limitações demasiado humanas, interpreta, mas "muitas vezes inconscientemente". E quando o faz, é movido tanto por "necessidades práticas e éticas" quanto por necessidades acadêmicas.⁹

Filologia é o nome que Auerbach dá a essa atividade interpretativa. Foi Vico, o estudante napolitano de retórica e autor da *Ciência nova*, de 1725, que forneceu a Auerbach seu modelo, e não seus colegas filólogos românicos. Seus contemporâneos enfatizaram o estilo e a estética em produtos culturais literários que flutuavam livres do tempo na forma de quase abstrações, hipóstases ou verdades atemporais. E fizeram isso em parte como reação ao positivismo seco da filologia românica do século XIX. Talvez se possa chamar isso de uma revolta romântica tardia contra o historicismo, que era realmente a rainha indiscutível das ciências humanas, mesmo na virada do século XX. Em nítido contraste, Auerbach às vezes parece estar conduzindo algo mais parecido com a sociologia histórica, embora seus estudos tenham sido muito mais profundos do que isso. Ele levou a filologia para além do amor pelas palavras, pela literatura e pelo estilo, direcionando-a para um objetivo mais amplo, que é bem resumido em seu último livro de 1958 : "o contexto sistemático de toda a história humana... é o tema de Vico, que, de acordo com a própria terminologia de Vico, *podemos chamar de filologia ou filosofia*".¹⁰ Esse estudo "está preocupado com apenas uma coisa – a humanidade".¹¹ E em seu artigo mais famoso, "Filologia da literatura mundial" ("*Philologie der Weltliteratur*", 1952), ele cunhou uma nova expressão para abranger

⁸ Auerbach, 1921: 38; trad. minha.

⁹ "Vico and Herder" (1932) em Porter, ed. 2016: 11.

¹⁰ Auerbach, 1965: 16; Auerbach, 1958: 16 .

¹¹ Auerbach, 1965: 16; grifo nosso.

a atividade ampliada do novo tipo de estudioso que ele estava imaginando: "Weltphilologen", "filólogos do mundo", e não "da palavra".

A cunhagem de Auerbach tem um toque audacioso. Os filólogos do mundo não praticam a filologia mundial como ela é entendida hoje, por mais que possam se animar com a perspectiva de um aparente aliado. Ele realmente acreditava que seu papel era oferecer algo como uma compreensão filosófica e ética da condição humana, como poderia ser lido na literatura, que é onde ele encontrava a expressão mais pungente da "realidade do mundo" (*die Weltwirklichkeit*).¹² Mas ele quis dizer mais do que isso, porque a filologia terrena, deste mundo, era para Auerbach uma filologia com implicações diretas para o presente e não apenas para o passado. É aqui que Auerbach abre um caminho promissor para uma filologia futura, ou melhor, para filologias plurais do futuro. Mas antes de olhar para o futuro, precisamos olhar para trás.

Das leis raciais de Nuremberg ao racismo na filologia clássica

A filologia na era moderna nunca foi uma busca acadêmica inofensiva. A filologia clássica da virada do século XIX em diante foi fundada em uma exclusão consciente do mundo semita – não apenas o mundo hebraico antigo, mas a totalidade das civilizações do Oriente Próximo.¹³ No entanto, a filologia clássica, à medida que se enraizava na Alemanha, carregava em seu DNA um traço de antissemitismo (apesar de suas dívidas com a então nascente filologia bíblica) que foi transferido para suas filologias descendentes. O orientalismo era apenas uma de suas características. À medida que a filologia evoluía ao longo do século XIX, ela muitas vezes ajudava a sustentar e legitimar as aspirações nacionais, coloniais e imperiais, em primeiro lugar tratando os idiomas e seus produtos como posses a serem obtidas. Conduzida no idioma dos conquistadores, a filologia tornou-se o árbitro dos idiomas dos conquistados. Ela foi de fato dominante nesse período de formação e até meados do século XIX, quando a história e as ciências exatas usurparam seu lugar. Após a Segunda Guerra Mundial, a situação da filologia mudou drasticamente, em parte como resposta às atrocidades da guerra e em parte devido a uma nova virada autorreflexiva que transformou a história da filologia em um dos objetos da própria filologia. Os livros de Maurice Olender e Suzanne

¹² "Philology of World Literature", em Porter, ed. 2016: 255; trad. modificada.

¹³ Grafton, 1981; Grafton, 1999; Porter, 2000: cap. 5; Kurtz, 2019.

Marchand são duas contribuições importantes para essa mudança de foco.¹⁴ Em meu próprio trabalho, foi meu confronto com a filologia de Nietzsche e o contexto no qual ele trabalhava e contra o qual reagia que tornou os aspectos mais sombrios dessa história vívidos para mim pela primeira vez.¹⁵ Pouco tempo depois, fiquei sabendo que Erich Auerbach, um judeu alemão, foi vítima dessa história, mesmo quando sua filologia era uma tentativa de se opor a ela, muito antes de ser forçado ao exílio quando as Leis Raciais de Nuremberg entraram em vigor em 1935 e teve que fugir para Istambul.¹⁶ Cheguei à conclusão de que nenhum estudo de Clássicas pode ser completo se ignorar suas próprias condições históricas de possibilidade ou se permanecer cego aos traços residuais dessa história em sua própria conduta no presente.

Filologia e colonialismo

Mais recentemente, esses resíduos ameaçaram obscurecer os potenciais positivos de até mesmo uma filologia consciente de seu próprio passado. É possível ouvir apelos para um exorcismo desses passados sob a bandeira da descolonização. O livro de Sirad Ahmed *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*, é uma versão particularmente radical dessa abordagem.¹⁷ Ahmed acredita que os próprios métodos da filologia, seu historicismo e sua busca pelas origens culturais por meio da linguagem, estão contaminados por seu legado colonial. Em seu zelo para coletar e categorizar culturas estrangeiras, a filologia pós-iluminista ajudou a produzir a própria categoria de raça. Seu principal exemplo é William Jones, pioneiro da filologia comparativa em persa, árabe e sânscrito, cuja pesquisa lançou as bases para os modernos estudos indo-europeus. Mas Jones também era funcionário da suprema corte da Companhia das Índias Orientais e, como Ahmed escreve, "seus estudos ocorreram em um contexto colonial e tinham o objetivo de servir ao governo colonial" (37).

O argumento é poderoso e não pode ser facilmente descartado por motivos puramente factuais, embora não esteja claro no relato do próprio Ahmed que Jones tenha sido um participante consciente desse projeto colonial e, em alguns pontos, ele admite que Jones não foi nada disso. O que torna o argumento geral de Ahmed convincente à primeira vista não é a implicação de culpa por associação. Acredito

¹⁴ Olender, 1989; Marchand, 1996.

¹⁵ Porter, 2000: especialmente os capítulos 4 e 5.

¹⁶ Porter, 2008; Porter, ed. 2016.

¹⁷ Ahmed, 2018. As referências subsequentes a este trabalho aparecem entre parênteses.

que essa seja sua afirmação mais fraca. É o fato de que o conhecimento colhido sob o império britânico e posteriormente sob o império europeu imitava as pretensões globais, totalizantes e universalizantes do próprio império colonial. Se for verdade que a própria ideia de literatura é uma construção colonial ocidental, que a ideia (goetheana) de *Weltphilologie* foi cunhada em meados e no final do século XVIII em combinação com esses desenvolvimentos, que a virada histórica nas ciências humanas não apenas coincidiu com o império, mas também foi atrelada ao império do conhecimento, poder e prestígio, e que o ressurgimento de uma "nova filologia" nas últimas décadas é um herdeiro direto desses processos anteriores – se tudo isso for realmente verdade, então nós que nos preocupamos com a filologia temos que fazer um sério exame de consciência. Talvez também seja bom lembrar que a filologia grega na era de Péricles e depois na era alexandrina nasceu do império, do privilégio, do chauvinismo cultural e das desigualdades. Certamente, a filologia clássica é herdeira não apenas do imperialismo do século XIX, mas também de um passado imperialista muito mais longo e amplamente esquecido. *Philologia perennis* ou *imperium perenne*?¹⁸

Em um setor diferente da academia, mas no mesmo momento, outro desafio para os alicerces sobre os quais a filologia se assenta vem se formando. O racismo é generalizado em nossa sociedade, e os estudos clássicos não são exceção. Daí os apelos atuais para uma reflexão profunda e até mesmo uma limpeza dos traços residuais de racismo nos estudos clássicos, apesar dos esforços feitos na "indústria da diversidade e da equidade", que, como argumentam acadêmicos como Sasha-Mae Eccleston e Dan-el Padilla Peralta, simboliza estudantes e acadêmicos de cor, de fato monetizando suas identidades raciais.¹⁹ O legado colonial aqui volta a se manifestar, mesmo que isso aconteça, até certo ponto, contra as melhores intenções da academia. Parte da linguagem que eles usam está de acordo com a crítica de Ahmed. Mas o teor de seu chamado às armas tem uma sensação diferente. Negar a veracidade de sua experiência de racismo e sua pura "perplexidade" sempre que se sentem chamados na sala de seminários, nos pubs em Oxford e nas ruas onde moram, ou sempre que se deparam com uma relativa surdez na profissão com "a exigência de demonstrar nossa dívida, em conjunto com a força concussiva do *gaslighting*, do terror racial, do racismo cotidiano (às vezes chamado de microagressões) e outras pressões", seria um erro. Acredito na sinceridade deles quando dizem que é "irritante ouvir tanta conversa metafórica sobre correntes e

¹⁸ Veja Porter, 2011, sobre o imperialismo que tornou possível e informou a estética helenística. Ainda há mais trabalho a ser feito nessa área e em outras áreas não cobertas por Ahmed, por exemplo, tradições malaias (Maier, 1988 e Proudfoot, 2003).

¹⁹ Eccleston e Peralta, 2022.

emancipação na crítica orientada para a recepção" (para eles, essas são mais do que meras "microagressões") e quando percebem a pressão "ainda mais irritante" para "remover o trabalho de alguém do que foi entendido como experiência vivida, como se esse distanciamento fosse o sinal exclusivo de rigor intelectual". Os filólogos, em sua melhor forma, buscam recuperar a experiência vivida no passado. E quanto à experiência vivida pelos filólogos no presente?

Sou mais favorável aos argumentos antirracistas de Eccleston e Padilla Peralta do que aos argumentos anticolonialistas de Ahmed, embora eles também defendam a descolonização dos clássicos. Por um lado, eles estão falando admiravelmente sobre o presente, que conhecem muito bem, e estão delineando uma prática positiva para o futuro. Não por acaso, seus argumentos têm uma afinidade marcante com os imperativos "práticos e éticos" declarados por Auerbach (seu subtítulo diz "*Ethos and Praxis*"). E eles estão alinhados com outras críticas recentes dentro do campo que estão buscando esclarecer as particularidades do estudo clássico na América do Norte e, especialmente, nos Estados Unidos, onde o racismo, o elitismo e outros passados de exclusão moldaram o estado atual do campo. Estou pensando no trabalho de Emily Greenwood, Patrice Rankine, Marthura Umachandran e Lorna Hardwick. Uma abordagem mais recente e igualmente promissora, que une o afro-pessimismo e a filologia em uma narrativa *nigra philologica*, foi oferecida por David Marriott.²⁰

O valor dessas abordagens contemporâneas, realizadas por classicistas praticantes, está no fato de lembrarem que a filologia precisa se tornar ainda mais autoconsciente, mais consciente de suas próprias condições históricas de possibilidade e mais atenta a esses resíduos históricos em suas próprias operações no presente. Embora esses acadêmicos estejam montando argumentos contra-filológicos poderosos em seus campos, eles se dedicam a revigorar a disciplina e têm contra-sugestões positivas para mostrar. Entre elas estão a recomendação de uma inclusão mais ampla na profissão, currículos diversificados, transformações na vida pessoal em nome de transformações no campo e no mundo e mudanças estruturais profundas, além de uma duplicação da filologia como um "amor pela linguagem" entendido como um respeito pelo rico dialogismo e pela "pluralidade híbrida" da própria linguagem.²¹ Eles também defendem estudos sobre a recepção dos clássicos, em que o que é revelado é a fluidez, a instabilidade e a volatilidade política reais das heranças clássicas, e não sua contaminação ideológica sem

²⁰ Greenwood, 2022; Rankine, 2019; Umachandran, 2022; Hardwick, 2021; Marriott, 2024: esp. 44-85.

²¹ Greenwood, 2022: 193.

esperança. Uma série de outros acadêmicos de Clássicas, muitos dos quais não podemos citar, estão na vanguarda das tentativas de refazer o campo para que ele possa responder ao atual ambiente precário que está afetando toda a academia

Uma perspectiva como a de Ahmed é significativa. Eu também acredito que devemos confrontar as realidades históricas que condicionam nossas disciplinas. Mas me preocupa o fato de seu método ser falho. Ele é voltado para o passado e não para o futuro. Ele permanece tão dependente da história e do historicismo quanto a filologia que ele impugna. Ele opera com as mesmas ferramentas (conceitos e métodos) que deseja desacreditar. E é insensível ao fato de que muitos dos filólogos que ele acusa de negligência colonial estavam resistindo às circunstâncias em que viviam. No final das contas, Ahmed corre o risco de jogar fora o bebê da filologia junto com a água do banho do colonialismo. Vou falar um pouco mais sobre minhas hesitações em relação ao seu estudo, menos no espírito de refutação do que no de correção. Pois acredito que seu método, abordagem e descobertas, combinados, produzem uma visão unilateral da filologia e de seus potenciais.

Babel em ruínas

A premissa de Ahmed é que a filologia foi um empreendimento colonial. Portanto, ele argumenta, toda a filologia após seus estágios de formação por volta da virada do século XIX está manchada pelas ferramentas do império. Essa mácula é profunda e atinge o âmago do que a filologia considerava seu objetivo. Para propor esse tipo de afirmação, Ahmed precisa fazer suposições sobre qual era e é o objetivo da filologia, e nesse ponto seu argumento se excede. Em última análise, o problema não é simplesmente o fato de ele interpretar mal a história da filologia moderna. Ele também restringe o escopo dos poderes da filologia, que historicamente têm se mostrado como tais.

É natural que o argumento de Ahmed não contemple todo o perfil da filologia moderna. Suas conclusões são tiradas de um único estudo de caso, o de William Jones, e extrapola tudo a partir daí. Ahmed não consegue esconder as impressionantes realizações de Jones, "um polímata britânico do final do século XVIII", que "traduziu sozinho as obras mais influentes, sem dúvida, das tradições persa, árabe e sânscrita". Ele também não consegue esconder as aspirações idealistas que impulsionaram os vários projetos de Jones:

Demonstrando um domínio das línguas asiáticas ainda mais improvável na época, Sir William Jones publicou traduções com nuances de Hafiz em

1771, o *Mu'allaqāt* em 1782 e *Śakuntalā* em 1789. Embora distribuídas por duas décadas, essas traduções faziam parte de um projeto unificado: Jones pretendia que elas revolucionassem a poesia europeia, libertando-a das garras do neoclassicismo do *ancien régime*. Como ele esperava, os escritores românticos, dentro e fora da Inglaterra, encontraram estéticas radicalmente diferentes nas obras que ele traduziu e as usaram como modelos para sua própria poesia. Goethe, em particular, mergulhou nessas obras antes de formular a ideia de *Weltliteratur*. (Ahmed, 2018: 1)

O problema para Ahmed é que

Antes de se tornarem parte do romantismo e da literatura mundial, essas traduções foram produtos do domínio colonial britânico. Jones publicou cada uma delas juntamente com estudos filológicos que serviram à conquista de Bengala pela Companhia das Índias Orientais. Esses estudos – incluindo a primeira gramática colonial de um idioma asiático, codificações de leis muçulmanas e hindus e a descoberta da família de idiomas indo-europeus – ajudaram a estabelecer as bases para a revolução filológica. De fato, eles disseminaram seus princípios fundamentais: o idioma pertence à história, não à providência divina ou às leis da natureza; cada idioma produz sua própria história; e a história revelada pela literatura pertence aos povos nacionais. (Ahmed, 2018: 1-2)

É aqui que o retorno à filologia sob os auspícios da chamada Nova Filologia das décadas de 1980 e 1990 se insere como o sucessor legítimo de Jones na genealogia de Ahmed. "A relação entre o domínio colonial e a revolução filológica foi extirpada das histórias disciplinares das ciências humanas", e até mesmo os críticos pós-coloniais endossam os elementos progressistas dos empreendimentos de Jones (Ahmed, 2018: 2). A situação é ainda mais deplorável, acredita Ahmed, por causa da marca que "a revolução filológica" teve nas humanidades: ela "precipitou uma transformação epistêmica tão vasta que, na verdade, nunca deixou de definir as humanidades" (Ahmed, 2018: 2). A força dessa mudança epistêmica "estava em sua capacidade singular de compreender cada idioma, literatura e tradição jurídica – e, portanto, de fornecer aos europeus conhecimento trans-histórico e suprageográfico sobre os colonizados (entre muitas outras coisas)". Como resultado, "a alegação secular da filologia de ser emancipatória é, em si, um legado colonial" (Ahmed, 2018: 2). O estudo de Ahmed tem como objetivo retornar, não à filologia, mas à "história suprimida" da filologia.

Ahmed tem razão em apontar que a filologia de base europeia fazia parte de um projeto iluminista mais amplo de compreensão do conhecimento em uma escala enciclopédica e universal. Também é verdade que o projeto visava investigar as histórias nacionais por meio de seus produtos linguísticos, acreditando que os idiomas codificam a história e nos dão acesso a passados variados. Mas, aos olhos

de Ahmed, o projeto saiu pela culatra e acabou fracassando. Em vez de revelar as histórias dos povos não europeus, a filologia apagou suas histórias. Os textos serviram para desvincular os artefatos linguísticos das práticas não escritas que os produziram e os mantiveram à tona. Arrancados de seus contextos, as supostas janelas para a história – os textos autorizados – reificaram seus objetos. Realidades fluidas, transitórias, heterogêneas e incorporadas foram traduzidas em formas mudas, presas, congeladas e imutáveis. E essas formas foram recrutadas em um projeto totalizante cujo objetivo era "reconstruir um mapa global da história humana e, portanto, adquirir conhecimento histórico total" (Ahmed, 2018: 3). Uma cascata de novas categorias, nunca antes vistas, foi inventada: literatura, literatura mundial, literaturas nacionais, proto-histórias e pré-histórias (mais notavelmente, proto-indo-europeu) e esquemas históricos e evolucionários, extraídos em sua maior parte do solo superficial da elite ("letrada e clerical") de culturas não europeias (Ahmed, 2018: 46). Devido a esses fundamentos, que definem a missão e ditam as próprias ferramentas da pesquisa filológica, todo estudo de idioma, literatura e passado no Ocidente pós-colonial é cúmplice dessa história. "Nenhum de nós está livre, nenhum de nós tem culpa" (Ahmed, 2018: 7). "Somos [todos] herdeiros de um legado colonial" (Ahmed, 2018: 10).

Munido de um mandado de busca como esse, Ahmed continua a implicar uma linha surpreendentemente longa de acadêmicos nessa herança colonial. Filólogos e pensadores tão diversos quanto Nietzsche, Gandhi, Nehru, Auerbach e Edward Said estão enredados na problemática que ele expõe. Todos endossam, sem querer, o projeto filológico colonialista, seja devido ao seu orientalismo, seus "compromissos com o realismo e a crítica secular" (Ahmed, 2018: 39), seu desejo de conservar passados textuais ou seu compromisso com o valor da investigação histórica.

A última acusação é especialmente reveladora. Ahmed escreve que o "método histórico inevitavelmente reduz a atividade humana e a práxis política apenas ao que o registro escrito pode representar" (Ahmed, 2018: 46). Em teoria, isso pode ser verdade, embora na prática seja tudo menos verdade. Os filólogos geralmente são os primeiros a reconhecer que o registro escrito é apenas um fio no emaranhado de culturas e sociedades que compõem o objeto de suas investigações. Mas isso ainda deixa em aberto a questão de saber exatamente o que o método histórico apaga e como alguém pode dizer exatamente do que se trata esse apagamento. Esse é um dos pontos fracos da crítica de Ahmed. Ao tentar recuperar o que a filologia exclui, ele é forçado a imaginar o que não pode mais ser visto – não porque tenha se tornado invisível pelos métodos históricos, mas porque foi enterrado pela própria história. O que está perdido são aquelas

"práticas discursivas [que] evitaram a inscrição literária e a transmissão histórica", em particular as práticas demóticas das classes analfabetas e destituídas de poder que "não podem . . . ser reconstruídas historiograficamente" (Ahmed, 2018: 12), e agora estão praticamente perdidas para a história.

Digo "tudo menos", porque aqui Ahmed se depara com o problema que também assola grande parte da filologia convencional. Para poder reivindicar uma perda, é preciso apontar as pistas que indicam a perda. E é exatamente isso que Ahmed faz. F. A. Wolf se deparou com esse problema em seu estudo de Homero em 1795.²² Ahmed segue o mesmo caminho. Lendo as traduções de Jones e as traduções mais recentes e mais acadêmicas de textos antigos, ele afirma ser capaz de descobrir "as práticas discursivas [que] esses textos apropriam": "A retórica do desejo não normativo em Hafiz, a soberania não estatal no *Mu'allquāt* e a terra pré-histórica em *Śakuntalā* contêm o traço de idiomas que não foram registrados e que, consequentemente, resistem à análise filológica" (Ahmed, 2018: 46). Mas isso é estranho. Se Ahmed está se referindo a práticas que não são codificadas textualmente, por que ele acredita que pode inspecioná-las em suas contrapartes textualizadas? O que significa ler algo que "não está registrado"? Uma coisa é dizer que a filologia colonial ignorou objetos que suas próprias estruturas tornaram invisíveis e outra coisa é dizer que os objetos ignorados nunca chegaram ao registro escrito. Quais são exatamente os rastros que Ahmed afirma ser capaz de ver?

Os exemplos que ele fornece imploram a questão que ele levanta. Na verdade, eles demonstram a circularidade de sua abordagem, pois cada instância de uma prática discursiva oral pré-colonial que ele aponta já codifica, como se pressentisse, sua própria resistência à textualização colonial. Assim, na *Śakuntalā* védica, "uma sensibilidade verdadeiramente ecológica não pertencia nem aos bosques sagrados nem aos *adivasis* em geral, mas sim à *recusa necessariamente pré-histórica de toda apropriação humana...* – exceto o que era necessário para a própria sobrevivência" (Ahmed, 2018: 5). A frase em itálico não é mais uma questão de reconstrução histórica. É uma peça de adivinhação, e altamente romântica. "Sem fetichizar a literatura, poderíamos insistir que algo fundamental para ela está fora da história e, consequentemente, não pode ser abordado filologicamente", escreve Ahmed com uma convicção que surpreende (Ahmed, 2018: 6). Esse é um fetichismo reverso, um fetichismo de origens a-históricas. Se "romantizar é reificar ou idealizar uma entidade histórica" (Ahmed, 2018: 13), aqui vemos como *uma entidade a-histórica* está sendo reificada e idealizada. No entanto, tudo isso está

²² A abordagem de Wolf foi mais sutil, mas igualmente circular: Porter, 2000: 75-76.

sendo colocado dentro de uma estrutura histórica como algo que já existiu antes da imposição moderna do tempo histórico, portanto, como algo que é simultaneamente pré-histórico e a-histórico.

Ahmed é franco sobre seu método:

Meu ponto de partida não é a história. Não cheguei à minha descrição dessas práticas discursivas estudando um objeto empírico (nem minhas descrições pretendem explicar tal objeto). Em vez disso, cheguei a elas trabalhando desde a revolução filológica, passando por várias tradições jurídicas e literárias não ocidentais, em um esforço para discernir as práticas tradicionais que a nova filologia não consegue ver. Essas práticas são, portanto, ideais desde o início: elas são *o que eu considero* ser a imagem negativa da revolução filológica. Somente um ato imaginativo como esse pode realizar a ambição da nova filologia de recuperar as línguas que a filologia anterior havia ignorado. (Ahmed, 2018: 13; grifo nosso)

Será que Ahmed escapou do paradigma histórico que ele está criticando? Ou ele não o está incorporando com suas extensões imaginativas? Claramente, ele está refazendo os passos da filologia à sua própria maneira. A filologia ocidental também buscou recuperar raízes pré-históricas, línguas primordiais do desejo, "o originário" (ou "a terra"), raízes proto-indo-europeias e assim por diante (Ahmed, 2018: 44-45). Se Jones buscou "a recuperação das línguas asiáticas em suas formas 'puras' como alternativas à decadência cultural e política europeia" (Ahmed, 2018: 61), como Ahmed não está reproduzindo os objetivos e a abordagem de Jones? Ahmed é sábio o suficiente para confessar sua própria cumplicidade com esse paradigma que tudo determina. "Nenhum de nós é livre, nenhum de nós tem culpa." E, como ele observa, seu próprio método preferido, que ele chama de "arqueologia", é em si mesmo histórico: "A arqueologia é em si mesma, é claro, um modo de compreensão histórica. Mas nos capítulos que se seguem, ela volta o método histórico contra si mesma" (Ahmed, 2018: 45). Na verdade, os próprios argumentos de Ahmed estão voltados contra si mesmos.

Voltando um pouco atrás, tenho três críticas principais à abordagem de Ahmed, e elas estão inter-relacionadas. A primeira é que ela se baseia em uma falácia *post hoc ergo propter hoc*. A filologia clássica, que conheço melhor, de fato apresentou uma tendência antijudaica e antisemita em sua formação moderna. Mas isso certamente não faz com que toda a filologia posterior seja antijudaica ou antisemita. O mesmo se aplica ao colonialismo. As tentativas contemporâneas da filologia clássica de descolonizar e desafiar as disciplinas clássicas buscam desprivilegiar a própria ideia do classicismo ocidental, e isso é bom. Mas alguns dos melhores exemplos de filologia clássica do passado buscaram atingir um

objetivo semelhante, às vezes usando métodos historicistas e, em outras, desafiando-os.

Em segundo lugar, a filologia moderna não é um monólito. A tradição filológica moderna no Ocidente contém tendências contra-filológicas próprias que Ahmed simplesmente ignora. Se for o caso de que "para acabar com a colonialidade é necessário acabar com as ficções da modernidade" e "iluminar o lado mais sombrio da modernidade", como escreve Walter Mignolo, uma das principais vozes da teoria decolonial contemporânea, então Nietzsche, Said e Auerbach certamente devem ser incluídos nesse projeto crítico.²³

Terceiro, o estudo de Ahmed opera com uma visão desnecessariamente estreita da filologia. A filologia não assumiu uma única forma na era moderna. Pelo contrário, suas práticas têm sido notavelmente elásticas e, de certa forma, escapam tanto da abordagem humanisticamente reducionista de Turner quanto da abordagem agressivamente descolonizadora de Ahmed. O restante deste ensaio oferecerá uma rápida síntese desses três pontos. Para encerrar, quero voltar à definição expansiva de filologia de Auerbach, que ele derivou de Vico, e depois a um punhado de exemplos adicionais que estendem o alcance da filologia em um espírito semelhante e além do alcance de sua definição habitual.

Filologias do presente

Vico, mais do que qualquer outra figura, colocou Auerbach na trilha de uma visão muito melhor e mais ampla da filologia. Como Auerbach escreve no prefácio de sua tradução alemã resumida da *Scienza Nuova* de Vico, de 1924, "Vico entende por filologia tudo o que hoje rotulamos como ciências humanas: toda a história no sentido mais restrito: sociologia, economia nacional, história da religião, linguagem, direito e arte; e ele exige que essas ciências empíricas se tornem uma só com a filosofia".²⁴ Por mais radical que fosse o pensamento na época, isso não foi tudo o que Auerbach aprendeu com Vico. Doze anos depois, ainda trabalhando com Vico, que continuou a ser seu pilar durante toda a sua carreira, ele publicou um ensaio intitulado "Vico and the Idea of Philology" (1936). O ensaio termina com um resumo e uma advertência. Vico, escreve Auerbach, fundamentou a ideia de filologia não em textos, mas em "uma fé no que é comum a todos os seres

²³ Mignolo e Walsh, 2018: 110; 111.

²⁴ Auerbach, ed. 1924: 29.

humanos":

É nesse sentido que podemos entender a filologia como o epítome (*der Inbegriff*) da ciência do ser humano, na medida em que todos os seres humanos são seres históricos. Sua própria possibilidade consiste na suposição de que as pessoas são capazes de entender umas às outras e que existe um mundo da e para a humanidade que é comum a todos nós, ao qual todos pertencemos e, portanto, ao qual todos podemos ter acesso. *Sem a crença nesse mundo, não haveria ciência da raça humana na história e, portanto, não haveria filologia.*²⁵

Com a menção de "seres históricos", Auerbach quer dizer que os indivíduos, como todas as coisas no mundo, sempre foram condicionados por sua situação no tempo e no lugar. Ele não quer dizer que eles sempre estiveram cientes desse fato ou que necessariamente entenderam a contingência fundamental de suas vidas em termos históricos. Há diferentes nomes para esse tipo de compreensão: religião, superstição, mito, filosofia, moral e até mesmo historiografia, todos eles intervêm, cada um a seu modo, para explicar a contingência que acompanha a existência humana. Auerbach continua, agora em um tom mais sombrio, no final do ensaio:

Vale a pena lembrar que Vico não entendia o que ele considerava comum a todas as pessoas (*das Gemeinsame-Menschliche*) como uma questão de educação ou esclarecimento progressivo (*durchaus nicht in einem gebildeten, aufgeklärten, und fortschrittlichen Sinn*). Em vez disso, o que todos os seres humanos têm em comum é a totalidade da realidade histórica, em toda a sua grandeza e seu horror (*sondern in der ganzen, großen und schrecklichen Wirklichkeit der Geschichte*). Ele não apenas enxergava os indivíduos históricos em sua totalidade, mas também percebia que ele próprio era um ser humano e que isso o tornava humano para compreendê-los. Mas Vico não criou a raça humana à sua própria semelhança; ele não se via no outro. Ao contrário, ele viu o outro em si mesmo. Ele se descobriu, como humano, na história, e as forças há muito enterradas de nossa natureza comum foram reveladas a ele. Essa era a humanidade de Vico, algo muito mais profundo – e muito mais perigoso – do que normalmente associamos à palavra. No entanto – ou, talvez, exatamente por esse motivo – foi Vico quem descobriu nossa humanidade comum e a manteve firme.²⁶

Escrito quando Auerbach estava sendo destituído de sua identidade profissional

²⁵ "Vico's Idea of Philology" ("*Vico und die Idee der Philologie*"), em Porter, ed. 2016: 35; ênfase adicionada.

²⁶ Ibid.; ênfase adicionada. Essa foi a posição duradoura de Auerbach. Consulte "The Philology of World Literature" (1952), em Porter, ed. 2016: 254.

pelos nazistas e publicado quando ele vivia como exilado em Istambul, o ensaio é um *credo* filológico virtual, e o mesmo se aplica à sua conclusão. Declarações como essas nos dizem por que é errado emitir chavões sobre a cumplicidade da filologia com a opressão ocidental ou sua inscrição automática no projeto de progresso do Iluminismo, ou sobre sua servidão irrefletida a um historicismo ideologicamente contaminado. 1936 foi um momento de acerto de contas, e Auerbach estava vivendo esse momento como testemunha e vítima. Como Vico, ele reconheceu que, às vezes, e provavelmente com mais frequência do que gostaríamos de admitir, mais escuridão do que luz brilha nos eventos humanos. Essa é a natureza da realidade histórica e de nossa humanidade comum, em seu potencial de grandeza e de horror. Todos os escritos de Auerbach estão imbuídos do mesmo *ethos* que faz de sua filologia uma *práxis* que está em conformidade com as circunstâncias em que foi produzida. A filologia é nada menos que o meio pelo qual essas circunstâncias são registradas e, se tivermos sorte, compreendidas.

Vale a pena destacar dois outros exemplos de estudos engajados de Auerbach do mesmo momento. O primeiro é um ensaio muito citado de 1938 chamado "*Figura*", que examina as leituras tipológicas supersessionistas dos primeiros e últimos teólogos cristãos. O segundo é o capítulo de abertura de *Mimesis*, que se baseia em uma comparação entre Homero e a Bíblia Hebraica e foi composto em 1941, como ele ressalta no original alemão, publicado em 1946. O capítulo tem como objetivo explícito o fascismo na Alemanha. De fato, o próprio foco na Bíblia Hebraica e em uma de suas cenas mais perturbadoras no contexto contemporâneo, o sacrifício de Isaac (tipologicamente identificado como uma figura da paixão de Cristo), fez com que sua inclusão fosse um ato de desobediência civil. Em um nível sutil, mas não totalmente inaudível, Auerbach estava confrontando a história enquanto a vivia e desafiando os poderes que controlavam seu destino.²⁷

Auerbach é apenas um dos inúmeros exemplos de um tipo de filologia que está a quilômetros de distância da variedade que define a disciplina como ela é normalmente entendida e como Turner e Ahmed também a definem. É um exemplo de uma filologia que é conduzida fora do local e fora do rótulo por escritores que foram marcados por motivos raciais, étnicos e disciplinares como inelegíveis para conduzir a filologia em suas formas acadêmicas convencionais ou que optaram por não participar dessas formas por motivos semelhantes. Aqui tenho em mente escritores e pensadores tão diversos quanto Benedict Spinoza no século XVII, Jacob Bernays e Nietzsche no século XIX e Sigmund Freud, Erich Auerbach, Simone Weil, Rachel Bessaloff, Horkheimer e Adorno, Victor

²⁷ Auerbach, 1938; Auerbach, 1946, cap. 1. Para discussão, consulte Porter, 2008; Porter, 2017.

Klemperer e Hannah Arendt no século XX, embora essa seja apenas uma lista parcial. Em resposta à sua época, esses escritores, muitos dos quais, não por coincidência, eram judeus, desviaram o foco do passado para a vida no presente e no cotidiano. Eles produziram filologias que funcionavam de outra forma ou, como diz Emily Greenwood, "otherhow".

Com essa "outra" filologia, não me refiro à filologia que se concentra no estudo de culturas remotas por meio de seus produtos linguísticos, mas a outra coisa: um estudo realizado por escritores e acadêmicos que são obrigados a confrontar realidades duras e muitas vezes impensáveis no presente que distorcem as realidades do passado e do presente. Seja por inclinação ou por circunstância, a tendência de escritores como esses era produzir percepções inoportunas sobre materiais convencionais, por exemplo, aqueles valorizados pela teologia ou pelo classicismo aceitos (como na ousada revisão de Bernays da catarse trágica),²⁸ ou então sobre materiais totalmente não convencionais, como a linguagem do Terceiro Reich, de uma forma que a filologia acadêmica convencional não estava preparada para fazer. Nesses casos, a própria filologia foi forçada ao exílio. Nesse processo, os próprios objetos de estudo filológico foram transformados. Fatos evidentes de repente se tornaram locais de leitura potencialmente traiçoeira. O significado não era mais um luxo teórico. Vidas e não apenas carreiras estavam em jogo. A filologia, tendo se deparado com os limites rígidos da realidade, adquiriu o que poderia ser chamado de "quarta dimensão". Aqui estou complementando uma categoria que está faltando no ensaio seminal de Sheldon Pollock, "Philology in Three Dimensions".²⁹ Algumas breves indicações ajudarão a ilustrar o ponto.

Spinoza foi tachado de herege pela maneira como reinterpretou a Bíblia Hebraica de uma forma radicalmente não ortodoxa, privando assim a Sagrada Escritura de seu status de verdade revelada e sagrada e demonstrando como ela era um produto totalmente humano e deficiente. Ele voltou a filologia contra si própria com a mesma segurança que F. A. Wolf demonstraria mais tarde ao privar os poemas homéricos de sua autenticidade prístina e santificada, empregando da mesma forma o mais recente arsenal da filologia bíblica. Spinoza estava usando a filologia para intervir na República Holandesa, na qual vivia, a fim de garantir liberdades intelectuais para seus súditos.

Jacob Bernays era um judeu que não tinha permissão para lecionar em uma universidade alemã. Seu próprio trabalho abrangeu desde a antiguidade clássica

²⁸ Consulte Porter, 2015.

²⁹ Pollock, 2014.

até a judaica, passando pela gramática da língua hebraica de Spinoza e reflexões sobre religião e modernidade. Seus cadernos de anotações particulares, ou o que sobreviveu deles, são um tesouro de reflexões que fornecem um roteiro para suas próprias posições contra-filológicas.³⁰ Suas próprias intervenções filológicas funcionam em linhas semelhantes, embora de forma mais discreta.³¹

Nietzsche praticou uma contrafilologia durante toda a sua carreira acadêmica, parte dela em sua filologia de *aparência* mais convencional (que era tudo menos convencional), por exemplo, em seus estudos sobre Demócrito, Diógenes Laércio e o ritmo grego. Ele atacou as inadequações da profissão dos classicistas pela estreiteza de seu foco e por não reconhecerem sua própria historicidade como criaturas do presente ou seu papel como instrumentos em vez de agentes de sua própria cultura. Sua crítica ao orientalismo na filologia moderna é facilmente ignorada, assim como o fato de ele ter designado Bernays como "o mais brilhante representante de uma filologia do futuro", antes de adotar esse apelido para si mesmo.³² Quando deixou a universidade, ele levou consigo os mesmos métodos da filologia crítica. Seus textos de prova não eram mais edições gregas e latinas ou estudos acadêmicos, eram os fenômenos da cultura europeia moderna, da qual ele se tornou o principal e mais provocativo diagnosticador.

Sigmund Freud produziu uma leitura do Êxodo que rivaliza com a de Spinoza em seu ataque à Escritura revelada em *Moisés e o Monoteísmo* (*Der Mann Moses*), que ele publicou em 1939. Para apresentar seu argumento, Freud teve que se intrometer na reserva dos estudiosos bíblicos, e o fez com o zelo de um desordeiro indisciplinado. Freud notoriamente produziu uma leitura herética de Moisés ao transformá-lo em um egípcio, não em um judeu, e ao fazer do judaísmo uma formação de reação ao trauma de seu deslocamento original e originário. E, no entanto, longe de vilipendiar a religião judaica, Freud de fato preservou sua integridade ao trazer à luz suas poderosas fantasias internas e ao privar o antissemitismo contemporâneo de seu objeto putativo e de suas próprias reivindicações fantasmáticas de ser *judenrein*, livre do judaísmo que ele injuriava. Esse é o ímpeto original do estudo de Freud, que representa tanto uma filologia da estranheza judaica, ancorada na pura persistência dos judeus e do judaísmo, quanto uma contrafilologia do presente, em vez de uma arqueologia do passado. O fato de ele ter escrito a obra durante a nazificação da Áustria e de tê-la concluído

³⁰ Gründer, 1988. Sobre Bernays, consulte Glucker, Laks e Barre, eds. 1996, uma importante coletânea.

³¹ Consulte Porter, 2015. Ainda há muito trabalho a ser feito sobre Bernays nesse sentido.

³² Carta de 2 de junho de 1868. Consulte Porter, 2000: 15 e 273-286 para ver a discussão.

no exílio na Inglaterra, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, diz muito sobre a situação histórica de seu ensaio.

Um ano mais tarde, Victor Klemperer, filólogo românico e colega de Auerbach, foi obrigado a ficar de fora da guerra em Leipzig, a usar uma estrela amarela, a viver em um *Judenhaus* com sua esposa ariana e foi proibido de ler livros de qualquer tipo, pois eram considerados contrabando. Apesar disso, desejoso de fazer algo a partir de suas habilidades filológicas e de responder à sua situação, ele trocou de objeto e voltou sua atenção para a linguagem do Terceiro Reich, conforme a ouvia nos alto-falantes, nas ruas, nos desfiles, na fábrica onde trabalhava, nos símbolos e na linguagem dos pôsteres cheios de propaganda e objetos visuais onde quer que os encontrasse (*LTI: Linguae Tertii Imperii. Notizbuch eines Philologen*, 1947). Seu ponto de partida foi a crença, da qual ele compartilhava, de que o espírito de uma época é expresso em sua linguagem:

Pois, assim como é comum falar da face de uma época ou de um país, também é comum caracterizar o espírito de uma determinada época como sua linguagem. O Terceiro Reich fala com uma terrível uniformidade tanto no que disse na época quanto em seu legado: por meio do exibicionismo ilimitado de sua arquitetura grandiosa e de suas ruínas, por meio de seu tipo único de soldado, os homens da SA e da SS, que foram elevados ao status de figuras ideais em uma miríade de pôsteres diferentes e, ainda assim, indistinguíveis, e por meio de suas autoestradas e valas comuns. Tudo isso é a linguagem do Terceiro Reich e, é claro, haverá menção a todas essas coisas nas páginas seguintes. Mas se você exerceu sua profissão por décadas, e a exerceu com grande prazer, então é provável que tenha sido moldado mais por ela do que por qualquer outra coisa, e foi assim que o idioma do Terceiro Reich, tanto literalmente quanto em um sentido filológico não figurativo, ao qual me agarrei com absoluta determinação e que se tornou meu ponto de equilíbrio entre a monotonia de cada turno de dez horas na fábrica, o horror das buscas domiciliares, das prisões, dos abusos físicos e assim por diante.³³

Auerbach, Weil, Bessaloff, Horkheimer e Adorno se voltaram para Homero como uma forma de lidar com os horrores da guerra que os cercava. Nenhum deles tinha formação especializada em filologia clássica. Todos os cinco foram forçados ao exílio. E todos os cinco se envolveram em uma filologia que, *por sua vez*, foi exilada de seus lugares habituais. Eles produziram um tipo de texto que não é nem acadêmico nem verdadeiramente legível como "recepção" literária, como é reconhecido na academia atualmente. Em vez disso, suas obras são exemplos de

³³ Klemperer, 2013: 10.

escrita engajada que vem de autores cujas vidas estavam totalmente emaranhadas em suas circunstâncias pessoais e históricas. Eles estavam praticando uma filologia do presente em prol do presente e do futuro.³⁴

Hannah Arendt é provavelmente o exemplo menos óbvio de filologia do presente, do cotidiano e do exílio. Mas sua leitura das transcrições do julgamento de Eichmann, realizado em Jerusalém de abril a dezembro de 1961, cuja abertura ela testemunhou pessoalmente enquanto trabalhava para a revista *The New Yorker*, é mais uma extensão da filologia praticada duas décadas antes por Auerbach e seus colegas. Todos estavam intervindo no momento presente, todos estavam fazendo julgamentos sobre ele, examinando seus idiomas e registrando relatórios de campo. Mais importante ainda, todos estavam respondendo a realidades históricas marcadas por atos de violência. Todos aprenderam a confrontar o potencial de violência que a história inevitavelmente revela, e nunca de forma mais pungente e dolorosa do que no presente histórico em que ela é sentida. O livro de Arendt tem como subtítulo "Um relatório sobre a banalidade do mal". Seu objeto, no entanto, não é o mal *em si*, mas as falhas da justiça quando ela tenta medir um crime indescritível que assume a aparência de uma realidade cotidiana para seus perpetradores. Assim como a filologia de Auerbach, inspirada em Vico, seu trabalho se preocupa tanto com a comunicação humana quanto com os limites da compreensão humana.

Tomando como exemplo os esforços de cada uma das figuras citadas acima, podemos aprender como as contrafilologias têm o potencial de desafiar as noções existentes sobre o que constitui um texto, sua interpretação e seu valor ideológico e cultural, mas também, mais radicalmente, o que constitui o objeto adequado de estudo filológico. Aproveitar essas alternativas é a maneira pela qual qualquer prática de filologia pode garantir que ela tenha um futuro além do amanhã. Os clássicos podem ser uma parte desse futuro, mas não precisam ser a totalidade dele.³⁵ No entanto, dada sua longa história, a filologia clássica tem muito a nos ensinar hoje.³⁶ A esperança aqui é que, ao examinarmos essa história conturbada

³⁴ Besspaloff, 1943; Novis, 1940; Novis, 1941 (o pseudônimo anagramático de Weil era Émile Novis); Horkheimer e Adorno, 1944 (primeira edição publicada em 1944).

³⁵ Cf. Altschul, 2010: esp. 163, uma passagem que ressoa com o apelo de Auerbach por uma filologia mundana: "Uma filologia para o presente requer uma aceitação de sua mundanidade, de suas funções e efeitos no mundo de hoje, e isso significa aceitar que as questões que herdamos do século XIX não precisam ter o mesmo valor que tinham em seu início".

³⁶ Greenwood, 2022: 192, é perspicaz: "O argumento de que nós [classicistas] *apenas* ensinamos as línguas, as literaturas, a história e os vestígios materiais da Grécia e da Roma antigas ... é o historicismo como um gesto retórico preventivo que é anti-historicista ao se livrar de qualquer

da filologia, possamos chegar a um modelo mais robusto para as filologias do futuro, práticas que os alunos e acadêmicos possam realizar em suas próprias vidas, tornando-se filólogos de suas próprias experiências no presente, dadas suas próprias experiências de desigualdade étnica e racial, e então, possivelmente, também se tornando melhores filólogos do passado.

Referências bibliográficas

AHMED, Siraj. *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018.

ALTSCHUL, Nadia. What Is Philology? Cultural Studies and Ecdotics. In: GURD, Sean (ed.). *Philology and its Histories*. Columbus: The Ohio State University Press, 2010, p. 148–63.

AUERBACH, Erich. *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich*. Heidelberg: C. Winter, 1921.

AUERBACH, Erich (ed). and trans. *Die neue Wissenschaft über die gemeinschaftliche Natur der Völker*. Berlin: De Gruyter, 1924.

AUERBACH, Erich. *Figura*. *Archivum Romanicum* vol. 22, no. 4, 1938, p. 436–89.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. Bern: A. Francke, 1946.

AUERBACH, Erich. *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*. Bern: Francke, 1958.

AUERBACH, Erich. *Literary Language and its Public in Late Latin Antiquity and in the Middle Ages*. Trans. Ralph Manheim. New York: Bollingen Foundation, Distributed by Pantheon Books, 1965.

BESPALOFF, Rachel. *De l'Iliade*. Preface by Jean Wahl. New York: Brentano's, 1943.

ECCLESTON, Sasha-Mae; PERALTA, Dan-El Padilla. *Racing The Classics: Ethos*

responsabilidade pela agência de alguém como acadêmico praticante no estado da disciplina e seu *modus operandi*". Isso não significa negar a relevância da historicidade, pois "a filologia é inquieta. Ela viaja no rastro das línguas que são seu sujeito, objeto e meio, viaja conforme a história se move e viaja com a teoria" (187).

and Praxis. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 199–218.

GLUCKER, John; LAKS, André; BARRE, Véronique (eds.). *Jacob Bernays: Un philologue juif*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1996.

GRAFTON, Anthony. Prolegomenon to Friedrich August Wolf. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* vol. 44, 1981, p. 101–29.

GRAFTON, Anthony. Juden und Griechen bei Friedrich August Wolf. In: MARKNER, Reinhard; VELTRI, Giuseppe (eds.). *Friedrich August Wolf: Studien, Dokumente, Bibliographie*. Stuttgart: Franz Steiner, 1999, p. 9–31.

GREENWOOD, Emily. 2022. Introduction: Classical Philology, Otherhow. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 187–97.

GRÜNDER, Karlfried (ed.). Aphorismen von Jacob Bernays: Aus Abschriften seiner verlorenen Auszüge und Einfälle. In: PFLUG, Günther; ADAMS, Bernhard (eds.). *Aratro corona messoria Beiträge zur europäischen Wissensüberlieferung; Festgabe für Günther Pflug zum 20. April 1988*. Bonn: Bouvier, 1988, p. 131–52.

HARDWICK, Lorna. 2021. Tracking Classical Scholarship: Myth, Evidence and Epistemology. In: HARRISON, Stephen; PELLING, Christopher (eds.). *From the Renaissance to the Present Essays in Honour of Christopher Stray*. Berlin: De Gruyter, 2021, p. 9–32.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Philosophische Fragmente*. New York: The Institute of Social Research, 1944.

KLEMPERER, Victor. *The Language of the Third Reich. LTI, Lingua Tertii Imperii: A Philologist's Notebook*. Trans. Martin Brady. London: Bloomsbury Academic: 2013. (original German edition: Berlin, 1947.)

KURTZ, Paul Michael. How Nineteenth-Century German Classicists Wrote the Jews out of Ancient History. *History and Theory* vol. 58, no. 2, 2019, p. 210–32.

MAIER, Hendrik M. J. *In the Center of Authority: The Malay Hikayat Merong Mahawangsa*. Ithaca: Southeast Asia Program, Cornell University, 1988.

MARCHAND, Suzanne L. *Down from Olympus: Archaeology and Philhellenism in Germany, 1750–1970*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

MARRIOTT, David. *Of Effacement: Blackness and Non-Being*. Stanford: Stanford University Press, 2024.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (I). *Cahiers du Sud* vol. 27 (December), 1940, p. 561–74.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (II). *Cahiers du Sud* vol. 28 (January), 1941, p. 21–34.

OLENDER, Maurice. *Les langues du paradis: Aryens et sémites, un couple providentiel*. Paris: Gallimard: Le Seuil, 1989.

PFEIFFER, Rudolf. *Philologia Perennis*. Munich: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1961.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

POLLOCK, Sheldon. Philology in Three Dimensions. *Postmedieval: A Journal of Medieval Cultural Studies* vol. 5, no. 4, 2014, p. 398–413.

POLLOCK, Sheldon. Introduction. In: POLLOCK, Sheldon; ELMAN, Benjamin A.; CHANG, Ku-ming Kevin (eds.). *World Philology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

PORTER, James I. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

PORTER, James I. Erich Auerbach and the Judaizing of Philology. *Critical Inquiry* vol. 35, no. 1, 2008, p. 115–47.

PORTER, James I. Against λεπτότης: Rethinking Hellenistic Aesthetics. In: ERSKINE, Andrew; LLWELLYN-JONES, Lloyd (eds.). *Creating a Hellenistic World*. Swansea: Classical Press of Wales, 2011, p. 271–312.

PORTER, James I. Jacob Bernays and the Catharsis of Modernity. In: BILLINGS, Joshua; LEONARD, Miriam (eds.). *Tragedy and the Idea of Modernity*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 15–41.

PORTER, James I. Disfigurations: Erich Auerbach's Theory of *Figura*. *Critical*

Inquiry vol. 44, 2017, p. 80–113.

PORTER, James I. (ed.). *Time, History, and Literature: Selected Essays of Erich Auerbach*. Trans. Jane O. Newman. Princeton: Princeton University Press, 2016.

PROUDFOOT, Ian. An Expedition into the Politics of Malay Philology. *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society* vol. 76, no. 1 (284), 2003, p. 1–53.

RANKINE, Patrice D. The Classics, Race, and Community-Engaged or Public Scholarship. *American Journal of Philology* vol. 140, no. 2, 2019, p. 345–59.

TURNER, James. *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

UMACHANDRAN, Mathura. Disciplinecraft: Towards an Anti-Racist Classics. *Transactions of the American Philological Association* vol. 152, no. 1, 2022, p. 25–31.

PHILOGIES OF THE PRESENT FOR THE FUTURE

James I. Porter¹

Abstract

This paper explores the multifaceted nature of philology, tracing its roots in Western history from classical Greece to its flourishing in Hellenistic Alexandria and subsequent integration into Europe during the Renaissance and afterwards. Contrary to the prevailing narrative of “philologia perennis,” this account challenges the conventional understanding of philology by highlighting its diverse dimensions beyond textual analysis. The argument grapples with the critical positions defended by scholars as different as James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta, and others. The tension between the two domains of philology and philosophy is then explored in order to emphasize the interconnectedness of wisdom and words. In consideration of figures often overlooked by the history of Classical Scholarship, such as Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno and Horkheimer, Rachel Bepaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico, and Spinoza, the present account views philology beyond traditional academic confines, prompting a reflection on philology’s contemporary relevance and its potential future.

Keywords

Philology; History of Classical Scholarship; Racism; Colonialism; Counterphilology.

¹ Full Professor - University of California, Berkeley, United States. E-mail: jiporter@berkeley.edu.

Resumo

Este artigo explora a natureza multifacetada da filologia, traçando suas raízes na história ocidental desde a Grécia clássica até seu florescimento na Alexandria helenística e a subsequente integração na Europa durante o Renascimento e depois. Ao contrário da narrativa predominante da "philologia perennis", esse relato desafia o entendimento convencional da filologia ao destacar suas diversas dimensões além da análise textual. O argumento lida com as posições críticas defendidas por acadêmicos tão diferentes quanto James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta e outros. A tensão entre os dois domínios da filologia e da filosofia é então explorada a fim de enfatizar a interconexão da sabedoria e das palavras. Ao considerar figuras muitas vezes ignoradas pela história da erudição clássica, como Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno e Horkheimer, Rachel Bernaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico e Spinoza, o presente relato vê a filologia além dos limites acadêmicos tradicionais, levando a uma reflexão sobre a relevância contemporânea da filologia e seu futuro em potencial.

Palavras-chave

Filologia; História da erudição clássica; Racismo; Colonialismo; Contrafilologia.

Philology as it is conventionally understood is the study, typically the loving study (true to its etymology), of language as manifested through the texts, their language, meaning, transmission, classification, translation, and so on. Its origins in the West lie in classical Greece. It reached its full flower only in Hellenistic Alexandria and eventually found its way into Europe during the Renaissance. By the nineteenth century, philology branched out to cover all ancient and modern languages and literatures. Today it is the unspoken method that underlies every study of texts read as texts. But that is not all there is to philology, and this very developmental picture of “philology eternal” (*philologia perennis*), while canonical today, has much that is questionable about it, having itself been filtered through Western classicizing traditions. It is the story that philology most often tells about itself.²

In some quarters, philology is thought to have provided the foundation of the humanities *tout court*. That is the argument of James Turner’s 2014 book *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*.³ Turner supports his claim by yoking, correctly in my view, the study of language to the study of history and to historicism, the method developed in the nineteenth century that privileges historical perspectives as a guide to knowledge – a science of the past. Turner is right to claim that “historicism, with its insistence on comparison and genealogy, replicated itself in the DNA of the modern humanities.”⁴ And to the extent that the project of the humanities cannot be decoupled from the historical products of the language of peoples and their lives, it is no overstatement to claim that philology has a claim to having once been, “the queen of the sciences.”⁵ The question now is whether that claim remains valid for us in the twenty-first century. Is philology still regnant? Will it be this a century from now? Recent events remind us what can happen to queens. Nonetheless, the genealogical argument, if true, cannot be easily swept aside. What was affects what is, and to this extent it is true that philology continues to be a part of the genetic makeup of the humanities today. And yet, objections to philology, both material (the loss of language learning) and ideological (the skepticism towards such knowledge), are threatening to unseat its significance. Can philology have a future at all? Much depends on how we understand philology.

² See the canonical account of Rudolf Pfeiffer (Pfeiffer, 1961; Pfeiffer, 1968; Pfeiffer, 1976). The roots of this account reach back to the nineteenth century.

³ Turner, 2014.

⁴ Turner, 2014: x.

⁵ Pollock, 2015: 2.

Turner's argument is reassuringly sweeping, but I would say that his object, "philology," for all its breadth, is too narrowly defined, while his subtitle, "The Forgotten Origins of the Modern Humanities," is misleading. The origins of philology are not quite as forgotten as he would have us believe. Erich Auerbach, often cited as the inventor of comparative literature (though his training was in Romance philology), relied on Vico's broad understanding of philology to reach a compelling definition of philology that deserves our attention today. Neither Auerbach nor Vico play much of a role in Turner's book. Yet both have much to teach us about the resilience of philology, and especially its unlimited potential – not least its potential to overflow narrow academic boundaries. Both do so by reaching beyond the humanism that Turner's book sets out to defend, in part by excluding philosophical inquiry from his quest. But the origins of philology owe everything to philosophical inquiry in both the narrow and broad sense. Theagenes of Rhegium (fl. 520) was said to be the originator of philology (*grammatikē* and *hellēnismos*, understood as the study of the Greek language and of style).⁶ But he seems to have read the *Iliad* as allegory of the physical world.⁷ Democritus' preserved titles indicate a healthy interest in Homeric interpretation. Metrodorus of Chios was a pupil of Anaxagoras and a Homeric allegorist. After the so-called Presocratics, the Sophists were the next contributors to literary philology, then Plato and Aristotle. In the Hellenistic period, a clash between the philosophical and grammatical students of Homer, once fused in the person of Theagenes (at least by reputation) and his fifth-century and fourth-century successors, came to a head with the philological war waged by Aristarchus of Samothrace, the Librarian of Alexandria and editor-in-chief of Homer against Crates of Mallos, a philosophically-minded literary critic of Homer. Since that time, the battle lines have been drawn and redrawn, and Turner is only the latest entrant in this skirmish. The clash between these two fields of knowledge (philology and philosophy) is unfortunate. Philosophy is the love of wisdom, philology is the love of words. What is wisdom without words or words without wisdom? Empty, both Vico and Auerbach say. But let us pick up the story with Auerbach.

Auerbach and Vico

Auerbach's earliest recorded view of literary value appears in his dissertation from

⁶ DK 8A1a (Schol. in Dion. Thrac.).

⁷ DK 8A2 (Schol. in Hom., *Il.* 20.67 [Porphyry]).

1921: “the wealth of events in human life which unfold in earthly time constitutes a totality, a coherent development or meaningful whole, in which each individual event is embedded in a variety of ways and through which it can be interpreted.”⁸ He was careful to underscore the “infinite” character of these events in all their “wealth,” but also the concrete “sensuousness of life” that they encompassed. He further noted that a perfect grasp of any such totality is forbidden. As a consequence, a scholar is thrown back upon some less than perfect means of intuiting the logic of events—call this feeling, intuition, or speculation. The inquirer, less a scientist than a human being who is moved by human requirements and within all-too-human limitations, interprets, but “often unconsciously.” And when she does, she is driven as much by “practical and ethical needs” as by scholarly ones.⁹

Philology is the name that Auerbach gives to such interpretive activity. It was Vico, the Neapolitan student of rhetoric and the author of *New Science* from 1725, who provided Auerbach with his model, and not his fellow Romance philologists. His contemporaries emphasized style and aesthetics in literary cultural products that floated free of time in the form of near-abstractions, hypostases, or timeless truths. And they did so partly in reaction to the dry positivism of nineteenth-century Romance philology. Perhaps one could call this a belated Romantic revolt against historicism, which truly was the undisputed queen of the sciences in the humanities even at the turn of the twentieth century. In sharp contrast, Auerbach at times appears to be conducting something more akin to historical sociology, though his studies went much deeper than this. He took philology beyond the love of words, literature, and style directed it towards a broader goal, which is neatly summed up in his final book from 1958: “the systematic context of all human history . . . is Vico’s subject, which, in line with Vico’s own terminology, *we may equally well call philology or philosophy*.”¹⁰ Such study “is concerned with only one thing—mankind.”¹¹ And in his most famous article, “Philology of World Literature” (“*Philologie der Weltliteratur*,” 1952), he coined a new phrase to cover the expanded activity of the new kind of scholar that he was envisaging: “*Weltphilologen*,” “philologists of the world,” and not “of the word.”

Auerbach’s coinage has an audacious ring to it. Philologists of the world do not practice world philology as this is understood today, much as they may be cheered

⁸ Auerbach, 1921: 38; trans. mine.

⁹ “Vico and Herder” (1932) in Porter, ed. 2016: 11.

¹⁰ Auerbach, 1965: 16; Auerbach, 1958: 16.

¹¹ Auerbach, 1965: 16; emphasis added.

by the prospect of an apparent ally. He truly believed that his role was to offer something like a philosophical and ethical grasp of the human condition as this could be read out of literature, which is where he found “the reality of the world” (*die Weltwirklichkeit*) most poignantly expressed.¹² But he meant more than this, because earthly, this-worldly philology was for Auerbach a philology with direct implications for the present and not just the past. It is here that Auerbach opens up a promising avenue for a future philology, or rather for plural philologies of the future. But before looking ahead, we need to look back.

From the Nuremburg Race Laws to Racism in Classical Philology

Philology in the modern era was never quite a harmless academic pursuit. Classical philology from the turn of the nineteenth century onward was founded on a conscious exclusion of the Semitic world – not only the ancient Hebrew world but the totality of Near Eastern civilizations.¹³ Nevertheless, classical philology as this took root in Germany carried in its DNA a strain of anti-Semitism (despite its debts to the then nascent biblical philology) that carried over into its offspring philologies. Orientalism was only one of its features. As philology evolved over the course of the nineteenth century, it often helped to underwrite and legitimize national, colonial, and imperial aspirations, in the first instance by treating languages and their products as possessions to be had. Conducted in the language of the conquerors, philology became the arbiter of the languages of the conquered. It was indeed regnant in this formative period and until the middle of the nineteenth century, when history and the hard sciences usurped its place. After the second World War, the situation of philology drastically changed, in part as a response to the atrocities of the war and in part owing to a new self-reflexive turn that made the history of philology into one of philology’s own objects. The books by Maurice Olender and Suzanne Marchand are two signal contributions to this change of focus.¹⁴ In my own work, it was my confrontation with Nietzsche’s philology and the context in which he was working and against which he was reacting that made the darker aspects of this history vivid for me for the first time.¹⁵ Not long afterward, I learned that Erich Auerbach, a German Jew, was a victim of this history even as his philology was an attempt to push back against it,

¹² “Philology of World Literature,” in Porter, ed. 2016: 255; trans. modified.

¹³ Grafton, 1981; Grafton, 1999; Porter, 2000: ch. 5; Kurtz, 2019.

¹⁴ Olender, 1989; Marchand, 1996.

¹⁵ Porter, 2000: esp. chs. 4 and 5.

long before he was forced into exile when the Nuremberg Race Laws took effect in 1935 and had to flee to Istanbul.¹⁶ I came to appreciate that no study of Classics can be complete if it ignores its own historical conditions of possibility or remains blind to the residual traces of this history in its own conduct in the present.

Philology and Colonialism

More recently, these residues have threatened to obscure the positive potentials of even a philology made conscious of its own past. Calls can be heard urging an exorcism of these pasts under the banner of decolonization. Sirad Ahmed's *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*, is a particularly radical version of this approach.¹⁷ Ahmed believes that the very methods of philology, its historicism and its search for cultural origins through language, are tainted by their colonial legacy. In its zeal to collect and categorize foreign cultures, post-Enlightenment philology helped to produce the category of race itself. His prime exhibit is William Jones, a pioneer of comparative philology in Persian, Arabic, and Sanskrit, whose research laid the groundwork for modern Indo-European studies. But Jones was also employed by the supreme court of the East India Company and, as Ahmed writes, "his studies occurred within a colonial context and were meant to serve colonial rule" (37).

The argument is powerful and not easily dismissed on purely factual grounds, though it is far from clear from Ahmed's own account that Jones was a witting participant in this colonial project, and in places he concedes that Jones was anything but this. What makes Ahmed's general argument compelling on first glance is not the implication of guilt by association. This is, I believe, its weakest claim. It is that the knowledge reaped under the British and later European empires mimicked the global, totalizing, and universalizing pretensions of colonial empire itself. If it is true that the very idea of literature is a Western colonial construct, that the (Goethean) idea of *Weltphilologie* was minted in the mid- to late eighteenth century in combination with these developments, that the historical turn in the human sciences was not only coincident with empire but also yoked to its empire of knowledge, power, and prestige, and that the resurgence of a "new philology" over the past few decades is a direct heir to these earlier processes – if all this is indeed the case, then those of us who are concerned with

¹⁶ Porter, 2008; Porter, ed. 2016.

¹⁷ Ahmed, 2018. Subsequent references to this work appear in parentheses.

and about philology have some serious soul-searching to do. We might also do well to recall that Greek philology in the Periclean and then in the Alexandrian age was itself born of empire, privilege, cultural chauvinism, and inequities. Surely, classical philology is heir not only to nineteenth-century imperialism but also to a much longer and largely forgotten imperialist past. *Philologia perennis* or *imperium perenne*?¹⁸

In a different quarter of academia but at the same moment, another challenge to the foundations on which philology rests has been brewing. Racism is pervasive in our society, and classical studies are no exception. Whence the current calls for a deep reflection on and even a cleansing of residual traces of racism in Classics, despite the efforts made in “the ‘diversity and equity industry,’” which, as scholars like Sasha-Mae Eccleston and Dan-el Padilla Peralta argue, tokenizes students and scholars of color, in effect monetizing their racial identities.¹⁹ The colonial legacy here rears its ugly head again, even if this happens to some extent against the academy’s best intentions. Some of the language they use resonates with Ahmed’s critique. But the tenor of their call to arms has a different feel. To deny the truth of their experience of racism and their sheer “bewilderment” whenever they feel called out in the seminar room, in pubs at Oxford, and on the streets where they live, or whenever they are met with relative deafness in the profession with “the demand to perform our indebtedness, in conjunction with the concussive force of gaslighting, racial terror, quotidian racism (sometimes called microaggressions) and other pressures,” would be a mistake. I believe their sincerity when they say it is “vexing to hear so much metaphorical talk of chains and emancipation in reception-oriented criticism” (these are more than mere “micro-aggressions” for them) and when they notice the “even more vexing” pressure to “remove one’s work from what was understood as lived experience, as if that detachment were the exclusive sign of intellectual rigor.” Philologists at their best seek to recover the lived experience of those in the past. What about the lived experience of philologists in the present?

I am more partial to the anti-racist arguments of Eccleston and Padilla Peralta than to the anti-colonialist arguments of Ahmed, though they, too, urge a decolonization of Classics. For one thing, they are admirably speaking to the present, one they know all too well, and they are outlining a positive practice for

¹⁸ See Porter, 2011 on the imperialism that made possible and informed Hellenistic aesthetics. More work remains to be done in this arena and in other areas not covered by Ahmed, e.g., Malay traditions (Maier, 1988 and Proudfoot, 2003).

¹⁹ Eccleston and Peralta, 2022.

the future. Not coincidentally, their arguments have a marked affinity to Auerbach's stated "practical and ethical" imperatives (their subtitle reads "*Ethos and Praxis*"). And they are aligned with other recent critiques within the field that are seeking to shine a light on the particularities of classical study in North America, and especially in the United States, where racism, elitism, and other exclusionary pasts have shaped the current state of the field. I am thinking of the work of Emily Greenwood, Patrice Rankine, Marthura Umachandran, and Lorna Hardwick. A more recent and equally promising approach, marrying Afro-pessimism and philology in a novel *nigra philologica*, has been offered by David Marriott.²⁰

The value of these contemporary approaches, undertaken as they are by practicing classicists, lies in their reminder that philology needs to become even more self-aware, more cognizant of its own historical conditions of possibility, and more alert to these historical residues in its own operations in the present. While these scholars are mounting powerful counterphilological argument from within their fields, they are dedicated to invigorating the discipline, and they have positive countersuggestions to show for it. These include recommending more expansive inclusion in the profession, diversified curricula, personal life-transformations in the name of field- and world-transformations and deep structural change, and a doubling down on philology as a "love of language" understood as a respect for the rich dialogism and "hybrid plurality" of language itself.²¹ They also advocate for studies in the reception of classics, where what is revealed is the very real fluidity, instability, and political volatility of classical inheritances rather than their hopeless ideological contamination. A host of additional scholars of Classics, too many to name, are at the vanguard of attempts to remake the field so that it can be responsive to the current precarious environment that is affecting all of academia.

A perspective like Ahmed's is significant. I, too, believe we must confront the historical realities that condition our disciplines. But I am concerned that his method is flawed. It is backward-looking and not forward-looking. It remains as beholden to history and to historicism as the philology it impugns. It operates with the very tools (concepts and methods) that it wishes to discredit. And it is tone-deaf to the fact that many of the philologists whom it charges with colonial negligence were themselves resisting the circumstances in which they lived. At the end of the day, Ahmed risks throwing the baby of philology out with the

²⁰ Greenwood, 2022; Rankine, 2019; Umachandran, 2022; Hardwick, 2021; Marriott, 2024: esp. 44-85.

²¹ Greenwood, 2022: 193.

bathwater of colonialism. Let me expand a bit on my hesitations about his study, less in the spirit of refutation than in that of correction. For I believe that its method, approach, and findings, combined together, produce a one-sided view of philology and its potentials.

Babel in Ruins

Ahmed's premise is that philology was a colonial enterprise. Therefore, he reasons, all philology after its formative stages around the turn of the nineteenth century is tarnished by the tools of empire. The tarnishing runs deep, and it reaches into the very core of what philology took to be its purpose. To assert this kind of claim, Ahmed must make assumptions about what the goal of philology was and is, and it is here that his argument overreaches itself. Ultimately, the problem is not simply that he misreads the history of modern philology. He also restricts the scope of what philology's powers are and historically have shown themselves to be.

It is only natural that Ahmed's argument should scant the full profile of modern philology. His conclusions are drawn from a single case study, that of William Jones, and extrapolates everything from there. Ahmed cannot conceal the impressive accomplishments of Jones, "a late eighteenth-century British polymath," who "single-handedly translated the most influential works, arguably, of the Persian, Arabic, and Sanskrit traditions." Nor can he conceal the idealistic aspirations that drove Jones's various projects:

Displaying a mastery of Asian tongues even more improbable than, Sir William Jones published nuanced renderings of Hafiz in 1771, the *Mu'allaqāt* in 1782, and *Śakuntalā* 1789. Though spread across two decades, these translations were part of a unified project: Jones intended them to revolutionize European poetry, releasing it from the grip of *ancien régime* neoclassicism. Just as he had hoped, Romantic writers both inside and outside England located radically different aesthetics in the works he translated and turned to them as models for their own poetry. Goethe in particular immersed himself in these works before he formulated the idea of *Weltliteratur*. (Ahmed, 2018: 1)

The problem for Ahmed is that

before they became a part of Romanticism and world literature, these translations were the products of British colonial rule. Jones published each of them alongside philological studies that served the East India Company conquest of Bengal. These studies – including the first colonial grammar of an Asian language, codifications of both Muslim and Hindu law, and the discovery of the Indo-European language family – helped lay the

groundwork for the philological revolution. In fact, they disseminated its cardinal principles: language pertains to history, not divine providence or the laws of nature; each language produces its own history; and the history disclosed by literature belongs to national peoples. (Ahmed, 2018: 1-2)

It is here that the return to philology under the auspices of the so-called New Philology from the 1980s and 1990s inserts itself as Jones' rightful successor in Ahmed's genealogy. "The relationship between colonial rule and the philological revolution has been excised from disciplinary histories of the humanities," and even postcolonial critics endorse the progressivist elements of Jones' enterprises (Ahmed, 2018: 2). The situation is all the more deplorable, Ahmed believes, because of the imprint that "the philological revolution" had on the humanities: it "precipitated an epistemic transformation so vast that it has, in fact, never ceased to define the humanities" (Ahmed, 2018: 2). The force of this epistemic change "lay in its singular capacity to comprehend every language, literature, and legal tradition – and hence to provide Europeans transhistorical and suprageographic knowledge about the colonized (among much else)." As a result, "philology's centuries-old claim to be emancipatory is itself a colonial legacy" (Ahmed, 2018: 2). Ahmed's study aims to return, not to philology, but to philology's "suppressed history".

Ahmed is right to point out that European-based philology was part of a larger Enlightenment project of comprehending knowledge on an encyclopedic and universal scale. It is also true that the project aimed to investigate national histories through their linguistic products in the belief that languages encode history and give us access to varied pasts. But in Ahmed's eyes, the project backfired and ultimately failed. Instead of disclosing non-European peoples' histories, philology erased their histories. Texts served to disembody linguistic artifacts from the unwritten practices that had produced them and kept them afloat. Ripped from their contexts, the alleged windows onto history – authoritative texts – reified their objects. Fluid, transient, heterogeneous, and embodied realities were translated into mute, arrested, frozen, and immutable forms. And those forms were recruited into a totalizing project whose goal was to "reconstruct a global map of human history and hence to acquire total historical knowledge" (Ahmed, 2018: 3). A cascade of new categories, never seen before, were invented: literature, world literature, national literatures, proto- and pre-histories (most notably, Proto-Indo-European), and historical and evolutionary schemes, culled for the most part from the elite ("literate and clerical") topsoil of non-European cultures (Ahmed, 2018: 46). Owing to these foundations, which spell out the remit and dictate the very tools of philological inquiry, all study of language, literature, and the past in

the postcolonial West is complicit in this history. “None of us are free, none of us to blame” (Ahmed, 2018: 7). “We are [all] inheritors of a colonial legacy” (Ahmed, 2018: 10).

Armed with a search warrant like this, Ahmed goes on to implicate a surprisingly long line of scholars in this colonial inheritance. Philologists and thinkers as diverse as Nietzsche, Gandhi, Nehru, Auerbach, and Edward Said are ensnared in the problematic that he lays out. All endorse, unwittingly, the colonialist philological project, whether owing to their Orientalism, their “commitments to realism and secular criticism” (Ahmed, 2018: 39), their wish to conserve textual pasts, or their commitment to the value of historical inquiry.

The last charge is especially revealing. Ahmed writes that the “historical method inevitably reduces human activity and political praxis solely to what the written record can represent” (Ahmed, 2018: 46). In theory, this may be true, though in practice it is anything but true. Philologists are typically the first to recognize that the written record is only one strand in the tangled skein of cultures and societies that comprise the object of their inquiries. But this still leaves wide open the question of exactly what it is that historical method erases and how anyone can tell exactly what this erasure was of. This is one of the Achilles’ heels of Ahmed’s critique. In seeking to recover what philology excludes, he is forced to imagine what can no longer be seen—not because it has been rendered invisible by historical methods, but because it has been buried by history itself. What is lost are those discursive “practices [that] shunned literary inscription and historical transmission,” in particular the demotic practices of the illiterate and disempowered classes that “cannot . . . be reconstructed historiographically” (Ahmed, 2018: 12), and are now all but lost to history.

I say “all but,” because here Ahmed runs into the problem that plagues so much of conventional philology too. To be able to claim a loss, one has to point to the clues that indicate the loss. And this is just what Ahmed does. F. A. Wolf ran into this problem with his study of Homer in 1795.²² Ahmed takes the same path. Reading Jones’s and more recent and more scholarly translations of early texts, he claims to be able to unearth “the discursive practices [that] these texts appropriate”: “The rhetoric of nonnormative desire in Hafiz, nonstate sovereignty in the *Mu’allquāt*, and the prehistoric earth in *Śakuntalā* each contain the trace of languages that were not recorded and that consequently resist philological analysis” (Ahmed, 2018: 46). But this is strange. If Ahmed is referring to practices

²² Wolf’s approach was more subtle but equally circular: Porter, 2000: 75-76.

that are not textually encoded, why does he believe that he can inspect them in their textualized counterparts? What does it mean to read something that is “not recorded”? It is one thing to say that colonial philology ignored objects that its own frameworks made invisible and quite another to say that the objects ignored never made it into the written record at all. Exactly what are the traces that Ahmed claims to be able to see?

The examples he provides beg the question he raises. In fact, they demonstrate the circularity of his approach, for each instance of a pre-colonial oral discursive practice that he points to already encodes, as if presciently, its own resistance to colonial textualization. Thus, in the Vedic *Śakuntalā*, “a truly ecological sensibility belonged neither to sacred groves nor to *adivasis* in general but rather to the *necessarily prehistorical refusal of all human appropriation . . .* –except what was necessary for bare survival” (Ahmed, 2018: 5). The italicized phrase is no longer a question of historical reconstruction. It is a piece of divination, and a highly Romantic one at that. “Without fetishizing literature at all, we could insist that something fundamental to it lies outside history and consequently cannot be approached philologically,” Ahmed writes with a conviction that surprises (Ahmed, 2018: 6). This is a reverse fetishism, a fetishism of ahistorical origins. If “to romanticize is to reify or idealize a historical entity” (Ahmed, 2018: 13), here we see how *an ahistorical entity* is being reified and idealized. And yet, all this is being posited from within a historical framework as something that once existed before the modern imposition of historical time, hence as something that is simultaneously prehistorical and ahistorical.

Ahmed is frank about his method:

My starting point is not history. I did not arrive at my description of these discursive practices by studying an empirical object (nor do my descriptions presume to explain any such object). I arrived at them instead by working back from the philological revolution through various non-Western legal and literary traditions in an effort to discern the traditional practices the new philology cannot see. These practices are, therefore, ideal from the beginning: they are *what I posit* to be the philological revolution’s negative image. Only such an imaginative act can realize the new philology’s ambition to recover the languages that prior philology had ignored. (Ahmed, 2018: 13; emphasis added)

Has Ahmed escaped the historical paradigm that he is criticizing? Or is he not rather embodying it with his imaginative extensions? Clearly, he is retracing the steps of philology in his own way. Western philology, too, sought to recover prehistorical roots, primordial languages of desire, “the originary” (or “the earth”), Proto-Indo-European roots, and so on (Ahmed, 2018: 44–45). If Jones sought “the recovery of Asian languages in their ‘pure’ forms as alternatives to

European cultural and political decay” (Ahmed, 2018: 61), how is Ahmed not replicating Jones’s goals and approach? Ahmed is wise enough to confess his own complicity in this all-determining paradigm. “None of us are free, none of us to blame.” And, as he notes, his own preferred method, which he calls “archaeology,” is itself historical: “Archaeology is itself, of course, a mode of historical understanding. But in the chapters that follow, it turns historical method against itself” (Ahmed, 2018: 45). In actual fact, Ahmed’s own arguments are turned against themselves.

Standing back for a moment, I have three principal criticisms of Ahmed’s approach, and these are interrelated. The first is that it is founded on a *post hoc ergo propter hoc* fallacy. Classical philology, which I know best, did indeed display an anti-Judaic and anti-Semitic bent in its modern formation. But that surely does not make all subsequent philology anti-Judaic or anti-Semitic. The same is true of colonialism. Contemporary attempts in classical philology to decolonize and otherwise challenge the classical disciplines seek to deprivilege the very idea of Western classicism, and this is a good thing. But some of the best examples of classical philology from the past sought to achieve a similar end, sometimes using historicist methods and at other times challenging them.

Second, modern philology is not a monolith. The modern philological tradition in the West contains counterphilological tendencies of its own that Ahmed simply overlooks. If it is the case that “to end coloniality it is necessary to end the fictions of modernity” and “to illuminate the darker side of modernity,” as Walter Mignolo, a leading voice in contemporary decolonial theory, writes, then Nietzsche, Said, and Auerbach certainly should be included in that critical project.²³

Third, Ahmed’s study operates with an unnecessarily narrow view of philology. Philology took no one form in the modern era. On the contrary, its practices have been remarkably elastic and in ways elude both the humanistically reductive approach of Turner and the aggressively decolonializing approach of Ahmed. The remainder of this essay will offer a quick synthesis of these three points. I want to close by returning to Auerbach’s expansive definition of philology, which he derived from Vico, and then to a handful of additional examples that extend the reach of philology in a similar spirit and beyond the pale of its customary definition.

²³ Mignolo and Walsh, 2018: 110; 111.

Philologies of the Present

Vico, more than any other figure, set Auerbach on the track of a much enhanced and broadened vision of philology. As Auerbach writes in the preface to his abridged German translation of Vico's *Scienza Nuova* from 1924, "Vico understands by philology everything that we label as the human sciences today: all of history in the narrower sense: sociology, national economy, history of religion, language, law, and art; and he demands that these empirical sciences should become one with philosophy."²⁴ As radical as the thought was at the time, this is not all that Auerbach took from Vico. Twelve years later, still working through Vico, who continued to serve as his mainstay throughout the entirety of his career, he published an essay titled "Vico and the Idea of Philology" (1936). The essay ends with a summation and a warning. Vico, Auerbach writes, grounded the idea of philology not in texts but in "a faith in what is common to all human beings":

It is in this sense that we can understand philology as the epitome (*der Inbegriff*) of the science of the human, insofar as all humans are historical beings. Its very possibility consists in the assumption that people are able to understand one another and that there exists a world of and for humanity that is common to us all, to which we all belong, and thus to which we can all gain admission. *Without a belief in this world* there would be no science of the human race in history, and thus no philology.²⁵

With the mention of "historical beings," Auerbach means that individuals, like all things in the world, have always been conditioned by their situation in time and place. He does not mean that they have always been aware of this fact or that they have necessarily understood the fundamental contingency of their lives in historical terms. There are different names for this kind of understanding: religion, superstition, myth, philosophy, morals, and even historiography all step in, each in their own way, to account for the contingency that comes with human existence. Auerbach continues, now in a darker tone, at the close of the essay:

It bears remembering that Vico did not understand what he took to be common to all people (*das Gemeinsame-Menschliche*) as in any way a matter of education or progressive enlightenment (*durchaus nicht in einem gebildeten, aufgeklärten, und fortschrittlichen Sinn*). Rather, what all human beings hold in common is the entirety of historical reality, in all

²⁴ Auerbach, ed. 1924: 29.

²⁵ "Vico's Idea of Philology" ("*Vico und die Idee der Philologie*"), in Porter, ed. 2016: 35; emphasis added.

its greatness and its horror (*sondern in der ganzen, großen und schrecklichen Wirklichkeit der Geschichte*). Not only did he see historical individuals in their totality; he also saw that he was himself a human being and that it made him human to understand them. But Vico did not create the human race in his own likeness; he did not see himself in the other. Rather, he saw the other in himself. He discovered himself, as a human, in history, and the long-buried forces of our common nature stood revealed to him. This was Vico's humanity, something far more profound – and far more perilous – than what we normally associate with the word. Nevertheless – or, perhaps, precisely for this reason – it was Vico who discovered our common humanity, and held it fast.²⁶

Written as Auerbach was being stripped of his professional identity by the Nazis and published when he was living as an exile in Istanbul, the essay is a virtual philological *credo*, and the same is true of its conclusion. Statements like these tell us why it is wrong to issue platitudes about philology's complicity with Western oppression or its automatic enrollment in the project of Enlightenment progress, or about its unthinking servitude to an ideologically tainted historicism. 1936 was a moment of reckoning, and Auerbach was living through it as a witness and a victim. Like Vico, he recognized that at times, and probably more often than we care to admit, more darkness than light shines through human events. Such is the nature of historical reality and of our common humanity, in their potential for greatness and for horror. All of Auerbach's writings are imbued with the same *ethos* that makes his philology a *praxis* that is beholden to the circumstances in which it was produced. Philology is nothing less than the means by which these circumstances come to be registered and, if we are lucky, understood.

Two further instances of Auerbach's engaged scholarship from the same moment are worth singling out. The first is a much-cited essay from 1938 called "*Figura*," which examines supersessionist typological readings of the early and later Christian theologians. The second is the opening chapter to *Mimesis*, which turns on a comparison of Homer and the Hebrew Bible and was composed in 1941, as he underscores in the German original, published in 1946. The chapter explicitly takes aim at fascism in Germany. Indeed, the very focus on the Hebrew Bible and one of its most disturbing scenes in the contemporary context, the sacrifice of Isaac (typologically identified as a figure of Christ's passion), made its inclusion an act of civil disobedience. In a subtle but not quite inaudible level, Auerbach was confronting history as he was living through it and defying the powers that were

²⁶ Ibid.; emphasis added. This was Auerbach's lasting position. See "The Philology of World Literature" (1952), in Porter, ed. 2016: 254.

controlling its fate.²⁷

Auerbach is only one of countless examples of a kind of philology that stands miles apart from the garden variety that defines the discipline as it is usually understood and as both Turner and Ahmed define it too. It is an example of a philology that is conducted off-site and off-label by writers who were marked on racial, ethnic, and disciplinary grounds as ineligible to conduct philology in its conventional academic forms or else chose to opt out of these forms for similar reasons. Here I have in mind writers and thinkers as diverse as Benedict Spinoza in the seventeenth century, Jacob Bernays and Nietzsche in the nineteenth century, and Sigmund Freud, Erich Auerbach, Simone Weil, Rachel Bespaloff, Horkheimer and Adorno, Victor Klemperer, and Hannah Arendt in the twentieth century, though this is only a partial list. In response to their times, these writers, a great many of whom not coincidentally happened to be Jewish, turned their focus from the past towards life in the present and the everyday. They produced philologies that worked otherwise, or as Emily Greenwood puts it, “otherhow.”

By this “other” philology, I do not mean philology that is focused by the study of remote cultures through their linguistic products, but something else: a study undertaken by writers and scholars who are obliged to confront harsh and often unthinkable realities in the present that distort the realities of both the past and the present. Whether it was by inclination or by circumstance, the tendency of writers like these was to produce untimely insights into conventional materials, for example, those prized by accepted theology or classicism (as in Bernays’s bold revision of tragic catharsis),²⁸ or else into entirely unconventional materials, such as the language of the Third Reich, in a way that conventional academic philology was ill-equipped to do. In these cases, philology was itself forced into exile. In the process, the objects of philological study were themselves transformed. Self-evident facts suddenly became sites of potentially treacherous reading. Meaning was no longer a theoretical luxury. Lives and not only careers were in the balance. Philology, having run up against the hard limits of reality, acquired what might be called a “fourth dimension.” Here I am supplementing a category that is missing from Sheldon Pollock’s seminal essay, “Philology in Three Dimensions.”²⁹ A few brief indications will help to illustrate the point.

Spinoza was branded a heretic for the way he reinterpreted the Hebrew Bible in a

²⁷ Auerbach, 1938; Auerbach, 1946, ch. 1. For discussion, see Porter, 2008; Porter, 2017.

²⁸ See Porter, 2015.

²⁹ Pollock, 2014.

radically unorthodox fashion, thereby depriving Holy Scripture of its status as revealed and sacred truth and demonstrating how it was a thoroughly human and deficient product. He turned philology against itself with the same assuredness as F. A. Wolf would later display when he deprived the Homeric poems of their pristine and hallowed authenticity, likewise deploying the latest arsenal of biblical philology. Spinoza was using philology to intervene in the Dutch Republic in which he lived in order to secure intellectual freedoms for its subjects.

Jacob Bernays was a Jew who was not allowed to teach at a German university. His own work ran from classical antiquity to Judaica to Spinoza's grammar of the Hebrew language to reflections on religion and modernity. His privately kept notebooks, or what has survived of them, are a treasure house of reflections that provide a roadmap to his own counterphilological stances.³⁰ His own philological interventions work along similar lines, albeit in a more muted fashion.³¹

Nietzsche practiced a counterphilology throughout the whole of his academic career, some of it in his more conventional-looking philology (it was anything but conventional), for instance, in his studies of Democritus, Diogenes Laertius, and Greek rhythm. He attacked the inadequacies of the profession of classicists for the narrowness of their focus and for their failure to acknowledge their own historicity as creatures of the present or their role as instruments rather than agents of their own culture. His critique of Orientalism in modern philology is easily overlooked, as is the fact that he designated Bernays "the most brilliant representative of a philology of the future," before he adopted the sobriquet for himself.³² Once he left the university, he carried the same methods of critical philology with him. His proof texts were no longer Greek and Latin editions or scholarship. They were the phenomena of modern European culture, of which he made himself its leading and most provocative diagnostician.

Sigmund Freud produced a reading of Exodus that rivals Spinoza's in its attack on revealed Scripture in *Moses and Monotheism* (*Der Mann Moses*), which he published in 1939. To make his argument, Freud had to intrude on the preserve of biblical scholars, and he did so with the zeal of a rambunctious disruptor. Freud notoriously produced a heretical reading of Moses by making him into an Egyptian, not a Jew, and by rendering Judaism a reaction formation to the trauma of its original and originary dislocation. And yet, far from vilifying the Jewish

³⁰ Gründer, 1988. On Bernays, see Glucker, Laks, and Barre, eds. 1996, an important collection.

³¹ See Porter, 2015. Much more work remains to be done on Bernays in this vein.

³² Letter of 2 June 1868. See Porter, 2000: 15 and 273–286 for discussion.

religion, Freud in fact preserved its integrity by bringing to light its powerful inner fantasies and by depriving contemporary anti-Semitism of its putative object and its own phantasmatic claims to being *judenrein*, free of the Judaism it reviled. This is the original impetus of Freud's study, which represents both a philology of the Jewish uncanny, one that is anchored in the sheer persistence of Jews and Jewishness, and a counterphilology of the present rather than an archaeology of the past. The fact that he wrote the work during the Nazification of Austria and completed it in exile in England on the eve of World War II speaks volumes about the historical situatedness of his essay.

A year later, Victor Klemperer, a Romance philologist and a colleague of Auerbach's, was obliged to sit out the war in Leipzig, to wear a yellow star, to live in a *Judenhaus* with his Aryan wife, and was prohibited from reading books of any kind, since these were considered contraband. Itching, nonetheless, to make something of his philological skills and to respond to his situation, he switched objects and turned his sights on the language of the Third Reich itself, as he heard it on loudspeakers, on the street, at parades, in the factory where he worked, and in the symbols and language of propaganda-filled posters and visual objects wherever he encountered them (*LTI: Linguae Tertii Imperii; Notizbuch eines Philologen*; 1947). His starting point was the belief, which he shared, that the spirit of an epoch is expressed in its language:

For just as it is customary to speak of the face of an age or of a country, so it is also usual to characterize the spirit of a particular epoch as its language. The Third Reich speaks with a terrible uniformity both in what it said at the time and in its legacy: through the unbounded exhibitionism of its grandiose architecture and through its ruins, through its unique brand of soldier, the men of the SA and SS which it elevated to the status of ideal figures on myriad different and yet indistinguishable posters, and through its motorways and mass graves. All of this is the language of the Third Reich, and of course there will be mention of all these things in the following pages. But if you have practised your profession for decades, and practised it with great pleasure, then you are bound to have been shaped more by it than by anything else, and it was thus the language of the Third Reich, both literally and in a non-figurative, philological sense, which I clung to with absolute determination and which became my balancing pole across the monotony of every ten-hour shift in the factory, the horror of house searches, arrests, physical abuse, and so on.³³

Auerbach, Weil, Bessel, Horkheimer, and Adorno all turned to Homer as a way of grappling with the horrors of the war that surrounded them. None of these had specialized training in classical philology. All five were forced into exile. And all

³³ Klemperer, 2013: 10.

five engaged in a philology that was *itself* exiled from its customary seats. They produced a kind of writing that is neither academic nor truly legible as literary “reception” as this is recognized in the academy today. Their works are instead examples of engaged writing that comes from authors whose lives were fully entangled in their personal and historical circumstances. They were practicing a philology of the present for the sake of the present and the future.³⁴

Hannah Arendt is probably the least obvious example of philology of the present, the everyday, and in exile. But her reading of the transcripts of the Eichmann trial that was held in Jerusalem from April to December 1961, the opening of which she witnessed in person while on assignment for *The New Yorker* magazine, is a further extension of the philology that was practiced two decades earlier by Auerbach and his peers. All were intervening in their present moment, all were passing judgment on it, scrutinizing its idioms, and filing reports from the field. Most importantly, all were responding to historical realities that were scarred by acts of violence. All learned to confront the potential for violence that history inevitably reveals, and never more poignantly and painfully than in the historical present in which it is felt. Arendt’s book is subtitled “A Report on the Banality of Evil.” Her object, however, is not evil *per se* but the shortcomings of justice when it attempts to take the measure of an unspeakable crime that takes on the appearance of an everyday reality for its perpetrators. Like Auerbach’s Vico-inspired philology, her work is as much concerned with human communication as it is with the limits of human comprehension.

Taking our cue from the efforts of each of the figures named above, we can learn how counterphilologies have the potential to challenge existing notions of what constitutes a text, its interpretation, and its ideological and cultural value, but also, more radically, what constitutes the proper object of philological study. Tapping into these alternatives is the way any practice of philology can ensure that it has a future beyond tomorrow. Classics can be a part of this future, but it does not have to be the whole of it.³⁵ Nevertheless, given its long history, classical philology has much to teach us today.³⁶ The hope here is that by examining this troubled history

³⁴ Bespaloff, 1943; Novis, 1940; Novis, 1941 (Weil’s anagrammatic pseudonym was Émile Novis); Horkheimer and Adorno, 1944 (first edition published in 1944).

³⁵ Cf. Altschul, 2010: esp. 163, a passage that resonates with Auerbach’s call for a worldly philology: “A philology for the present requires an acceptance of its worldliness, of its functions and effects in the world today, and this means accepting that the questions we have inherited from the nineteenth century need not have the same value that they had at their inception.”

³⁶ Greenwood, 2022: 192, is insightful: “The argument that we [classicists] *just* teach the languages,

of philology we can arrive at a more robust template for philologies of the future, practices that students and scholars can carry out in their own lives by becoming philologists of their own experiences in the present, given their own experiences of ethnic and racial inequality, and then, possibly, also becoming better philologists of the past.

Works Cited

AHMED, Siraj. *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018.

ALTSCHUL, Nadia. What Is Philology? Cultural Studies and Ecdotics. In: GURD, Sean (ed.). *Philology and its Histories*. Columbus: The Ohio State University Press, 2010, p. 148–63.

AUERBACH, Erich. *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich*. Heidelberg: C. Winter, 1921.

AUERBACH, Erich (ed). and trans. *Die neue Wissenschaft über die gemeinschaftliche Natur der Völker*. Berlin: De Gruyter, 1924.

AUERBACH, Erich. *Figura*. *Archivum Romanicum* vol. 22, no. 4, 1938, p. 436–89.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. Bern: A. Francke, 1946.

AUERBACH, Erich. *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*. Bern: Francke, 1958.

AUERBACH, Erich. *Literary Language and its Public in Late Latin Antiquity and in the Middle Ages*. Trans. Ralph Manheim. New York: Bollingen Foundation, Distributed by Pantheon Books, 1965.

the literatures, the history, and the material remains of ancient Greece and Rome . . . is historicism as a preemptive rhetorical gesture that is anti-historicist in shrugging off any responsibility for one's agency as scholar practitioner in the state of the discipline and its *modus operandi*." This is not to deny the relevance of historicity, for "philology is restless. It travels in the wake of the languages that are its subject, object, and medium, it travels as history moves, and it travels with theory" (187).

BESPALOFF, Rachel. *De l'Iliade*. Preface by Jean Wahl. New York: Brentano's, 1943.

ECCLESTON, Sasha-Mae; PERALTA, Dan-El Padilla. Racing The Classics: Ethos and Praxis. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 199–218.

GLUCKER, John; LAKS, André; BARRE, Véronique (eds.). *Jacob Bernays: Un philologue juif*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1996.

GRAFTON, Anthony. Prolegomenon to Friedrich August Wolf. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* vol. 44, 1981, p. 101–29.

GRAFTON, Anthony. Juden und Griechen bei Friedrich August Wolf. In: MARKNER, Reinhard; VELTRI, Giuseppe (eds.). *Friedrich August Wolf: Studien, Dokumente, Bibliographie*. Stuttgart: Franz Steiner, 1999, p. 9–31.

GREENWOOD, Emily. 2022. Introduction: Classical Philology, Otherhow. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 187–97.

GRÜNDER, Karlfried (ed.). Aphorismen von Jacob Bernays: Aus Abschriften seiner verlorenen Auszüge und Einfälle. In: PFLUG, Günther; ADAMS, Bernhard (eds.). *Aratro corona messoria Beiträge zur europäischen Wissensüberlieferung; Festgabe für Günther Pflug zum 20. April 1988*. Bonn: Bouvier, 1988, p. 131–52.

HARDWICK, Lorna. 2021. Tracking Classical Scholarship: Myth, Evidence and Epistemology. In: HARRISON, Stephen; PELLING, Christopher (eds.). *From the Renaissance to the Present Essays in Honour of Christopher Stray*. Berlin: De Gruyter, 2021, p. 9–32.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Philosophische Fragmente*. New York: The Institute of Social Research, 1944.

KLEMPERER, Victor. *The Language of the Third Reich. LTI, Lingua Tertii Imperii: A Philologist's Notebook*. Trans. Martin Brady. London: Bloomsbury Academic: 2013. (original German edition: Berlin, 1947.)

KURTZ, Paul Michael. How Nineteenth-Century German Classicists Wrote the Jews out of Ancient History. *History and Theory* vol. 58, no. 2, 2019, p. 210–32.

MAIER, Hendrik M. J. *In the Center of Authority: The Malay Hikayat Merong Mahawangsa*. Ithaca: Southeast Asia Program, Cornell University, 1988.

MARCHAND, Suzanne L. *Down from Olympus: Archaeology and Philhellenism in*

Germany, 1750–1970. Princeton: Princeton University Press, 1996.

MARRIOTT, David. *Of Effacement: Blackness and Non-Being*. Stanford: Stanford University Press, 2024.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (I). *Cahiers du Sud* vol. 27 (December), 1940, p. 561–74.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (II). *Cahiers du Sud* vol. 28 (January), 1941, p. 21–34.

OLENDER, Maurice. *Les langues du paradis: Aryens et sémites, un couple providentiel*. Paris: Gallimard: Le Seuil, 1989.

PFEIFFER, Rudolf. *Philologia Perennis*. Munich: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1961.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

POLLOCK, Sheldon. Philology in Three Dimensions. *Postmedieval: A Journal of Medieval Cultural Studies* vol. 5, no. 4, 2014, p. 398–413.

POLLOCK, Sheldon. Introduction. In: POLLOCK, Sheldon; ELMAN, Benjamin A.; CHANG, Ku-ming Kevin (eds.). *World Philology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

PORTER, James I. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

PORTER, James I. Erich Auerbach and the Judaizing of Philology. *Critical Inquiry* vol. 35, no. 1, 2008, p. 115–47.

PORTER, James I. Against λεπτότης: Rethinking Hellenistic Aesthetics. In: ERSKINE, Andrew; LLWELLYN-JONES, Lloyd (eds.). *Creating a Hellenistic World*. Swansea: Classical Press of Wales, 2011, p. 271–312.

PORTER, James I. Jacob Bernays and the Catharsis of Modernity. In: BILLINGS, Joshua; LEONARD, Miriam (eds.). *Tragedy and the Idea of Modernity*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 15–41.

PORTER, James I. Disfigurations: Erich Auerbach's Theory of *Figura*. *Critical Inquiry* vol. 44, 2017, p. 80–113.

PORTER, James I. (ed.). *Time, History, and Literature: Selected Essays of Erich Auerbach*. Trans. Jane O. Newman. Princeton: Princeton University Press, 2016.

PROUDFOOT, Ian. An Expedition into the Politics of Malay Philology. *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society* vol. 76, no. 1 (284), 2003, p. 1–53.

RANKINE, Patrice D. The Classics, Race, and Community-Engaged or Public Scholarship. *American Journal of Philology* vol. 140, no. 2, 2019, p. 345–59.

TURNER, James. *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

UMACHANDRAN, Mathura. Disciplinecraft: Towards an Anti-Racist Classics. *Transactions of the American Philological Association* vol. 152, no. 1, 2022, p. 25–31.

ENSINAR LÍNGUAS CLÁSSICAS E AUTORES CLÁSSICOS COMO FORMA DE CONSTRUIR UMA PONTE PARA O OUTRO¹

María Cecilia Colombani²

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em abordar a problemática do ensino de línguas clássicas e de autores clássicos no âmbito do ensino. Contudo, o percurso não será de caráter didático-pedagógico, mas, sim, de caráter ético-antropológico. Minha experiência docente no ensino de línguas clássicas e de autores clássicos se estende por quarenta e quatro anos, e ao longo desses anos tenho notado que a primeira reflexão em torno à *práxis* impacta um modelo de instalação antropológica, em vez de pedagógica ou instrumental. A dificuldade de ensinar a língua grega e os autores clássicos acarreta um modelo de exercício da experiência docente que se ancora, antes de mais, no reconhecimento do Outro e no valor do seu espanto e comoção face a essas mesmas dificuldades. Longe, então, de um relato pessoal sobre como abordar o ensino dos temas em questão, minha proposta é relatar uma experiência de vida, associada à prática docente como *ethos*, como modo de vida. Isso implica necessariamente um jogo discursivo que tenha em conta a importância do Outro em sua dimensão antropológica e na gestão de um espaço comum onde o ensino de línguas clássicas e de autores clássicos possa ser possível.

Palavras-chave

Línguas clássicas; autores clássicos.

¹ Tradução de Glaydson José da Silva. E-mail: gjsilva@unifesp.br.

² Universidade de Morón – Universidade Nacional de Mar del Plata. E-mail: ceciliacolombani@hotmail.com.

Resumen

El proyecto del presente trabajo consiste en abordar la problemática de la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos en el marco del ejercicio docente. No obstante, el recorrido no será de carácter didáctico-pedagógico, sino de carácter ético-antropológico. Mi experiencia docente en la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos lleva cuarenta y cuatro años y a lo largo de ellos he advertido que la primera reflexión en torno a la *praxis* impacta en un modelo de instalación antropológica, antes que pedagógica o instrumental. La dificultad de la enseñanza de la lengua griega y de los autores clásicos conlleva un modelo de ejercicio de la experiencia docente que ancla, en primer lugar, en el reconocimiento del Otro y en el valor de su asombro y conmoción ante esas mismas dificultades. Lejos entonces de un relato personal sobre cómo encarar la enseñanza de los tópicos en cuestión, mi propuesta es relatar una experiencia de vida, asociada a la práctica docente como *ethos*, como modo de vida. Esto implica, necesariamente, un juego discursivo que de cuenta de la importancia del Otro en su dimensión antropológica y en la gestión de un espacio común donde pueda ser posible la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos.

Palabras clave

Lenguas clásicas; autores clásicos.

Para onde se dirige “o cuidado”, senão no sentido de reconduzir o homem novamente para a sua essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)? (Heidegger, 2005 [1947]: 10)

Pensando o Outro como par antropológico

Partiremos da configuração do Outro, do aluno ávido de conhecimento, como o ser que me define na minha subjetividade e, a partir deste postulado antropológico, partiremos da necessidade de estabelecer vínculos com esse par como forma de consolidar um projeto subjetivo que facilite a tarefa conjunta de ensinar uma língua estrangeira e um pensamento distante no tempo e no espaço. O trabalho terá, tal como definimos, uma perspectiva claramente antropológica e para isso escolheremos alguns autores clássicos da antropologia filosófica como referencial teórico. Somos movidos pela tentativa de pensar a condição do ser humano como ser aberto ao Outro, como passo prévio a qualquer constituição social e a qualquer conquista de aprendizagem, seja de línguas clássicas, de autores clássicos ou de qualquer outro tema de ensino-aprendizagem. Na verdade, existe no ser humano uma capacidade de abertura que o diferencia claramente do fechamento do animal.

Quando Sartre se refere ao cogito cartesiano, retira-o do horizonte próprio do início da modernidade filosófica para pensá-lo a partir de uma chave antropológica, onde aparece a dimensão do Outro: “Não pode haver outra verdade, no ponto de partida, senão esta: penso, logo existo; é aí que se atinge a si própria a verdade absoluta da consciência” (Sartre, 1973: 21). O que pretendemos é utilizar um quadro teórico que privilegie a capacidade de encontrar o Outro, seja ele aluno, colega, amigo, camarada, como parte constitutiva do próprio ser. Nessa perspectiva, a posição sartriana impacta nossa linha de leitura; a partir daí resgatamos a evidência daquela verdade primeira, que “é simples, fácil de atingir, está ao alcance de toda gente; consiste em nos apreendermos sem intermediário”. (Sartre, 1973: 21).

“Em segundo lugar, esta teoria é a única que dá dignidade ao homem, a única que não o transforma em objeto” (Sartre, 1973: 21). Ressaltamos este ponto: a presença do Outro confirma a minha subjetividade e, a partir dessa linha, o reino dos objetos me é estranho. Ser homem é, em Sartre, ou no autor que escolhermos, perceber-se como diferente do animal e ser capaz de acolher o Outro em um gesto de reciprocidade, como condição para a possibilidade de transmitir algum conhecimento possível, entre os quais as línguas clássicas e os

autores clássicos ocupam um lugar privilegiado, a partir da sua inscrição no topos das humanidades.

Portanto, a chave é pensar “o reino humano como um conjunto de valores distintos dos do reino material. Mas a subjetividade que nós aí atingimos a título de verdade não é uma subjetividade rigorosamente individual, por que demonstramos que no cogito nós não descobrimos só a nós, mas também aos outros” (Sartre, 1973: 21). Esta é a verdadeira possibilidade de fundar uma comunidade de aprendizagem e um clima que manifeste o desejo de saber.

Descobrir-se e descobrir aos outros como aqueles pares com quem é possível a convivialidade e a paixão comum de estar junto às línguas clássicas e aos autores clássicos que marcaram o pensamento do Ocidente. O Outro não é aleatório nem complementar na gesta subjetivante. O Outro constitui-me como eu constituo o meu próximo, o meu irmão, o meu amigo, o meu colega ou o aluno, que, pelo seu espanto e pela sua consciência de não saber, se aproxima da docência numa atitude expectante, marcada pelo espanto que as línguas clássicas e os autores clássicos lhe despertam.

Concordamos com Sartre quando afirma: “Atingimo-nos a nós próprios em face do outro, e o outro é tão certo para nós como nós mesmos. Assim, o homem que se atinge diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como a condição da sua existência.” (1973: 21). Esta é uma verdade indiscutível para o existencialismo, mas acreditamos que está na base de qualquer preocupação antropológica que privilegie a constituição de um universo humano distanciando do mero universo material.

Somente com o Outro e através do Outro me capto na minha singularidade. O limite que o Outro me impõe é a condição de possibilidade de me captar como ser humano, capaz de abertura. Por isso concordamos com o pensador francês quando afirma: “Para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim.” (Sartre, 1973: 21).

Resgatamos o que ele afirma, neste diálogo imaginário de interesses e preocupações explícitas ou implícitas que estamos propondo: "Deste modo então, contudo, a *humanitas* permanece a preocupação de um tal pensar; pois humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é, situado fora de sua essência. " (1973: 350). Só uma

experiência docente aberta à relação, para além das características que assume, ganha sentido existencial: “O homem isolado carece de sentido. O homem é na medida em que está em cada momento da sua vida estabelecendo relações, ligações, correspondências com o universo em que está imerso” (Santillan Güemes, 1985: 18).

Talvez seja oportuno recorrermos a um antropólogo para encerrar esta intuição: “Esse ponto de partida é o homem-em-comunidade (a comunidade) ou, dito de outra forma, o homem-em-relação” (Santillan Güemes, 1985: 19). Estamos pensando no espaço educativo, o espaço de uma cátedra de Línguas Clássicas ou Pensamento Antigo, como uma comunidade onde se desenrolam laços de convívio e reciprocidade de registo diferenciado. Basicamente, a primeira relação que o homem estabelece é com o seu ambiente natural, onde a mediação do trabalho resultará, como sabemos, uma chave interpretativa. Nessa linha, Santillán Güemes afirma o mesmo vínculo original para pensar o homem a partir de sua perspectiva antropológica: “As relações da Comunidade com a natureza, com o espaço natural em que está inserida. A participação em um nicho ecológico; em um ambiente do qual se tira o sustento por meio do trabalho e seguindo os ritmos da natureza e do cosmos” (1985: 19). A partir deste primeiro nicho, fundador e primordial do “entre” com a natureza, a *humanitas* se resolve em um segundo nicho, de matriz ético-antropológica, a comunidade propriamente dita, o espaço dos comuns, dos pares na mesma condição ontológica, dos mortais, se pensarmos nela em relação ao universo do divino como polo de tensão.

Assim, neste “entre” que os pares mantêm entre si, se inscreve plenamente o conceito de comunidade, que Santillán Güemes postula: “As relações que os homens de uma comunidade, ao organizarem-se, mantêm entre si. A participação social, a realização comunitária. O mundo intersubjetivo e a sua organização. O poder. O festivo” (1985: 19). Participação refere-se precisamente a participar em algo que é comum, na medida em que reúne um modo de vida, de trabalho, de ação partilhada e, sobretudo, uma paixão partilhada. Na verdade, se o homem só pode ser compreendido na relação, a vida em comunidade é o que o leva à sua realização, que, como sabemos, depende em grande parte do seu apego ao trabalho. À luz do quadro teórico anterior, referir-nos-emos com ênfase à relação que estabelecemos na sala de aula como topos de convivialidade, reciprocidade e paixão pelos clássicos.

A sala de aula, espaço de saber, poder e paixão³

O tema do reconhecimento do Outro é, como antecipamos, nodular quando se pensa o fato educativo e se define a questão comum que nos aproxima como professores e alunos: o amor ao clássico. Descobrir o Outro é o caminho para descobrir quem pode cogerir um espaço de convivialidade e reciprocidade, como sustentamos. Se no início é a relação, então a descoberta do Outro é a possibilidade de pronunciar o tu, aquilo que se encontra no limiar da linguagem. Acolher o Outro num gesto de reciprocidade é estar disponível para que o encontro ocorra e, por sua vez, gere alguma transformação mútua, o que implica a possibilidade de captar o espanto do aluno e, a partir disso, transmitir a nossa própria paixão pelos clássicos.

Acolhê-lo na sua ânsia de conhecimento é conceder-lhe um espaço afetivo e um lugar de reconhecimento genuíno. Afastá-lo da habitual invisibilidade que as instituições provocam e inscrevem nos corpos dos indivíduos. O Outro me afeta como eu o afeto; gera-se, assim, um “entre”, um território comum de afeição mútua e, ao longo do tempo, de paixão por um mesmo território convocador, o clássico nas suas múltiplas formas. A presença dele me impacta, assim como a minha impacta ele, gerando algo da ordem do pathos. Assim, é o próprio fato educativo que se inscreve na ordem do pathos, na própria capacidade de afetar, pathein, e ser afetado, por presenças mútuas, paixões mútuas e gostos mútuos.

Este tipo de vínculo supõe um compromisso ético-político. Trata-se do gesto antropológico de compromisso consigo mesmo, com o Outro e com o ensino de línguas clássicas e de autores clássicos. Assumir-se, colocar-se sob a direção de si mesmo, cuidar de si; tal é a dimensão do verbo grego epimeleo e tal é o significado de epimeleia como gesto que dá conta de tornar-se responsável pelos próprios atos, de assumir-se como sujeito ético. Quanto ao termo, a palavra ethos significa modo de vida, atitude, modo de viver e, em última instância, é esse o horizonte onde se inscreve a paixão docente, o maravilhoso

³ Enquadramos as considerações sobre o poder no quadro teórico de Michel Foucault, onde a noção de poder é complementar à noção de resistência. Ação e reação, marcha e contramarcha são as chaves para um tipo de exercício dinâmico e funcional do poder, que deve ser concebido a partir do modelo da batalha perpétua e não do modelo unívoco e estático da condensação substancial do poder num único “mestre”: Esta condensação-saturação do poder contradiz a sua própria definição. A este respeito, ver Colombani, M. (2009), “Políticas del cuerpo”.

ensino das línguas clássicas e dos autores clássicos; num testemunho genuíno de vida que reflete uma atitude de vida.

Compreendemos a dimensão política na perspectiva das relações de poder que a docência implica como microespaço político como produtor e reprodutor de efeitos. O ato educativo como ato político representa uma verdadeira política da existência; uma existência que se joga no seguimento da paixão que nos une num ponto comum, num ponto onde o clássico ganha espessura, tornando-se a nossa roupagem.

Ao mesmo tempo, entendemos o ato educativo como um gesto erótico; tomamos o conceito de eros como o impulso que nos leva ao Outro, como a força vital que permite a ligação com o Outro, como aquela energia que nos direciona ao Outro para que se produza o encontro, é esse mesmo eros que nos conduz às línguas clássicas e aos autores clássicos como uma paixão compartilhada. Pensar no estatuto dos afetos e a paixão dentro do âmbito acadêmico nos leva a considerar a resistência à característica emocional do universo a que nos referimos.

Consideramos que se deve fundamentalmente ao descrédito histórico, construído pelo Ocidente, e à valência negativa dos afetos e do corpo face ao reconhecimento e valorização do dispositivo intelectual. No jogo de oposição corpo-espírito, os elementos associados ao primeiro têm constituído um tema de problematização para a filosofia e a moral ocidentais. O triunfo do intelecto sobre a sensibilidade é, em nossa opinião, a apatia emocional que tem o ato educativo como topos da inquietude.

Neste cenário de avaliações positivas e negativas, parece que a emoção e o afeto obscurecem a assepsia intelectual, dificultando a pureza do conhecimento que reina sem dificuldades em ambientes desafetizados. Um ensino desafetizado, descorporeizado, implica um distanciamento emocional que, a nosso ver, faz parte do medo que o apego emocional gera como possibilidade de esbater as fronteiras que “necessariamente” devem ser impostas entre professores e alunos. Assim, o distanciamento emocional funciona como um dispositivo de gendarmaria que guarda as fronteiras entre os diferentes estatutos.

Há paixão porque há entusiasmo pelo que se transmite, e que se coloca à disposição do Outro para que o conhecimento não fique encapsulado em uma “sociedade secreta” à qual poucos têm acesso, no âmbito da rarefação dos

sujeitos, tal como explica Foucault ao referir-se à relação entre discurso, desejo e poder (1983)⁴. Transmite-se a paixão pelo clássico e está em jogo a felicidade, a alegria que a transmissão do que se conhece continua a produzir. Em última análise, trata-se da relação, não de saber-poder, mas de saber-felicidade como equação existencial que nos leva a desejar que o momento de ensinar os clássicos se repita para além do tempo que estamos na profissão.

Ensinando ao outro. A aventura do encontro.

Abrir-se ao Outro é estar disposto a rever criticamente posições e atitudes, sobretudo porque a criação desse “entre” que temos postulado, supõe a possibilidade dinâmica de transformações. O “entre” é um topos aberto às modificações porque reflete a própria historicidade dos atores que o ocupam, ou seja, as histórias dinâmicas dos alunos e professores. Abrir-se ao Outro é ter convicção de pensar conjuntamente um ambiente mais igualitário, permeado de afeto recíproco como combustível da tarefa instituinte. É estar preparado para construir um mundo como território de significados e gostos compartilhados, que é muito mais do que a transmissão fria de conhecimentos. A partilha do mundo que se nomeia (Santillan Güemes, 1985) implica uma série de acordos e convenções explícitas ou implícitas que veiculam a convivialidade e que garantem o sucesso do ensino das línguas clássicas e dos autores clássicos, superando, inclusive, a dificuldade que acarretam. Abrir-se ao Outro é estar disposto a consolidar um universo pessoal, que é infinitamente mais rico e complexo que um universo de indivíduos. É, em última análise, uma forma de neutralizar a tendência feroz ao individualismo. Abrir-se ao Outro é uma forma de cuidar de si e cuidar dele, bem como, é uma forma de cuidar do patrimônio inestimável dos estudos clássicos.

Pensamos nisso a partir do campo lexical do verbo *therapeuo*, cuidar, curar, atender, homenagear. Honramo-nos ao assumir a dimensão ético-política da prática docente; mas, na sua intencionalidade, também homenageamos o Outro

⁴ Nem todos os interstícios discursivos têm o mesmo registo de visibilidade e acessibilidade, fundamentalmente porque são altamente ritualizados, zelosamente guardados e sutilmente designados a determinados sujeitos capacitados para entrar nesse território do discurso. Outros, porém, comportam-se como discursos abertos, *topoi* secularizados onde o trânsito é mais fluido, menos qualificado.

como cogestor da experiência educativa e das línguas clássicas, honrando a sua sobrevivência ao longo do tempo. Abrir-se ao Outro é acolher a possibilidade da diversidade; diversidade de vida, de paixões, de vozes, de histórias; vidas, gestos e histórias que enriquecem as nossas. Abrir-se ao Outro é criar com o outro um território onde se colocam em contacto os corpos, os afetos que se constroem na sala de aula, as paixões que as linguagens clássicas e o pensamento clássico despertam nos jovens; é construir um território onde o corpo, longe de ser um obstáculo, seja o que entrelaça as emoções. É ter a esperança de que algo aconteça e nos transforme mutuamente. O Outro espera que algo aconteça, emocional e intelectualmente, mas cada um de nós em nossos espaços de prática também espera pela presença daqueles alunos que reafirmam nossa escolha e paixão pelo clássico.

Paixão e crítica

A proposta é pensar o ensino das línguas clássicas e do pensamento clássico, no meu caso particular, a filosofia clássica, a partir de determinados horizontes, com acentuado caráter grego: a noção de *krisis*, *kairos*, *epimeleia*, relacionada tanto ao conceito de *epístrofe* quanto ao verbo *therapeuo*⁵. É necessário recorrer a eles para então elaborá-los politicamente e ver seu impacto no campo do exercício docente.

Seguindo o traço etimológico do termo *krisis*, encontramos uma série de significados sugestivos, distantes da visibilidade habitual do termo: separação, distinção, eleição, dissidência, disputa, decisão, sentença, resolução, entre outros. Todo o campo semântico é solidário com a proposta deste trabalho, na medida em que procuramos revelar um processo de separação, distinção e escolha entre diferentes modos de instalação subjetiva, no quadro daquilo que constitui uma decisão, uma resolução por parte do sujeito, como forma de se instalar eticamente no ensino do clássico como escolha de vida.

⁵ Michel Foucault em sua *História da Sexualidade* recorre ao mundo clássico, tanto na perspectiva do mundo grego quanto do mundo romano para destacar a intensa preocupação moral que a administração dos prazeres traz em uma sociedade onde o tema determina modos de subjetivação e modos de comportamento. A tríade entre desejos, atos e prazeres constitui o foco de preocupação, sobretudo porque constitui uma unidade funcional e indissolúvel que deve ser lida a partir de uma preocupação deontológica e não ontológica. É neste quadro onde aparecem estes conceitos com forte cunho antropológico que passamos ao ato educativo.

O mesmo verbo *krino* alude à noção de separar, distinguir, escolher, decidir, julgar, condenar. Com efeito, trata-se de distinguir entre diferentes categorias de sujeitos, de resolver para si uma determinada constituição subjetiva, no quadro daquilo que constitui uma política de existência, uma forma de se constituir como sujeito.

A marca semântica do termo *epimeleia* parece colocar-nos no próprio centro da experiência. Cuidado, atenção, solicitude, direção, administração, estudo, prática. A diversidade semântica abre as diferentes arestas do próprio fenômeno. Mais uma vez, trata-se de pensar a relação entre ética, educação e antropologia, como aquilo que determinará um modelo de sujeito capaz de sustentar a prática docente no mundo clássico a partir da escolha de um determinado modelo de vida.

Em que medida o verbo *therapeuo* nos situa no topos que problematizamos e em que sentido é uma noção nodular dentro desta economia do cuidado de si? O verbo refere-se à ação de estar a serviço de, cuidar, guardar, atender, ter cuidado de, honrar, curar. Conhecer-se implica, como temos afirmado, reconhecer-se como pessoa e esse gesto implica honrar-se. Honrar a própria vida, que assume, mais uma vez, um certo valor estético, que se derrama no exercício docente, tornando-o uma forma de honrar a si mesmo e de honrar os outros.

O ponto de partida é sempre o mesmo que incentiva o pensamento filosófico: repensar a situação que atravessamos como primeira instalação naquilo que construímos. Nesse sentido, a tarefa que nos desafia como educadores é estimular o pensamento, provocá-lo como caixa de ferramentas capaz de interpretar a realidade e transformá-la. Não apenas a realidade em que o sujeito está imerso, mas a sua própria realidade subjetiva, enquanto homem comprometido com o seu tempo histórico, que o territorializa num duplo campo: o seu “ser no mundo” e o “seu estar com”. O ensino das línguas clássicas e do pensamento clássico é uma ferramenta fundamental neste empreendimento baseado na extraordinária riqueza que aí se encontra como uma verdadeira sabedoria de vida.

Promover um pensamento com estas características é promover um pensamento político na medida em que é capaz de produzir efeitos, sobre si e sobre os outros, na medida em que o ato educativo é sempre uma forma de estabelecer vínculos com os outros. Um pensamento capaz de produzir

transformações em prol de uma sociedade mais justa e que, por outro lado, repensa o lugar dos jovens dentro dela, pois constituem o kairós de toda transformação. O termo alude à ideia de momento oportuno, conjuntura favorável, oportunidade, ocasião propícia. Pensamos o conceito a partir de um duplo nível: em primeiro lugar, o ensino do clássico é ele próprio kairós, desde que assuma o seu papel político-transformador, e, em segundo lugar, os jovens representam o kairós de uma nova construção ético-política.

Promover o pensamento crítico no referido sentido etimológico é provocar a ação, a partir do casamento entre teoria e ação. Trata-se do feito fundador de repensar o próprio local de instalação; compreender a ação como resistência ao modelo dessubjetivador, individualista e narcotizante que parece atravessar a situação antropológica atual, pautada na vulnerabilidade do coletivo. A retirada da palavra, como bem comum e vínculo comunicante, e do significado como núcleo coeso determinou este cenário de vulnerabilidade. Nesta paisagem antropológica, os clássicos têm muito a dizer a partir da sua linguagem e dos seus textos porque neles se encontra a verdadeira sabedoria existencial.

A *krisis* surge então como alternativa-resistência e como aquilo que gera o topos, o território, de novas construções de identidades e de novos mecanismos nos jogos vinculativos entre os sujeitos. A tarefa envolve sempre o modelo do reconhecimento, que começa como um gesto atravessado pelo carinho e pela paixão. Poder ver o Outro, ouvir a sua palavra, atender à sua reivindicação, confiar nas suas possibilidades poiéticas, que são sempre possibilidades resistentes. Num tempo de aparente visibilidade e transparência dos corpos, o Outro como pessoa permanece invisibilizado e silenciado da sua alteridade antropológica.

O primeiro gesto é a própria perspectiva de quem apoia o exercício docente. Somente quem torna visível, a partir de seu espaço de ensino, gera espaços de visibilidade, tanto das disciplinas quanto dos temas a serem ensinados e transmitidos em ato amoroso. Promover o pensamento crítico é repensar o espaço ético como cuidado do Outro, do par antropológico, como cogestor de um espaço de convivência. Em tempos de desamparo, o cuidado de si é proporcional ao cuidado do Outro como forma de gerar novos modelos de instalação no mundo. Isto implica o gesto de que a noção de epístrofe, complementar à ideia do conceito de epimeleia, retorne. Retornar sobre si

mesmo, girar sobre si, voltar-se sobre si mesmo, para, a partir dessa primeira responsabilidade, construir pontes para o Outro numa atitude solidária para que o trânsito pela aprendizagem das línguas clássicas seja fecundo e agradável.

Promover o pensamento crítico é apostar no pensamento nômade. Com isso entendemos um tipo de pensamento que resiste a toda fixação acrítica, como forma de sedentarizar o olhar e o comprometimento. Trata-se de estimular o pensamento, à maneira socrática, para que os alunos internalizem não apenas um pensamento típico do mundo clássico, mas o modo de vida que esse pensamento incorpora. O nomadismo implica uma certa forma de direcionar o olhar, de estar atento para pensar o que a realidade retorna como topos de reflexão, resgatando o espanto ou a admiração como uma das origens da filosofia (Jaspers, 1981)⁶. O dispositivo narcotizante fixa o olhar, sequestra a energia, evocando as suas possibilidades de movimento e resistência. Isso torna os sujeitos vulneráveis; constitui a impossibilidade de se enquadrar-se criticamente na realidade e de escolher as ferramentas para superar uma época marcada por novas formas de violência.

O pensamento nômade é também aquele que sabe desterritorializar-se do ambiente subjetivo, enclausurado e fechado, para buscar na intersubjetividade um espaço de ação comum, baseado no afeto mútuo, mediado pela paixão como ethos dominante. O pensamento nômada opõe-se ao pensamento estático, que não pode ou não quer mobilizar-se para refletir sobre novos objetos. É um pensamento móvel que mobiliza ao mesmo tempo que se move, querendo problematizar o real. Move-se e move-se e nesse movimento modifica tanto o sujeito como o próprio real. Trata-se de um nomadismo antropológico que sabe percorrer a conjuntura buscando os microespaços de construção política de alternativas. É disso que se trata o ensinar; isso que significa transmitir uma paixão; é disso que se trata transmitir a paixão; é disso que se trata que a cátedra se converta em um espaço pleno de significação.

Promover o pensamento crítico é reinstalar a expectativa do pro-jeto, que abre a dimensão do futuro, como tempo possível de ação. Viver como projeto é

⁶ Das quatro origens da filosofia que postula, a admiração ou o espanto constituem a origem emblemática que dá conta do pathos que a vastidão do real causa no sujeito. Ao mesmo tempo que dá conta dessa perplexidade pelo que é e pelo que há, dá marcas da própria ignorância do sujeito diante de tal incomensurabilidade.

conhecer-se “lançado ao futuro”, na linha do pensamento de Sartre⁷. A tarefa é, então, a reconstrução do vínculo vinculativo como forma de consolidar a possibilidade do projeto partilhado, como aquele que restabelece a noção de bem comum. O projeto funciona então como o lugar do sentido, daquilo que vincula na tarefa compartilhada. Quando o projeto se instala, a possibilidade de futuro é reinstaurada, evocando a única dimensão que o dispositivo narcotizante apresenta: o presente.

Criando as condições de possibilidade de ação compartilhada

A seguir, propomos incorporar alguns conceitos que funcionam como ferramentas para criar as condições de possibilidade para a realização da tarefa, tal como a pensamos e desdobramos nas seções anteriores. Acreditamos que revisar as condições materiais da nossa própria práxis é a condição de possibilidade do ensino da linguagem e do pensamento clássico.

1. Pensando a partir da isonomia como kósmos igualitário

Propomos referir-nos à cultura grega como um arco de leitura, tentando enfatizar a condição dos gregos como clássicos e ver como eles nos desafiam a partir de sua validade absoluta, com base em certos conceitos-chave da cultura clássica que atuam como operadores discursivos e que, em nossa opinião, são nodulares quando se trata de ensinar línguas clássicas e pensamento clássico.

Pensem então, como experiência de jogo, um modelo de aula onde o clássico e a sabedoria que ele acarreta são o núcleo coeso de tal experiência. A quebra da palavra mágico-religiosa⁸, de caráter sacralizado e fortemente ritualizado, e o surgimento da polis⁹, da cidade-estado, contribuem para gerar as condições

⁷ Sobre este ponto, ver o trabalho de Jean Paul Sartre, *O existencialismo é um humanismo* e as consequências antropológicas da primeira verdade do existencialismo, isto é, a proposição geral onde “a existência precede a essência”.

⁸ Detienne, 1986: Cap. II. Nos termos de Marcel Detienne, estamos nos referindo ao declínio da palavra mágico-religiosa, ao surgimento da palavra-diálogo, típica dos círculos guerreiros, presente nos poemas homéricos, até chegar à palavra política, privilégio de *pólis*.

⁹ Vernant, 1978. O advento de *pólis* constitui uma verdadeira revolução intelectual, um acontecimento único e decisivo. Com efeito, como explica Jean Pierre Vernant: “desde o seu advento marca um começo, uma verdadeira criação; através dela, a vida social e as relações entre os homens adquirem uma nova forma, cuja originalidade os gregos sentirão plenamente”

de possibilidade para pensar um universo mais isonômico, mais igualitário, baseado na consolidação dos *homoioi*, dos semelhantes, e mesmo do *isoi*, do igual. A condição de *homoioi* só é possível após o desaparecimento de certos sujeitos excepcionais que na sociedade arcaica monopolizavam o conhecimento e a palavra como instrumento de transmissão de um tipo de conhecimento que supunha inexoravelmente a presença da divindade nos chamados mestres da verdade.

O processo de secularização da palavra, da verdade e do poder reconhece nas antigas assembleias homéricas um ponto de inflexão onde a palavra, como marca registada de semelhança, se deposita no meio da assembleia, es to meson, com igual distância, visibilidade e perceptibilidade daqueles que a compõem¹⁰. É esse gesto que queremos recuperar na sala de aula como espaço de micropoder na experiência de ensino tanto das línguas clássicas quanto do pensamento clássico para ver o que e quanto os gregos nos ensinam, por exemplo.

Esta visibilidade-publicidade da questão comum é o primeiro gesto que conduz ao reconhecimento do Outro num quadro de igualdade de direitos, refletido numa ordem isonômica, própria da *demokratía* como forma clássica de governo da *pólis*. O solo de instalação é, acima de tudo, antropológico, como reconhecimento do existente humano; a partir dele, a isonomia se desenrola no reconhecimento pelo par, pela face do Outro, daquele que me constitui na medida em que representa o meu “tu” no sentido buberiano¹¹.

¹⁰ Detienne, 1986: Cap. IV Esse discurso ritualizado é a nota distintiva da assembleia deliberativa, configuração exclusiva da casta guerreira. A antiga Esparta vê nascer este tipo de discurso no seio da Assembleia militar, onde nasce este tipo de palavra, que Marcel Detienne chama de palavra-diálogo. Esse *logos* é, sem dúvida, o antecedente da palavra política, do discurso, da *pólis*. O processo de secularização que expandiu as fronteiras do discurso começou aí. A palavra diálogo implica uma abertura do discurso, uma ampliação dele até os limites da casta guerreira. A palavra política representa a maior ampliação do discurso porque todos os homens livres, portadores de direitos, têm acesso a ela.

¹¹ Buber, 1974. Martín Buber sustenta que é impossível captar o homem fora da relação. Somente este aspecto é o que queremos coletar. Ao se referir às palavras fundamentais da língua, refere-se ao par Eu-Tu e ao par Eu-Ele. Por isso ele expressa: “As palavras fundamentais da língua não são palavras isoladas, mas pares de palavras”. O homem só pode ser apreendido em relação, seja com objetos ou com outros homens. E nessa dimensão que abre o universo pessoal: “A palavra primordial Eu-Tu estabelece o mundo da relação”.

2. Pensando a partir do meson como espaço político

A assembleia guerreira surge como quadro de secularização do pensamento e de abertura a um universo isonômico. Certos gestos típicos do funcionamento das assembleias guerreiras como práticas institucionais e sociais interessam-nos particularmente quando se trata de repensar as condições de possibilidade da sala de aula como espaço desconstrutivo, adequado ao ensino de línguas clássicas e de autores clássicos.

A presença do *meson* constitui, para isso, um fato capital. O ponto central, de idêntica visibilidade e acessibilidade daqueles que compõem o espaço material da assembleia, é o ponto onde se deposita o que é comum ao grupo, o que une os guerreiros num núcleo de pertencimento identitário. É a esse meson que se dirige o guerreiro para tomar a palavra e dela fazer uso em nome de cada um dos que compõem a comunidade de pertencimento, depositando, além disso, o assunto que diz respeito a todos. É esse meson como topos de paixão compartilhada onde colocamos a linguagem e o pensamento clássico para sua alegre apropriação.

Esta é uma condição indispensável na tarefa de construir um espaço de debate coletivo, permeado pelo diá-logo como oposto ao mono-logos, chave para o sucesso de qualquer experiência de ensino-aprendizagem. A questão que diz respeito ao grupo como penhor de pertencimento ao topos comum deve ser, no âmbito da práxis docente, a tarefa de transmissão das línguas clássicas a partir dos diferentes pressupostos que colocamos em diálogo. A questão comum não é outra senão a paixão comum por esse mundo clássico que nunca deixa de nos convocar. É essa paixão que é colocada *to meson* e reúne professores e discípulos num ato criativo.

3. Pensando a partir da isegoría como gesto de autoafirmação

Com a queda da soberania micênica e o obscurecimento do poder do anax, do rei como portador de uma palavra vertical e irrevogável, o direito à palavra, a isegoría, como ferramenta política, torna-se a marca registrada da cidade como espaço isonômico, embora sem ainda incorporar as mulheres como agentes políticos e de discurso. A palavra se torna um direito e perde seu registro ritual e de forma, típico de certos sujeitos excepcionais, para se tornar instrumento de debate, oposição, contradição e argumentação.

É este direito igualitário ao logos que nos permite, como professores, priorizar a experiência argumentativa como forma de garantir que cada um se torne responsável pelos seus dizeres e ações. Este é um compromisso incontornável que implica o respeito pela isegoria como patrimônio de cada um dos atores no ato educativo, agora sem distinção de gênero.

O desafio de coconstruir um sujeito ético-político-estético é uma tarefa que nos compromete desde a práxis docente. Se na Grécia Clássica esta construção era apenas uma questão viril, a construção histórica atual incorpora o coletivo feminino como parte do cenário político. O pensamento dos autores clássicos torna-se assim uma ferramenta fundamental neste campo. Trata-se, então, de utilizar as ferramentas conceituais da matriz clássica para abrir o cenário e garantir que novos logoi sejam construídos a partir desse direito indeclinável à palavra que a Atenas clássica nos legou como patrimônio de iguais.

Conclusões

Pensar a partir da epimeleia, do cuidado de si e do outro como gesto de solidariedade e amizade, philia.

Apenas uma breve conclusão para encerrar nossas reflexões, inscritas no campo da philia como cenário propício ao ensino de línguas clássicas e de autores clássicos. A dimensão do verbo terapêutico deve nos guiar. Cuidar, atender, zelar, honrar o outro representam os gestos de construção de um espaço terapêutico como topos de construção epistêmica.

O ensino de línguas clássicas e de autores clássicos nos leva a priorizar a construção de um oikos, uma casa comum, que nos abrigue na nossa tarefa compartilhada de transferir e receber conhecimento. Somente a partir do cuidado do outro, do cuidado como atenção que o outro merece como par antropológico, é possível lançar alguns alicerces sólidos nessa direção e cofundar uma casa que nos permita alcançar o clima ideal para o ensino de línguas clássicas e de autores clássicos, que merecem, justamente, esse cenário.

Pensamos a sala de aula como espaço terapêutico, de cura mútua, de honra compartilhada e, portanto, multiplicador de modelos nessa linha de ação e produção de práticas sociais. Uma pedagogia baseada na atenção mútua alerta para o perigo de uma pedagogia desafetizadas e descorporeizadas. Uma

pedagogia baseada na cura mútua tem a obrigação de permanecer em estado de alerta para alertar sobre os riscos das infinitas formas de desqualificação dos sujeitos, das infinitas formas de invisibilizar e degradar os atores do ato educativo. Trata-se, em última análise, de reproduzir na sala de aula os laços de hospitalidade, cuidado e reciprocidade que os gregos nos legaram como lição humanística.

Referências bibliográficas

BUBER, M. Eu e você, Nueva Visión, Buenos Aires, 1974.

COLOMBANI, M. C. Foucault e o político, Prometeo, Buenos Aires, 2009.

DETIENNE, M. Os verdadeiros professores na Grécia Arcaica, Taurus, Madrid, 1986.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso, Tusquets, Barcelona, 1983.

FOUCAULT, F, M. História da sexualidade. 3. A preocupação de si mesmo, Siglo XXI, México, 1992.

FOUCAULT, F, M. História da sexualidade. 2. O uso dos prazeres, Siglo XXI, México, 1993.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

JASPERS, K. A filosofia do ponto de vista da existência, FCE, Madrid, 1981.

SANTILLÁN GUEMES, R. Cultura, criação da cidade, Editorial Guadalupe, Buenos Aires, 1985.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo, Ediciones Huascar, Buenos Aires, 1972.

VERNANT, J.-P. As origens do pensamento grego, Editorial Universitaria de Buenos Aires, Buenos Aires, 1976.

ENSEÑAR LAS LENGUAS CLÁSICAS Y A LOS AUTORES CLÁSICOS COMO FORMA DE TENDER UN PUENTE HACIA EL OTRO

María Cecilia Colombani¹

Resumen

El proyecto del presente trabajo consiste en abordar la problemática de la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos en el marco del ejercicio docente. No obstante, el recorrido no será de carácter didáctico-pedagógico, sino de carácter ético-antropológico. Mi experiencia docente en la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos lleva cuarenta y cuatro años y a lo largo de ellos he advertido que la primera reflexión en torno a la *praxis* impacta en un modelo de instalación antropológica, antes que pedagógica o instrumental. La dificultad de la enseñanza de la lengua griega y de los autores clásicos conlleva un modelo de ejercicio de la experiencia docente que ancla, en primer lugar, en el reconocimiento del Otro y en el valor de su asombro y conmoción ante esas mismas dificultades. Lejos entonces de un relato personal sobre cómo encarar la enseñanza de los tópicos en cuestión, mi propuesta es relatar una experiencia de vida, asociada a la práctica docente como *ethos*, como modo de vida. Esto implica, necesariamente, un juego discursivo que de cuenta de la importancia del Otro en su dimensión antropológica y en la gestión de un espacio común donde pueda ser posible la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos.

Palabras clave

Lenguas clásicas; autores clásicos.

¹ Universidad de Morón – Universidad Nacional de Mar del Plata. E-mail: ceciliacolombani@hotmail.com.

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em abordar a problemática do ensino de línguas clássicas e de autores clássicos no âmbito do ensino. Contudo, o percurso não será de caráter didático-pedagógico, mas, sim, de caráter ético-antropológico. Minha experiência docente no ensino de línguas clássicas e de autores clássicos se estende por quarenta e quatro anos, e ao longo desses anos tenho notado que a primeira reflexão em torno à *práxis* impacta um modelo de instalação antropológica, em vez de pedagógica ou instrumental. A dificuldade de ensinar a língua grega e os autores clássicos acarreta um modelo de exercício da experiência docente que se ancora, antes de mais, no reconhecimento do Outro e no valor do seu espanto e comoção face a essas mesmas dificuldades. Longe, então, de um relato pessoal sobre como abordar o ensino dos temas em questão, minha proposta é relatar uma experiência de vida, associada à prática docente como *ethos*, como modo de vida. Isso implica necessariamente um jogo discursivo que tenha em conta a importância do Outro em sua dimensão antropológica e na gestão de um espaço comum onde o ensino de línguas clássicas e de autores clássicos possa ser possível.

Palavras-chave

Línguas clássicas; autores clássicos.

¿Hacia dónde va el cuidado sino en el sentido de reconducir al hombre a su esencia?
¿Qué significa esto, sino que el hombre (*homo*) se vuelva humano (*humanus*)?
(Heidegger, 1972: 72)

Pensar al Otro como par antropológico

Partiremos de la configuración del Otro, del estudiante ávido de conocimientos, como el ser que me define en mi subjetividad y, a partir de este postulado antropológico, partiremos de la necesidad de entablar vínculos con ese par como modo de consolidar un proyecto subjetivo que facilite la tarea conjunta de enseñar una lengua extranjera y un pensamiento distante en el tiempo y en el espacio. El trabajo tendrá, tal como definimos, una perspectiva nítidamente antropológica y para ello elegiremos algunos autores clásicos de la antropología filosófica como marco teórico. Nos mueve el intento de pensar la condición del ser humano como ser abierto al Otro, como paso previo a toda constitución social y a todo logro de aprendizaje, ya sea de las lenguas clásicas, los autores clásicos o cualquier otro tópico de enseñanza-aprendizaje. En efecto, hay en el ser humano una capacidad de apertura que lo diferencia claramente de la clausura del animal.

Cuando Sartre se refiere al cogito cartesiano lo retira del horizonte propio del inicio de la modernidad filosófica para pensarlo desde un enclave antropológico, donde aparece la dimensión del Otro: “En el punto de partida no puede haber otra verdad que ésta: pienso, luego soy; ésta es la verdad absoluta de la conciencia captándose a sí misma” (Sartre, 1972: 31). Lo que pretendemos es valernos de un marco teórico que privilegia la capacidad de encontrar al Otro, sea estudiante, colega, amigo, camarada, como parte constitutiva del propio ser. Desde esta perspectiva, la posición sartreana impacta en nuestra línea de lectura; desde allí rescatamos la evidencia de esa primera verdad, la cual “es simple, fácil de alcanzar, está a la mano de todo el mundo; consiste en captarse sin intermediario” (Sartre, 1972: 31).

“En segundo lugar, esta teoría es la única que da dignidad al hombre, la única que no lo convierte en un objeto” (Sartre, 1972: 32). Remarcamos este punto: la presencia del Otro confirma mi subjetividad y, desde esa línea, el reino de los objetos me es ajeno. Ser hombre es, en Sartre o en el autor que escojamos, captarse como diferente del animal y poder acoger al Otro en gesto de reciprocidad, como condición de posibilidad de transmitir algún conocimiento posible, entre el cual las lenguas clásicas y los autores clásicos

ocupan un lugar de privilegio, a partir de su inscripción en el topos de las humanidades.

Por ello, la clave consiste en pensar “al reino humano como un conjunto de valores distintos del reino material. Pero la subjetividad que alcanzamos a título de verdad, no es una subjetividad rigurosamente individual, porque hemos demostrado que en el cogito uno no solamente se descubría a sí mismo, sino también a, los otros” (Sartre, 1972: 32). Esta es la verdadera posibilidad de fundar una comunidad de aprendizaje y un clima que despliegue el deseo por conocer.

Descubrir-se y descubrir a los otros como aquellos pares con quienes es posible la convivialidad y la pasión común de estar junto a las lenguas clásicas y a los autores clásicos que marcaron el pensamiento de Occidente. El Otro no es aleatorio o complementario en la gesta subjetivante. El Otro me constituye como yo constituyo a mi vecino, a mi hermano, a mi amigo, a mi colega o al estudiante, que, desde su asombro y su conciencia de no saber, se acerca a la cátedra en actitud expectante, marcado por el asombro que las lenguas clásicas y los autores clásicos le despiertan.

Coincidimos con Sartre cuando afirma: “Nos captamos a nosotros mismos frente al otro y el otro es tan cierto como nosotros mismos. Así, el hombre que se capta directamente por el cogito, descubre también a los otros y los descubre como la condición de su existencia” (1972: 32). Esta es una verdad ineludible para el existencialismo, pero creemos que se halla en la base de cualquier preocupación antropológica que privilegie la constitución de un universo humano distanciado del mero universo material.

Sólo con el Otro y por el Otro me capto a mí mismo en mi singularidad. El límite que el Otro me impone es la condición de posibilidad de captarme como un ser humano, capaz de apertura. Por ello coincidimos con el pensador francés cuando sostiene: “Para obtener una verdad cualquiera sobre mí, es necesario que pase por otro. El otro es indispensable a mi existencia tanto como el conocimiento que tengo de mí mismo. En estas condiciones, el descubrimiento de mi intimidad me descubre al mismo tiempo el otro” (Sartre, 1972: 33).

Rescatamos lo que afirma, en este diálogo imaginario de intereses y preocupaciones explícitas o implícitas que estamos proponiendo, “Y así es la humanitas asunto de un pensar de esta clase; porque esto es humanismo: meditar y preocuparse —curarse— de que el hombre sea humano, y no

inhumano, esto es extraño a su esencia” (1972: 72). Sólo una experiencia de enseñanza abierta a la relación, más allá de las características que ésta tome, cobra sentido existencial: “El hombre aislado carece de sentido. El hombre es en tanto está en cada momento de su vida entablando relaciones, conexiones, correspondencias con el universo en el que está inmerso” (Santillán Güemes, 1985: 18).

Quizás conviene que recurramos a un antropólogo para cerrar esta intuición: “Ese punto de partida es el hombre-en-comunidad (la comunidad) o, dicho de otra manera, el hombre-en-relación” (Santillán Güemes, 1985: 19). Estamos pensando en el espacio educativo, el espacio de una cátedra de Lenguas Clásicas o de Pensamiento Antiguo, como una comunidad en donde se juegan lazos de convivencia y reciprocidad de registro diferenciado. A la base, la primera relación que el hombre entabla es con su medio natural, donde la mediación del trabajo resultará, como sabemos, una clave interpretativa. En esta línea, Santillán Güemes afirma el mismo vínculo originario para pensar al hombre desde su perspectiva antropológica: “Las relaciones de la Comunidad con la naturaleza, con el espacio natural en el cual se asienta. La participación en un nicho ecológico; en un medio del cual se saca el sustento a través del trabajo y siguiendo los ritmos de la naturaleza y el cosmos” (1985: 19). Desde este primer nicho, fundante y primigenio del “entre” con la naturaleza, la humanitas se resuelve en un segundo nicho, de matriz ético-antropológica, la comunidad propiamente dicha, el espacio de los comunes, de los pares en la misma condición ontológica, de los mortales, si lo pensamos en relación al universo de lo divino como polo de tensión.

Allí, en ese “entre” que los pares guardan entre sí se inscribe cabalmente el concepto de comunidad, que Santillán Güemes postula: “Las relaciones que los hombres de una comunidad, al organizarse, mantienen entre sí. La participación social, la realización comunitaria. El mundo intersubjetivo y su organización. El poder. Lo festivo” (1985: 19). La participación alude precisamente a tomar parte de algo que es común, en la medida en que nuclea un modo de vida, de trabajo, de acción compartida y, sobre todo, de pasión compartida. En efecto, si el hombre sólo puede captarse en la relación, la vida en el seno de la comunidad es lo que lo lleva a su realización, la cual, como sabemos, depende en buena medida de su apego al trabajo. A la luz del marco teórico precedente, nos referiremos con énfasis, a la relación que establecemos en el aula como topoi de convivencia, reciprocidad y pasión por los clásicos.

El aula, espacio de saber, poder y pasión²

El tema del reconocimiento del Otro es, como anticipamos, nodular a la hora de pensar el hecho educativo y definir el asunto común que nos reúne como profesores y estudiantes: el amor por lo clásico. Descubrir al Otro es el modo de des-cubrir a quien puede co-gestionar un espacio de convivencia y reciprocidad, tal como sostuvimos. Si en el principio es la relación, entonces el descubrimiento del Otro es la posibilidad de pronunciar el tú, aquello que se encuentra en el umbral del lenguaje. Acoger al Otro en gesto de reciprocidad es estar disponible para que el encuentro se produzca y, a su vez, se genere alguna transformación mutua, lo cual implica la posibilidad de captar el asombro del estudiante y a partir de ello, transmitir nuestra propia pasión por los clásicos.

Acogerlo en su avidez de conocimiento es otorgarle un espacio afectivo y un lugar de reconocimiento genuino. Retirarlo de la habitual invisibilización que las instituciones provocan e inscriben en los cuerpos de los individuos. El Otro me afecta como yo lo afecto; se genera, de este modo, un “entre”, un territorio común de afección mutua y, con el correr del tiempo, de pasión por un mismo territorio convocante, lo clásico en sus múltiples formas. Su presencia me impacta, como la mía lo impacta, generándose algo del orden del pathos. Así, es el propio hecho educativo el que se inscribe en el orden del pathos, en la mismísima capacidad de afectar, pathein, y ser afectado, por las mutuas presencias, las mutuas pasiones y los mutuos gustos.

Este tipo de vínculo supone un compromiso ético-político. Se trata del gesto antropológico de comprometerse con uno mismo, con el Otro y con la enseñanza de las lenguas clásicas y los autores clásicos. Asumirse, tomarse bajo la dirección de sí mismo, atenderse; tal es la dimensión del verbo griego epimeleo y tal es el sentido de la epimeleia como gesto que da cuenta de convertirse en responsable de los propios actos, de asumirse como sujeto ético. A propósito del término, la palabra ethos significa modo de vida, actitud, manera de vivir y, en última instancia, ese es el horizonte donde se inscribe la pasión docente, la maravillosa enseñanza de las lenguas clásicas y

² Encuadramos las consideraciones sobre el poder en el marco teórico de Michel Foucault donde la noción de poder es complementaria de la noción de resistencia. Acción y reacción, marcha y contramarcha son las claves de un tipo de ejercicio dinámico y funcional del poder, que debe ser concebido desde el modelo de la batalla perpetua y no desde el modelo unívoco y estático de la condensación sustancial del poder en un único “amo”: Esta condensación-saturación del poder contradice su propia definición. Al respecto, ver Colombani, M. (2009), “Políticas del cuerpo”.

los autores clásicos; en un genuino testimonio de vida que da cuenta de una actitud de vida.

La dimensión política la entendemos desde la perspectiva de las relaciones de poder que la cátedra implica como micro-espacio político en tanto productor y reproductor de efectos. El hecho educativo como hecho político representa una verdadera política de la existencia; una existencia que se juega en seguir la pasión que nos reúne en un punto común, en un punto donde lo clásico cobra una espesura, convirtiéndose en nuestro ropaje.

A su vez, entendemos el hecho educativo como un gesto erótico; tomamos el concepto de eros como el impulso que nos lleva al Otro, como la fuerza vital que permite el enlace con el Otro, como aquella energiea que nos direcciona al Otro para que se produzca el encuentro, es ese mismo eros el que nos lleva a las lenguas clásicas y a los autores como pasión compartida. Pensar el estatuto de los afectos y la pasión dentro del ámbito académico nos lleva a plantearnos la resistencia ante lo emocional propia del universo al que nos referimos.

Consideramos que se debe fundamentalmente al histórico descrédito, construido por Occidente, y a la valencia negativa de los afectos y del cuerpo frente al reconocimiento y la valoración del dispositivo intelectual. En el juego de oposición cuerpo-espíritu, los elementos asociados al primero han constituido un tema de problematización para la filosofía y la moral occidental. El triunfo del intelecto por sobre la sensibilidad es, a nuestro criterio, la apatía emocional que tiñe el hecho educativo como topos de inquietud.

En este escenario de valoraciones positivas y negativas, pareciera que la emoción y el afecto empañan la asepsia intelectual, entorpecen la pureza del conocimiento que reina sin dificultades en ambientes des-afectivizados. Una enseñanza des-afectivizada, des-corporeizada, implica un desapego emocional que, a nuestro criterio, se inscribe en el temor que el apego afectivo genera como posibilidad de desdibujar las fronteras que “necesariamente” deben imponerse entre maestros y estudiantes. Así, el desapego emocional opera como un dispositivo de gendarmería que cuida las fronteras entre los distintos estatutos.

La pasión se transmite porque se transmite el impacto que produce el hecho de compartir lo que se sabe y, sobre todo, por la pasión que nos une en un ámbito común, las lenguas clásicas y el pensamiento clásico. Hay pasión

porque hay entusiasmo por lo que se transmite, lo cual se pone a disposición del Otro para que el conocimiento no quede encapsulado en una “sociedad de secreto” a la que muy pocos acceden, en el marco del enrarecimiento de los sujetos, tal como de ello da cuenta M. Foucault al referirse a la relación entre discurso, deseo y poder (1983)³. La pasión por lo clásico se transmite y en ello se juega la felicidad, la alegría que sigue produciendo la transmisión de lo que se sabe. Se trata, en última instancia, de la relación, no ya de saber-poder, sino de saber-felicidad como ecuación existencial que nos lleva a desear que el instante de la enseñanza de las y los clásicos se repita más allá del tiempo que llevamos en la profesión.

Enseñar a otro. La aventura del encuentro.

Abrirse al Otro es estar dispuesto a revisar críticamente posturas y actitudes, sobre todo porque la creación de ese “entre” que venimos postulando, supone la posibilidad dinámica de las transformaciones. El “entre” es un topos abierto a las modificaciones porque recoge la propia historicidad de los actores que lo ocupan, vale decir, las historias dinámicas de los estudiantes y los maestros. Abrirse al Otro es estar convencido de co-gestar un ámbito más igualitario, transido por el afecto recíproco como combustible de la tarea instituyente. Es estar preparado para construir un mundo como territorio de sentidos compartidos y de gustos compartidos, que es mucho más que la fría transmisión de conocimientos. La puesta en común del mundo que se nombra (Santillán Güemes, 1985) implica una serie de acuerdos y convenciones explícitas o implícitas que vehiculizan la convivialidad y aseguran el éxito de la enseñanza de las lenguas clásicas y los autores clásicos, superando, incluso, la dificultad que entrañan. Abrirse al Otro es estar dispuesto a consolidar un universo personal, que es infinitamente más rico y complejo que un universo de individuos. Es, en última instancia, un modo de neutralizar la feroz tendencia al individualismo. Abrirse al Otro es una forma de cuidar-se y de cuidar-lo, así como también, es una forma de cuidar el patrimonio invaluable de los estudios clásicos.

³ No todos los intersticios discursivos tienen el mismo registro de visibilidad y accesibilidad, fundamentalmente porque se hallan altamente ritualizados, celosamente custodiados y sutilmente designados a ciertos sujetos capacitados para entrar en ese territorio del discurso. Otros, en cambio, se comportan como discursos abiertos, *topoi* secularizados donde el tránsito es más fluido, menos calificado.

Lo pensamos desde el campo lexical del verbo *therapeuo*, cuidar, curar, atender, honrar. Nos honramos a nosotros mismo asumiendo la dimensión ético-política de la práctica docente; pero, en su intencionalidad, también honramos al Otro como co-gestor de la experiencia educativa y a las lenguas clásicas, honrando su pervivencia en el tiempo. Abrirse al Otro es acoger la posibilidad de la diversidad; diversidad de vida, de pasiones, de voces, de historias; vidas, gestos e historias que enriquecen la propia. Abrirse al Otro es armar con el otro un territorio donde se ponen los cuerpos en contacto, los afectos que se construyen en el aula, las pasiones que las lenguas clásicas y el pensamiento clásico despierta en los jóvenes; es construir un territorio donde el cuerpo, lejos de ser un obstáculo, es aquello que entrelaza las emociones. Es tener la esperanza de que algo se produzca y nos transforme mutuamente. El Otro me espera para que algo acontezca, afectiva e intelectualmente, pero cada uno de nosotros en nuestros espacios de práctica, también esperamos la presencia de aquellos estudiantes que nos reafirman en nuestra elección y pasión por lo clásico.

Pasión y Crítica

La propuesta es pensar la enseñanza de las lenguas clásicas y del pensamiento clásico, en mi caso particular, de la filosofía clásica, desde ciertos horizontes, de marcado acento griegos: la noción de *krisis*, de *kairos*, de *epimeleia*, emparentada, tanto con el concepto de *epistrophe* como con el verbo *therapeuo*⁴. Se impone un recorrido por ellos para luego elaborarlos políticamente y ver su impacto en el campo del ejercicio docente.

Siguiendo la huella etimológica del término *krisis*, encontramos una serie de significados sugerentes, alejados de la usual visibilización del término: separación, distinción, elección, disenso, disputa, decisión, sentencia, resolución, entre otros. La totalidad del campo semántico es solidario con la propuesta del presente trabajo, en la medida en que tratamos de relevar un proceso de separación, de distinción y elección entre distintos modos de instalación subjetiva, en el marco de lo que constituye una decisión, una

⁴ Michel Foucault en su *Historia de la Sexualidad* recorre el mundo clásico, tanto desde la perspectiva del mundo griego como del mundo romano para relevar la intensa preocupación moral que la administración de los placeres trae en una sociedad donde el tópico determina modos de subjetivación y maneras de comportamiento. La tríada entre deseos, actos y placeres constituye el foco de inquietud sobre todo porque constituye una unidad funcional e indisoluble que debe leerse desde una preocupación deontológica y no ontológica. Es en este marco donde aparecen estos conceptos de fuerte impronta antropológica que nosotros desplazamos al acto educativo.

resolución por parte del sujeto, como forma de instalarse éticamente en la enseñanza de lo clásico como elección de vida.

El mismo verbo *krino* alude a la noción de separar, distinguir, escoger, decidir, juzgar, condenar. En efecto, se trata de distinguir entre distintas categorías de sujetos, de resolver para sí una determinada constitución subjetiva, en el marco de lo que constituye una política de la existencia, un modo de constituirse como sujeto.

La huella semántica del término *epimeleia* parece situarnos en el corazón mismo de la experiencia. Cuidado, atención, solicitud, dirección, administración, estudio, práctica. La diversidad semántica abre las distintas aristas del fenómeno mismo. Una vez más, se trata de pensar la relación entre ética, educación y antropología, como aquello que determinará un modelo de sujeto capaz de sostener la práctica de la enseñanza del mundo clásico desde la elección de un cierto modelo de vida.

¿En qué medida el verbo *therapeuo* nos ubica en el *topos* que estamos problematizando y en qué sentido resulta una noción nodular dentro de esta economía de cuidado de uno mismo? El verbo alude a la acción de estar al servicio de, cuidar, guardar, atender, tener cuidado de, honrar, curar. Conocerse a sí mismo implica, tal como venimos sosteniendo, reconocerse como persona y ese gesto supone honrarse. Honrar la propia vida, la cual toma, una vez más, un cierto valor estético, que se vuelca sobre el ejercicio docente, haciendo de éste un modo de honrarse y honrar al otro.

El punto de partida es siempre el mismo que anima a un pensamiento filosófico: repensar la situación que nos atraviesa como primera instalación en lo que hemos construido. En ese sentido, la tarea que nos interpela como educadores es propiciar el pensamiento, provocarlo como una caja de herramienta capaz de interpretar la realidad y transformarla. No sólo la realidad en la que el sujeto se halla inmerso, sino su propia realidad subjetiva, como hombre comprometido con su tiempo histórico, lo cual lo territorializa en un doble campo: su “ser en el mundo” y “su ser con”. La enseñanza de las lenguas clásicas y del pensamiento clásico es una herramienta fundamental en esta empresa a partir de la extraordinaria riqueza que allí se encuentra como una verdadera sabiduría de vida.

Propiciar un pensamiento de estas características es propiciar un pensamiento político en tanto capaz de producir efectos, sobre sí y sobre los demás, en la medida en que el acto educativo es siempre una forma de tender lazos con los

demás. Un pensamiento capaz de producir transformaciones en aras de una sociedad más justa y que, por otra parte, repiense el lugar de los jóvenes al interior de la misma, ya que ellos constituyen el kairós de toda transformación. El término alude a la idea de momento oportuno, coyuntura favorable, oportunidad, ocasión propicia. El concepto lo pensamos desde un doble andarivel: en primer lugar, la enseñanza de lo clásico es ella misma kairós, siempre y cuando asuma su rol político-transformador, y, en segundo lugar, los jóvenes representan el kairós de una nueva construcción ético-política.

Propiciar el pensamiento crítico en el sentido etimológico aludido es provocar la acción, a partir del maridaje entre la teoría y la acción. Se trata de la gesta fundacional de repensar el propio lugar de instalación; de entender la acción como resistencia al modelo desubjetivante, individualista y narcotizante que parece atravesar la actual coyuntura antropológica, a partir de la vulnerabilidad del colectivo. El retiro de la palabra, como bien común y lazo comunicante, y del sentido como núcleo cohesionante ha determinado ese paisaje de vulnerabilidad. En este paisaje antropológico, los clásicos tienen mucho que decir a partir de su lengua y sus textos porque en ellos se encuentra una verdadera sabiduría existencial.

La crisis aparece entonces como alternativa-resistencia y como aquello que genera el topos, territorio, de nuevas construcciones de las identidades y nuevos mecanismos en los juegos vinculantes entre los sujetos. La tarea pasa siempre por el modelo del reconocimiento, que empieza siendo un gesto atravesado por el afecto y la pasión. Poder ver al Otro, escuchar su palabra, atender su reclamo, confiar en sus posibilidades poiéticas, que siempre son posibilidades resistenciales. En un tiempo de aparente visibilidad y transparencia de los cuerpos, el Otro como persona queda invisibilizado y silenciado desde su alteridad antropológica.

El primer gesto es la propia mirada de quienes sostenemos el ejercicio docente. Sólo quien visibiliza, desde su instalación de enseñanza, genera espacios de visibilidad, tanto de los sujetos como de los tópicos a enseñar y transmitir en acto amoroso. Propiciar el pensamiento crítico es repensar el espacio ético como cuidado del Otro, del par antropológico, en tanto co-gestor de un espacio de convivencia. En tiempos de desamparo, el cuidado de sí es proporcional al cuidado del Otro como forma de generar nuevos modelos de instalación en el mundo. Esto implica el gesto que la noción de epistrophe, complementaria de la idea que el concepto de epimeleia, devuelve. Retornar

sobre uno mismo, girar sobre sí, volverse sobre uno mismo, para, desde esa responsabilidad primera, tender puentes hacia el Otro en actitud solícita para que el tránsito por el aprendizaje de las lenguas clásicas sea fructífero y placentero.

Propiciar el pensamiento crítico es apostar a un pensamiento nomádico. Entendemos por ello un tipo de pensamiento que resista toda fijación a-crítica, como forma de sedentarizar la mirada y el compromiso. Se trata de aguijonear el pensamiento, al modo socrático, para que los estudiantes internalicen no sólo un pensamiento propio del mundo clásico, sino el modo de vida que ese pensamiento encarna. El nomadismo implica un cierto modo de dirigir la mirada, de estar atento a pensar aquello que la realidad devuelve como topos de reflexión, rescatando el asombro o la admiración como uno de los orígenes de la filosofía (Jaspers, 1981)⁵. El dispositivo narcotizante fija la mirada, secuestra la energía, conjurando sus posibilidades de movimiento y resistencia. Eso vuelve vulnerable a los sujetos; constituye la imposibilidad de instalarse críticamente en la realidad y escoger las herramientas para sortear un tiempo signado por nuevas formas de violencia.

El pensamiento nomádico es también aquel que sabe desterritorializarse del entorno subjetivo, clausurado y cerrado, para buscar en la intersubjetividad un espacio de acción común, a partir de la mutua afectación, mediada por la pasión como ethos dominante. El pensamiento nómade se opone al pensamiento estático, el que no puede ni desea movilizarse para reflexionarse sobre nuevos objetos. Se trata de un pensamiento móvil que moviliza al tiempo que él mismo se mueve deseando problematizar lo real. Mueve y se mueve y en ese movimiento, modifica tanto al sujeto como a lo real mismo. Se trata del nomadismo antropológico que sabe recorrer la coyuntura buscando los micro-espacios de construcción política de alternativas. De eso se trata enseñar; de eso se trata transmitir una pasión; de eso se trata que la cátedra se convierta en un espacio pleno de significación.

Propiciar el pensamiento crítico es reinstalar la expectativa del pro-yecto, con lo cual se abre la dimensión del futuro, como tiempo posible de acción. Vivirse como un proyecto es saberse “arrojado al porvenir”, en la línea del

⁵ De los cuatro orígenes de la filosofía que postula, la admiración o asombro constituye el origen emblemático que da cuenta del *pathos* que la vastedad de lo real causa en el sujeto. Al tiempo que da cuenta de esa perplejidad por lo que es y hay, da marcas de la propia ignorancia del sujeto frente a tamaña inconmensurabilidad.

pensamiento sartreano⁶. La tarea es, entonces, la reconstrucción del lazo vinculante como forma de consolidar la posibilidad del proyecto compartido, como aquello que reinstala la noción de bien común. El proyecto opera entonces como el lugar del sentido, de aquello que vincula en la tarea compartida. Cuando el proyecto se instala, se reinstala la posibilidad del futuro, conjurando la única dimensión que el dispositivo narcotizante despliega: el presente.

Creando las condiciones de posibilidad de la acción compartida

A continuación, nos proponemos incorporar ciertos conceptos que operen como herramientas para crear las condiciones de posibilidad para llevar a cabo la tarea, tal como la hemos pensado y desplegado en apartados anteriores. Creemos que revisar las condiciones materiales de nuestra propia praxis es la condición de posibilidad de enseñar la lengua y el pensamiento clásico.

1. Pensar desde la isonomía como kósmos igualitario

Proponemos referirnos a la cultura griega a modo de arco de lectura intentando enfatizar la condición de clásicos de los griegos y ver cómo nos interpelan desde su absoluta vigencia, a partir de ciertos conceptos claves de la cultura clásica que operan como operadores discursivos y que, a nuestro criterio, son nodulares a la hora de enseñar las lenguas clásicas y el pensamiento clásico.

Pensemos entonces, a modo de juego-experiencia, una modelo de clase donde lo clásico y la sabiduría que conlleva es el núcleo cohesionante de tal experiencia. El resquebrajamiento de la palabra mágico religiosa⁷, de carácter sacralizada y fuertemente ritualizada, y el surgimiento de la pólis⁸, de la ciudad-estado, contribuyen a generar las condiciones de posibilidad para pensar un universo más isonómico, más igualitario, a partir de la

⁶ Sobre este punto, véase la obra de Jean Paul Sartre, *El existencialismo es un humanismo* y las consecuencias antropológicas de la primera verdad del existencialismo, esto es, la proposición general donde "la existencia precede la esencia".

⁷ Detienne, 1986: Cap. II. En términos de Marcel Detienne, nos estamos refiriendo al ocaso de la palabra mágico-religiosa, al auge de la palabra-diálogo, propia de los círculos guerreros, presentes en los poemas homéricos, hasta alcanzar la palabra política, privilegio de la pólis.

⁸ Vernant, 1978. El advenimiento de la pólis constituye una verdadera revolución intelectual, un acontecimiento único y decisivo. Efectivamente, tal como lo explica Jean Pierre Vernant: "desde su advenimiento marca un comienzo, una verdadera creación; por ella, la vida social y las relaciones entre los hombres adquieren una forma nueva, cuya originalidad sentirán plenamente los griegos"

consolidación de los *homoioi*, de los semejantes, e incluso de los *isoi*, de los iguales. La condición de *homoioi* sólo es posible a partir del desvanecimiento de ciertos sujetos excepcionales que en la sociedad arcaica monopolizaban el saber y la palabra en tanto instrumento de transmisión de un tipo de conocimiento que suponía, inexorablemente, la presencia de la divinidad en los llamados maestros de verdad.

El proceso de secularización de la palabra, la verdad y el poder reconoce en las viejas asambleas homéricas un punto de inflexión donde la palabra, como marca registrada de la semejanza, es depositada en el medio de la asamblea, es to meson, a igual de distancia, visibilidad y perceptibilidad de quienes la integran⁹. Es este gesto el que queremos recuperar en el aula como espacio de micro poder en la experiencia de enseñar tanto las lenguas clásicas, como el pensamiento clásico para ver qué y cuánto nos enseñan los griegos, por ejemplo.

Esta visibilidad-publicidad del asunto común es el primer gesto que conduce al reconocimiento del Otro en un marco de igualdad de derechos, tal como de ello da cuenta un orden isonómico, propio de la *demokratía* como forma clásica del gobierno de la *pólis*. El suelo de instalación es, antes que nada, antropológico, en tanto reconocimiento del existente humano; a partir de ello, la isonomía se juega en el reconocimiento por el par, por el rostro del Otro, de aquel que me constituye en la medida que representa mi “tú” en sentido buberiano¹⁰.

⁹ Detienne, 1986: Cap. IV Este discurso ritualizado es la nota distintiva de la asamblea deliberativa, configuración exclusiva de la casta guerrera. La Esparta Antigua ve nacer este tipo de discurso en el corazón de la Asamblea militar, donde nace este tipo de palabra, que Marcel Detienne denomina palabra-diálogo. Este *logos* es, sin duda, el antecedente de la palabra política, del discurso, de la *pólis*. En él se ha iniciado el proceso de secularización que amplió las fronteras del discurso. La palabra diálogo implica una apertura del discurso, una ampliación del mismo a los límites de la casta guerrera. La palabra política representa la mayor ampliación del discurso porque todos los hombres libres, portadores de derechos, tienen acceso a él.

¹⁰ Buber, 1974. Martín Buber sostiene que es imposible captar al hombre por fuera de la relación. Sólo este aspecto es el que queremos recoger. Cuando se refiere a las palabras fundamentales del lenguaje se refiere al par Yo-Tú y al par Yo-Ello. De allí que exprese: “Las palabras fundamentales del lenguaje no son vocablos aislados, sino pares de vocablos”. El hombre sólo puede ser captado en relación, ya sea con los objetos o con otros hombres. Y en esa dimensión que abre el universo personal: “La palabra primordial Yo-Tú establece el mundo de la relación”.

2. Pensar desde el meson como espacio político

La asamblea guerrera aparece como marco de la secularización del pensamiento y de la apertura hacia un universo isonómico. Ciertos gestos propios del funcionamiento de las asambleas guerreras como prácticas institucionales y sociales nos interesan particularmente a la hora de repensar las condiciones de posibilidad del aula como espacio de-constructivo, apto para la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos.

La presencia del meson constituye, para ello, un hecho capital. El punto central, de idéntica visibilidad y accesibilidad de quienes integran el espacio material de la asamblea es el punto donde se deposita lo común al grupo, aquello que cohesiona a los guerreros en un núcleo de pertenencia identitaria. Es a ese meson a donde se dirige el guerrero para tomar la palabra y hacer uso de ella en nombre de cada uno de los que integran la comunidad de pertenencia, depositando, además, el asunto que atañe a todos. Es ese meson como topos de la pasión compartida donde colocamos la lengua y el pensamiento clásico para su gozosa apropiación.

Es esta una condición indispensable en la tarea de construcción de un espacio de debate colectivo, transido por el diálogo como opuesto al mono-logos, clave del éxito de cualquier experiencia de enseñanza-aprendizaje. El asunto que atañe al grupo como prenda de pertenencia al topos común ha de ser, en el marco de la praxis docente, la tarea de transmisión de las lenguas clásicas desde los distintos presupuestos que hemos puesto en diálogo. El asunto común no es otro que la pasión común por ese mundo clásico que no deja de con-vocarnos. Es esa pasión la que se coloca es to meson y nuclea en un acto creativo a maestros y discípulos.

3. Pensar desde la isegoría como gesto de autoafirmación

Caída la soberanía micénica y desdibujado el poder del anax, del rey como portador de una palabra vertical e irrevocable, el derecho a la palabra, la isegoría, como herramienta política, se convierte en la marca registrada de la ciudad como espacio isonómico, aunque sin incorporar aún a las mujeres como agentes políticos y de discurso. La palabra se convierte en un derecho y pierde su registro ritual y formulario, propio de ciertos sujetos excepcionales, para convertirse en la herramienta del debate, la oposición, la contradicción y de la argumentación.

Es este derecho igualitario al logos el que nos habilita como docentes a priorizar la experiencia argumentativa como modo de lograr que cada uno se convierta en responsable de sus dichos y acciones. Es este un compromiso ineludible que supone el respeto de la isegoría como patrimonio de cada uno de los actores del hecho educativo, ahora sin distinción de géneros.

El desafío de co-construir un sujeto ético-político-estético es una tarea que nos compromete desde la praxis docente. Si en la Grecia Clásica esta construcción era únicamente una cuestión viril, la actual construcción histórica incorpora al colectivo femenino como parte del escenario político. El pensamiento de los autores clásicos se convierte así en una herramienta fundamental en este terreno. Se trata, entonces, de utilizar las herramientas conceptuales de matriz clásica para abrir el escenario y lograr que nuevos logos se construyan desde ese derecho indeclinable a la palabra que la Atenas clásica nos legara como patrimonio de los iguales.

Conclusiones

Pensar desde la epimeleia, el cuidado de sí y del otro como gesto de solidaridad y amistad, philia.

Apenas una breve conclusión para cerrar nuestras reflexiones, inscritas en el terreno de la philia como escenario propicio para la enseñanza de las lenguas clásicas y de los autores clásicos. La dimensión del verbo therapeuo ha de marcarnos el rumbo. Cuidar, atender, velar, honrar al otro representan los gestos de construcción de un espacio terapéutico en tanto topos de construcción epistémica.

La enseñanza de las lenguas clásicas y los autores clásicos nos lleva a jerarquizar la construcción de un oikos, de un hogar común, que nos albergue en nuestra tarea compartida de transferencia y recepción de los conocimientos. Sólo desde el cuidado del otro, de la cura como atención que el otro merece en calidad de par antropológico, es posible fundar algún cimiento sólido en esa dirección y co-fundar una morada que nos permita lograr el clima ideal para la enseñanza de las lenguas clásicas y los autores clásicos, que merecen, precisamente, ese escenario.

Pensamos el aula como un espacio terapéutico, de cura mutua, de honra compartida, y, por ende, multiplicador de modelos en esa línea de acción y

producción de prácticas sociales. Una pedagogía basada en la atención mutua advierte sobre el peligro de una pedagogía des-afectivizada y des-corporeizada. Una pedagogía basada en la cura mutua tiene por obligación mantenerse en estado de alerta para advertir los riesgos de las infinitas formas de la descalificación de los sujetos, de las infinitas maneras de invisibilizar y degradar a los actores del hecho educativo. Se trata, en última instancia, de reproducir en el aula los lazos de hospitalidad, cuidado y reciprocidad que los griegos nos legaran como lección humanística.

Bibliografía

BUBER, M. Yo y tú, Nueva Visión, Buenos Aires, 1974.

COLOMBANI, M. C. Foucault y lo político, Prometeo, Buenos Aires, 2009.

DETIENNE, M. Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica, Taurus, Madrid, 1986.

FOUCAULT, M. El orden del discurso, Tusquets, Barcelona, 1983.

FOUCAULT, F. M. Historia de la sexualidad. 3. La inquietud de sí, Siglo XXI, México, 1992.

FOUCAULT, F. M. Historia de la sexualidad. 2. El uso de los placeres, Siglo XXI, México, 1993.

HEIDEGGER, M. Carta sobre el humanismo, Ediciones Huascar, Buenos Aires, 1972.

JASPERS, K. La filosofía desde el punto de vista de la existencia, FCE, Madrid, 1981.

SANTILLÁN GUEMES, R. Cultura, creación del pueblo, Editorial Guadalupe, Buenos Aires, 1985.

SARTRE, J. P. El existencialismo es un humanismo, Ediciones Huascar, Buenos Aires, 1972.

VERNANT, J.-P. Los orígenes del pensamiento griego, Editorial Universitaria de Buenos Aires, Buenos Aires, 1976.

AS CLÁSSICAS EM COIMBRA: UM PASSADO COM FUTURO

Maria de Fátima Silva¹

Resumo

Esta reflexão pretende sintetizar a vida do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra nos últimos oitenta anos, combinando uma síntese objetiva com um testemunho feito de experiência. Dela fazem parte elementos como as características do curso que as Clássicas de Coimbra oferecem e a sua interação com outros cursos da Faculdade, as linhas mestras da investigação desenvolvida ao longo de décadas e as múltiplas atividades paraescolares que constituem o seu dia-a-dia.

Palavras-chave

Multidisciplinaridade; plano do curso; projetos de investigação; atividades paraescolares.

¹ Professora Catedrática – Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: fanp13@gmail.com. Este trabalho é financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00196/2020.

Abstract

This reflection aims to summarise the life of the Classical Studies Group at the Faculty of Arts and Humanities of Coimbra over the last eighty years, combining an objective summary with a testimony of experience. It includes elements such as the characteristics of the course offered by the Classics of Coimbra and its interaction with other courses at the Faculty, the main lines of the research carried out over the decades and the multiple para-scholastic activities that make up its day-to-day activities.

Keywords

Multidisciplinarity, course plan, research projects, para-school activities.

Introdução

A quem, em meados do século XX, rumava a Coimbra à procura de uma formação em Estudos Clássicos, a Faculdade de Letras proporcionava um espaço de acolhimento e de estudo: o Instituto de Estudos Clássicos. Formalmente, esta era “uma unidade científica e pedagógica interdisciplinar, fundada a 10 de Maio de 1944, dotada de pessoal docente e técnico e ainda de bens materiais, cuja afetação depende dos Conselhos Científico e Diretivo da Faculdade, no âmbito das respetivas competências”. Era assim que a Faculdade então se organizava, por ‘Institutos’, afetos a cada uma das áreas disciplinares que compunham a Escola. Mas para os novos estudantes, o Instituto de Estudos Clássicos era muito mais do que isso; era um lugar amigável, acolhedor, que recebia com simpatia os caloiros – sempre relativamente poucos em proporção com os cativados pelos outros cursos que a Faculdade oferecia.

A primeira impressão era a de estarmos num local de trabalho, já então dotado de uma biblioteca bastante bem apetrechada, com boas instalações e também – importa sublinhá-lo – com um ambiente propício ao convívio e ao estabelecimento de laços sólidos entre professores e estudantes. E há que dizer que a aventura era ‘arriscada’, porque a formação anterior dos candidatos – mesmo assim, tempos auspiciosos aqueles em que todos dispunham já de dois anos prévios de Grego e outros tantos de Latim – não bastava para consolidar a pertinência da escolha. Talvez esse mesmo desconhecido, a que não faltava algum ‘exotismo’, constituísse um dos principais fatores de motivação.

Esse era um tempo em que a oferta da Faculdade de Letras de Coimbra visava sobretudo uma expectativa nacional. Implantada numa área geográfica sempre de população escassa – a zona centro do país –, boa parte do contingente de alunos que a procurava – e as Clássicas não eram exceção – provinha do norte, nessa altura muito menos bem dotado de instituições de ensino superior do que hoje acontece. De resto, por tradição, o curso de Clássicas apenas era oferecido pelas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa; daí uma natural divisão geográfica, entre norte e sul, na partilha dos interessados.

Com o passar das décadas que nos trazem até ao momento atual, as alterações foram profundas. A Faculdade reestruturou-se em unidades maiores – os Departamentos –, o que levou à integração das Clássicas no chamado Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, ainda que respeitada a sua identidade específica através do estatuto de ‘Secção’, a par de outras Secções afetas às Línguas, Literaturas e Culturas Modernas. Essa

reorganização não deixou de ser proveitosa, fomentando uma permeabilidade a caráter com o que a palavra 'Universidade' pressupõe.

O número de estudantes de Clássicas manteve-se reduzido, ainda que mais elevado do que era nos anos 50, como aliás toda a população universitária globalmente entendida. Mas as suas características alteraram-se. Em primeiro lugar, depois que o conjunto de instituições universitárias de regime público do país teve um enorme acréscimo – das quatro iniciais (Coimbra, Lisboa, Porto e Évora) elevado a treze –, Coimbra deixou de acolher um contingente com uma origem específica e passou a reunir estudantes de todas as áreas geográficas do continente e ilhas. Muito significativo passou a ser também o número de alunos estrangeiros, europeus, brasileiros, africanos, chineses (para falar apenas das comunidades mais significativas) que a procuraram. As Clássicas não ficaram alheias a todas estas alterações. No seu caso, um fator importante teve também repercussão; os dois anos de Grego e de Latim prévios que, em meados do século XX, eram exigidos a alunos que se destinavam a Clássicas, Românicas e História, entraram numa rota de decadência com o seu novo estatuto de disciplinas opcionais e criaram um obstáculo mais sensível à procura dos Estudos Clássicos. Os novos candidatos passaram a ser iniciandos nessas disciplinas essenciais e a temerem a opção por um curso sobre o qual o seu desconhecimento era completo.

Perante todas estas oscilações, na preparação, na procura, na oferta, no percurso entre Ensinos Secundário e Superior, constante mesmo permaneceu a existência física do Instituto de Estudos Clássicos, que, alterada em função de novos padrões administrativos, mesmo assim continua o porto de abrigo para aqueles que preferem esta formação.

Curso - interação com outros cursos

Desde que os Estudos Clássicos existem em Coimbra há uma estrutura que se mantém permanente: a associação das áreas do Grego e do Latim, divididas em matérias de língua, literatura e cultura em igual proporção. Na década de 60, o plano da graduação incluía cinco anos, com cinco unidades letivas anuais em cada um deles, à exceção do último, mais reduzido, em função da unidade Seminário destinada à iniciação na investigação científica. Dessa unidade deveria provir uma 'tese de licenciatura', algo que mais tarde viria a ser substituído pela tese de mestrado.

Outra característica permanente nas Clássicas foi sempre a sua permeabilidade e interação com diversas formações proporcionadas pela Faculdade. Num tempo em que a inclusão de opções no plano de estudos era ainda muito incipiente, o elenco de disciplinas obrigatórias integrava, a par das unidades específicas, outras sempre maioritariamente providas da área dos Estudos Portugueses e da História. Ao mesmo tempo que os estudantes de Clássicas não estavam dispensados de obter competências na Literatura e na Linguística Portuguesa, ou na História de Roma ou da Civilização Grega, nessa altura todas elas ministradas por outros Grupos da Faculdade, os seus colegas dessas mesmas áreas estavam igualmente obrigados ao estudo do Latim ou daquela que se tornou na Faculdade, durante décadas, a mais transversal de todas as disciplinas, a História da Cultura Clássica, ministrada a todos os cursos (Línguas e Literaturas, História e Filosofia) com exceção da Geografia.

A pós-graduação, então reduzida ao doutoramento, exigia meios, sobretudo bibliográficos, de que a Faculdade de Letras ainda não dispunha. Por isso algumas gerações viveram a experiência de um período de estudos numa universidade estrangeira, dentro de limites que nada têm a ver com a dimensão que o Programa ERASMUS, desde finais dos anos 80 aceite e praticado pelas universidades dos países pertencentes à comunidade europeia, entretanto promoveu. Eram, mesmo assim, experiências importantes em termos de contacto junto de outras instituições universitárias. Em contrapartida, Coimbra foi também sendo instituição de acolhimento de estudantes de outras nacionalidades, sobretudo brasileiros, atraídos pela oferta de um acompanhamento especializado para a preparação de teses que alguns docentes asseguravam.

Na perspetiva da formação académica, o passar do tempo foi produzindo profundas novidades. Com a uniformização alargada do chamado ‘modelo de Bolonha’ por toda a Europa, o percurso da graduação já então confinado a quatro anos, viu-se ainda reduzido a três anos, o que, naturalmente, afetou a solidez da proposta anterior com a inevitável redução, ou mesmo eliminação, de algumas disciplinas.

Por sua vez a Faculdade de Letras de Coimbra, à semelhança de muitas outras em Portugal e na Europa em geral, promoveu várias reformas internas de largo espectro, como aquela que ainda hoje vigora. A estrutura dos cursos remodelou-se profundamente com a semestralização das disciplinas, divididas por três anos letivos, cinco por semestre. E introduziu-se, como um princípio de base, a repartição das cadeiras em específicas, de iniciação e de formação geral. O modelo optativo impôs-se, facultando aos estudantes uma escolha que será sempre superior a metade

do conjunto de disciplinas que integram o total de 30 unidades na graduação. A própria prioridade dada ao modelo optativo exigiu, da Faculdade, uma oferta muito mais diversificada, pressionando os alunos a um percurso que, de um tronco específico, se ramifica numa teia mais ampla, que pode mesmo assim coordenar-se sob a noção de um *minor*, como formação secundária.

No plano da pós-graduação, procurou compensar-se o novo modelo, que encurta a formação específica ao nível da graduação, com uma oferta de mestrados elevada, completando, como ideal, um currículo de cinco anos. Mas também a este nível, uma opção aberta, tolerante à partida com a proveniência e formação dos estudantes, condiciona de alguma forma o sentido de uma pós-graduação como prolongamento especializado da área escolhida na graduação.

Nas Clássicas, como em qualquer outro curso da Faculdade de Letras, passou a haver, na totalidade das disciplinas e em qualquer um dos seus graus – Graduação, Mestrado e Doutoramento –, uma mescla de alunos de diversas proveniências disciplinares, com muitas vantagens e alguns inconvenientes, uns e outros facilmente perceptíveis. As assimetrias dos inscritos em cada cadeira são uma oportunidade e um desafio: indo certamente ao encontro do redimensionamento que os meios informáticos trouxeram ao conhecimento, abrem a todos os estudantes a possibilidade de aceder a um espetro amplo de formação, ao mesmo tempo que exigem do docente a capacidade de reduzir assimetrias de modo a que o produto final resulte em vantagem para o conjunto do curso.

A oferta de doutoramentos multiplicou-se em medida equivalente, também eles acessíveis a uma procura diversificada. Por isso as Clássicas, que passaram a contar, no acesso à graduação, com estudantes sem formação específica anterior, omissa a nível do ensino secundário, e, no acesso à pós-graduação, com candidatos com graduações diversas, tiveram de reformular a sua oferta indo ao encontro de uma outra realidade e de novas expectativas.

Pelo seu efeito na formação dos jovens que fizeram das Clássicas a sua opção importa recordar algumas atividades paraescolares, como colóquios, palestras, visitas de estudo e festivais de teatro, que sempre animaram a experiência académica do Grupo.

Em particular as viagens à Itália e à Grécia, que aconteceram em anos sucessivos sobretudo no início da década de 70, constituíram uma experiência de que nunca é excessivo sublinhar os efeitos. Com o apoio da Faculdade de Letras e das Embaixadas da Grécia e da Itália em Lisboa, foi

possível repetir e diversificar percursos essenciais na formação de um classicista. Roma, Nápoles, Florença, Sicília, por um lado, Atenas, Delfos, Micenas, Olímpia e algumas ilhas gregas por outro, visitadas sob a orientação de Walter de Medeiros, constituíram um complemento de formação e de motivação certamente inesquecível para todos os que tiveram o privilégio de participar dessa iniciativa.

Igualmente relevante foi a criação de um grupo de teatro académico, o Thíasos, vocacionado para levar à cena peças, trágicas e cómicas, da produção greco-latina. O que inicialmente foi pensado como um meio de mobilizar a atenção para a pragmática teatral, a acrescer à grande tradição que o estudo do teatro sempre manteve na investigação promovida pelo Grupo de Estudos Clássicos, foi ganhando uma dimensão mais alargada, com a criação de um pequeno festival realizado anualmente. Com o tempo, o festival atraiu a atenção das Escolas Básicas e Secundárias, que passaram a constituir um público numeroso; e, dentro do mesmo processo, o festival interagiu com iniciativas paralelas existentes noutros países, sobretudo em Espanha pela facilidade geográfica. Esse intercâmbio permitiu que os festivais organizados em Portugal, pelo FESTEIA, em estreita colaboração com o Thíasos, associassem grupos académicos de diferentes países, ao mesmo tempo que as produções do grupo de Coimbra passaram a ter uma circulação ibérica. Esta iniciativa promoveu também o conhecimento e a utilização de zonas arqueológicas dentro deste espaço.

Docentes

A equipa que assegurava o curso de Estudos Clássicos nos anos 60 era pequena, naturalmente equilibrada com o número sempre restrito de estudantes. Seis, foi o número de professores que, durante anos, assegurou a lecionação do curso. Tratava-se de uma equipa de excelência, com formação em escolas do maior prestígio – Oxford, New York University, La Sapienza, Louvaina – apenas para citar alguns exemplos. Por outro lado, o grupo de Estudos Clássicos manteve sempre um diálogo profícuo com as instituições públicas de apoio à ciência e tecnologia; em primeiro lugar, com o Instituto de Alta Cultura, a que se seguiram o Instituto Nacional de Investigação Científica, a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e a Fundação para a Ciência e Tecnologia; e ainda, no seu âmbito de instituição de utilidade pública da maior relevância, com a Fundação Calouste Gulbenkian. Em qualquer uma destas instâncias, o IEC encontrou sempre um interlocutor e financiador para a formação e internacionalização dos seus docentes, para a promoção de diferentes

atividades científicas e para o desenvolvimento de uma política de publicações de foro académico.

As preferências dessa equipa determinaram, de maneira decisiva, aquilo que a Secção de Estudos Clássicos continuou a ser até hoje em termos de áreas de especialidade. Dois helenistas em topo de carreira asseguravam a área do Grego, Maria Helena da Rocha Pereira (1925-2017) e Manuel de Oliveira Pulquério (1928-2011) e poderemos dizer que, para além da variedade de matérias que ambos ministravam, o teatro grego dominava nos seus interesses. Não surpreende, portanto, que a geração que formaram tenha seguido essa mesma prioridade, criando-se uma equipa de tradutores e estudiosos significativa nesta área da Literatura Grega. Por sua vez no Latim, os nomes de Américo da Costa Ramalho (1921-2013), Walter de Medeiros (1923-2012) e José Geraldes Freire (1928-2017) garantiam as áreas do Latim Clássico, Medieval e Renascentista. Neste grupo, o vigor obtido pelos Estudos sobre o Renascimento em particular foi igualmente marcante na formação das gerações seguintes. Seria injusto omitir, por fim, o nome de Carlos Alberto Louro Fonseca, um docente com uma intervenção importante na didática das línguas clássicas, ainda então embrionária, e, através dela, na motivação dos estudantes, sobretudo os iniciandos.

Outras gerações vieram trazer a esse embrião as inevitáveis reformulações e inovações. No plano da investigação científica, talvez as duas linhas de ação que tiveram uma renovação mais evidente tenham sido a área dos Estudos de Recepção – já antes iniciada por M. H. da Rocha Pereira, mas com o tempo ampliada e aprofundada –, e a área da Didática e Formação, que se assumiu como uma componente profissionalizante da maior importância para o encaminhamento dos jovens licenciados.

APEC – Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

Das iniciativas tomadas pelo Instituto de Estudos Clássicos fez parte a criação e promoção da APEC – Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, que assumiu como seu desígnio a congregação de professores e estudantes da área, dos diferentes graus de ensino, numa perspetiva nacional. Pela integração da APEC em federações internacionais, como a Euroclassica e a FIEC, o núcleo português de Estudos Clássicos passou a partilhar, num espaço multinacional, dificuldades, estratégias, soluções.

Nas suas atividades a APEC inclui todas as iniciativas destinadas a promover esta área de estudo – palestras, congressos, visitas de estudo,

representações teatrais. Mas talvez o elemento que melhor materializa os propósitos e a intervenção da APEC seja a publicação, iniciada em 1984, do *Boletim de Estudos Clássicos*, editado em articulação com o Instituto de Estudos Clássicos e com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que atingirá em 2024 o seu número 69. Trata-se de uma publicação aberta a diferentes níveis de colaboradores, com um pendor ao mesmo tempo didático e informativo. Propor sugestões de atividades letivas e dar conta das novidades relacionadas com o mundo das Clássicas foram sempre os seus objetivos prioritários.

BOLETIM DE **ESTUDOS
CLÁSSICOS**



Imagem 01: *Boletim de Estudos Clássicos*, publicação da APEC

A investigação nos Estudos Clássicos – o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos



Imagem 02: A investigação nos Estudos Clássicos – o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Qualquer estrutura universitária tem de dispor de uma investigação bem estruturada e, para isso, o Grupo de Estudos Clássicos de Coimbra encontra-se integrado na Fundação para a Ciência e Tecnologia, a entidade pública, afeta ao Ministério da Ciência, que rege a investigação científica nacional. Em termos gerais, são os seguintes os objetivos do CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (fundado em 1967):

- a) produzir e promover investigação de excelência nos domínios científicos dos Estudos Clássicos e Humanísticos (da Antiguidade à Contemporaneidade);
- b) produzir e promover tanto investigação essencial, como conhecimento aplicado e direcionado para a sociedade civil;
- c) contribuir para o fortalecimento e visibilidade da cultura e ciência portuguesas, pautando a investigação por padrões internacionais competitivos;
- d) projetar internacionalmente a produção académica marcada por uma matriz lusófona;
- e) constituir-se como “scientific hub”, congregando na sua equipa gerações de investigadores nacionais e estrangeiros de elevado nível no domínio dos Estudos Clássicos e Humanísticos;
- f) aumentar os níveis de democratização do conhecimento, prestando o serviço público de disseminação de uma cultura que, pela especificidade dos seus universos materiais e imateriais, corre

sérios riscos de crescente elitização e de apagamento da memória coletiva;

g) realizar atividades de extensão à comunidade, contribuindo para a disseminação dos Estudos Clássicos e Humanísticos;

h) colaborar com Unidades Orgânicas de ensino (desde logo a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) para a oferta de estudos avançados (de doutoramento e mestrado), bem como outros cursos de especialização ou livres, nas áreas de investigação em que atua;

i) alinhar as suas atividades de investigação, em particular os seus projetos (geral e complementares), tanto com as políticas públicas nacionais, europeias e mundiais para a Investigação, o Desenvolvimento e a Inovação, como com o Plano Estratégico da Instituição de Ensino Superior em que se insere (a Universidade de Coimbra).

No cumprimento desses propósitos, o CECH desenvolve uma atividade intensa, sujeita a avaliações periódicas por equipas internacionais, que se concretiza em atividades dirigidas à formação e constante atualização dos seus membros e a um diálogo com a comunidade universitária – nacional e internacional – e com a sociedade no seu todo. É com orgulho que o CECH acaba de ser distinguido, na sua última avaliação, com a classificação de Excelente.

Dentro dessa estrutura, estão setorizadas diferentes áreas do saber que ramificam aqueles que são os seus alicerces essenciais: as Línguas, Literaturas e Culturas Gregas e Latinas. Na configuração atual, o CECH inclui, como projetos complementares:

a) Artes docendi – investigação e formação em Didática;

b) BioRom – Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s);

c) Classics & Open Science;

d) Crises (Staseis) e Mudanças (Metabolai): a democracia ateniense na contemporaneidade;

e) Cursus aristotelicus conimbricenses;

f) Diaita heritage: Food, environment and well-being;

g) Mundos e Fundos. Mundos metodológico e interpretativo dos Fundos musicais;

h) Racionalidade hermenêutica, focada na vertente filosófica dos Estudos Clássicos;

i) Reescrita do mito.

Somados os diferentes modelos de participação – Investigadores Integrados, Investigadores Colaboradores e Investigadores Visitantes –, o CECH envolve perto de centena e meia de elementos, portugueses e estrangeiros. Na impossibilidade de referir, mesmo que por amostragem, a variedade de cursos livres, seminários e aulas abertas, congressos, workshops, e outras atividades que se multiplicam na atividade diária do CECH, poderá mencionar-se, como emblemáticas, algumas das suas linhas editoriais.

Em primeiro lugar a publicação periódica, *Humanitas*, regularmente editada desde a sua fundação em 1947. Esta é a revista científica mais antiga da área dos Estudos Clássicos de quantas se publicam em Portugal e inclui uma multiplicidade de campos de investigação: História, Arqueologia, Filosofia, Religião, Arte, Retórica, Estudos de Recepção. Está disponível online, em acesso livre.

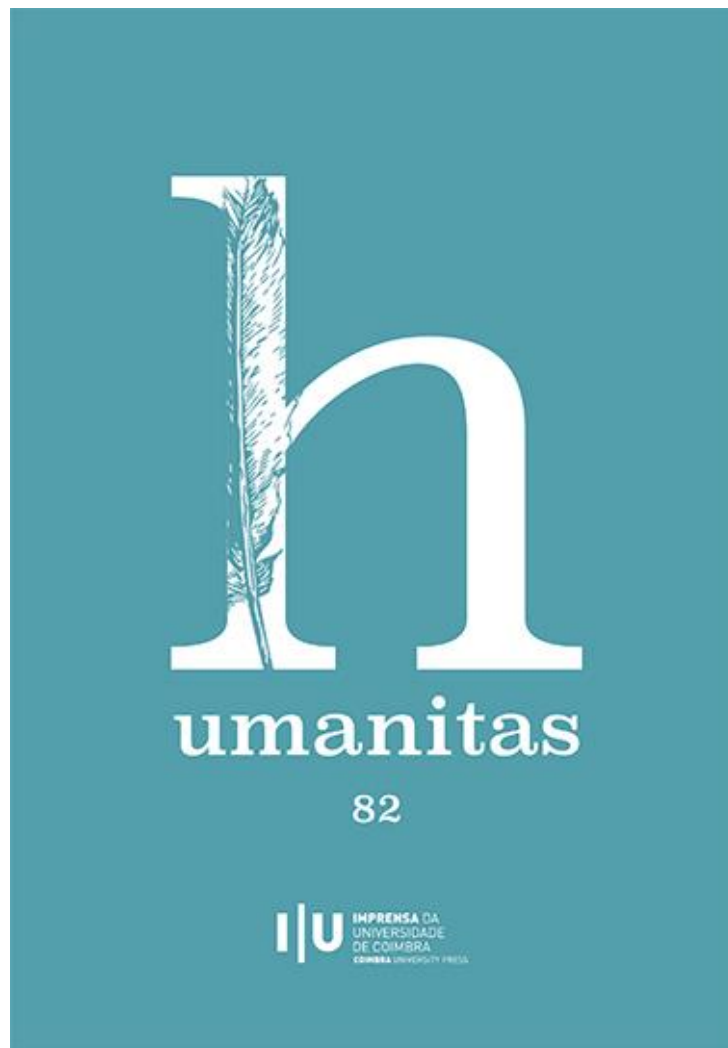


Imagem 03: *Humanitas*

Em segundo lugar, tem crescido em atividade e visibilidade a série *Classica Digitalia*, publicada em articulação com a Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponibilizada em acesso aberto, esta linha editorial subdivide-se em diferentes coleções, que espelham o produto da investigação realizada no CECH: Textos Gregos; Textos Latinos; Portugaliae Monumenta Neolatina; Classica instrumenta; Diaita: Scripta & Realia; Humanitas supplementum; Ensaios breves; Mito e (re)escrita; Ideia; Ricoeuriana; Mundos e Fundos - Mundos Metodológico e Interpretativo dos Fundos Musicais.

A par da intensidade de publicação nacional que, entre outras iniciativas, os *Classica Digitalia* documentam, uma última palavra vai para o esforço que tem sido feito no sentido de ampliar a editores internacionais de referência os resultados da investigação do CECH em diversas áreas. A Brill, a Routledge, a Brepols, a Bloomsbury, a Archaeopress, a Cambridge Scholars Publishing, a Aracne — para referir apenas alguns exemplos —,

contam nos seus catálogos vários títulos comprovativos dessa outra dimensão editorial.

Conclusão

Esta é, em grandes traços, a vida de um grupo académico este ano octogenário. Diversas gerações sustentaram estas décadas de vida e, com elas, fluiu também, globalmente, a atividade que mobiliza os Estudos Clássicos de Coimbra. Docência e Investigação harmonizam-se na diversidade e coesão da oferta. Não há paradoxo na proposta, apenas o propósito de rentabilizar talentos de todos os que vêm fazendo parte desta equipa e de responder às expectativas cada dia mais exigentes do mundo veloz em que todos estamos inseridos.

THE CLASSICS IN COIMBRA: A PAST WITH A FUTURE

Maria de Fátima Silva¹

Abstract

This reflection aims to summarise the life of the Classical Studies Group at the Faculty of Arts and Humanities of Coimbra over the last eighty years, combining an objective summary with a testimony of experience. It includes elements such as the characteristics of the course offered by the Classics of Coimbra and its interaction with other courses at the Faculty, the main lines of the research carried out over the decades and the multiple para-scholastic activities that make up its day-to-day activities.

Keywords

Multidisciplinarity, course plan, research projects, para-school activities.

¹ Senior Professor - Institute of Classical Studies, Coimbra University, Coimbra, Portugal. E-mail: fanp13@gmail.com. This work is financed with National Funds through FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the UIDB/00196/2020 project.

Resumo

Esta reflexão pretende sintetizar a vida do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra nos últimos oitenta anos, combinando uma síntese objetiva com um testemunho feito de experiência. Dela fazem parte elementos como as características do curso que as Clássicas de Coimbra oferecem e a sua interação com outros cursos da Faculdade, as linhas mestras da investigação desenvolvida ao longo de décadas e as múltiplas atividades paraescolares que constituem o seu dia-a-dia.

Palavras-chave

Multidisciplinaridade; plano do curso; projetos de investigação; atividades paraescolares.

Introduction

For those who travelled to Coimbra in the mid-20th century in search of a degree in Classical Studies, the Faculty of Arts and Humanities provided a place to stay and study: the Institute of Classical Studies. Formally, this was "an interdisciplinary scientific and pedagogical unit, founded on 10 May 1944, endowed with teaching and technical staff as well as material assets, the allocation of which depends on the Faculty's Scientific and Directive Councils, within the scope of their respective competences". This was how the Faculty was organised at the time, by 'Institutes', assigned to each of the disciplinary areas that made up the School. But for the new students, the Institute of Classical Studies was much more than that; it was a friendly, welcoming place that received warmly new students – always relatively few in proportion to those captivated by the other courses offered by the Faculty.

The first impression was of being in a place of work, which at the time had a well-stocked library, good facilities and also – it should be emphasised – an atmosphere conducive to socialising and establishing solid bonds between teachers and students. And it has to be said that the adventure was 'risky', because the candidates' previous training – even so, those were auspicious times when everyone had already had two years of Greek and as many of Latin – was not enough to consolidate the relevance of the choice. Perhaps this very unfamiliarity, which was not lacking in 'exoticism', was one of the main motivating factors.

That was a time when the offer of the Faculty of Letters of Coimbra was aimed above all at national expectations. Located in a geographic area that has always been sparsely populated – the centre of the country – a large part of the contingent of students who sought it out – and Classics was no exception – came from the north, at that time much less well endowed with higher education institutions than it is today. Moreover, by tradition, the Classics course was only offered by the Faculties of Letters in Coimbra and Lisbon; hence a natural geographical division between north and south in the distribution of candidates.

Over the decades that bring us to the present day, the changes have been profound. The Faculty was restructured into larger units – the Departments – which led to the integration of Classics into the so-called Department of Languages, Literatures and Cultures, although its specific identity was respected through its status as a 'Section', along with other Sections related to Modern Languages, Literatures and Cultures. This reorganisation was nonetheless fruitful, fostering a permeability in character with what the word 'University' implies.

The number of Classics students remained small, although higher than it had been in the 1950s, like the university population as a whole. But their characteristics have changed. Firstly, after the number of public university institutions in the country increased enormously – from the original four (Coimbra, Lisbon, Oporto and Évora) to thirteen – Coimbra no longer welcomed a contingent with a specific origin and began to bring together students from all geographical areas of the continent and islands. The number of foreign students, Europeans, Brazilians, Africans and Chinese (to mention just the most significant communities) who came to Coimbra was also very significant. Classics was no stranger to all these changes. In their case, an important factor also had repercussions: the two previous years of Greek and Latin that, in the middle of the 20th century, were required of students studying Classics, Romanic Languages and History, went into decline with their new status as optional subjects and created a more sensitive obstacle to the search for Classical Studies. New applicants became beginners in these essential subjects and feared opting for a course about which they were completely unfamiliar.

In the face of all these fluctuations, in preparation, demand, supply, and the path between secondary and higher education, the physical existence of the Institute of Classical Studies has remained constant, and although it has been altered according to new administrative standards, it is still a haven for those who make this option.

Course - interaction with other courses

For as long as Classical Studies has existed in Coimbra, there has been a permanent structure: the association of the areas of Greek and Latin, divided into language, literature and culture subjects in equal proportions. In the 1960s, the degree programme comprised five years, with five teaching units per year, with the exception of the last one, which was shorter due to the Seminar aimed at initiation into scientific research. This unit was supposed to produce a 'graduate's thesis', something that would later be replaced by a master's thesis.

Another permanent feature of the Classics programme has always been its permeability and interaction with the various courses offered by the Faculty. At a time when the inclusion of options in the syllabus was still incipient, the list of obligatory subjects included, alongside the specific units, others that always came mainly from the area of Portuguese Studies and History. While Classics students were not exempt from obtaining competences in Portuguese Literature and Linguistics, or in the History of

Rome or Greek Civilisation, all of which were taught by other Groups in the Faculty at the time, their colleagues in these same areas were also obliged to study Latin or what became the most transversal of all subjects in the Faculty for decades, the History of Classical Culture, taught on all courses (Languages and Literatures, History and Philosophy) with the exception of Geography.

Postgraduate studies, then reduced to doctorates, required resources, especially bibliographical resources, which the Faculty of Letters did not yet have. That's why some generations experienced a period of study at a foreign university, within limits that had nothing to do with the dimension that the ERASMUS Programme, which had been accepted and practised by the universities of the countries belonging to the European community since the end of the 1980s, had promoted in the meantime. Even so, they were important experiences in terms of contact with other university institutions. On the other hand, Coimbra was also a host institution for students of other nationalities, especially Brazilians, attracted by the offer of specialised support for the preparation of theses that some lecturers provided.

From the point of view of academic training, the passage of time has produced profound changes. With the widespread standardisation of the so-called 'Bologna model' throughout Europe, the undergraduate course, already confined to four years, was further reduced to three years, which naturally affected the solidity of the previous proposal with the inevitable reduction, or even elimination, of some subjects.

For its part, the Faculty of Arts and Humanities of Coimbra, like many others in Portugal and Europe in general, undertook several wide-ranging internal reforms, such as the one that is still in operation today. The structure of the courses was profoundly remodelled with the semesterisation of subjects, divided into three academic years, five per semester. As a basic principle, the courses were divided into specific, introductory and general subjects. The elective model was imposed, giving students a choice that will always be more than half of the set of subjects that make up the total of 30 undergraduate units. The very priority given to the optional model required the Faculty to offer a much more diversified programme, pushing students towards a path that, from a specific stem, branches out into a wider web, which can even be coordinated under the notion of a *minor*, as secondary education.

In terms of postgraduate programmes, an attempt has been made to compensate for the new model, which shortens specific training at undergraduate level, with a wide range of master's degrees, ideally

completing a five-year curriculum. But at this level too, an open option, tolerant from the outset of the students' origins and backgrounds, somewhat conditions the sense of a postgraduate course as a specialized extension of the area chosen at undergraduate level.

In Classics, as in any other course at the Faculty of Arts and Humanities, there is now a mixture of students from different disciplinary backgrounds in all the subjects and in any of its degrees – Undergraduate, Master's and PhD – with many advantages and some disadvantages, some of which are easily perceptible. The asymmetry of those enrolled in each subject is both an opportunity and a challenge: certainly in line with the resizing that computerised means have brought to knowledge, they open up the possibility for all students to have access to a broad spectrum of training, while at the same time requiring the teacher to be able to reduce asymmetries so that the end product results in an advantage for the course as a whole.

Doctoral programmes multiplied to an equivalent extent, also accessible to a diversified demand. That's why the Classics, which now have access to undergraduates with no previous specific training, which is missing at secondary school level, and access to postgraduates with candidates with different degrees, had to reformulate their offer to meet a different reality and new expectations.

Because of their effect on the education of the young people who chose Classics, it is important to remember some of the para-scholastic activities, such as colloquia, lectures, study visits and theatre festivals, which have always enlivened the Group's academic experience.

In particular, the trips to Italy and Greece, which took place in successive years, especially at the beginning of the 1970s, were an experience whose effects cannot be overemphasised. With the support of the Faculty of Arts and Humanities and the Greek and Italian Embassies in Lisbon, it was possible to repeat and diversify routes that are essential in the formation of a classicist. Rome, Naples, Florence, Sicily, on the one hand, Athens, Delphi, Mycenae, Olympia and some Greek islands on the other, visited under the guidance of Walter de Medeiros, were a complement to the training and motivation that will certainly be unforgettable for all those who had the privilege of taking part in this initiative.

Equally important was the creation of an academic theatre group, Thíasos, dedicated to putting on plays, both tragic and comic, from Greek-Latin production. What was initially thought of as a means of mobilising attention to theatrical pragmatics, in addition to the great tradition that the

study of theatre had always maintained in the research promoted by the Classical Studies Group, took on a wider dimension with the creation of a small festival held every year. Over time, the festival attracted the attention of primary and secondary schools, which became a large audience; and, as part of the same process, the festival interacted with parallel initiatives in other countries, especially in Spain due to its geographical location. This exchange allowed the festivals organised in Portugal by FESTEIA, in close collaboration with Thíasos, to bring together academic groups from different countries, while the Coimbra group's productions began to circulate in Iberia. This initiative also promoted the knowledge and use of archaeological areas within this space.

Teaching staff

The team that ran the Classical Studies course in the 1960s was small, naturally balanced by the always small number of students. Six was the number of professors who taught the course for years. It was a team of excellence, trained in the most prestigious schools – Oxford, New York University, La Sapienza, Louvain – just to name a few examples. On the other hand, the Classical Studies group has always maintained a fruitful dialogue with public institutions that support science and technology; firstly, with the Institute of High Culture, followed by the National Institute for Scientific Research, the National Board for Scientific and Technological Research and the Foundation for Science and Technology; and also, as an institution of major public utility, with the Calouste Gulbenkian Foundation. In any of these instances, the IEC has always found an interlocutor and funder for the training and internationalisation of its teaching staff, for the promotion of different scientific activities and for the development of a policy of academic publications.

The preferences of this team decisively determined what the Section of Classical Studies has remained to this day in terms of areas of specialisation. Two top Hellenists were in charge of the area of Greek, Maria Helena da Rocha Pereira (1925-2017) and Manuel de Oliveira Pulquério (1928-2011) and we can say that, in addition to the variety of subjects they both taught, Greek theatre dominated their interests. It's therefore not surprising that the generation they formed followed this same priority, creating a significant team of translators and scholars in this area of Greek Literature. In Latin, the names of Américo da Costa Ramalho (1921-2013), Walter de Medeiros (1923-2012) and José Galdes Freire (1928-2017) guaranteed the areas of Classical, Medieval and Renaissance Latin. Within this group, the vigour obtained by Renaissance Studies in

particular was equally marked in the formation of subsequent generations. Finally, it would be unfair to omit the name of Carlos Alberto Louro Fonseca, a teacher who played an important role in the teaching of classical languages, which was still incipient at the time, and, through this, in motivating students, especially beginners.

Other generations brought inevitable reformulations and innovations to this embryo. In terms of scientific research, perhaps the two lines of action that underwent the most obvious renewal were the area of Reception Studies – which had already been started by M. H. da Rocha Pereira, but over time expanded and deepened – and the area of Didactics and Teacher Training, which became a professionalising component of the utmost importance for the guidance of young graduates.

APEC – Portuguese Association of Classical Studies

Among the initiatives taken by the Institute of Classical Studies was the creation and promotion of APEC – Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (Portuguese Association of Classical Studies), whose aim was to bring together teachers and students in the field, from different levels of education, from a national perspective. Through APEC's membership of international federations such as Euroclassica and FIEC, the Portuguese nucleus for Classical Studies began to share difficulties, strategies and solutions in a multinational space.

APEC's activities include all the initiatives designed to promote this area of study – lectures, conferences, study visits, theatre performances. But perhaps the element that best embodies APEC's aims and intervention is the publication, which began in 1984, of the *Bulletin of Classical Studies*, edited in conjunction with the Institute of Classical Studies and the Centre for Classical and Humanistic Studies, which will reach its 69th issue in 2024. It is a publication open to different levels of contributors, with both a didactic and informative focus. Proposing suggestions for teaching activities and reporting on news related to the world of Classics have always been its priority objectives.

BOLETIM DE **ESTUDOS
CLÁSSICOS**

COIMBRA • 2023

68

BOLETIM DE **ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS
INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Figure 01: *Boletim de Estudos Clássicos*, APEC publication.

Research in Classical Studies - the Centre for Classical and Humanistic Studies



Figure 02: Research in Classical Studies - the Centre for Classical and Humanistic Studies

Any university structure has to have well-structured research and, to this end, the Coimbra Classical Studies Group is part of the Foundation for Science and Technology, the public organisation under the Ministry of Science that governs national scientific research. In general terms, the objectives of CECH - Centre for Classical and Humanistic Studies (founded in 1967) are as follows:

- a) to produce and promote excellent research in the scientific fields of Classical and Humanistic Studies (from Antiquity to Contemporaneity);
- b) to produce and promote both essential research and applied knowledge aimed at civil society;
- c) to contribute to the strengthening and visibility of Portuguese culture and science, guiding research by internationally competitive standards;
- d) to project internationally academic production characterised by a Lusophone matrix;
- e) to become a "scientific hub", bringing together generations of national and foreign researchers of the highest calibre in the field of Classical and Humanistic Studies;
- f) to increase the levels of democratisation of knowledge, providing a public service for the dissemination of a culture which, due to the specific nature of its material and immaterial universes, runs serious risks of increasing elitism and the erasure of collective memory;

g) to carry out community outreach activities, contributing to the dissemination of Classical and Humanistic Studies;

h) to collaborate with Organic Teaching Units (including the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra) to offer advanced studies (doctoral and master's degrees), as well as other specialised or free courses, in the research areas in which it operates;

i) to align its research activities, in particular its projects (general and complementary), with national, European and global public policies for Research, Development and Innovation, as well as with the Strategic Plan of the Higher Education Institution in which it operates (the University of Coimbra).

In fulfilment of these aims, the CECH carries out intense activity, subject to periodic evaluations by international teams, which takes the form of activities aimed at the training and constant updating of its members and a dialogue with the university community – national and international – and with society as a whole. It is with pride that CECH has just been honoured with an Excellent rating in its latest evaluation.

Within this structure, there are different areas of knowledge that branch out from what are its essential foundations: Greek and Latin Languages, Literatures and Cultures. In its current configuration, CECH includes the following complementary projects:

a) Artes docendi - research and training in Didactics;

b) BioRom - Rome our home: (auto)biographical tradition and the consolidation of identity(ies);

c) Classics & Open Science;

d) Crises (Staseis) and Changes (Metabolai): Athenian democracy in contemporary times;

e) Cursus aristotelicus conimbricenses;

f) Diaita heritage: Food, environment and well-being;

g) Worlds and backgrounds. Methodological and interpretative worlds of musical backgrounds;

h) Hermeneutic rationality, focussed on the philosophical side of Classical Studies;

i) Rewriting the myth.

If we add up the different models of participation – Integrated Researchers, Collaborating Researchers and Visiting Researchers – CECH involves close to a hundred and a half members, both Portuguese and foreign.

If it is impossible to mention, even by sampling, the variety of free courses, seminars and open classes, conferences, workshops and other activities that multiply in CECH's daily activity, we can mention some of its editorial lines as emblematic.

Firstly, the periodical *Humanitas*, which has been published regularly since its foundation in 1947. This is the oldest scientific journal in the area of Classical Studies to be published in Portugal and includes a multiplicity of research fields: History, Archaeology, Philosophy, Religion, Art, Rhetoric, Reception Studies. It is available online in open access.

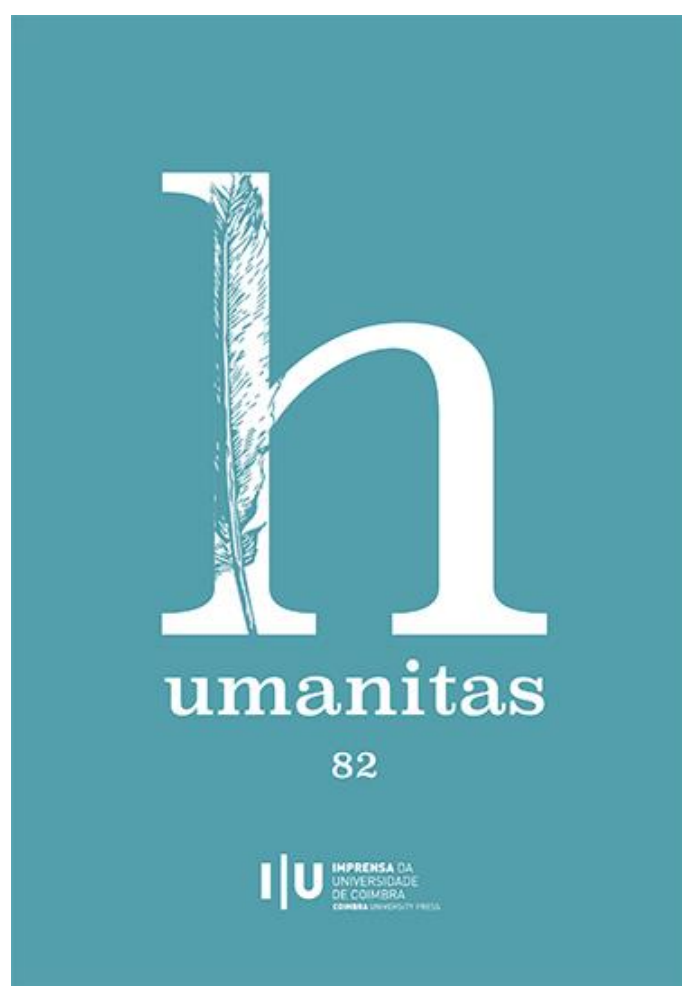


Figure 03: *Humanitas*, the Classics periodical

Secondly, the *Classica Digitalia* series, published in conjunction with the Coimbra University Press, has grown in activity and visibility. Available in open access, this editorial line is subdivided into different collections, which reflect the product of the research carried out at CECH: Greek Texts; Latin Texts; Portugaliae Monumenta Neolatina; Classica instrumenta; Diaita: Scripta & Realia; Humanitas supplementum; Short Essays; Myth and (re)writing; Idea; Ricoeuriana; Mundos e Fundos – Methodological and Interpretative Worlds of Musical Backgrounds.

In addition to the intensity of national publishing that, among other initiatives, *Classica Digitalia* documents, a final word goes to the effort that has been made to extend the results of CECH's research in various areas to leading international publishers. Brill, Routledge, Brepols, Bloomsbury, Archaeopress, Cambridge Scholars Publishing, Aracne – to name but a few – have several titles in their catalogues that demonstrate this other publishing dimension.

Conclusion

This is, in broad strokes, the life of an academic group that is eighty years old this year. Several generations have sustained these decades of life and, with them, the activity that mobilises Classical Studies in Coimbra has also flowed globally. Teaching and research harmonise in the diversity and cohesion of the offer. There is no paradox in the proposal, only the aim of making the most of the talents of all those who have been part of this team and responding to the increasingly demanding expectations of the fast-paced world in which we all live.

UMA BREVE HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Pauliane Targino da Silva Bruno¹

Resumo

O presente artigo pretende apresentar um pouco da história dos Estudos Clássicos na Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa área chega ao Brasil, principalmente, através do estudo do Latim e pela educação jesuítica. Depois disso, consolida-se nos estudos universitários e se fortalece no Ceará. Na UFC, houve dois precursores, que participaram também da fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e criaram o Núcleo de Cultura Clássica (NUCLAS), dois movimentos acadêmicos dedicados ao debate e divulgação da área. Na década de 90, a UFC obtém novos professores para compor a área de Estudos Clássicos e assim eles ampliam a atuação tanto no ensino quanto na pesquisa e na extensão. Por fim, apresenta-se um breve histórico de cada um dos seis professores que hoje compõem os Estudos Clássicos na UFC, revelando o quanto esses profissionais elevaram e deram visibilidade ao campo.

Palavras-chave

Estudos Clássicos; História; Universidade Federal do Ceará.

¹ Professora Adjunta – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil. E-mail: pauliane.targino@uece.br

Abstract

This article aims to present a short history of Classical Studies at the Federal University of Ceará (UFC). This area arrives in Brazil, mainly, through the study of Latin and Jesuit education. After that, it became consolidated in university studies and it grew stronger in Ceará. At UFC, there were two precursors, who also participated in the founding of the Brazilian Society of Classical Studies (SBEC) and created the Center of Classical Culture (NUCLAS), two academic movements dedicated to the debate and dissemination of the area. In the 90s, UFC obtained new professors to join the Classical Studies and thus expanded their activities in teaching, research and extension. Finally, a brief academic biography of each of the six professors who currently develop Classical Studies at UFC is presented, revealing how much these professionals elevated and gave visibility to these studies.

Keywords

Classical Studies; History; Federal University of Ceará.

1. Uma breve história das Línguas Clássicas no Brasil

O estudo das Línguas Clássicas, sobretudo do Latim, chegou ao Brasil com a educação jesuítica, sob o modelo da *Ratio Studiorum*² e com um caráter religioso; esse formato educacional vigorou por duzentos anos até a reforma proposta pelo Marquês de Pombal que decretou o fim da educação jesuítica. Tal proposta, baseada em ideais iluministas, pretendeu tornar a educação laica e aliar o estudo das línguas à cultura. Embora esse projeto não tenha se consolidado no Brasil, ele provocou uma desestruturação do sistema educacional vigente, pois não havia professores suficientes, desvinculados da educação religiosa, para dar seguimento a essa nova proposta educacional.

No século XIX, com a chegada da família real portuguesa no Brasil, inicia-se um movimento de investimentos para a educação, inclusive a profissionalizante, mas ainda quase sem nenhum interesse nas áreas de humanas, como afirmam Leite e Castro (2014: 64):

Como se pode observar, a ausência das humanidades é quase total, com a honrosa exceção das línguas francesa e inglesa. As línguas clássicas e as literaturas, antes elementos centrais da educação, estão absolutamente fora do escopo do curso que tem como objetivo formar homens que atuarão em posições de destaque no reino.

Com o advento da República houve uma necessidade de se repensar a educação no Brasil. Então mais uma vez os Estudos Clássicos foram colocados como disciplinas supérfluas, mas a Igreja Católica defendeu as áreas de Humanas e o estudo do Latim permaneceu. Em 1942, a Reforma Capanema instituiu o ensino de latim na educação básica. Contudo, em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (Lei 4.024/61) promulgou o fim da obrigatoriedade do ensino de Latim na educação básica; com isso, não havia mais necessidade de formação de professores de Latim, provocando um desaparecimento gradual das disciplinas da área de Estudos Clássicos dos currículos universitários. A partir disso, essa área de estudos precisou de uma reformulação para sobreviver à não obrigatoriedade. Em 1985, com a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), os Estudos Clássicos no Brasil encontraram uma

² Documento com orientações e regras disciplinando a educação jesuítica, objetivando unificar as atividades educacionais tanto na colônia como na metrópole. Segundo Albuquerque Júnior *et alii* (2024: 7): “O *Ratio Studiorum* foi publicado em 1599, evidenciando o objetivo de instrução dos silvícolas à moda europeia e visando civilizá-los. Inclusive, a elite colonial seria instruída com fulcro em valores morais cristãos, dentro da lógica da Reforma Católica, consubstanciando-se a mesma escola, mas com objetivos divergentes, pois para a elite destinava-se a instrução moral e administrativa, enquanto os nativos eram submetidos à catequese.”

forma de se fortalecer, abrindo oportunidades de diálogos, em nível nacional, para novas propostas de ensino e de pesquisa.

2. Os Estudos Clássicos no Ceará

2.1 Os precursores cearenses

Os Estudos Clássicos no Brasil, depois da década de 60, ficaram mais restritos às universidades, sobretudo, às públicas. A partir disso, esses estudos saem do domínio quase que exclusivo vinculado à religião e ganham um novo viés dentro das universidades, estabelecendo um diálogo mais profícuo com outras ciências e aliando-se a pesquisas mais modernas acerca da linguagem e da cultura.

Seguindo essa perspectiva educacional, o curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), que surgiu no início da década de 60, integrando, inicialmente, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, compreendeu três áreas de estudo – Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas e Letras Clássicas – nas modalidades Licenciatura e Bacharelado.³ Na área de Letras Clássicas, o curso contou com dois professores muito dedicados, o Prof. Eleazar Magalhães Teixeira⁴ e o Prof. José Alves Fernandes⁵ (*in memoriam*), que desenvolveram os estudos clássicos com muito afinco e formaram muitos alunos e alunas dispostos a contribuir com essa área de estudo.

O Prof. José Alves Fernandes, nos primeiros anos da carreira acadêmica, dedicou-se a sua formação, cursando o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1978), o doutorado (1980) e outros cursos de curta

³ Para mais informações sobre a história do Curso de Letras da UFC, acessar o site: <https://letrasdiurno.ufc.br/pt/historico/>

⁴ Foi professor da Universidade Federal do Ceará de 1 de março de 1964 a 1 de março de 1994 (POMPEU; DE ARAÚJO, 2021, p. 74)

⁵ Ingressou na Universidade Federal do Ceará em 1963. In: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/jose-alves-fernandes/>, acessado em 15 de julho de 2024.

duração.⁶ Depois disso, tornou-se professor titular da Universidade Federal do Ceará (1984) e professor emérito (1996) da mesma instituição. Além disso, também foi professor da Universidade Estadual do Ceará, professor visitante da Universidade do Vale do Acaraú e professor da Universidade de Fortaleza (Martins, s./d.). Teve uma vida dedicada ao ensino e à pesquisa em Letras Clássicas, Língua Portuguesa e Filologia Portuguesa. Ademais foram inúmeras as suas publicações, destacando-se o *Dicionário de Formas e Construções Opcionais da Língua Portuguesa* (2000) e o *Dicionário Cronológico da Língua Portuguesa* (2010) (Martins, 2013: 191). Foi membro da Academia Cearense de Letras (ACL), ocupando a cadeira 29, na Galeria de Acadêmicos.

O Prof. Eleazar Magalhães Teixeira, assim como o Prof. José Alves Fernandes, teve uma carreira acadêmica na Universidade Federal do Ceará e, depois de mais de uma década, também lecionou na Universidade Estadual do Ceará (de 1979 a 1993). Antes disso, o professor cursou o seu mestrado na Universidade de São Paulo (1976-1978), defendendo a sua dissertação (1983), na qual traduziu o *Protágoras* de Platão, com publicação em 1986 pela Imprensa Universitária da UFC. Além dessa tradução, ele publicou outra em 2009, a tradução d'*A República* de Platão pelas Edições UFC (Pompeu; Araújo, 2021). Recentemente (12 de julho de 2024), foi-lhe outorgado o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Estadual do Ceará.⁷

Sob a regência desses dois primorosos professores, os Estudos Clássicos ampliaram seus espaços no Ceará, especialmente em Fortaleza. Os dois formaram muitos discentes, que deram continuidade aos trabalhos na área, dentre eles professores que hoje atuam na Universidade Federal do Ceará e que serão apresentados mais adiante. Eles também participaram de dois grandes movimentos acadêmicos nessa área: um, em âmbito nacional, como membros fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), em 1985; outro, em âmbito regional, como criadores do Núcleo de Cultura Clássica da UFC (NUCLAS), em 1992.

⁶ Bacharelou-se em Letras Clássicas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e, em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Também obteve licenciatura em Letras, Português, Latim e Grego, pela Faculdade de Filosofia do Ceará, agregada à UFC. Especializou-se em Latim Vulgar pela Universidade de Coimbra e obteve o título de Doutor pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Texto de Karla Karenina Sales Fernandes, in: <https://www.uece.br/noticias/uece-concede-titulo-de-doutor-honoris-causa-ao-professor-eleazar-magalhaes-teixeira/Clássicas>.

⁷ In: <https://blogdomarcelogurgel.blogspot.com/2012/05/jose-alves-fernandes-uma-vida-servico.html>, acessado em 25 de julho de 2024.

2.2 O Ensino dos Estudos Clássicos na UFC

Desde a fundação do Curso de Letras da UFC, o ensino dos Estudos Clássicos esteve muito vinculado ao ensino de Latim e de Filologia, como disciplinas obrigatórias, e as demais foram oferecidas como opcionais (Grego, Mitologia Grega e Romana, Literatura Latina, Literatura Grega, Cultura Clássica etc.). Por muitas décadas, além da graduação, esses conhecimentos eram acessados através dos cursos de extensão (isso será mencionado adiante). No currículo vigente (2024.1), o curso de Letras da UFC mantém, como obrigatórias, as disciplinas de Latim (Latim I – Língua e Cultura e Latim II – Língua e Cultura) para todas as habilitações; e a de Filologia (Filologia Românica I) somente para a habilitação em Letras Português e suas Literaturas.⁸

Com o advento da discussão de um novo currículo, no início desse século, viu-se a necessidade de um curso de Licenciatura em Letras com uma habilitação em Letras Clássicas. Com isso, essa área ganhou mais espaço e colocou como obrigatórias várias disciplinas que, durante anos, eram opcionais. O curso começou a funcionar no segundo semestre de 2007 e a forma de ingressar nele era apenas como graduado. Ele propunha uma graduação em Latim e em Grego e possuía, sobretudo, diversas disciplinas de língua e literatura das duas línguas. Alguns discentes terminaram o curso, mas, por se tratar de uma habilitação em duas línguas (Latim e Grego), teve que ser descontinuada a sua oferta. Contudo, o projeto de ter uma graduação em Letras Clássicas não ficou esquecido nem abandonado; atualmente, tramita na universidade uma nova proposta de Bacharelado em Letras Clássicas, seguindo as novas diretrizes do Ministério da Educação (MEC), prevendo a entrada de discentes tanto por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) quanto por meio da admissão de graduado.

2.3 O Estudos Clássicos na UFC: na Pesquisa e na Pós-Graduação

No século XXI, os Estudos Clássicos começaram a ofertar vagas nos cursos de Pós-Graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*). O primeiro curso foi a Especialização em Estudos Clássicos, que ofereceu quatro turmas nos anos seguintes: 2002, 2003, 2005 e 2008. A partir de 2010, iniciou a participação dessa área na Pós-Graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado e

⁸ Para mais informações sobre o curso de Letras da UFC: <https://letrasdiurno.ufc.br/pt/estruturas-curriculares-ppcs-2022/>

doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) e no de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET); e alguns docentes também participaram como colaboradores em Estágio Pós-Doutoral.

A Especialização em Estudos Clássicos procurou aperfeiçoar os conhecimentos nessa área e tinha disciplinas ofertadas não só por docentes do curso de Letras, mas também de outros cursos, como do de Filosofia.⁹ Ademais, em uma das turmas (2005), houve duas disciplinas oferecidas por duas professoras da Universidade de São Paulo (USP), a Prof.^a Dra. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, ministrando a disciplina “Literatura Latina: o Gênero dramático em Roma”, e a Prof.^a Dra. Filomena Yoshie Hirata, ministrando a disciplina “Tragédia Grega e a Poética de Aristóteles”.

No PPGLetras,¹⁰ Programa já consolidado na UFC, as primeiras vagas para os Estudos Clássicos foram oferecidas em 2010. A inserção desses Estudos nesse Programa iniciou-se com a criação de uma Linha de Pesquisa específica na área e hoje essa área foi absorvida por outra mais abrangente. Atualmente, três professores, Ana Maria César Pompeu, Robert de Brose e Orlando Luiz de Araújo, estão vinculados ao PPGLetras.

No POET, Programa que iniciou com a contribuição dos Estudos Clássicos, a aula inaugural de 2014 foi proferida pelo Prof. Eleazar Magalhães Teixeira.¹¹ Além disso, participaram como professores de grego desse Programa a Prof.^a Dra. Ana Maria César Pompeu e o Prof. Dr. Robert de Brose. No ano de 2023, o POET obteve a aprovação do seu curso de Doutorado na área de Estudos de Tradução, com início das aulas no semestre 2024.1.¹²

2.4 Participação em projetos

Em 13 de julho 1985, a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) é fundada por um grupo de professores interessados em discutir e ampliar

⁹ A Prof.^a Dra. Maria Aparecida de Paiva Montenegro, do curso de Filosofia da UFC, lecionou algumas disciplinas (“Filosofia Clássica Grega” e “Filosofia e Arte Poética”) na Especialização em Estudos Clássicos (2002-2005). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5306598522874088>

¹⁰ O Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará – UFC, constituído pela Resolução nº 08, do CONSUNI, de 29/09/1988, é um polo formativo em estudos de literatura, no âmbito do Ceará, capital e interior, e estados vizinhos (<https://ppglettras.ufc.br/pt/estrutura-do-programa/apresentacao-e-historico/>).

¹¹ <https://ppgpoet.ufc.br/pt/eventos/2014-2/>

¹² <https://ch.ufc.br/pt/capes-aprova-criacao-de-doutorado-em-estudos-da-traducao/>

os estudos na área. O primeiro Congresso foi realizado em Belo Horizonte (endereço oficial até hoje), com o intuito de instituir a Sociedade e oficializar a primeira diretoria, que, segundo Funari (2020: 244) contou com:

[...] uma presidente com doutorado no estrangeiro (França, Haiganuch Sarian) e com um livre-docente do sistema antigo (Donaldo Schüller), uma mestra (Sílvia Damasceno) e dois graduados (Jacyntho Lins Brandão e Neiva Ferreira Pinto). Ressalte-se a ousadia e novidade da quebra de hierarquias, ao estarem graduados e doutores lado a lado, não só na direção da entidade, como na participação acadêmica.

Além dessa pluralidade, a SBEC, de início, organizou-se em oito subsecretarias,¹³ entre elas a NE1, com um secretário regional, representando os estados: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.¹⁴ A presença do Ceará na fase inicial dessa Sociedade foi marcada, sobretudo, pela presença do Prof. Eleazar Teixeira Magalhães e do Prof. José Alves Fernandes como membros fundadores (Pompeu, 2020: 295).

Alguns anos depois, em 1992, dando sequência a esse movimento de expansão e formação de discentes na área de Estudos Clássicos em Fortaleza, o Prof. Eleazar e o Prof. José Alves fundaram o Núcleo de Cultura Clássica (NUCLAS)¹⁵ na UFC, uma atividade de extensão que, no princípio, pretendeu divulgar os Estudos Clássicos no Ceará. Durante os vinte e dois anos de existência, o NUCLAS compreendeu várias atividades acadêmicas, como indica Pompeu (2020: 295): “o NUCLAS desenvolveu e continua a promover uma série de atividades que visam à disseminação dos Estudos Clássicos no Ceará e no Brasil, como cursos de extensão, semanas temáticas, palestras, publicações e grupos de estudo”. Dentre as atividades executadas pelo NUCLAS, a Semana de Estudos Clássicos é uma das mais importantes, sendo um evento acadêmico que promove a exposição de pesquisas desenvolvidas na área e o diálogo entre os

¹³ As secretarias regionais foram extintas em 2009.

¹⁴ cf. Zélia Cardoso de Almeida, http://www.classica.org.br/resources/download/1432849058_ARQUIVO_SBEC20anos-umahistoria.pdf

¹⁵ O Núcleo de Cultura Clássica vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará foi instituído por meio da RESOLUÇÃO nº 2/CONSUNI de 28 de fevereiro de 1992 pelo então Magnífico Reitor Professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho; é também um grupo do diretório do CNPq, um grupo de pesquisa da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC e um Programa de Extensão da Universidade Federal do Ceará.

participantes. Ela iniciou antes da formalização do NUCLAS, no ano de 1985, e acontecia uma vez por ano, mas depois de 2012, tal evento começou a acontecer uma vez a cada biênio; a última edição foi a trigésima em dezembro de 2021. Além disso, propiciou a publicação de livros com os trabalhos apresentados em algumas semanas (Pompeu, 2020: 296).¹⁶

Atualmente, o NUCLAS continua desenvolvendo atividades direcionadas tanto aos discentes universitários quanto à comunidade em geral, oferecendo cursos de extensão em Grego Clássico e Koiné, Latim (modalidade presencial e *online*) e Mitologia grega e romana, além de abranger grupos de estudos coordenados pelos professores, Ana Maria César Pompeu e Orlando Luiz de Araújo,¹⁷ incluindo as pesquisas de todos os professores efetivos de Letras Clássicas da UFC.

3. Os docentes dos Estudos Clássicos da UFC

A docência dedicada e atenta dos professores Eleazar e José Alves gerou discípulos que continuaram o legado iniciado por eles. Dentre eles, serão apresentados os docentes que hoje atuam na UFC dando sequência aos Estudos Clássicos.¹⁸ Os docentes serão apresentados conforme a data de ingresso nessa universidade.

3.1 Ana Maria César Pompeu¹⁹

Ana Maria cursou Língua Portuguesa com as suas respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Ceará (1987-1991). Entre os anos de 1990 e

¹⁶ Os livros organizados a partir das Semanas de Estudos Clássicos foram os seguintes: *Anais XXIX Semana de Estudos Clássicos Mundos Antigos, Perspectivas Modernas: Recepção e Autoria*. Fortaleza: Substância, 2020; *Anais XXVIII Semana de Estudos Clássicos: O feio e o torpe na Antiguidade e sua recepção*. Fortaleza: Substância, 2017; *Grécia e Roma no universo de Augusto*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015; *Identidade e Alteridade no mundo antigo*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015; *Oralidade, Escrita e Performance na Antiguidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013; *O riso no mundo antigo*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012 (POMPEU, 2020: 296).

¹⁷ Grupo de Estudos da Comédia Aristofânica – GECA e Grupo de Estudos da Septuaginta – GES, coordenados pela Professora Ana Maria César Pompeu; Grupo de Estudos de Narrativa e Teatro – G-ente, coordenado pelo Professor Orlando Luiz de Araújo.

¹⁸ A maioria das informações sobre os docentes foram retiradas de seus respectivos currículos presentes na Plataforma Lattes.

¹⁹ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726092826722326>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5688-7734>

1992, concluiu, na extensão universitária da UFC, cursos na área de Estudos Clássicos: Curso de Grego Clássico, Língua Grega e Língua Latina. Ainda no ano de 1992, ela começou a exercer a docência ao lado de seu grande mestre Prof. Eleazar, ao se tornar professora de Língua Grega da UFC.

No início, a Prof.^a Ana Maria preocupou-se em investir na sua formação acadêmica, aprimorando os seus conhecimentos. Em 1994, o seu mestre se aposentou e sua vaga foi ocupada pelo Prof. Orlando Luiz de Araújo (que será apresentado adiante). Com a chegada do novo professor, no ano seguinte, ela pôde se afastar da universidade para cursar o seu mestrado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação do Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano, obtendo o título de mestre em 1997 com a dissertação intitulada *Lisístrata e seus planos: Mulheres e Acrópole, Homens não entram*. Nesse texto, a professora propõe uma tradução da peça *Lisístrata* de Aristófanes, a sua primeira tradução completa de uma peça, que será publicada mais tarde. Três anos depois, ela retornou a São Paulo para cursar o doutorado no mesmo programa de pós-graduação e universidade, sob a orientação do mesmo professor; agora, a Prof.^a Ana Maria propôs uma tese interdisciplinar com o título *Aristófanes e Platão: a justiça na pólis*, obtendo o título de doutora em Letras Clássicas no ano de 2004. Além do mais, em 2010, ela fez estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra, em Portugal. Em 2020, a Prof.^a Dra. Ana Maria César Pompeu tornou-se professora titular da UFC. Ela atua até hoje na Graduação em Letras, na Extensão Universitária e em dois Programas de Pós-Graduação, em Letras (PPGLetras) e em Estudos da Tradução (POET).

Na UFC, a Prof.^a Dra. Ana Maria contribuiu na parte administrativa exercendo vários cargos e funções (chefia, coordenação, membro de conselho). No âmbito acadêmico, coordenou o NUCLAS e grupos de estudos; ministrou disciplinas na graduação e pós-graduação; orientou muitos discentes (na Graduação e na Pós-Graduação), colaborou em estágios pós-doutorais, organizou eventos acadêmicos e exerceu outras atividades acadêmicas (participação em bancas, em conselho editorial etc.), atuando até hoje com o mesmo empenho. Ademais, colaborou também com a publicação dos seguintes livros *Aristófanes e Platão: a justiça na pólis* (2011), *Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do riso na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês* (2014; 2021), *Acrópole, agora! Mulher, dentro! Homem, fora! Uma introdução à Lisístrata de Aristófanes* (2018), *Aristófanes, o dramaturgo da cidade justa* (2019); as traduções de Aristófanes, *Lisístrata* (1998; 2010), *Tesmoforiantes* (2015), *Cavaleiros* (2017), e, de Plutarco, em colaboração, *Epítome da comparação de Aristófanes e Menandro* (2017); e participando da organização dos livros, *O riso no mundo antigo* (2012),

Oralidade, Escrita e Performance na Antiguidade (2013), *Identidade e alteridade no mundo antigo* (2013), *Grécia e Roma no Universo de Augusto* (2015), *As Mulheres de Aristófanes: revolução e recepção* (2022) e *Os Estudos Clássicos na Pandemia* (2022). Ela também desenvolveu muitas pesquisas, sobretudo, vinculadas à comédia aristofânica, seu principal objeto de estudo.

A Prof.^a Dra. Ana Maria contribuiu ainda de forma primorosa na continuidade e ampliação dos Estudos Clássicos, trabalhando nas três áreas de atuação universitária – ensino, pesquisa e extensão. Ela ainda subiu o patamar dos Estudos Clássicos do Ceará ao presidir a SBEC (2020-2021). Em suma, tudo o que foi mencionado revela brevemente uma parte de toda a contribuição da Prof.^a Dra. Ana Maria, que conseguiu, ao longo desses anos de trabalho, através principalmente do ensino da língua grega e da comédia aristofânica, propagar ainda mais os Estudos Clássicos.²⁰

3.2 Roberto Arruda de Oliveira²¹

Roberto cursou Letras (Português-Literatura) na Universidade Federal do Ceará (1982-1986) e também Letras (Português-Francês) pela mesma universidade (1987-1990). Entre os anos de 1987 e 1989, cursou, na extensão universitária da UFC, o Curso de Grego Clássico e de Latim Clássico. No ano de 1990, iniciou a carreira de professor universitário na Universidade Estadual do Ceará (UECE); em 1992, tornou-se professor de Língua Latina da UFC, onde leciona até hoje.

Após estabelecido na UFC, o Prof. Roberto preocupou-se em investir na sua formação acadêmica, aprimorando os seus conhecimentos. Em 1999, foi cursar o seu mestrado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação da Prof.^a Dra. Alice da Silva Cunha, obtendo o título de mestre em 2001 com a dissertação intitulada *A Bucólica IV de Virgílio e o Mítico Eterno Retorno*. No mesmo ano, iniciou o doutorado no mesmo programa de pós-graduação e universidade, também sob a orientação da mesma professora; no doutorado, o Prof. Roberto escreveu a tese intitulada *A morte nas Elegias Propertianas*, obtendo o título de doutor em Letras Clássicas no ano de 2005. Atualmente, o Prof. Dr. Roberto Arruda de Oliveira é Professor Associado de Letras Clássicas, lecionando disciplinas nas áreas de Latim, Filologia Românica, Cultura

²⁰ A Prof.^a Dra. Ana Maria César Pompeu se aposentou em julho de 2024, mas ainda contribui na Extensão e na Pós-Graduação da UFC.

²¹ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7651466950685198>

Clássica e Literatura Latina, em nível de Graduação, tanto na modalidade presencial como na semi-presencial.

Na UFC, o Prof. Dr. Roberto contribuiu na parte administrativa exercendo a função de coordenador do curso de Letras (2007-2008). No âmbito acadêmico, é membro pesquisador do NUCLAS, tendo coordenado grupos de pesquisa; ministrou disciplinas na graduação e pós-graduação; orientou monografias de discentes e exerceu outras atividades acadêmicas (participação em bancas, membro de comitê científico etc.), atuando até hoje nisso. Ademais, colaborou também com publicações de artigos,²² capítulos de livros, participação em eventos; e elaborou material didático para a UFCVirtual (2007, 2008, 2010).

Em suma, tudo o que foi mencionado revela uma parte de toda a contribuição do Prof. Dr. Roberto, que conseguiu, ao longo desses anos de trabalho, propagar os Estudos Clássicos, ensinando a língua latina e se dedicando a temas como a filologia portuguesa, a poesia bucólica de Virgílio e as elegias de Propércio.

3.3 Orlando Luiz de Araújo²³

Orlando cursou Letras na Universidade Federal do Ceará (1990-1993). Entre os anos de 1991 e 1993, seguiu, na extensão universitária da UFC, o Curso de Grego Clássico. No ano de 1994, o seu grande mestre Prof. Eleazar se aposentou e ele passou a ocupar a sua vaga, tornando-se professor de Língua Grega da UFC.

No início, o Prof. Orlando ministrou disciplinas de Língua Grega I e Língua Grega II, na graduação. Em 1997, ele iniciou um curso de especialização em Filosofia Política na UFC e desenvolveu a monografia intitulada *O discurso do poder tirânico na tragédia grega* sob a orientação do Prof. Eduardo Chagas, tornando-se especialista em 1998. Com o retorno da Prof.^a Ana Maria, após a conclusão do mestrado, em 1998, ele pôde se afastar para iniciar o mestrado em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da Prof.^a Dra. Filomena Yoshie Hirata. Em 2001, ele

²² Artigos mais recentes: “Virgílio e a ‘aetas aurea’ augustana”, 2015; “Vocalismos e consonantismos na România”, 2015; “Imaginário da morte nas elegias de Propércio”, 2016; “Legado das categorias nominais latinas”, 2016; “Roma Antiga: becos e ruelas fétidos”, 2017; “Século XVIII: o iluminismo lexicográfico”, 2017; “Propércio: inspiração e linguagem”, 2018; “Percepções da Idade de Ouro nos poetas augustanos”, 2019; “Formação verbal das línguas românicas”, 2020.

²³ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2680403686223727>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9886-3733>

defendeu a sua dissertação, intitulada *Electra de Sófocles: Estudo e Tradução*, tendo obtido o título de mestre. Dois anos depois, ele retornou a São Paulo para cursar o doutorado no mesmo programa de pós-graduação e universidade, também sob a orientação da mesma professora; agora, o Prof. Orlando escreveu a tese intitulada *O Tema da Felicidade no Teatro de Sófocles*, tendo obtido o título de doutor em Letras Clássicas no ano de 2008. Além do mais, ele fez estágio pós-doutoral na Universidade de Lisboa, em Portugal, em 2015-2016. Atualmente, o Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo é Professor Associado de Letras Clássicas e de História do Teatro da UFC, atuando na Graduação em Letras, Filosofia e Teatro, na Extensão Universitária e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras).

Na UFC, o Prof. Dr. Orlando contribuiu na parte administrativa exercendo vários cargos e funções (chefia, coordenação). No âmbito acadêmico, coordenou o NUCLAS e grupos de estudos; ministrou disciplinas na graduação e pós-graduação; orientou muitos discentes (na Graduação e na Pós-Graduação), colaborou em estágios pós-doutorais, organizou eventos acadêmicos e exerceu outras atividades acadêmicas (com participação em bancas, em comissão editorial etc.), atuando até hoje com a mesma dedicação. Ademais, colaborou também com muitas publicações de artigos, capítulos de livros, textos de anais de eventos, a tradução da *Electra* de Sófocles (2015) e a organização dos livros: *Ensaaios em Estudos Clássicos* (2006), *O riso no mundo antigo* (2012), *Identidade e Alteridade no Mundo Antigo* (2013), *Oralidade, Escrita e Performance na Antiguidade* (2013), *Literatura: sujeitos de gênero e outros discursos* (2018), *Literatura, sociedade e interdisciplinaridade: articulações literárias* (2019), *Recepção dos mitos gregos na dramaturgia brasileira*, vol. 1 e 2 (2020), *As Mulheres de Aristófanes: revolução e recepção*, tomos 1 e 2 (2022), *Corpos e masculinidade na dramaturgia de Bernardo Santareno* (2022) e *Estudos em Teatro Antigo e Moderno* (2024). Ele também coordenou muitos grupos de pesquisa, desenvolvendo atualmente a pesquisa intitulada “Das Cartas de Cortesãs, de Alcífron, às Cartas de Amor, de Aristêneto: tradução e estudo de sexualidade e gênero”. Ademais, hoje ele é bolsista de produtividade em pesquisa (nível 2) do CNPq.

O Prof. Dr. Orlando, assim como a Prof.^a Dra. Ana Maria, contribuiu primorosamente na continuidade e ampliação dos Estudos Clássicos no Ceará e no Brasil, trabalhando sempre nas três áreas de atuação das universidades – ensino, pesquisa e extensão. Em suma, o que foi mencionado revela rapidamente uma parte de toda a contribuição dele, ensinando a língua grega e se dedicando a temas como o teatro clássico (tragédia) e a narrativa antiga.

3.4 Francisco Edi de Oliveira Sousa²⁴

Francisco Edi cursou Letras na Universidade Federal do Ceará (1993-1997). Entre os anos de 1994 e 1996, completou, na extensão universitária da UFC, o Curso de Língua e Cultura Latina. No ano de 1999, Francisco Edi tornou-se professor de Língua Latina da UFC.

Primeiramente, o Prof. Edi teve que conciliar o exercício da docência na graduação com o curso de mestrado, iniciado em 1998. Ele cursou o mestrado em Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC) sob a orientação da Prof.^a Dra. Martine Suzanne Kunz. Em 2001, ele defendeu a sua dissertação, intitulada *Uma Leitura de Canções sem Metro – a partir do diálogo com a obra de Baudelaire*, e obteve o título de mestre. Três anos depois, foi a São Paulo para cursar o doutorado em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da Prof.^a Dra. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, com período de co-tutela na Université Paris-Sorbonne, na França, sob a orientação de Carlos Lévy; agora, o Prof. Edi escreveu a tese intitulada *As pinturas do Templo de Juno e o Ciclo Troiano: imagem e memória épica na arquitetura da Eneida*, obtendo o título de doutor em Letras Clássicas no ano de 2008. Além do mais, ele fez estágio pós-doutoral na Université Paris-Sorbonne, na França, em 2012-2013. Em 2017, iniciou um outro doutorado, agora em Filosofia, pela UFC, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida. A sua segunda tese, intitulada *A Poesia de Propércio e a Filosofia Moral*, foi defendida em 2023. Atualmente, o Prof. Dr. Francisco Edi de Oliveira Sousa é Professor Associado de Letras Clássicas, atuando na Graduação em Letras, sobretudo, na área de Língua Latina e Literatura Latina.

Na UFC, o Prof. Dr. Edi contribuiu, no âmbito acadêmico, coordenando grupos de estudos; ministrou disciplinas na graduação e pós-graduação; orientou muitos discentes (na Graduação e na Pós-Graduação), organizou eventos acadêmicos e exerceu outras atividades acadêmicas (participação em bancas, em comissão editorial etc.), atuando até hoje com a mesma dedicação. Colaborou também com muitas publicações de artigos, capítulos de livros, textos de anais de eventos e da sua dissertação *Uma Leitura de Canções sem Metro – a partir do diálogo com a obra de Baudelaire* (2012, 2014).

O Prof. Dr. Edi contribuiu de forma destacada na continuidade e ampliação dos Estudos Clássicos, com igual dedicação aos três pilares da

²⁴ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5232866346013249>

universidade brasileira – ensino, pesquisa e extensão. Tudo o que foi reunido aqui apresenta de forma abreviada sua vasta contribuição, que conseguiu, ao longo desses anos de trabalho, propagar os Estudos Clássicos, com ênfase no ensino da língua latina e de temas como a poesia de Virgílio e a de Propércio.

3.5 Josenir Alcântara de Oliveira²⁵

Josenir cursou Letras na Universidade Estadual do Ceará (1982-1986). Em 1989, ele iniciou a sua carreira docente na Universidade Federal do Piauí (UFPI); em 2006, por meio de uma redistribuição, passou a compor o quadro de professores de Letras Clássicas da UFC.

Em 1987, ele iniciou o seu aperfeiçoamento cursando a especialização em Literatura Brasileira na UECE e desenvolveu a monografia intitulada *A verticalidade onomástica em Tutameia de João Guimarães Rosa*, tornando-se especialista em 1990. Em 1992, ele iniciou o mestrado em Filologia Românica na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Fregni Basseto. Em 1995, ele defendeu a sua dissertação, intitulada *As designações românicas de aguardente: uma leitura etimológica semântica*, e obteve o título de mestre. Três anos depois, ele retornou a São Paulo para cursar o doutorado no mesmo programa de pós-graduação e universidade, sob a orientação da Prof.^a Dra. Elisa Guimarães Pinto; agora, o Prof. Josenir escreveu a tese intitulada *A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-européia *pel-, dobrar*, tendo obtido o título de doutor em Filologia e Língua Portuguesa no ano de 2002.

Na UFC, ao longo desses anos, o Prof. Dr. Josenir contribuiu principalmente ministrando disciplinas na graduação; no âmbito acadêmico, é membro pesquisador do NUCLAS e exerceu outras atividades acadêmicas (participação em bancas etc.), atuando até hoje. Ademais, colaborou também com publicações de artigos, capítulos de livros e participação de eventos. Em vista de seu empenho, o Prof. Dr. Josenir contribuiu para a continuidade e ampliação dos Estudos Clássicos, ensinando a língua latina e se dedicando também a temas vinculados à Filologia Românica.

²⁵ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7209884265111194>

3.6 Robert de Brose²⁶

Robert cursou Letras e Literaturas Gregas na Universidade de São Paulo (1998-2002). Em 2004, ele iniciou o mestrado em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da Prof. Dr. Christian Werner. Em 2007, ele defendeu a sua dissertação, intitulada *Os fragmentos atenienses de Simônides: um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a.C.*, tendo obtido o título de mestre. Alguns anos depois, ele se tornou professor de Língua Grega da UFC, em 2009, já iniciando a carreira como Professor Assistente. No mesmo ano, ele começou a cursar o doutorado no mesmo programa de pós-graduação e universidade por onde obtivera o título de mestre, e sob a orientação do mesmo professor – conciliando o exercício da docência e o doutorado – escreveu a tese intitulada *Epikomios Hymnos: investigações sobre a performance dos epinícios de pindáricos*. Obteve o título de doutor em Letras Clássicas no ano de 2014. Ademais, fez estágio pós-doutoral na University of Oxford, na Inglaterra, em 2018-2019. Atualmente, o Prof. Dr. Robert de Brose é Professor Associado de Letras Clássicas e de Tradução da UFC, atuando na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET).

Na UFC, o Prof. Dr. Robert contribuiu na parte administrativa exercendo vários cargos e funções (coordenação). No âmbito acadêmico, é membro pesquisador do NUCLAS; ministrou disciplinas na graduação e pós-graduação; orientou discentes (na pós-graduação), colaborou em estágio pós-doutoral, organizou eventos acadêmicos e exerceu outras atividades acadêmicas (participação em bancas, parecerista em revistas etc.), atuando até hoje com a mesma dedicação. Colaborou também com muitas publicações de artigos, capítulos de livros, a tradução das *Odes Olímpicas*, de Píndaro (2023)²⁷, e a organização dos livros (cito alguns): *O riso no mundo antigo* (2012), *Identidade e Alteridade no Mundo Antigo* (2013), *Oralidade, Escrita e Performance na Antiguidade* (2013), *Poesia e Tradução* (2017), *Pervivência Clássica: Interfaces entre Tradução e Recepção dos Clássicos* (2019). Publicou também sua tese premiada *Epikomios Hymnos: investigações sobre a performance dos epinícios pindáricos* (2016). Também coordenou alguns grupos de pesquisa, desenvolvendo atualmente a pesquisa intitulada “Métrica e Rítmica Grega”. Hoje ele é bolsista de produtividade em pesquisa (nível 2) do CNPq.

O Prof. Dr. Robert contribuiu primorosamente na ampliação dos Estudos Clássicos no Ceará e no Brasil, trabalhando sempre no ensino, na pesquisa

²⁶ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5686148504443158>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8591-4861>

²⁷ Tradução finalista do Prêmio Jabuti de 2024, o maior prêmio literário do país.

e na extensão. Em suma, tudo o que foi mencionado apresenta brevemente uma parte de toda a contribuição dele, sobretudo por meio do ensino da língua grega e da lírica arcaica grega, com ênfase em Píndaro.

4. Considerações finais

Os Estudos Clássicos na UFC, durante esses anos, formaram muitos discentes que hoje seguem carreira acadêmica na área. O melhor exemplo disso é que o quadro de professores da área de Clássicas se compõe de cinco professores graduados nas universidades do Ceará. O legado clássico da UFC continua prosperando, ganhando mais projetos e se expandindo pelo país.

Esse artigo pretende ser também um agradecimento a todos os docentes que fizeram parte dessa história dos Estudos Clássicos na UFC, principalmente àqueles que estão hoje dando continuidade e aprimoramento todos os dias a essa magnífica área de estudos.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, A. B. de; ARAÚJO, A. C. U.; FERNANDES, K. L. C.; CARVALHO, M. L. de O. S.; SOUZA, P. V. L. de; ASNIS, V. P. Reverberações contemporâneas do método pedagógico Ratio Studiorum. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 7, p. e5345, 2024. DOI: [10.54033/cadpedv21n7-010](https://doi.org/10.54033/cadpedv21n7-010). Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5345>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996

FUNARI, Pedro Paulo A. Os estudos clássicos e a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, alguns comentários históricos. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 239-247, 2020. DOI: [10.24277/classica.v33i2.945](https://doi.org/10.24277/classica.v33i2.945). Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/view/945>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LEITE, Leni Ribeiro; CASTRO, Marihá Barbosa e. O ensino de língua latina no Brasil: percursos e perspectivas. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 53-77, 2014. DOI:

[10.24277/classica.v27i2.226](https://revista.classica.org.br/classica/article/view/226). Disponível em:
<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/226>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MARTINS, Vicente. Um homem sensível, zeloso e pesquisador de mão-cheia. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 3, n. 2 esp, p. 183-191, out. 2013. ISSN 2237-6321. DOI: http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.3.3.2_esp.183-191. Disponível em:
<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/313/208>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARTINS, José Murilo. *Academia Cearense de Letras: História e Acadêmicos*. S./d. In: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/jose-alves-fernandes/>, acessado em 15 de julho de 2024.

POMPEU, Ana Maria César. O Núcleo de Cultura Clássica e a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 295-304, 2020. DOI: [10.24277/classica.v33i1.908](https://revista.classica.org.br/classica/article/view/908). Disponível em:
<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/908>. Acesso em: 17 jul. 2024.

POMPEU, Ana Maria César; ARAÚJO, Orlando Luiz de. Memorial de um Platonista: Eleazar Magalhães Teixeira. *Em Tese*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 72-84, nov. 2021. ISSN 1982-0739. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.27.2.72-84>. Disponível em:
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18580/1125614268>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

A BRIEF HISTORY OF CLASSICAL STUDIES AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ

Pauliane Targino da Silva Bruno¹

Abstract

This article aims to present a short history of Classical Studies at the Federal University of Ceará (UFC). This area arrives in Brazil, mainly, through the study of Latin and Jesuit education. After that, it became consolidated in university studies and it grew stronger in Ceará. At UFC, there were two precursors, who also participated in the founding of the Brazilian Society of Classical Studies (SBEC) and created the Center of Classical Culture (NUCLAS), two academic movements dedicated to the debate and dissemination of the area. In the 90s, UFC obtained new professors to join the Classical Studies and thus expanded their activities in teaching, research and extension. Finally, a brief academic biography of each of the six professors who currently develop Classical Studies at UFC is presented, revealing how much these professionals elevated and gave visibility to these studies.

Keywords

Classical Studies; History; Federal University of Ceará.

¹ Professor at the State University of Ceará. E-mail: pauliane.targino@uece.br.

Resumo

O presente artigo pretende apresentar um pouco da história dos Estudos Clássicos na Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa área chega ao Brasil, principalmente, através do estudo do Latim e pela educação jesuítica. Depois disso, consolida-se nos estudos universitários e se fortalece no Ceará. Na UFC, houve dois precursores, que participaram também da fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e criaram o Núcleo de Cultura Clássica (NUCLAS), dois movimentos acadêmicos dedicados ao debate e divulgação da área. Na década de 90, a UFC obtém novos professores para compor a área de Estudos Clássicos e assim eles ampliam a atuação tanto no ensino quanto na pesquisa e na extensão. Por fim, apresenta-se um breve histórico de cada um dos seis professores que hoje compõem os Estudos Clássicos na UFC, revelando o quanto esses profissionais elevaram e deram visibilidade ao campo.

Palavras-chave

Estudos Clássicos; História; Universidade Federal do Ceará.

1. A Brief History of Classical Languages in Brazil²

The study of Classical Languages, especially Latin, arrived in Brazil with Jesuit education, following the model of the *Ratio Studiorum*³ and with a religious character. This educational format prevailed for two hundred years until the reform proposed by Marquês de Pombal, who decreed the end of Jesuit education. This proposal, based on Enlightenment ideals, aimed to secularize education and link the study of languages to culture. Although this project did not consolidate in Brazil, it caused a disruption of the existing educational system, as there were not enough teachers unrelated to religious education to continue this new educational proposal.

In the 19th century, with the arrival of the Portuguese royal family in Brazil, there was a movement to invest in education, including vocational training, but with almost no interest in the humanities, as Leite and Castro (2014: 64) affirm:

As can be seen, the absence of the humanities is almost total, with the honorable exception of French and English languages. Classical languages and literatures, once central elements of education, are absolutely out of the scope of the course aimed at forming men who will act in prominent positions in the kingdom.

With the advent of the Republic, there was a need to rethink education in Brazil. Once again, Classical Studies were considered superfluous disciplines, but the Catholic Church defended the humanities, and the study of Latin remained. In 1942, the Capanema Reform instituted the teaching of Latin in basic education. However, in 1961, the Law of Guidelines and Bases of Basic Education (Law 4.024/61) decreed the end of mandatory Latin teaching in basic education; thus, there was no longer a need to train Latin teachers, leading to the gradual

² All quotations are translated from Portuguese to English, as well as the names of institutions and the titles of books. To access the original names and expressions, one ought to read the Portuguese version of the present paper.

³ Document with guidelines and rules governing Jesuit education, aiming to unify educational activities both in Europe and in the colonies. According to Albuquerque Júnior *et alii* (2024: 7): “The *Ratio Studiorum* was published in 1599, highlighting the objective of educating foresters in the European fashion and aiming to civilize them. In fact, the colonial elite would be instructed based on Christian moral values, within the logic of the Catholic Reform, constituting the same school, but with divergent objectives, as moral and administrative instruction was intended for the elite, while the natives were subjected to catechesis”.

disappearance of Classical Studies disciplines from university curricula. From that point on, this field needed a reformulation to survive the non-mandatory status. In 1985, with the founding of the Brazilian Society of Classical Studies (SBEC), Classical Studies in Brazil found a way to strengthen itself, opening opportunities for national-level dialogues for new teaching and research proposals.

2. Classical Studies in Ceará

2.1 The Pioneers from Ceará

Classical Studies in Brazil, after the 1960s, became more restricted to universities, especially public ones. Consequently, these studies moved away from the almost exclusive domain linked to religion and gained a new perspective within universities, establishing a more fruitful dialogue with other sciences and aligning with more modern research on language and culture.

Following this educational perspective, the Language and Literature course at the Federal University of Ceará (UFC), which emerged in the early 1960s, initially integrating the Faculty of Philosophy, Sciences, and Letters, comprised three study areas: Neolatin Letters, Anglo-Germanic Letters, and Classical Letters – and in the modalities of Licentiate and Bachelor's degrees.⁴ In the area of Classical Letters, the course had two dedicated professors, Prof. Eleazar Magalhães Teixeira⁵ and Prof. José Alves Fernandes⁶ (*in memoriam*), who developed Classical Studies with great dedication and trained many students willing to contribute to this field of study.

Prof. José Alves Fernandes, in the early years of his academic career, pursued his education by taking a master's degree at the Federal University of Rio de Janeiro

⁴ For more information about the history of Letters Course at the UFC, visit the website: <https://letrasdiurno.ufc.br/pt/historico/>

⁵ He was a professor at the Federal University of Ceará from March 1, 1964 to March 1, 1994 (Pompeu; Araújo, 2021: 74).

⁶ He entered the Federal University of Ceará in 1963. In: <https://academiacearensedeletras.org.br/membros/jose-alves-fernandes/>, accessed July 15, 2024.

(UFRJ) (1978), a doctorate (1980), and other short courses.⁷ Later, he became a full professor at the Federal University of Ceará (1984) and an emeritus professor (1996) at the same institution. Additionally, he was a professor at the State University of Ceará, a visiting professor at the University of Vale do Acaraú, and a professor at the University of Fortaleza (Martins, n./d.). He had a life dedicated to teaching and researching in Classical Letters, Portuguese Language, and Portuguese Philology. Among his numerous publications, the *Dictionary of Optional Forms and Constructions of the Portuguese Language* (2000) and the *Chronological Dictionary of the Portuguese Language*" (2010) stand out (Martins, 2013: 191). He was also a member of the Ceará Academy of Letters (ACL), occupying chair 29 in the Gallery of Academics.

Prof. Eleazar Magalhães Teixeira, like his colleague, had an academic career at the Federal University of Ceará and, after more than a decade, also taught at the State University of Ceará (from 1979 to 1993). Before that, he pursued his master's degree at the University of São Paulo (1976-1978), defending his dissertation in 1983, which included the translation of Plato's *Protagoras*, published in 1986 by the UFC Press. In addition to this translation, he published another one in 2009, the translation of Plato's *Republic* by the UFC Editions (Pompeu; Araújo, 2021). Recently, on July 12, 2024, he was awarded the title of Doctor *Honoris Causa* by the State University of Ceará.⁸

Thus, under the guidance of these two distinguished professors, Classical Studies expanded their spaces in Ceará, especially in Fortaleza. They trained many students who continued the work in the field, including professors who currently work at the Federal University of Ceará and will be presented later. They also participated in two major academic movements in the field: one at the national level, as founding members of the Brazilian Society of Classical Studies (SBEC) in 1985, and the other at the regional level, as creators of the Classical Culture Center of UFC (NUCLAS) in 1992.

⁷ He graduated in Classical Literature from the Catholic Faculty of Philosophy of Ceará and, in Legal and Social Sciences, from the Faculty of Law of the Federal University of Ceará. He also obtained a degree in Classical Literature, Portuguese, Latin and Greek, from the Faculty of Philosophy of Ceará, affiliated with UFC. He specialized in Vulgar Latin at the University of Coimbra and obtained a PhD from the Faculty of Arts of the Federal University of Rio de Janeiro. (Texte of Karla Karenina Sales Fernandes, in: <https://blogdomarcelogurgel.blogspot.com/2012/05/jose-alves-fernandes-uma-vida-servico.html>, accessed on July 25, 2024.

⁸ In: <https://blogdomarcelogurgel.blogspot.com/2012/05/jose-alves-fernandes-uma-vida-servico.html>, accessed on July 25, 2024.

2.2 The Teaching of Classical Studies at UFC

Since the founding of the Language and Literature course at UFC, the teaching of Classical Studies has been closely linked to the teaching of Latin and Philology as mandatory disciplines, while others were offered as optional (Greek, Greek and Roman Mythology, Latin Literature, Greek Literature, Classical Culture etc.). For many decades, besides graduation, this knowledge was accessed through extension courses (this will be mentioned later). In the current curriculum (2024.1), the Language and Literature course at UFC maintains Latin disciplines (Latin I – Language and Culture, and Latin II – Language and Culture) as mandatory for all courses and the Philology discipline (Romance Philology I) as mandatory only for Portuguese Language and Literature.⁹

With the discussion of a new curriculum at the beginning of this century, there was a need to include a Licentiate degree in Classical Letters, thus expanding this field and making several disciplines that had been optional for years mandatory. The course began in the second semester of 2007, and admission was only for graduates. It proposed a degree in Latin and Greek and had several language and literature disciplines in both languages. Some students completed the course, but due to it being a degree in two languages (Latin and Greek), it had to be discontinued. However, the project of having a degree in Classical Letters was not forgotten or abandoned, as a new proposal for a Bachelor's degree in Classical Letters is currently being developed at the university, following the new guidelines of the Ministry of Education (MEC), and providing entry through both the National High School Exam (ENEM) and graduate admission.

2.3 Classical Studies at UFC: Research and Graduate Studies

In the 21st century, Classical Studies began to offer positions in graduate courses (*lato sensu* and *stricto sensu*). The first course was the Specialization in Classical Studies, which offered four classes in the following years: 2002, 2003, 2005, and 2008. Starting in 2010, this field began participating in *stricto sensu* graduate studies, at the master's and doctoral levels, in the Graduate Program in Letters (PPGLetras) and the Graduate Program in Translation Studies (POET), with some faculty members also participating as collaborators in postdoctoral stages.

⁹ For more information about the Language and Literature course at UFC: <https://letrasdiurno.ufc.br/pt/estruturas-curriculares-ppcs-2022/>.

The Specialization in Classical Studies aimed to enhance knowledge in this field and offered disciplines taught not only by faculty from the Language and Literature course but also from other courses, such as Philosophy.¹⁰ Additionally, in one of the classes (2005), two disciplines were offered by two professors from the University of São Paulo (USP): Prof. Dr. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, who taught the discipline “Latin Literature: The Dramatic Genre in Rome,” and Prof. Dr. Filomena Yoshie Hirata, who taught the discipline “Greek Tragedy and Aristotle’s Poetics.”

In PPGLetras,¹¹ a well-established program at UFC, the first positions for Classical Studies were offered in 2010. The inclusion of these studies in this program began with the creation of a specific Research Line in the field, which has since been absorbed into a broader line. Currently, three professors, Ana Maria César Pompeu, Robert de Brose and Orlando Luiz de Araújo, are affiliated with PPGLetras.

In POET, a program on Translation Studies, began with the contribution of Classical Studies, having its inaugural class in 2014 given by Prof. Eleazar Magalhães Teixeira.¹² Additionally, Greek professors, as Prof. Dr. Ana Maria César Pompeu and Prof. Dr. Robert de Brose, participated as faculty members. In 2023, POET received approval for its doctoral course in Translation Studies, with classes beginning in the 2024.1 semester.¹³

2.4 Participation in Projects

On July 13, 1985, the Brazilian Society of Classical Studies (SBEC) was founded by a group of professors interested in discussing and expanding studies in the field. The first Congress was held in Belo Horizonte (the official address to this day) to establish the Society and formalize the first board, which, according to Funari (2020: 244), consisted of:

¹⁰ Prof Dr. Maria Aparecida de Paiva Montenegro, professor of the Philosophy course at UFC, taught some subjects (“Classical Greek Philosophy” and “Philosophy and Poetic Art”) in the Specialization in Classical Studies (2002-2005). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5306598522874088>

¹¹ The Postgraduate Program in Literature, at the Federal University of Ceará – UFC, constituted by Resolution nº 08, of CONSUNI, of 09/29/1988, is a training hub in literature studies, within the scope of Ceará, capital and interior, and neighboring states (<https://ppglettras.ufc.br/pt/estrutura-do-programa/sistemacao-e-historico/>).

¹² <https://ppgpoet.ufc.br/pt/eventos/2014-2/>

¹³ <https://ch.ufc.br/pt/capes-aprova-criacao-de-doutorado-em-estudos-da-traducao/>

[...] a president with a doctorate abroad (France, Haiganuch Sarian) and an old system free lecturer (Donaldo Schüler), a master's degree holder (Sílvia Damasceno), and two graduates (Jacyntho Lins Brandão and Neiva Ferreira Pinto). It is noteworthy the audacity and novelty of breaking hierarchies, with graduates and doctors side by side, not only in the direction of the entity but also in academic participation.

Besides this plurality, SBEC initially organized itself into eight subsections,¹⁴ including NE1, with a regional secretary representing the states: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, and Ceará.¹⁵ Ceará's presence in the initial phase of this Society was mainly marked by the presence of Prof. Eleazar Teixeira Magalhães and Prof. José Alves Fernandes as founding members (Pompeu, 2020: 295).

A few years later (1992), continuing this movement of expansion and training students in Classical Studies in Fortaleza, Prof. Eleazar and Prof. José Alves founded the Classical Culture Center (NUCLAS)¹⁶ at UFC, an extension activity that initially aimed to disseminate Classical Studies in Ceará. During its twenty-two years of existence, NUCLAS comprised several academic activities, as Pompeu (2020: 295) indicates: "NUCLAS developed and continues to promote a series of activities aimed at disseminating Classical Studies in Ceará and Brazil, such as extension courses, thematic weeks, lectures, publications, and study groups." Among the activities carried out by NUCLAS, the Classical Studies Week is one of the most important, being an academic event that promotes the presentation of research developed in the field and dialogue among participants. It started before the formalization of NUCLAS, in 1985, and occurred annually until 2012 when it began to be held every two years; the last edition was the

¹⁴ The regional secretariats were abolished in 2009.

¹⁵ cf. Zélia Cardoso de Almeida, http://www.classica.org.br/resources/download/1432849058_ARQUIVO_SBEC20anos-umahistoria.pdf

¹⁶ The Classical Culture Center linked to the Department of Foreign Literature of the Humanities Center of the Federal University of Ceará was established through RESOLUTION n° 2/CONSUNI of February 28, 1992 by the then Magnificent Rector Professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho. It is also a group from the CNPq directory, a research group from the Brazilian Society of Classical Studies - SBEC and an Extension Program from the Federal University of Ceará.

thirtieth in December 2021. Additionally, it facilitated the publication of books with works presented at some weeks (Pompeu, 2020: 296).¹⁷

Currently, NUCLAS continues to develop activities aimed at both university students and the general community, offering extension courses in Classical and Koine Greek, Latin (both in-person and online modalities), and Greek and Roman Mythology, as well as encompassing study groups coordinated by professors Ana Maria César Pompeu and Orlando Luiz de Araújo,¹⁸ including research by all permanent professors of Classical Letters at UFC.

3. The Faculty of Classical Studies at UFC

The dedicated and attentive teaching of professors Eleazar and José Alves produced disciples who continued the legacy they began. Among them are the professors currently working at UFC, continuing Classical Studies.¹⁹ The faculty will be presented according to their entry date at the university.

3.1 Ana Maria César Pompeu²⁰

Ana Maria pursued a degree in Portuguese Language and its Literatures at the State University of Ceará (1987-1991). Between 1990 and 1992, she took extension courses at UFC in Classical Studies: Classical Greek Course, Greek Language, and Latin Language. In 1992, she began teaching alongside her great master, Prof. Eleazar, becoming a professor of Greek Language at UFC.

¹⁷ The books organized from the Classical Studies Weeks were as follows: *Annals XXIX Classical Studies Week Ancient Worlds, Modern Perspectives: Reception and Authorship*. Fortaleza: Substância, 2020; *Annals XXVIII Week of Classical Studies: The ugly and the vile in Antiquity and its reception*. Fortaleza: Substância, 2017; *Greece and Rome in the universe of Augustus*. Coimbra: University of Coimbra Press, 2015; *Identity and Otherness in the ancient world*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora; *Orality, Writing and Performance in Antiquity*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013; *Laughter in the ancient world*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012. (Pompeu, 2020: 296)

¹⁸ Aristophanic Comedy Study Group – GECA and Septuagint Study Group – GES, coordinated by professor Ana Maria César Pompeu; Narrative and Theater Study Group – G-ente, coordinated by professor Orlando Luiz de Araújo.

¹⁹ Most of the information about the teachers was taken from their respective CVs on the Lattes Platform.

²⁰ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726092826722326>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5688-7734>

Initially, Prof. Ana Maria focused on investing in her academic training, enhancing her knowledge. In 1994, her master retired, and his position was filled by Prof. Orlando Luiz de Araújo, who will be introduced later. With the arrival of the new professor the following year, she could take a leave to pursue her master's degree in Classical Letters at the University of São Paulo (USP) under the supervision of Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano, obtaining the title of master in 1997 with the dissertation titled "*Lysistrata and Her Plans: Women and the Acropolis, No Men Allowed*". In this text, the professor proposes a translation of Aristophanes' play *Lysistrata*, her first complete translation of a play, which would be published later. Three years later, she returned to São Paulo to pursue her doctorate in the same graduate program and university, again under the supervision of the same professor. Now, Prof. Ana Maria proposed an interdisciplinary thesis titled *Aristophanes and Plato: Justice in the Polis*, obtaining the title of doctor in Classical Letters in 2004. Additionally, she completed a postdoctoral internship at the University of Coimbra in Portugal in 2010. In 2020, Prof. Dr. Ana Maria César Pompeu became a full professor at UFC, where she continues to work in undergraduate studies, university extension, and two graduate programs, PPGLetras and POET.

At UFC, Prof. Dr. Ana Maria contributed administratively by holding various positions and functions (head, coordinator, council member). Academically, she coordinated NUCLAS and study groups, taught undergraduate and graduate courses, supervised many students (in undergraduate and graduate studies), collaborated in postdoctoral internships, organized academic events, and performed other academic activities (participation in committees, editorial boards etc.), working with the same dedication to this day. Furthermore, she has also published books, including *Aristophanes and Plato: Justice in the Polis* (2011), *Dionysus Matuto: An Anthropological Approach to Laughter in the Translation of Aristophanes' Acarnenses into Ceará's Dialect* (2014; 2021), *Acropolis, Now! Women In! Men Out! An Introduction to Aristophanes' Lysistrata* (2018), *Aristophanes, the Playwright of the Just City* (2019); translations of Aristophanes' *Lysistrata* (1998; 2010), *Thesmophoriazousae* (2015), *Knights* (2017), and, in collaboration, Plutarch's *Epitome of the Comparison of Aristophanes and Menander* (2017); and organized the books *Laughter in the Ancient World* (2012), *Orality, Writing, and Performance in Antiquity* (2013), *Identity and Otherness in the Ancient World* (2013), *Greece and Rome in the Universe of Augustus* (2015), *The Women of Aristophanes: Revolution and Reception* (2022), and *Classical Studies During the Pandemic* (2022). She has also developed many research projects, mainly focused on Aristophanic comedy, her main object of study.

Prof. Dr. Ana Maria has contributed significantly to the continuity and expansion of Classical Studies, working mostly in the three areas of university action – teaching, research, and extension. She also elevated the status of Classical Studies in Ceará by presiding over SBEC (2020-2021). In summary, everything mentioned quickly reveals a part of all the contributions of Prof. Dr. Ana Maria, who managed, over the years, mainly through the teaching of Greek language and Aristophanic comedy, to further propagate Classical Studies.²¹

3.2 Roberto Arruda de Oliveira²²

Roberto studied Portuguese Literature at the Federal University of Ceará (1982-1986) and also Portuguese-French Letters at the same university (1987-1990). Between 1987 and 1989, he took the Classical Greek and Classical Latin courses at the UFC extension. In 1990, he began his university teaching career at the State University of Ceará (UECE); but in 1992, he became a professor of Latin Language at UFC, where he teaches to this day.

After establishing himself at UFC, Prof. Roberto focused on investing in his academic training, enhancing his knowledge. In 1999, he pursued his master's degree in Classical Letters at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) under the supervision of Prof. Dr. Alice da Silva Cunha, obtaining the title of master in 2001 with the dissertation titled *Virgil's Bucolic IV and the Mythical Eternal Return*. In the same year, he began his doctorate in the same graduate program and university, under the supervision of the same professor. In his doctorate, Prof. Roberto wrote the thesis titled *Death in Propertius' Elegies*, obtaining the title of doctor in Classical Letters in 2005. Currently, Prof. Dr. Roberto Arruda de Oliveira is an Associate Professor of Classical Letters, teaching courses in Latin, Romance Philology, Classical Culture, and Latin Literature at the undergraduate level, both in-person and semi-in-person modalities.

At UFC, Prof. Dr. Roberto contributed administratively by serving as coordinator of the Language and Literature course (2007-2008). Academically, he is a researcher of NUCLAS, coordinated research groups, taught undergraduate and graduate courses, supervised undergraduate dissertations, and performed other academic activities (participation in committees, scientific committees etc.),

²¹ Prof. Dr. Ana Maria César Pompeu retired in July 2024, but still contributed to Extension and Graduate programa at UFC.

²² Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7651466950685198>

working with the same dedication to this day²³. He also collaborated in publishing articles and book chapters, participating in events, and developing teaching materials for UFCVirtual (2007, 2008, 2010).

In sum, everything mentioned reveals a part of all the contributions of Prof. Dr. Roberto, who managed, over the years of work, to propagate Classical Studies by teaching Latin and dedicating himself to topics such as Portuguese philology, Virgilian bucolic poetry, and Propertius' elegies.

3.3 Orlando Luiz de Araújo²⁴

Orlando studied Letters at the Federal University of Ceará (1990-1993). Between 1991 and 1993, he took the Classical Greek Course at the UFC extension. In 1994, his great master Prof. Eleazar retired, and he took his place, becoming a professor of Greek Language at UFC.

Initially, Prof. Orlando taught Greek Language I and Greek Language II courses at the undergraduate level. In 1997, he began a specialization course in Political Philosophy at UFC and developed the monograph titled *The Discourse of Tyrannical Power in Greek Tragedy* under the supervision of Prof. Eduardo Chagas, becoming a specialist in 1998. With the return of Prof. Ana Maria after completing her master's degree in 1998, he could take a leave to pursue his master's degree in Classical Letters at the University of São Paulo (USP) under the supervision of Prof. Dr. Filomena Yoshie Hirata. In 2001, he defended his dissertation titled *Sophocles' Electra: Study and Translation*, obtaining the title of master. Two years later, he returned to São Paulo to pursue his doctorate in the same graduate program and university, under the supervision of the same professor. Now, Prof. Orlando wrote the thesis titled *The Theme of Happiness in Sophocles' Theatre*, obtaining the title of doctor in Classical Letters in 2008. Additionally, he completed a postdoctoral internship at the University of Lisbon in Portugal in 2015-2016. Currently, Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo is an Associate Professor of Classical Letters and Theatre History at UFC, working in the undergraduate courses in

²³ Most recent articles: Virgil and the Augustan 'aetas aurea'', 2015; "Vocalisms and consonantisms in Romania", 2015; "Imaginary of death in Propertius' elegies", 2016; "Legacy of Latin nominal categories", 2016; "Ancient Rome: fetid alleys and alleys", 2017; "18th century: the lexicographic enlightenment", 2017; "Propertius: inspiration and language", 2018; "Perceptions of the Golden Age in Augustan poets", 2019; "Verbal formation of Romance languages", 2020.

²⁴ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2680403686223727>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9886-3733>

Letters, Philosophy, and Theatre, university extension, and the Graduate Program in Letters (PPGLetras).

At UFC, Prof. Dr. Orlando contributed administratively by holding various positions and functions (head, coordination). Academically, he coordinated NUCLAS and study groups, taught undergraduate and graduate courses, supervised many students (in undergraduate and graduate studies), collaborated in postdoctoral internships, organized academic events, and performed other academic activities (participation in committees, editorial boards, etc.), working with the same dedication to this day. He also collaborated with many publications of articles, book chapters, conference proceedings, his translation of Sophocles' *Electra* (2015), and the organization of books such as *Essays in Classical Studies* (2006), *Laughter in the Ancient World* (2012), *Identity and Otherness in the Ancient World* (2013), *Orality, Writing, and Performance in Antiquity* (2013), *Literature: Gender Subjects and Other Discourses* (2018), *Literature, Society, and Interdisciplinarity: Literary Articulations* (2019), *Reception of Greek Myths in Brazilian Drama*, Vol. 1 and 2 (2020), *The Women of Aristophanes: Revolution and Reception*, Vol. 1 and 2 (2022), *Bodies and Masculinity in Bernardo Santareno's Drama* (2022), and *Studies in Ancient and Modern Theatre* (2024). He also coordinated many research groups, currently developing the research titled "From Alcifron's Courtesan Letters to Aristaenetus' Love Letters: Translation and Study of Sexuality and Gender." Additionally, he is currently a research productivity grantee (level 2) from CNPq.

Nevertheless, Prof. Dr. Orlando, like Prof. Dr. Ana Maria, significantly contributed to the continuity and expansion of Classical Studies, working in the three areas of university action – teaching, research, and extension. In summary, his many contributions managed to propagate Classical Studies in Ceará and in Brazil, by teaching the Greek language and dedicating himself to topics such as classical theatre (tragedy) and ancient narrative.

3.4 Francisco Edi de Oliveira Sousa²⁵

Francisco Edi studied Letters at the Federal University of Ceará (1993-1997). Between 1994 and 1996, he took the Latin Language and Culture Course at the UFC extension. In 1999, Francisco Edi became a professor of Latin Language at UFC.

²⁵ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5232866346013249>

Initially, Prof. Edi had to deal with teaching at the undergraduate level and his master's degree, which he began in 1998. He pursued a master's degree in Letters at the Federal University of Ceará (UFC) under the supervision of Prof. Dr. Martine Suzanne Kunz. In 2001, he defended his dissertation titled *A Reading of Songs Without Meter – From the Dialogue with Baudelaire's Work*, obtaining the title of master. Three years later, he went to São Paulo to pursue a doctorate in Classical Letters at the University of São Paulo (USP) under the supervision of Prof. Dr. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, with a co-tutelle period at the Université Paris-Sorbonne in France, under the supervision of Carlos Lévy. Now, Prof. Edi wrote the thesis titled *The Paintings of the Temple of Juno and the Trojan Cycle: Image and Epic Memory in the Architecture of the Aeneid*, obtaining the title of doctor in Classical Letters in 2008. Additionally, he completed a postdoctoral internship at the Université Paris-Sorbonne in France in 2012-2013. In 2017, he began another doctorate, this time in Philosophy at UFC, under the supervision of Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida. His second thesis, titled *Propertius' Poetry and Moral Philosophy*, was defended in 2023. Currently, Prof. Dr. Francisco Edi de Oliveira Sousa is an Associate Professor of Classical Letters, working in the undergraduate Language and Literature course, mainly in the area of Latin Language and Latin Literature.

At UFC, Prof. Dr. Edi contributed academically by coordinating study groups, teaching undergraduate and graduate courses, supervising many students (in undergraduate and graduate studies), organizing academic events, and performing other academic activities (participation in committees, editorial boards etc.), working with continuous dedication. He also collaborated with many publications of articles, book chapters, conference proceedings, and his dissertation *A Reading of Songs Without Meter – From the Dialogue with Baudelaire's Work* (2012, 2014).

Prof. Dr. Edi contributed significantly to the continuity and expansion of Classical Studies, working in the three areas of academic action – teaching, research, and extension. In sum, everything mentioned here presents a part of all the contributions made by one who managed, over the years of work, to propagate Classical Studies by teaching the Latin language and dedicating himself to topics such as Virgilian and Propertius' poetry.

3.5 Josenir Alcântara de Oliveira²⁶

Josenir studied Letters at the State University of Ceará (1982-1986). In 1989, he began his teaching career at the Federal University of Piauí (UFPI); in 2006, through a redistribution, he joined the faculty of Classical Letters at UFC.

In 1987, he began his improvement by pursuing a specialization in Brazilian Literature at State University of Ceará (UECE) and developed the monograph titled *The Vertical Onomasticity in Tutameia by João Guimarães Rosa*, becoming a specialist in 1990. In 1992, he began his master's degree in Romance Philology at the University of São Paulo (USP) under the supervision of Prof. Dr. Bruno Fregni Basseto. In 1995, he defended his dissertation titled *The Romance Designations of Brandy: An Etymological-Semantic Reading*, obtaining the title of master. Three years later, he returned to São Paulo to pursue a doctorate in the same graduate program and university, under the supervision of Prof. Dr. Elisa Guimarães Pinto. Now, Prof. Josenir wrote the thesis titled *The Phonetic-Semantic and Cultural Productivity of the Indo-European Root *pel-, to fold*, obtaining the title of doctor in Philology and Portuguese Language in 2002.

At UFC, over the years, Prof. Dr. Josenir mainly contributed by teaching undergraduate courses; academically, he is a researcher of NUCLAS and performed other academic activities (participation in committees, etc.), working to this day. He also collaborated with publications of articles, book chapters, and participation in events, managing, over the years of work, to propagate Classical Studies by teaching the Latin language and other topics related to Romance Philology.

3.6 Robert de Brose²⁷

Robert studied Greek Letters and Literatures at the University of São Paulo (1998-2002). In 2004, he began his master's degree in Classical Letters at the University of São Paulo (USP) under the supervision of Prof. Dr. Christian Werner. In 2007, he defended his dissertation titled *The Athenian Fragments of Simonides: A Study of Epigraphic Sources Before 480 B.C.*, obtaining the title of master. Some years later, he became a professor of Greek Language at UFC, in 2009, starting his career as an Assistant Professor. In the same year, he began his doctorate in the same graduate

²⁶ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7209884265111194>

²⁷ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5686148504443158>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8591-4861>

program and university where he pursued his master's degree, also under the supervision of the same professor. Now, Prof. Robert tried to deal with teaching and pursuing his doctorate. In this graduate program, he wrote the thesis titled *Epikomios Hymnos: Investigations on the Performance of Pindaric Epinicians*, obtaining the title of doctor in Classical Letters in 2014. Additionally, he completed a postdoctoral internship at the University of Oxford in England in 2018-2019. Currently, Prof. Dr. Robert de Brose is an Associate Professor of Classical Letters and Translation at UFC, working in the undergraduate Language and Literature course and the Graduate Program in Translation Studies (POET).

At UFC, Prof. Dr. Robert contributed administratively by holding various positions and functions (coordination). Academically, he is a researcher of NUCLAS, taught undergraduate and graduate courses, supervised graduate students, collaborated in postdoctoral internships, organized academic events, and performed other academic activities (participation in committees, reviewing for journals etc.), working with the same dedication to this day. He also collaborated with many publications of articles, book chapters, besides his translation of Pindar's *Olympic Odes* (2023)²⁸. He organized books as diverse as *Laughter in the Ancient World* (2012), *Identity and Otherness in the Ancient World* (2013), *Orality, Writing, and Performance in Antiquity* (2013), *Poetry and Translation* (2017), *Classical Survival: Interfaces Between Translation and Reception of Classics* (2019), and his award-winning thesis *Epikomios Hymnos: Investigations on the Performance of Pindaric Epinicians* (2016). He also coordinated several research groups, currently developing the research titled "Greek Metrics and Rhythmic." Additionally, he is currently a research productivity grantee (level 2) from CNPq.

Therefore, Prof. Dr. Robert significantly contributed to the expansion of Classical Studies in Ceará and in Brazil, working mainly in teaching, researching, and extension. In sum, everything mentioned here presents a part of all his contributions, with which he managed to propagate Classical Studies by teaching the Greek language and archaic Greek lyric poetry, with an emphasis on Pindar.

4. Final Considerations

Classical Studies at UFC, over the years, have trained many students who now pursue academic careers in the field. The best example of this is that the faculty of the Classical Letters area comprises five professors graduated from universities in

²⁸ Finalist translation for the 2024 Jabuti Prize, the country's biggest literary award.

Ceará. The classical legacy of UFC continues to prosper, gaining more projects and expanding across the country.

The present paper also intends to thank all the teachers who were part of this history of Classical Studies at UFC, especially those who keep it alive, improving this magnificent area of studies every day.

Bibliographic references

ALBUQUERQUE JUNIOR, A. B. de; ARAÚJO, A. C. U.; FERNANDES, K. L. C.; CARVALHO, M. L. de O. S.; SOUZA, P. V. L. de; ASNIS, V. P. Reverberações contemporâneas do método pedagógico Ratio Studiorum. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 7, p. e5345, 2024. DOI: [10.54033/cadpedv21n7-010](https://doi.org/10.54033/cadpedv21n7-010). Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5345>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996

FUNARI, Pedro Paulo A. Os estudos clássicos e a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, alguns comentários históricos. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 239-247, 2020. DOI: [10.24277/classica.v33i2.945](https://doi.org/10.24277/classica.v33i2.945). Disponível em: <https://classica.emnuvens.com.br/classica/article/view/945>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LEITE, Leni Ribeiro; CASTRO, Marilhá Barbosa e. O ensino de língua latina no Brasil: percursos e perspectivas. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 53-77, 2014. DOI: [10.24277/classica.v27i2.226](https://doi.org/10.24277/classica.v27i2.226). Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/226>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MARTINS, Vicente. Um homem sensível, zeloso e pesquisador de mão-cheia. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 3, n. 2 esp, p. 183-191, out. 2013. ISSN 2237-6321. DOI: http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.3.3.2_esp.183-191. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/313/208>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARTINS, José Murilo. Academia Cearense de Letras: História e Acadêmicos. N./d. In: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/jose-alves-fernandes/>, acessado em 15 de julho de 2024.

POMPEU, Ana Maria César. O Núcleo de Cultura Clássica e a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 295-304, 2020. DOI: [10.24277/classica.v33i1.908](https://doi.org/10.24277/classica.v33i1.908). Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/908>. Acesso em: 17 jul. 2024.

POMPEU, Ana Maria César; ARAÚJO, Orlando Luiz de. Memorial de um Platonista: Eleazar Magalhães Teixeira. *Em Tese*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 72-84, nov. 2021. ISSN 1982-0739. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.27.2.72-84>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18580/1125614268>. Acesso em: 15 jul. 2024.

EUDORO DE SOUSA A CONTRAPELO: O PENSAMENTO AUTOCRÁTICO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

Bruno de Alves Borges¹

Marcelo Rocha Barros Gonçalves²

Resumo

Sem perder de vista a obra publicada por Eudoro de Sousa (1911-1987) nos anos 1940, bem como alguns rastros de suas leituras marcadas na *marginalia* de seus livros particulares, recorrer-se-á às cartas trocadas por este intelectual com camaradas de sua geração para a tentativa de um mais amplo entendimento da conjuntura que o formou em Heidelberg, mas também do processo responsável por confirmá-lo dentro de um eixo de pensamento autocrático que iria desaguar em terras paulistas, nos braços do integralismo. Biografias como a de Eudoro de Sousa e sua geração contam a memória da criação da universidade no Brasil e na América Latina, mas certamente contribuem para que possamos vislumbrar mais nitidamente algumas das principais cenas de construção do próprio campo dos estudos clássicos e suas crises, críticas e lutas.

Palavras-chave

Eudoro de Sousa; história dos estudos clássicos; história do livro e das bibliotecas; *marginalia*.

¹ Doutorando (Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

² Professor Associado – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Coxim, Brasil. E-mail: marcelo.barros@ufms.br

Abstract

Without losing sight of the work published by Eudoro de Sousa (1911-1987) in the 1940s, as well as some traces of his readings marked in the *marginalia* of his personal books, we will resort to the letters exchanged by this intellectual and comrades of his generation to attempt a broader understanding of the situation that formed him in Heidelberg, but also of the process responsible for confirming him within an axis of autocratic thought that would flow into the lands of São Paulo, in the arms of integralism. Biographies such as that of Eudoro de Sousa and his generation tell the memory of the creation of the university in Brazil and Latin America, but they certainly contribute so that we can glimpse more clearly some of the main scenes of construction of the field of classical studies itself and its crises, criticisms and fights.

Keywords

Eudoro de Sousa; history of classical studies; history of books and libraries; *marginalia*.

Proêmio: sintoma e *corpus*

“(...) o único homem na Europa, no mundo, em que é possível confiar, politicamente, é Hitler.”

Eudoro de Sousa, 1940³

“O momento destruidor: demolição da história universal, *eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo.*”

Walter Benjamin, 1940

O modo como tradicionalmente é contada a história dos estudos clássicos no Brasil vem sendo questionado profundamente desde que se entendeu que a eterna “crise” do campo tem nos ensinado muito mais do que diferenças teóricas conciliáveis e/ou posições discutíveis em espaços acadêmicos. Com a consolidação de críticas à suposta hegemonia alemã (Roche; Demetriou, 2008), ou mesmo à centralidade da figura de Homero dentro desse constructo histórico (Silva, 2022), torna-se premente entender a posição da América Latina e do Brasil no concerto geral dos estudos de Antiguidade a fim de tomar posição face aos debates contemporâneos.

Nesse sentido, ganha força e importância a possibilidade aberta por quem tem explorado um “subgênero” denominado *história dos estudos clássicos*, com suas sugestões concretas para uma reavaliação da *nossa crise* e suas especificidades. O caso aqui abordado é descrito a partir do exemplo de uma das biografias mais singulares que já cruzou essas terras, a saber, o pensador lusobrasileiro Eudoro de Sousa, um dos responsáveis pela proposição e defesa de uma *Altertumswissenschaft* no século XX.⁴

³ Carta inédita, no prelo.

⁴ *Altertumswissenschaft* é uma palavra alemã cunhada por Friedrich August Wolf, em texto de 1807, para denominar uma nova disciplina dedicada ao “estudo da Antiguidade” (tradução literal da fórmula germânica, que às vezes também aparece como “ciência da Antiguidade”). Segundo essa proposta, seria preciso unir um conhecimento robusto das línguas clássicas (grego e latim), em termos de gramática, crítica e hermenêutica, a uma investigação da realidade material do passado, por meio de novos campos, como a arqueologia, a epigrafia, a numismática etc., a fim de propiciar um domínio completo da realidade antiga. Segundo Wolf (1807: 124-5), o objetivo da disciplina assim definida “não é outro se não o conhecimento da própria humanidade antiga, conhecimento que, partindo do estudo dos restos antigos, emerge da contemplação de uma formação nacional significativa e organicamente desenvolvida”. Para uma interpretação crítica da obra (e sua tradução para o português, à guisa de apêndice), ver Silva, 2022: 496-522.

Com marcas que ainda se veem nos corredores de universidades brasileiras, importa não apenas investigar o legado daquele que coabita a memória oral das mais expressivas intelectualidades do presente em nosso campo, mas perceber como imprescindível uma releitura crítica da formação desse intelectual a fim de se entender de forma mais ampla como sua jornada não apenas lhe conferiu sua *Bildung*, mas construiu as bases da universidade brasileira. Para isso, partimos de cartas trocadas por Eudoro de Sousa e seu círculo, com o intuito de vislumbrar tal personagem e sua obra no vínculo com questões latentes do seu tempo.

Interrogar *por quê?* e *para quê?* é fundamental para avaliarmos um legado que ultrapasse o encômio. Mesmo em estudos recentes que reivindicam um caráter analítico (Belchior, 2024; Lóia, 2018), ao fim e ao cabo, leva-se pouco em consideração as dimensões histórico-críticas e ideopolíticas do debate hermenêutico. Tipo curioso de *argumentum ex silentio* para tema sobre o qual não falta documentação, muitas vezes o contrário.

Como tentaremos sinalizar nestas notas, como um sintoma,⁵ pouco ou nada que se leia sobre o autor de *Mito e História* reflete sobre as agudas arestas e contradições presentes nos caminhos eudorinos.⁶ Seja por desconhecimento absoluto de elementos vitais,⁷ seja porque o espírito conservador hegemônico no campo parece evitar, entre silêncios e interditos, a polêmica; este caso nos mostra que – para usar a gasta paráfrase de Shakespeare – há muito mais entre o céu e a terra do que *julga* a nossa vã história da erudição clássica.

O Brasil é um “país jovem”, falemos com Agostinho da Silva, mas que

tem consigo o paradoxo de ser um país antiquíssimo que vem do Mediterrâneo, e que a cada passo dos nossos costumes folclóricos, por exemplo, nós encontramos coisas que vamos radicar a Creta, ou que vamos radicar às tradições destas regiões do Mediterrâneo (Silva, 2009: 52-53).

Ora, se o Brasil tem (tanto quanto Heidelberg ou qualquer outra tradição clássica)⁸ o direito de reivindicar para si a Antiguidade que ele mesmo encarna, tendo em vista a heterogeneidade constitutiva que é

⁵ Aqui nos apropriamos da noção posta em Zizek, 1999.

⁶ A mais expressiva exceção é, sem dúvida, o antropólogo Ordep Serra, um dos últimos discípulos remanescentes de Eudoro, com rara narrativa crítica acerca do desmonte da UnB, mas nunca sobre o *Reich*, assunto velado ou desconhecido pela maioria viva dos discípulos, parentes e fortuna crítica até 2011.

⁷ As cartas do período alemão só em 2011 chegaram ao Brasil e nem os discípulos do seu círculo esotérico tinham detalhes acerca de Heidelberg e da situação vivida durante o III *Reich*, conforme discutido alhures (Borges, 2015).

⁸ Ainda que não necessariamente se compre a versão oficial de que “tradição clássica” = Grécia e Roma.

característica fundamental dos *testemunhos fragmentários* do passado, mais do que reconhecimento, essa assertiva implica na forja de abordagens que, não apenas transbordando o greco-romano, no nosso caso, tome como imanente o que a hegemonia historiográfica e interpretativa insistiu em lidar como *externo*. Só assim nos parece possível dar outros contornos críticos à crise, que, essa sim, tem sido o grande fio de continuidade entre nós.

Com extratos de um *corpus* composto pelas dezenas de cartas aqui referenciadas, nosso intuito é compartilhar algum substrato da formação eudorina e perceber a maneira como suas veredas apontam para as formas como um pensamento autocrático se apossa do campo. Da década de 1930 até sua saída de São Paulo para Santa Catarina (1955), o mitólogo se vê ladeado pelo que houve de mais conservador na intelectualidade europeia e brasileira. Enquanto por muito tempo se entendeu que convergências intelectuais e *colaborações* faziam parte da própria *démarche* e eram presenças/situações inevitáveis na vida de quem tinha uma obra a realizar, uma *missão* a cumprir, o que se pauta aqui é o silencioso e silenciado dolo, a escolha, o projeto político que como um espectro rondou e ronda os estudos clássicos e o pensamento brasileiro: o eixo autocrático.⁹

Paródo: entre o “alemão de Klages” e o Integralismo

O contexto português e a culpa francesa

Ex-seminarista de ascendência moura algarviana e filho de um clérigo português, depois de ter sido encaminhado ao báculo para uma vida no claustro religioso, Eudoro de Sousa teve uma jornada irregular do ponto de vista acadêmico. Ligado à universidade e, ainda assim, nunca totalmente vinculado às instituições portuguesas com suas diferentes matrizes de pensamento, desde Leonardo Coimbra à *renascença portuguesa, escola do Porto* etc., bem cedo navega na contramão de seu tempo.

⁹ Para compreensão da violência ao pensamento organizada como milícia intelectual por meio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), seio que recepcionou Eudoro de Sousa em São Paulo e que aninhava intelectuais nazistas que vieram para o Brasil após o final da II Guerra, faz-se mister avaliar os apontamentos de *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)* (Gonçalves, 2016).

A seu ver, a Filologia e a Crítica portuguesas não apresentavam o aparato metodológico e cultural que tinha a tradição alemã após a obra de Wolf. Não entravam em questão os aspectos racistas e coloniais de sua proposta para uma “formação nacional” (alemã) pautada no estudo da Antiguidade clássica. O que Eudoro ironizava como “literatismo” em sua peleja contra tendências que grassavam na universidade portuguesa não tinha nada a ver com as pesquisas da recém-chegada Linguística (no que viria a se efetivar no hercúleo trabalho do qual a Dialectologia é herdeira), mas sim nas tendências beletristas dos cursos de Letras. O quadro geral da crítica literária dos anos 1930 em Portugal transitava entre um *positivismo* de Teófilo Braga e um *culturalismo* de Fidelino de Figueiredo ou Hernâni Cidade.

Em um caminho do meio, os *estudos filológicos* eram dominados por referências que vão de Carolina Michaelis e J. Leite Vasconcelos a Mendes dos Remédios. Este último, junto com Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, estaria presente nas inaugurações e programas do Instituto Alemão de Lisboa.¹⁰ O “célebre contraditor de Nietzsche”¹¹ já havia assinado o *Manifesto dos 93* às portas da I Guerra, inflamando pública e coletivamente o elo entre ciência e militarismo. A história e as leituras de Eudoro de Sousa nos mostrarão, entre farrapos, algo do que nos sobra a nós, no nosso campo, da polêmica sobre o nascimento da tragédia e da transmissão da *Altertumswissenschaft* para a América Latina na era de formação de nossas universidades.

Com a morte de Leonardo Coimbra e a dispersão de seu discipulato, o círculo mais imediato de Eudoro de Sousa varia entre Vitorino Nemésio, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, entre outros. De maneira muito mais íntima, o afeto estruturante mais fundamental de Eudoro de Sousa foi com dois inveterados germanófilos nazistas: Álvaro Ribeiro e Delfim Santos, isso apesar de todas as tentativas precipitadas em dar ênfase à inserção deste intelectual em ramos e escolas portuguesas.

Miguel Real comenta tal contexto, o trabalho e o sentido de Carolina Michaelis para demonstrar que Portugal nos anos 1930 tinha acabado de “abandonar os estudos de filologia, trocando-a pela influência da linguística francesa de Saussure” (Real, 2015: 129). Se a notícia confirma a

insistente determinação eudorina em superar as traduções (e tradições) francesas, muito menos é por ignorar Saussure do que por buscar noutra filologia o que, não havendo em Portugal, lhe daria condições para se

¹⁰ Ninhos, 2022.

¹¹ Sousa, 2010.

integrar ao campo, quicá construí-lo, sobretudo institucionalmente, quando na década de 1930 as Faculdades de Letras regiam o espaço formal dos estudos clássicos.

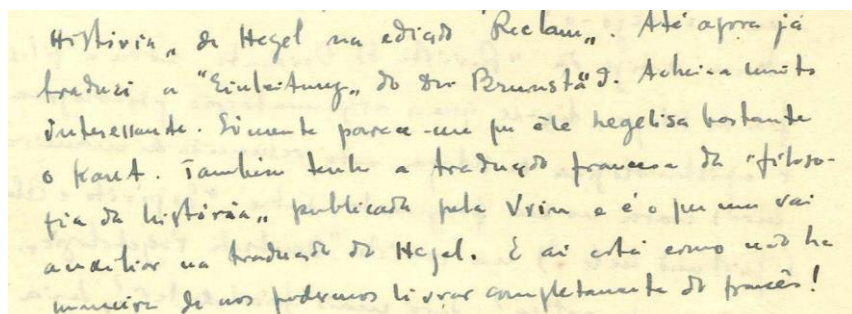


Imagem 1: trecho em que o francês e Hegel aparecem como questão.

Mais do que atacar a existência da crítica literária de um ponto de vista de sua autonomia, tratava-se de um problema institucional advindo de uma reforma/crise universitária posta, discutida e alvo de políticas públicas em Portugal e no Brasil. Entenda-se: tudo a partir da ascensão e queda de um *deutsches Beispiel* [exemplo alemão]. Os antagonistas de Eudoro de Sousa dominam as cátedras de Lisboa, Coimbra e Porto. Antagonistas que, se não o são politicamente, o são epistemologicamente, quicá ambos. Atacar faculdades de Letras e as revistas de seus próprios tertulianos devém *método*. Letras que, para Eudoro, era lugar de risco responsável por assombrá-lo durante décadas e que, na UnB, seria sua cova.

“Filologia e literatismo”, por exemplo, afirma-se como resposta após Heidelberg aos seus interlocutores (Sousa, 2000: 97). Ao propor *uma específica filologia*, idealizada “porventura com funda ascendência do pensamento de Álvaro Ribeiro” (Real, 2015: 129), Eudoro destoa de um desenvolvimento português que caia nos braços de Saussure,¹² e mais uma vez da França. Seja por um caminho *culturalista* ou *ontológico*, as relações entre língua e literatura, no caso português, e bem o vemos tanto pelas cartas, quanto em textos teóricos e de imprensa, estão completamente imbuídas da conjuntura universitária de *uma reforma em vias de germanização*. Na disputa pelas formas de construir a universidade,

¹² O próprio linguista genebrino teria sua estada em Leipzig, depois em Berlim, na última quinzena do século XIX.

tradições e intelectuais de vários campos estão em conflito aberto. Real anuncia o que para nós é um *duplo Eudoro de Sousa-Álvaro Ribeiro*:

Com efeito, este autor, tanto pela contestação à ideologia cientificista do positivismo, dominante nas universidades, quanto pela contestação à moda (...) em literatura, faz centrar as raízes do pensamento e da literatura de um país no desenvolvimento cultural de sua língua (...) onde lança um apelo aos estudiosos filológicos para a fixação e renovação do léxico português de modo a atingir-se *um conhecimento da alma da cultura portuguesa* (Real, 2015: 138).¹³

O mote voltará embebido da experiência concreta alemã. Entretanto, apesar do criterioso panorama que nos oferece irmanando ambos, apesar do reconhecimento de ambos como “incontornáveis” ao pensamento português (ou lusobrasileiro), erra no mais fundamental Real ao decalcar elementos da historicidade e acentuar o sintoma que é o fazer vistas grossas às tardes de convívio em clubes alemães a traduzir jornais de Berlim para fabular acerca da exaltação gloriosa do *Reich*.¹⁴

É dessa perspectiva que, como veremos adiante, em uma dupla articulação com o amigo Delfim, examinamos dois dos principais bolsistas do III *Reich* no programa da Escola de Intérpretes existente entre Lisboa e Berlim durante os anos de “neutralidade”. O desenvolvimento acima ancorado em brevíssimas considerações de Real não deixa dúvidas: a filologia que a tradição portuguesa começa a abandonar, a transformar, no sentido da Linguística saussuriana, não converge com a Filologia que Eudoro de Sousa almeja para si e para a *intelligentsia* portuguesa. Uma coisa é a filologia como expressão nos estudos da linguagem, como meio, outra é a Filologia no conjunto necessário à *Altertumswissenschaft* que seria o selo de qualidade anunciado por onde passou. Sem razões de cair em erro poderíamos reconhecer como adequada a Eudoro a definição que de Filologia nos deu Wilamowitz-Moellendorff entre guerras.¹⁵ Mas se foi só com Wolf que a Filologia deixou de ser *ancilla theologiae*, o corte operado em Wolf, análogo ao que fariam Rosenberg e Klages (Pozzo, 2016), é

¹³ Exatamente estas palavras Eudoro usa em carta inédita para se referir a seus objetivos com os alemães que foram seus alunos em Heidelberg.

¹⁴ Mesmo o estudioso brácaro Joaquim Domingues – organizador de um dos mais importantes materiais epistolares acerca do assunto (Ribeiro, 2001), além de responsável por estabelecer a bibliografia ativa e passiva de Eudoro de Sousa – ignora deliberadamente como exógena e/ou de menor importância a questão do *Reich*.

¹⁵ Definida por seu objeto, lemos pela primeira vez em língua portuguesa que “a tarefa da Filologia é trazer de volta à vida, pela força da ciência, aquela vida passada: a canção do poeta, o pensamento do filósofo e do legislador, a sacralidade do templo e os sentimentos dos crentes e dos descrentes, a azáfama colorida no mercado e no porto – em terra e no mar – e as pessoas trabalhando e brincando” (Wilamowitz, 2023: 35).

fundamental para entender como a filologia alemã abraça o espírito da reação que culmina em seu *Führer*.

Do “alemão de Klages” *et alii*.

Nunca apoiei a afirmação de que os figurões nazistas pertenciam a uma raça superior. No entanto (...) me recusei consistentemente a aceitar a reivindicação de outra raça como o povo escolhido. A arrogância é idêntica (...) mas com esta importante distinção: depois de travar uma guerra contra a humanidade durante mais de três mil anos, o Judaísmo finalmente alcançou a vitória total sobre todas as nações da terra (Ludwig Klages).

É fevereiro de 1938. Stéphane Grappelli e Django Reinhardt se afirmam em um gênero musical negro que, talvez pela primeira vez, e com um *bandleader* cigano, transforma o *jazz* pelos cafés do velho continente. Mais de um ano antes de invadir a Polônia, Hitler anseia a guerra e se aproveita de um escândalo entre generais¹⁶ para dar vazão à sua sanha persecutória no alto escalão da *Wehrmacht*. Os acusados: suspeitos de não adesão. Essa questão, bem o sabemos, será fundamental: quem adere, quem colabora para uma *Volksgemeinschaft*. De 1933 a 1945 essa foi a prática das instituições alemãs. Entre 1933 e 1939 cerca de 1200 professores universitários foram expulsos das universidades alemãs (Pozzo, 2016). Com menores ou maiores resistências, todas as universidades alemãs estiveram à mercê do nacional-socialismo.

O caso mais conhecido, em Freiburg, não mediu esforços em relatórios e denúncias contra colegas contrários ao nazismo. Rei dessa geração, Martin Heidegger

acreditava que os alemães eram “o mais metafísico dos povos” porque estavam exclusivamente enraizados em seu solo (*Bodenständigkeit*). Isso significava que eles estavam destinados a reconectar a história com o Ser — ele acreditava no “Novo Despertar” nazista com “convicção interior” (Jöhsson, 2023).

Traços de seu perfil revelam-se no que a Direção de Distrito do Partido entendia em maio de 1938 como “avaliação psicológica” do antigo *Rektor-Führer*: “caráter um pouco fechado, não muito próximo do povo, só vive para a sua ciência, não tem sempre o sentido das realidades”.¹⁷ O projeto: nazificar a universidade alemã, germanizar a universidade europeia, limpar as raças da degeneração e combater o comunismo.

¹⁶ Caso *Blomberg-Fritsch*.

¹⁷ Moderno, 2015.

Recorrendo a dados sobre o contexto existente em Heidelberg, outro nome surge além de Klages. No “clã de filólogos alemães” forçosamente somos levados à polêmica influência (Silva, 2022: 141) de Friedrich Creuzer. Fazendo sua leitura de Wolf, Creuzer teria renovado os seminários de Heidelberg definindo a ciência da Antiguidade em vertentes que, antes incompatíveis/opostas, tornar-se-ão *complementares*. A “complementariedade” entre o histórico (científico) e o exemplar (clássico), Eudoro aprenderia em Heidelberg, para “que a pesquisa científica (*Wissenschaft*) e a educação (*Bildung*) constituam tarefas igualmente importantes no âmbito desse campo central de formação” (Silva, 2022: 141). Esse campo ainda chamado por ele de Filologia é fundamentalmente híbrido, com três disposições fundamentais: a diligência histórica (*historischen Fleiß*), o senso poético (*poëtischen Sinn*) e o espírito filosófico (*philosophischen Geist*). Tendo afirmado a perspectiva wolfiana por onde passou,¹⁸ “se é certo que Wolf ainda não tinha ascendido ao estatuto heroico que conheceria nas décadas seguintes” (Silva, 2022: 141), sua presença é perceptível na visão de Creuzer acerca de seu próprio campo:

Com relação ao destino dessa ciência, é preciso lembrar que sua origem se perde na própria Antiguidade, remontando em parte à época dos Pisistrátidas, ao espírito de pesquisa dos sofistas e, então, aos trabalhos eruditos e à coletânea de livros de Aristóteles, assim como ao destino maravilhoso dos próprios escritos desse filósofo, que dão material sobre o qual refletir. Ora, Alexandria (desde 332 a.C.) há de despertar a atenção aí, como o primeiro centro da vida e do trabalho de eruditos (Creuzer, 1807 *apud* Silva, 2022: 141).

Independentemente de como Creuzer lê Wolf, não apenas esse momento mostra como se concretiza um paradigma de estudos, mas prenuncia como a busca eudorina magneticamente responde e se integra à construção do próprio cânone que vinha sendo forjado e que terá na Alemanha nazista, pelo menos até 1933-1945, sua *alma mater*.

No final dos anos 1930, Eudoro escreve a Delfim:¹⁹

¹⁸ Tanto em aulas inaugurais no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) da cidade de São Paulo, em 1954, quanto na fundação da Universidade de Brasília tal paradigma seria posto como programa.

¹⁹ Carta inédita, no prelo.

Continuo atrapalhadíssimo com o alemão do Klages: vejo-me obrigado a traduzi-lo aos farrapos e, ainda assim, mal. Às vezes chego a desesperar muito seriamente. Mas aquilo que já está traduzido é tão prometedor...Nessas ocasiões – perdôe-me – invejo-o!

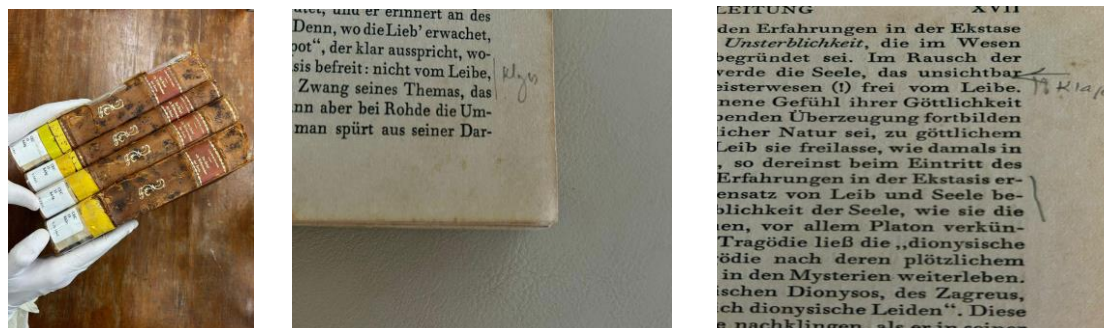


Imagem 2: edição alemã de Klages e de *Psyché* lidos em 1940, na busca de Klages em Rohde e vice-versa.

Não será a última vez que a palavra *farrapo* surge na imagem que faz Eudoro de seus estudos e leituras. A própria natureza do fragmento (Mota, 2019: 23-37) e seus farrapos plasma a interpretação de quem traduzirá *fragmentos* de Novalis como sua primeira publicação, escolha proposital e simbólica,²⁰ haja vista tal poeta ser tido como um libelo da crítica contra a revolução francesa e seus efeitos (Losurdo, 2018). Um exemplo alemão de Klages é o pequeno conjunto fragmentado da edição adquirida por Eudoro de Sousa em Heidelberg. Disposto na mesma mesa durante os meses “germânicos” consta também *Psyche*, de Erwin Rohde, prefaciado por Hans Eckstein. Vastamente examinado na *marginalia* aqui presente, um dos focos da leitura foi a interpretação que Rohde dá do canto XI da *Odisseia*.²¹ Não apenas os argumentos e os problemas postos pelo célebre defensor de Nietzsche interessam a Eudoro, mas aquilo que nele explica Klages. Além de entender os influxos e debilidades do próprio Nietzsche.

Seja no aprofundamento das relações entre Homero e tradições autóctones, seja pelo elemento órfico como anterior e/ou intrínseco a Homero²² (isso enquanto o termo órfico exigia um constrangedor emprego de aspas por parte de alguns estudiosos²³), o leitor elabora e deixa ver rastros de um método em construção; uma cena do ateliê

²⁰ Fac-símile do original publicado durante a II Guerra está disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s2/UCBG-RP-1-5-s2_item1/P79.html.

²¹ Insumos do lendário curso sobre as *catábases* oferecido na UnB nos anos 1960.

²² É destes mesmos meses de leitura *Orphicorum fragmenta* de Otto Kern, conforme se descobre em visita ao que restou da biblioteca de Eudoro de Sousa.

²³ Pitt, 2022.

eudorino a construir o programa dos *Prolegomena* na Heidelberg do Reich. São os primeiros passos de uma exegese.

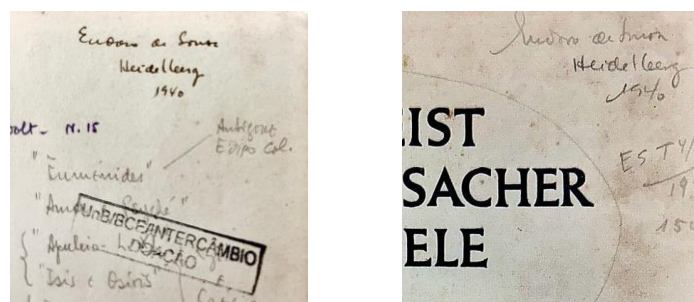


Imagem 3: *ex libris* em exemplares de Rohde e Klages.

Ambos os livros foram lidos em Heidelberg, 1940. Em ambos, conforme apontado anteriormente, mas sobretudo em Rohde, a leitura caminha junto com a tradução do idioma, a consagrada polêmica por si só levava Eudoro primeiro a Rohde.²⁴ No prefácio de Eckstein a caneta vermelha se sobrepõe marcando releitura feita após 1950, ano da publicação de *Mythos und Kult bei Naturvolken*. Ao revisitar Rohde:

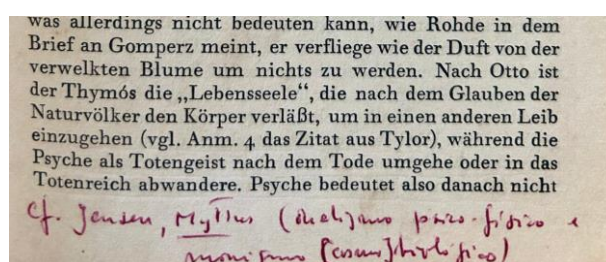


Imagem 4: 2ª camada de leitura em *Psyché* com caneta vermelha: “cf. Jensen, Mythus (dualismo psicofísico e monismo (cosmobiológico))”.

Eis o leitor a responder com Jensen complementando a leitura e a argumentação que é o solo do III Congresso Nacional de Filosofia de São Paulo, ocorrido em novembro de 1959. Apenas em 1961 viria a público a tese cujo autor “resistiu, quanto pouse, à tentação de expressá-la na forma em que efetivamente se encontra expressa” (Sousa, 2000: 181).

Mas a *complementariedade* vinha sendo pautada noutras esferas, haja vista sua presença na física moderna. Em sua terceira publicação, em 1944, com o suporte da *Zeitschrift des Deutschen Kulturinstituts Lissabon*, traduz do alemão Karl Weizsäcker. O interesse: filosofia e física atômica. A revista de cultura portuguesa *Rumo* cerca de dois anos depois publicará “Origem da poesia e da mitologia no drama ritual”, dando início a uma teoria

²⁴ Para uma aproximação com a polêmica mediante textos publicados na época, ver Machado, 2005.

dramática do mito. Na mesma edição Delfim Santos comemora a tradução para o português de “*Zum Weltbild der Physik*”,²⁵ título “muito bem traduzido” de Weizsäcker. A guerra continuará, traduzir será sempre um front. O conflito prestes a acabar e a alta *intelligentsia* portuguesa anuncia a bomba por meio do encontro de áreas. Tornaram-se inevitáveis as “consequências a que a física moderna obrigou a especulação filosófica”.²⁶ Lógica e Ética se encontram na mesma destruição da razão.

Parece-nos, em uma releitura com olhos em suas anotações, que a *complementariedade* tanto é ensaiada para resposta a Hegel, como aponta tentativa de resolução de estruturas de pensamento que enfatizam contradições; mas também o influxo da física moderna plasma o debate na filosofia. Essa imagem e tal experiência marcariam Eudoro de Sousa profundamente até o final da vida, quando afirmava na Colina Velha que só com a fissão nuclear Prometeu teria entregue enfim o fogo aos homens.

Nesse contexto, para responder a Rohde, Eudoro articula Alfred Baeumler (1887-1968), que direto de Dresden seria figura-chave para a assimilação de Nietzsche ao âmbito ideológico do III *Reich*.²⁷ Rohde justifica o silêncio de Homero acerca de Dioniso alegando que o recente deus trácio não tinha a importância que viria a ter. O mapa está dado e resenhado à nossa frente, solto em vasto manuscrito entre as páginas 112-113 do exemplar lido. Nesse estudo para religião e mitologia grega, sob o influxo do romantismo, apontamentos bibliográficos e metodológicos estão delineados de uma primeira leitura feita a quente no ano de 1940, onde *de facto* se afirma buscar bibliografia, *de direito*, a relação permanente entre religião e filosofia, poesia etc. O problema da distinção entre *origem* e *início*, as questões trazidas pela fenomenologia ao problema da história.²⁸

Não é estranho colher também aqui na mesa do segundo semestre de 1940 a *ênfase na reação* a Hegel, a advertência atenta à presença hegeliana. Em carta de fevereiro de 1938, Delfim lê:

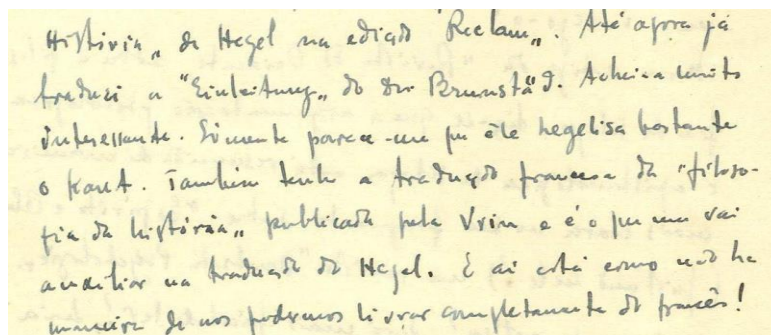
²⁵ A edição conímbrica publicada pela *Revista Atlântida* com tradução de Cabral de Moncada traria o título “Para uma concepção física do universo”.

²⁶ SANTOS, Delfim. A cosmo-visão da física moderna. *Rumo*. Ano I, Lisboa, 1946, p. 201-221.

²⁷ Para Domingues (2001), o “mergulho directo no seio da cultura alemã” de Eudoro de Sousa teria se estruturado exatamente depois das leituras de Baeumler, por meio da influência que Álvaro Ribeiro teria exercido utilizando-se da obra de Ernst Seillières.

²⁸ Para transcrição integral do manuscrito, ver Borges, 2015: 200.

(...) comprei há oito dias a “filosofia da história” de Hegel na edição “Reclam”. Até agora já traduzi a “Einleitung” do dr. Brunstäd. Achei-a muito interessante. Sômente parece-me que ele *hegelisa* bastante o Kant.²⁹



“Filosofia” de Hegel na edição “Reclam”. Até agora já traduzi a “Einleitung” do dr. Brunstäd. Achei-a muito interessante. Sômente parece-me que ele *hegelisa* bastante o Kant. Também tenho a tradução francesa da “filosofia da história”, publicada pela Vieweg e é o que me vai auxiliar na tradução de Hegel. E aí está como nos ha unione de nos poderemos livrar completamente de francês!

Imagem 5: conversa sobre livros entre Delfim e Eudoro, 1940.

Nas cartas de outros amigos, advertir e aprontar a crítica a Hegel está na ordem do dia. Sobre esse contexto e especificamente sobre um destes autores que Eudoro encontrou na busca que, segundo as missivas, começou por Klages, diz Georg Lukács (2018) que

o “renascimento” da filosofia clássica alemã no período imperialista não é, pois, uma renovação nem um desenvolvimento posterior da dialética hegeliana, nem uma intenção de concretizar o historicismo de Hegel, contudo a intenção de pôr a filosofia hegeliana a serviço de uma reconstrução reacionária e imperialista do neokantismo (Lukács, 2018: 48).

Não é ocasião de elaborar acerca das virtudes e problemas da análise do filósofo e crítico húngaro acerca da filosofia alemã. Ainda assim, vemos em sua crítica do irracionalismo a confirmação de que disputar a tradição hegeliana ou distribuir petardos contra o risco que ela representa fez parte de um esforço de gerações. “Todos os filósofos”, explica Lukács ao problematizar uma suposta unidade entre Hegel e Kant,³⁰ “se esforçam por demonstrar que *todos* os problemas da filosofia hegeliana se encontram já em Kant, que a única coisa que Hegel fez é formular consciente e explicitamente o que já estava implícita e inconscientemente em Kant”.³¹

²⁹ Carta inédita, no prelo.

³⁰ O autor húngaro aqui cita explicitamente Windelband, J. Ebbinhaus e Brunstäd, sendo este último o autor da *Einleitung* lida por Eudoro em 1940. Vale pontuar que Brunstäd, de influência luterana, foi importante expoente nos círculos da direita da República de Weimar.

³¹ Lukács, 2018.

Independentemente de se aderir ou não à tese lukácsiana, importa-nos perceber o que está cifrado nas cartas e na articulação que aqui apresentamos. A Europa toma novos rumos e será sempre preciso afastar o risco jacobino metamorfoseado no medo demoníaco dos eventos de outubro de 1917. Mesmo imerso em Klages, Eudoro está atento. Dentro de *Geist und Seele* lemos:

Systeme im engeren Sinne entstehen erst, wo die Gedankenbewegung, statt unmittelbar aus der Sprache zu schöpfen, vielmehr im Mittel eines schon festen Bestandes philosophischer Begriffesgeschichte.³²

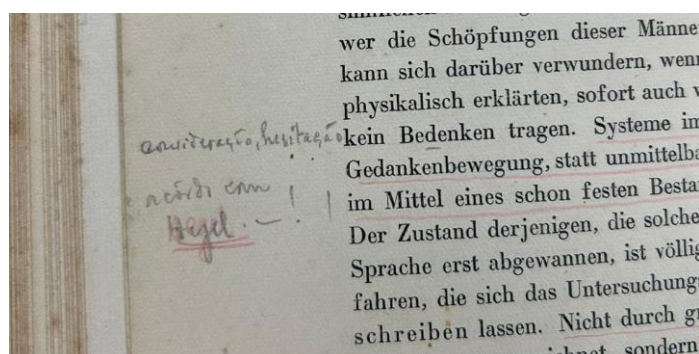


Imagem 6: *marginalia* eudorina presente em edição de Klages.

O leitor não hesita em responder com a característica *exclamativa*, *sublinhando e em vermelho*: “de acôrdo com Hegel!”. A concomitância de leituras não se apresenta apenas no manuscrito que institui o *ex libris* da folha de rosto. Ainda refletindo sobre a origem e a função a que se presta o deus trácio, no caminho da análise de Rohde sobre a hieromania, entusiasmo e êxtase, a busca eudorina se impõe e a *marginalia* registra: “a descrição [de Rohde] dá razão a Klages quanto à natureza do Êxtase”. Eudoro em breve estará imerso na polêmica acerca do orfismo.

Um livro leva a outro pelas deixas que as cartas dão, em uma estrutura de *marginalia*, notas e contra notas às quais se acrescentam uma, às vezes mais duas camadas de leitura em anos distintos. Ambos levam a Otto Kern, também lido em 1940, formando não apenas a base órfica epistêmica eudorina do período, como traçando fio de continuidade interrompido com sangue nas mãos do leitor de Heidelberg, ex-aluno presencial das preleções de Heidegger.

³² “Os sistemas no sentido mais estrito só surgem onde o movimento do pensamento, em vez de derivar diretamente da linguagem, ocorre por meio de um corpo já fixo de conceitos filosóficos.”

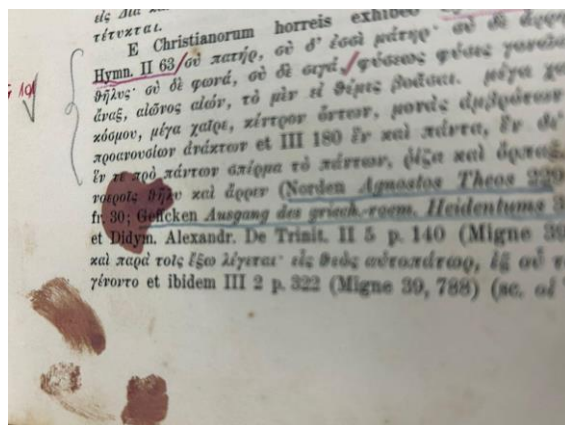


Imagem 7: sangue de Eudoro de Sousa em um exemplar de O. Kern.

Encontrar sangue nos livros particulares lidos na Alemanha, busca que visava apenas abrir caminhos nos labirintos da leitura eudoriana de Klages, Rohde, Baeumler, não pode deixar de sugerir algo *sui generis* no que diz respeito ao *alemão de Klages*. Explicando o radicalismo heideggeriano, um pensador que vai emergir em Eudoro de Sousa até o final de sua vida e será a cifra (antes prometida a Orfeu) da chegada a São Paulo, Emmanuel Faye apresenta um debate pelo qual Klages era conhecido, algo muito mais estruturante do pensamento alemão do que sua grafologia, a saber, a ideia de raça e sangue já não mais corrompidas pelo “biologismo” de Darwin. O sangue alemão necessariamente devém sangue “autêntico”, sangue que escorre ainda hoje pelos destroços legados pelo nazismo. Ludwig Klages, Alfred Rosenberg, Alfred Baeumler... Hitler. Em alguma biblioteca alemã em 1940, o nome de Eudoro de Sousa se aliou e integrou um eixo ainda pouco examinado não em suas problemáticas europeias, mas na sua influência dentro da América Latina.

Êxodo: às custas do Integralismo

A carta constitui uma ambivalência; é a exterioridade de uma interioridade. E ainda: é a exibição de uma invisibilidade. Materializa uma gama muito variada e ampla de sentimentos e pensamentos. É, a carta, uma forma de tornar público o privado, de lançar, na sociedade, o indivíduo (Neves, 1988: 191).

Entre a saída de Heidelberg (1940) e a chegada ao Brasil (1952) questões surgem. Com batismo germânico e nadando na contracorrente lusa, Eudoro lança-se aos mares como muitos portugueses que vieram para as Américas, a maioria deles infensa a qualquer tipo de crítica anticolonial.

A defesa de um *Centro de Estudos Europeus* (germe de uma de suas principais metas), a crítica de seu tempo e o problema entre contribuição e rejeição do contexto em que vive até emigrar, suas perspectivas acerca da própria filologia enquanto ciência ou as considerações sobre aspectos fundamentais da história dos estudos clássicos, a postura diante do programa de Wolf e da Ciência da Antiguidade e ainda debates específicos onde elabora lavra original e madura sobre temas mitológicos e religiosos, sempre na evocação da constante relação entre poesia, mito e filosofia; tudo mostra quão férteis foram os anos 1940. Mas é sobre seu alinhamento político que nos debruçamos agora, bem como no traço distintivo de seu apagamento. Isso para: primeiro, desviar do *sintoma* que atribuiu sempre a Eudoro um caráter *apolítico*, entre outros absurdos;³³ segundo, para, ao localizá-lo, apontar os grupos e projetos com os quais se imiscuiu e defendeu.

A posição que acerca do amigo teria o intelectual Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), integrado ao Brasil em 1954, mais de uma década antes, apresenta-nos, por meio dos livros trocados, um flagrante da atmosfera entre os tertulianos antes mesmo de finda a guerra. Estamos em 21 de janeiro de 1943:

Ao Eudoro de Sousa, desejando-lhe que, sem perda para o *senso* filosófico, ganhe um pouco do *senso* psicológico, pelo menos para saber que o silêncio é concordância, e portanto implica co-responsabilidade (...).

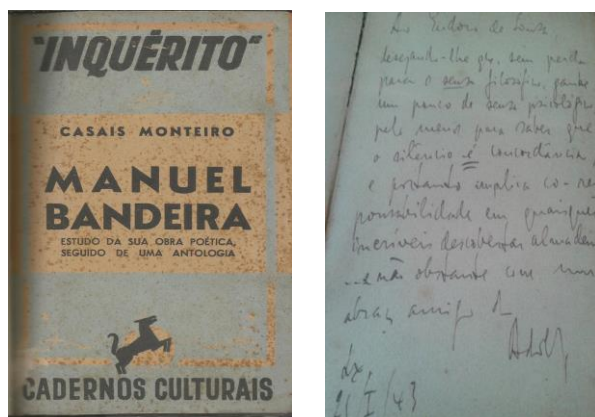


Imagem 8: dedicatória a Eudoro, 1943.

É assim que “Casais”, como a ele se refere ainda hoje a filha de Eudoro, dedica seu *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética*. O ano de 1943 ainda veria o surgimento do LSD pelas mãos da química de Hoffman. Em

³³ Em Belchior (2024: 111), por exemplo, chega-se a dizer que Eudoro de Sousa teve problemas com o salazarismo, nada mais diverso dos fatos.

abril, o gueto de Varsóvia se levantaria. A posição *na imprensa*, ouvida como autoridade, alumia a conjuntura:

Que até hoje não tenha surgido na cultura portuguesa o equivalente lógico e metafísico do génio que, em sublimidade, se revela na epopeia marítima dos séculos XV e XVI e, em beleza, numa lírica perene; isto é, que o génio português não tem expressão filosófica – parece incontestável (Sousa, 2000: 275).

Acusando Portugal de *antifilosófico por natureza* (porque obviamente só Grécia e Alemanha terão esse privilégio), Eudoro é perguntado sobre universidades:

É verdade que a Universidade portuguesa não tem uma faculdade de filosofia, que as faculdades de letras não têm um curso especializado em filosofia; que nem alunos nem professores, fazem leitura dos originais dos grandes filósofos gregos e alemães; que, à falta de traduções portuguesas directas, estamos sujeitos aos desvios das traduções francesas (Sousa, 2000: 276).

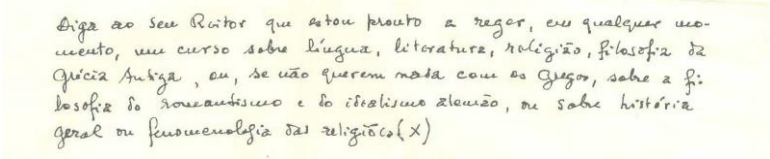
A disputa interna nas universidades e o risco de se recorrer à França devido à falta de uma tradição filosófica em Portugal é o contexto em que, alcançando seu cume, a filologia clássica é suspensa pelas garras heráldicas da *Reichsadler*. O ambiente intelectual cinde, e Eudoro sabe que os tertulianos de sua geração, “‘grupos’ formados pelos raros homens de cada geração, movidos por um interesse *autêntico* pela especulação filosófica, não tardam em dispersar em todos os sentidos das pessoais divergências” (Sousa, 2000: 276, grifo nosso).

É hora! Em êxodo, dezenas de intelectuais emigram para a América Latina, os mais conservadores tentando a Argentina e, no Brasil, o integralismo paulista. No ano de 1949, dois emblemáticos movimentos se dão no *eixo Lisboa-Mendoza*. Comunicando-se para tentar morar e dar aulas em Cuyo, lemos as seguintes palavras de Eudoro:³⁴

Diga ao seu Reitor que estou pronto a reger (...) um curso sobre língua, literatura, religião, filosofia da Grécia Antiga, ou se não querem nada com os gregos, sobre a filosofia do romantismo e do idealismo alemão, ou sobre a história geral ou fenomenologia das religiões [...].

Mas o que prefiro, e onde poderei prestar melhores serviços, é um curso sobre mitologia, religião e filosofia da Grécia Antiga.

³⁴ Carta inédita, no prelo.



Diga ao seu Ritor que estou pronto a reger, em qualquer momento, um curso sobre língua, literatura, religião, filosofia da Grécia Antiga, eu, se não querem nada com os Gregos, sobre a filosofia do romantismo e do idealismo alemão, ou sobre história geral ou fenomenologia das religiões(X)

Imagem 9: carta em que Eudoro apresenta credenciais para Mendoza, Argentina, 1949.

Maduro intelectualmente,³⁵ Eudoro define como pode servir à universidade latino-americana,³⁶ assim como ensaiava no Centro de Estudos Europeus discutindo o estado dos estudos clássicos em Portugal, uma elaboração crítica e criadora para a renovação dos estudos clássicos após a experiência de Heidelberg. Sofrendo já as consequências de não ter qualquer formalidade burocrática exigida pelas instituições de ensino superior, entendendo que a crise Portuguesa impedia que o germe da cultura clássica pudesse ser cultivado como bem comum europeu, o já “ilustre helenista” não mede esforços para interromper a entrevista: “não é esta a ocasião de fazer a crítica ao nosso ensino universitário (...) mas simplesmente lhe direi que discordo totalmente da forma por que o ensino superior de humanidades se encontra constituído, desde 1911, em Faculdades de Letras” (Sousa, 2000: 359).

Como que renunciando o fim que teria após maio de 1968, nosso mitólogo julga que

(...) não tem sentido cultural, e muito menos, português, a existência de Institutos Superiores com a designação de *Faculdades de Letras*. Se, por “Letras” se entende o conjunto das “literaturas”, e, por estudo das “literaturas”, a investigação do pensamento dos povos que as produziram, não há dúvida, que o instituto competente melhor se designaria por *Faculdade de Filologia*, e, melhor ainda, por *Faculdade de Filosofia*. “Letras” corresponde a uma atitude de esteticismo estéril que pertence a... História. “Filologia” ou “Filosofia” assinala a atitude mais séria de quem já não se satisfaz com questões de gosto (Sousa, 2000: 359).

Enquanto em 1944, para Eudoro, Schelling se ergue como símbolo da superação da alegorese, naquele mesmo texto supracitado sobre a *incapacidade* portuguesa, o “ilustre helenista” vaticina: “eis o problema

³⁵ Eudoro de Sousa tem 38 anos.

³⁶ É aproximadamente desse período as intervenções em espanhol nos *Anales de Arqueología y Etnología*, periódico argentino onde lança o núcleo de textos que depois seriam republicados em *Dioniso em Creta e outros ensaios* (1973). Por algum tempo se ignoraram as razões pelas quais Eudoro teria se dedicado a publicar em espanhol (Domingues, 2001: 172), vestígio tanto do argumento autocentrado da crítica lusófona, quanto do esforço para ignorar o continente como intenção de Eudoro, não necessariamente o Brasil.

cuja solução propomos ao leitor que, ao *exaltar o Génio da Raça*, prefira a visão *autêntica* à comparação precária” (Sousa, 2000: 276, grifo nosso). A Áustria já foi anexada, os Sudetos já haviam sido entregues com suporte francês às custas da Tchecoslováquia, a Polónia já havia sido varrida por tropas alemãs ao final de 1939, ainda assim e, depois de “comoções como a do dia 10 [de maio de 1940]”, em tudo aqui vemos Eudoro, a quente, a ignorar a política de expansão do *Reich* falando em *autenticidade*³⁷ e em “exaltar o Génio da Raça”.

O fato é que em 1949³⁸, confessando em carta ideação suicida caso se mantenha na Europa, um estruturante traço ideo-político aparece quando alega que nenhuma oposição “psicológica ou ideológica” representaria progresso diante de um Salazar que demonstrava “competência e o mais penetrante sentido das realidades” (Sousa, 2000: 358). Eis a posição eudorina em uma de suas “raras”³⁹ incursões no campo da política e às vésperas de uma eleição de mentira que seria seguida de expurgos, crimes e mortes políticas.

³⁷ Para problematização da categoria de “autenticidade” à luz da conjuntura aqui sinalizada, Faye, 2015: 72.

³⁸ À guisa de exemplificação/sugestão do material aqui apresentado, registre-se que é desse ano a publicação de *Les ages du monde suivis de Les Divinités de Samothrace*, em tradução de S. Jankélévitch. O exemplar eudorino dessa edição parisiense seria adquirido na afamada Livraria Francesa da rua Barão de Itapetininga, período paulista (1952-1955). Ao final dos anos 1970, já na UnB, Eudoro voltaria à leitura de Schelling em edição francesa, como se atesta nas 206 páginas de *Textes esthétiques* (1978), onde a *marginalia* aponta a releitura do filósofo alemão para elaborações do livro *Sempre o mesmo acerca do mesmo* (Sousa, 1978), com ênfase no *texte 6*, dedicado a pensar *Schème, allégorie, symbole*, cerne de parte do pensamento eudorino dos anos 1980.

³⁹ O que constitui um perfil totalmente distinto daquele que, seja na crítica, seja na memória oral, afirma Eudoro de Sousa como apolítico, como um mestre à distância dos destinos da pólis.

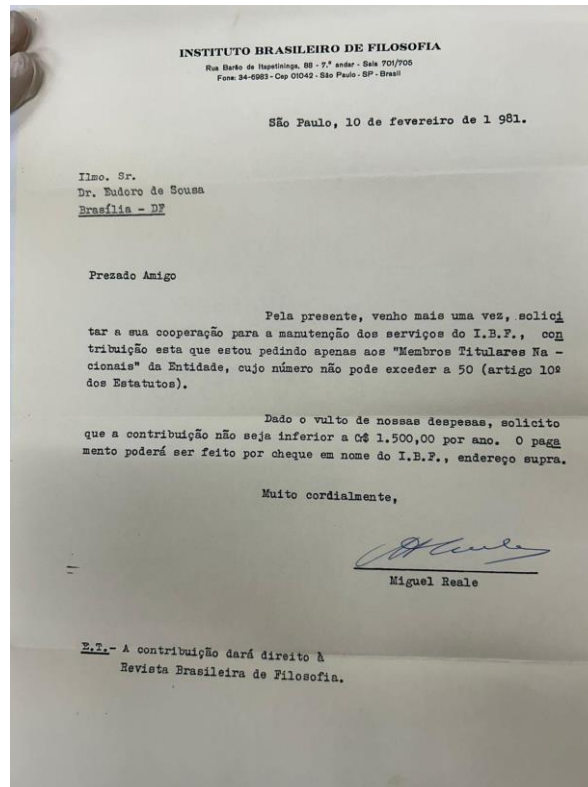


Imagem 10: carta de Miguel Reale a Eudoro de Sousa dentro de exemplar de Klages lido em 1940.

Encontrar uma carta escrita por Reale a Eudoro em 1981 guardada em edição de Klages impressa durante o *Reich* (edição relida para elaboração da obra que Eudoro conseguiu publicar com o suporte da ditadura brasileira dos anos 70 em diante)⁴⁰ demonstra como Reale cobra a dívida com a casa e solicita contribuição “não inferior” a valor estabelecido para a *seleta* que sustenta o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF).

A obra de Filipe Delfim Santos permite ver que Eudoro, depois de tentar a Argentina, assumiu à frente do IBF, ressaltando-se, *integralmente à frente e diligente*,⁴¹ uma posição ainda pouco discutida acerca da cooptação do campo da Filosofia e dos estudos clássicos por parte de um eixo autocrático (Gonçalves, 2016). O IBF nasce em 1949, a revista em 1951, Eudoro é lido pelo *grupo de São Paulo* e pelos integralistas católicos do IBF como o *suprassumo* da intelectualidade portuguesa, assim como Delfim. Este último, do final dos anos 1930 até a década de 1960, tentaria incursões no campo universitário por meio da mediação integralista.

⁴⁰ Conforme demonstrado com análise e fontes primárias em minicurso para o XI Encontro ANPUH-DF: Gênero, Raça e Classe e os 60 anos do Golpe civil-militar, em dezembro de 2024, com o título “O maio de 1968 na Universidade de Brasília: a degola de Eudoro de Sousa e o legado dos ‘clássicos’”.

⁴¹ Como mostra, rica em detalhes, parte da coleta do *corpus* (Santos, 2011).

A despeito de tudo isso é difícil entender a continuidade reacionária eudorina sem saber quem foi Reale e o IBF. E entender o avanço da extrema direita no Brasil do ponto de vista intelectual e a construção da universidade brasileira é perceber que a história da Universidade de São Paulo (USP), desde 1934, é a história de um projeto da oligarquia paulista, com ascensão especial em 1949, ano de acirramento das disputas naquela universidade (Gonçalves, 2016: 89). Desse período é a contribuição que Delfim Santos deu no círculo de Reale, apresentando sua leitura da “crise da universidade”.⁴² Delfim Santos é um *guia* para/entre os intelectuais luso brasileiros, o mesmo *guia* que em outra carta inédita de julho de 1940, enquanto Eudoro ovaciona Hitler em suas missivas, rejubilava-se com a capitulação francesa e a barbárie que antecedeu Dunkirk:

Muito apreciei as suas primeiras notícias da Alemanha. Creio que, no mais importante, não deverá ter tido *decepção nenhuma* quanto à organização social e demais aspectos que muito nos interessam: *A Alemanha deve viver agora um merecido momento de exaltação vitoriosa*. Deve ter sido interessante para si contemplá-lo.⁴³

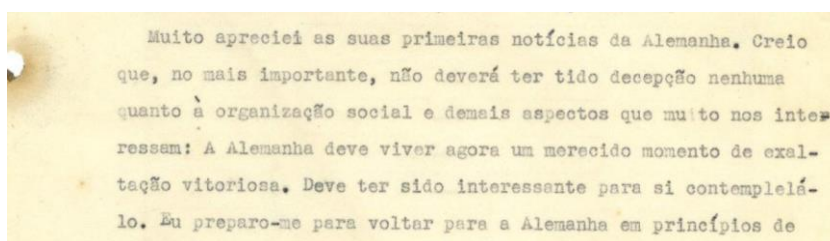


Imagem 11: carta de Delfim Santos a Eudoro de Sousa em seis de julho de 1940.

Eudoro de Sousa seria recebido em São Paulo no ano de 1952 por Vicente Ferreira da Silva, braço direito de Reale no IBF e na cena intelectual paulista. A *concepção aristocrática* que os fundamenta, fenômeno cirurgicamente explicado por Rodrigo Jurucê Gonçalves em 2016, continua coberta pelo silêncio por parte da fortuna crítica eudorina. Ouçamos o professor e historiador:

(...) o IBF faz dois movimentos, de reforma conservadora do hegelianismo e de reafirmação do autoritarismo jurídico, integrados entre si pela crítica do marxismo. O primeiro visa corroer as bases de qualquer movimento

⁴² SANTOS, D. Estará em crise a universidade? – 2ª Parte (entrevista com Delfim Santos, Joaquim de Carvalho e Miguel Reale). *Revista Brasileira de Filosofia*, v.1, n. 3, p. 321-329, jul./set. 1951. Desde os anos 1930, Delfim é conselheiro para a construção da USP, primeiro por interlocução de Fidelino de Figueiredo, depois por parte de outros integrantes do *grupo* e do IBF.

⁴³ Carta inédita, grifo nosso.

antiautocrático por parte dos intelectuais de esquerda; o segundo, assegurar amplo desenvolvimento à autocracia burguesa (Gonçalves, 2016: 179).

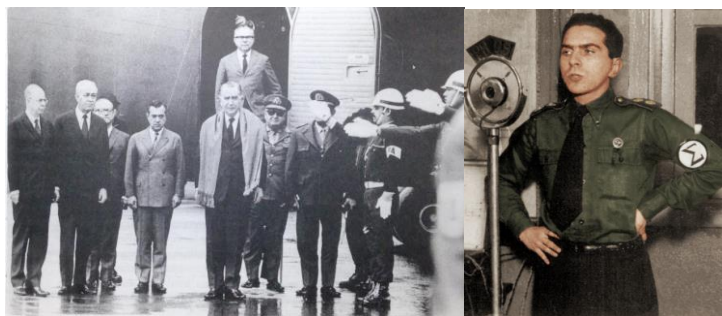


Imagem 12: à esquerda, em 1971, Reale ao fundo posa para foto com Emílio Garrastazu Médici e Gal. Fontoura, chefe do Serviço Nacional de Informação. À direita, Reale como Secretário de Doutrina da Organização integralista nos anos 1930.

Mas há resistência na herança dos estudos clássicos e do pensamento brasileiro. Ela existiu na época e existe ainda hoje, construindo uma luta de classes pela memória *à la* Walter Benjamin. Recentemente a força dessa contra hegemonia emergiu na fala da filósofa Marilena Chauí, curiosamente ao responder a crítica de ser a USP um Departamento de Ultramar Francês, em pleno debate sobre o *método estrutural*:⁴⁴

O Cruz Costa dava aula e 90% do que ele fazia era criticar o IBF do Miguel Reale, os católicos, os integralistas. Metade da aula o Prof. Cruz Costa metia o pau nessa gente. Na segunda metade, dizia que eles precisavam aprender a ler alguma coisa de Filosofia. E na nossa época tinha um manual de filosofia francês escrito pelo Cuvillier que se chamava *Précis de Philosophie*. Então o professor Cruz Costa dizia que a gente precisa pegar o “preciso de filosofia” e mostrar pra eles que eles precisam de Filosofia.

Não se trata e nunca se tratou de apontar *elementos nazistas* na obra de Eudoro de Sousa. Se trata, sim, de compreender de outro ponto vista a própria noção de recepção e transmissão tal como foi feita no século XX e as forças em jogo na própria construção do campo na universidade. Com o silêncio institucional de Eudoro de Sousa, a UnB seria ocupada pela ditadura (e por Miguel Reale) poucos dias após o golpe de 1964. Não consta que tenha havido jamais qualquer ajuste de contas moral da parte de Eudoro de Sousa. O silêncio da crítica sobre as vísceras aqui expostas continua a corroborar um caso radicalmente emblemático. Recentemente, a Comissão da Verdade nos deu surpreendentes relatos da destruição dos estudos clássicos na principal universidade da América Latina sob a égide do Ato Institucional nº 5. Diante de tudo o que expusemos aqui, não é impossível que ao final de 1964 Eudoro de Sousa tenha aplaudido, ao lado de Reale, a presença de Plínio Salgado

⁴⁴ Acesso em setembro de 2024: https://www.youtube.com/watch?v=_VdS-VEgPNg.

dentro do *campus* Darcy Ribeiro. Em todo caso, não restam dúvidas de que a *Deutscher Gruß*⁴⁵ plasmou profundamente uma das máscaras usadas por Eudoro de Sousa.

Referências Bibliográficas

BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento*. Mestrado, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2015.

CÉSAR, Constança Marcondes César. *O Grupo de São Paulo*. Lisboa: INCM, 2000.

DOMINGUES, Joaquim. Eudoro de Sousa perante a filosofia portuguesa. In: *Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa*. Actas do V Colóquio Tobias Barreto, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Lisboa, 2001: 157-176.

FAYE, E. *Heidegger: a introdução do nazismo da filosofia em torno dos seminários de 1933- 1935*. Trad. Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2015.

GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás. 2016.

JÖHSSON, G. O nazismo de Heidegger é indissociável de sua filosofia. Tradução de Laira Vieira. *Jacobin*, abril de 2023: disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/04/o-nazismo-de-martin-heidegger-e-indissociavel-de-sua-filosofia/>. Acesso em 25 jun. 2024.

LUKÁCS, György. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Tradução de Nélcio Schneider. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MODERNO, João Ricardo. Heidegger 1933. Os arquivos nazistas do Rektor-Führer da Filosofia. *Sigila*, nº 34, 2015/2, p. 141-151.

MOTA, Marcus. O Heráclito de Eudoro de Sousa. In: *Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2019.

⁴⁵ Saudação alemã a Adolf Hitler.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NINHOS, Cláudia. *Para que Marte não afugente as Musas*. Tese, Universidade Minho. 2016.

PITT, Rafael C. *Elementos órficos na poesia de Empédocles*. Tese, Universidade de Araraquara, São Paulo. 2022.

POZZO, R. O espírito contra a alma: o antissemitismo entre Klages e Heidegger. *Cadernos Negros de Heidegger*. Sesto San Giovanni: Mímesis, 2016, p. 171-181.

REAL, M. O Estatuto da Crítica Literária em Eudoro de Sousa. In: TEIXEIRA, A. B. EPIFÂNIO, R. (orgs.). *A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa*. Sintra: Zéfiro, 2015.

Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016.

RIBEIRO, Álvaro. *Cartas para Delfim Santos: (1931-1956)*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.

ROCHE, Helen; DEMETRIOU, Kyriakos (eds.). *Brill's Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

SANTOS. *Delfim Santos e o Brasil*. Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 2011.

SILVA, Agostinho da; SIEWIERSKI, Henryk, (Coord.). *Agostinho da Silva: universidade: testemunho e memória*. Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Rafael. *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2022.

SOUSA, Eudoro de. *Sempre o mesmo acerca do mesmo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

SOUSA, Eudoro de. *A origem da poesia e da mitologia e outros ensaios*. Lisboa: INCM, 2000.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *História da Filologia clássica*. São Paulo: Mnema, 2023.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

EUDORO DE SOUSA AGAINST THE GRAIN: AUTOCRATIC THOUGHT IN THE HISTORY OF CLASSICAL STUDIES IN BRAZIL

Bruno de Alves Borges¹

Marcelo Rocha Barros Gonçalves²

Abstract

Without losing sight of the work published by Eudoro de Sousa (1911-1987) in the 1940s, as well as some traces of his readings marked in the *marginalia* of his personal books, we will resort to the letters exchanged by this intellectual and comrades of his generation to attempt a broader understanding of the situation that formed him in Heidelberg, but also of the process responsible for confirming him within an axis of autocratic thought that would flow into the lands of São Paulo, in the arms of integralism. Biographies such as that of Eudoro de Sousa and his generation tell the memory of the creation of the university in Brazil and Latin America, but they certainly contribute so that we can glimpse more clearly some of the main scenes of construction of the field of classical studies itself and its crises, criticisms and fights.

Keywords

Eudoro de Sousa; history of classical studies; history of books and libraries; *marginalia*.

¹ Phd Student (Metaphysics) – University of Brasília, Brasília, Brazil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

² Associate Professor – Federal University of Mato Grosso do Sul, Coxim, Brazil. E-mail: marcelo.barros@ufms.br

Resumo

Sem perder de vista a obra publicada por Eudoro de Sousa (1911-1987) nos anos 1940, bem como alguns rastros de suas leituras marcadas na *marginalia* de seus livros particulares, recorrer-se-á às cartas trocadas por este intelectual com camaradas de sua geração para a tentativa de um mais amplo entendimento da conjuntura que o formou em Heidelberg, mas também do processo responsável por confirmá-lo dentro de um eixo de pensamento autocrático que iria desaguar em terras paulistas, nos braços do integralismo. Biografias como a de Eudoro de Sousa e sua geração contam a memória da criação da universidade no Brasil e na América Latina, mas certamente contribuem para que possamos vislumbrar mais nitidamente algumas das principais cenas de construção do próprio campo dos estudos clássicos e suas crises, críticas e lutas.

Palavras-chave

Eudoro de Sousa; história dos estudos clássicos; história do livro e das bibliotecas; *marginalia*.

Prologue: symptom and the *corpus*

"(...) the only man in Europe, in the world, whom it is politically possible to trust, is Hitler."

Eudoro de Sousa, 1940³

"The destructive moment: demolition of universal history, *elimination of the epic element, no identification with the victor. History must be brushed against the grain.*"

Walter Benjamin, 1940

The manner in which the history of classical studies in Brazil has traditionally been told has been profoundly questioned since it was understood that the eternal "crisis" of the field has taught us much more than reconcilable theoretical differences and/or debatable positions within academic spaces. With the consolidation of critiques against the supposed German hegemony (Roche; Demetriou, 2008), or even against the centrality of the figure of Homer within this historical construct (Silva, 2022), it becomes pressing to understand the position of Latin America and Brazil in the general scheme of the studies of antiquity in order to take a stance in the face of contemporary debates.

In this sense, the possibility opened by those who have explored a "subgenre" called the history of classical studies gains strength and importance, with its concrete suggestions for a reevaluation of our crisis and its specificities. The case here discussed is described through the example of one of the most singular biographies that has crossed these lands, namely, the Luso-Brazilian thinker Eudoro de Sousa, one of the proponents and defenders of an *Altertumswissenschaft* in the twentieth century.⁴

³ Unpublished letter.

⁴ *Altertumswissenschaft* is a German word coined by Friedrich August Wolf in a text from 1807 to designate a new discipline dedicated to the "study of Antiquity" (the literal translation of the German term, which sometimes also appears as "science of Antiquity"). According to this proposal, it was necessary to combine a robust knowledge of the classical languages (Greek and Latin), in terms of grammar, criticism and hermeneutics, with an investigation of the material reality of the past through new fields, such as archaeology, epigraphy, numismatics, etc., in order to provide a complete understanding of ancient reality. According to Wolf (1807: 124-5), the aim of the discipline thus defined "is none other than the knowledge of ancient humanity itself, a knowledge that, starting from the study of ancient remnants, emerges from the contemplation of a significant and organically developed national formation." For a critical interpretation of the work (and its translation into Portuguese as an appendix), see Silva, 2022: 496-522.

With traces still visible in the corridors of Brazilian universities, it is important not only to investigate the legacy of someone who inhabits the oral memory of the most prominent intellectual figures in our field today, but also to recognize the necessity of a critical re-reading of the formation of this intellectual in order to better understand how his journey not only shaped his *Bildung* but also laid the foundations of the Brazilian university. Thusly, we analyze letters exchanged between Eudoro de Sousa and his circle, hoping to catch a glimpse of this figure and his work in connection with the pressing issues of his time, while understanding his era, its demands and interests.

Questioning the *why* and *for what purpose* we do what we do is essential for investigating a legacy beyond mere praise. Even in recent studies that claim to be analytical, in the end, very little consideration is given to the historical-critical and ideo-political dimensions of the hermeneutic debate. It's a curious type of *argumentum ex silentio*, where there is no lack of documents and/or arguments, but rather the opposite.

As we will attempt to indicate in these notes, as a symptom,⁵ little or nothing written about the author of *Mito e História* reflects on the sharp edges and contradictions posed by Eudoro's paths.⁶ Whether due to complete ignorance of vital elements⁷ or because the hegemonic conservative spirit in the field seems to avoid it, through silences, taboos and controversy, this case shows us that – to use Shakespeare's worn-out paraphrase – there is much more between heaven and earth than is *judged* by our vain history of classical scholarship.

Brazil is a “young country,” in Agostinho da Silva's own words, but

carrying within it the paradox of being an ancient country that comes from the Mediterranean. In each step of our folkloric customs, for example, we find things that trace back to Crete or that are rooted in the traditions of these Mediterranean regions (Silva, 2009: 52-53).

Now, if Brazil has (as much as Heidelberg or any other classical tradition)⁸ the right to claim the Antiquity that it embodies, considering the

⁵ Here we appropriate the notion presented in Žižek, 1999.

⁶ The most notable exception is undoubtedly the anthropologist Ordep Serra, one of the last remaining disciples of Eudoro, with a rare critical narrative about the dismantling of UnB, but never about the *Reich*, a subject veiled or unknown to the majority of living disciples, relatives, and critical scholarship until 2011.

⁷ The letters from the German period only arrived in Brazil in 2011, and not even the disciples of his esoteric circle had details about Heidelberg and the situation experienced during the Third Reich, as discussed elsewhere (Borges, 2015).

⁸ Even if one does not necessarily accept the official version that “classical tradition” = Greece and Rome.

constitutive heterogeneity that is a fundamental characteristic of the *fragmentary testimonies* of the past, more than just recognition, this assertion implies the forging of perspectives that, not only overflow from the Greco-Roman tradition, in our case, also considers inherent what historiographical and interpretive hegemony has insisted on treating as *external*. Only in such a manner does it seem possible to give the crisis new critical contours which, indeed, are the great thread of continuity among us.

With excerpts from a *corpus* composed by the dozens of letters here referenced, our aim is to share some insight into the shaping of Eudorian thought and understand how its paths point to the ways in which autocratic thought overtakes the field. From the 1930s until his departure from São Paulo to Santa Catarina (1955), the mythologist found himself surrounded by the most conservative elements of European and Brazilian intellectual circles. Through an enduring period it was understood that intellectual convergences and *collaborations* were part of one's own course and were inevitable presences/situations in the life of someone with a body of work to carry out, a *mission* to fulfill, what is assessed here is the silent and silenced malice, the choice, the political project that, like a spectre, has haunted and continues to haunt classical studies and Brazilian thought: an autocratic axis.⁹

Parodos: Between the “German of Klages” and Integralism

The Portuguese Context and the French Guilt

A former seminarian of Moorish Algarvian descent and the son of a Portuguese cleric, Eudoro de Sousa had an irregular academic career. Connected to the university yet never fully tied to Portuguese institutions with their diverse intellectual frameworks—ranging from Leonardo Coimbra to the Portuguese Renaissance, the Porto School, etc.—he soon began to navigate against the current of his time.

In his viewpoint, Portuguese Philology and Criticism lacked the methodological and cultural apparatus that the German tradition

⁹ To understand the intellectual violence organized as a militia against thinking through the Brazilian Institute of Philosophy (IBF), which welcomed Eudoro de Sousa in São Paulo and harbored Nazi intellectuals who came to Brazil after the end of World War II, it is essential to evaluate the insights contained in *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)* (Gonçalves, 2016).

possessed after Wolf's work. The racist and colonial aspects of Wolf's proposal for a "national formation" (German) based on the study of classical antiquity were never questioned. What Eudoro ironically referred to as "literatism" in his struggle against ruling tendencies at the Portuguese university had nothing to do with the research of the newly arrived Linguistics (which would later materialize in the Herculean work inherited by Dialectology), but rather with the belletristic trends in Literature courses. The general framework of literary critique in 1930s Portugal oscillated between the positivism of Teófilo Braga and the culturalism of Fidelino de Figueiredo or Hernâni Cidade.

In a middle ground, philological studies were dominated by references ranging from Carolina Michaelis and J. Leite Vasconcelos to Mendes dos Remédios. The latter, along with Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, was involved in the inaugurations and programs of the German Institute of Lisbon.¹⁰ "Nietzsche's famous opponent"¹¹ had already signed the *Manifesto of the 93* at the onset of World War I, publicly and collectively inciting the linkage between science and militarism. The history and readings of Eudoro de Sousa will reveal to us, in fragments, something of what remains for us, in our field, from the controversy over the birth of tragedy and the transmission of *Altertumswissenschaft* to Latin America during the formative era of our universities.

With Leonardo Coimbra's death and the dispersion of his disciples, Eudoro de Sousa's immediate circle includes figures like Vitorino Nemésio, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, among others. On a more intimate level, the most fundamental structuring relationships for Eudoro de Sousa were with two inveterate Nazi Germanophiles: Álvaro Ribeiro and Delfim Santos, this, despite all the hasty attempts to emphasize this intellectual's inclusion in Portuguese schools and circles.

Miguel Real comments on this context, the work, and the significance of Carolina Michaelis in demonstrating that in the 1930s, Portugal had just "abandoned philological studies, replacing them with the influence of Saussure's French linguistics" (Real, 2015: 129). If this statement confirms Eudoro's persistent determination to surpass French translations (and traditions), it is not so much about ignoring Saussure, but rather seeking in another philology what, lacking in Portugal, would allow him to integrate into the field, perhaps even help build it, especially institutionally, at a time when, in the 1930s, Language Schools governed the formal space of classical studies.

¹⁰ Ninhos, 2022.

¹¹ Sousa, 2010.

História de Hegel na edição "Reclame". Até agora já
 traduzi a "Einleitung" de Bruno Starobinski. Achei-a muito
 interessante. Simples porque um pouco hegeliana bastante
 o Kant. Também tem a tradução francesa de "filoso-
 fia da história" publicada pela Vrin e é o primeiro
 trabalho de tradução de Hegel. E aí está como um he-
 gelianismo de uns poucos livros completamente de francês!

Imagem 1: excerpt in which French and Hegel appear as a question.

More than attacking the existence of literary critique from the perspective of its autonomy, it was an institutional problem stemming from a university reform/crisis that was proposed, debated, and the target of public policies in Portugal and Brazil. This means that all of it stems from the rise and fall of a *deutsches Beispiel*.¹² Eudoro de Sousa's antagonists dominated the chairs of Lisbon, Coimbra, and Porto. Antagonists who, if not political, were epistemological—or perhaps both. Attacking the Language Schools and the magazines of their own tertullians became a *method*. For Eudoro, Letters represented a place of risk that haunted him for decades and, at the University of Brasília (UnB), would become his grave.

"Philologia e Literatismo" for example, affirms itself as a response after Heidelberg to his interlocutors (Sousa, 2000: 97-99). In proposing a *specific philology*, "perhaps with a deep influence from the thought of Álvaro Ribeiro" (Real, 2015: 129), Eudoro diverges from a Portuguese development that would fall into the arms of Saussure,¹³ and once again, of France. Whether through a *culturalist* or *ontological* path, the relationships between language and literature, in the case of Portuguese, as we clearly see both in the letters and in theoretical and press texts, are entirely embedded in the university context of a *reform heading towards Germanization*. In the struggle over how to shape the university, traditions and intellectuals from various fields are in open conflict. Real points to what, for us, is a duality of Eudoro de Sousa-Álvaro Ribeiro:

Indeed, this author, both through his challenge to the scientific ideology of positivism, dominant in universities, and his challenge to the trends (...) in literature, focuses the roots of a country's thought and literature on the cultural development of its language (...), where he pleads to philological scholars for the

¹² German example.

¹³ The Geneva linguist himself spent his stay in Leipzig, then Berlin, in the last fortnight of the 19th century.

preservation and renewal of the Portuguese lexicon in order to reach an understanding of the soul of Portuguese culture” (Real, 2015: 138).¹⁴

The motif will return, imbued with the concrete German experience. However, despite the careful overview it offers, linking both, and despite the recognition of both as “unavoidable” in Portuguese (or Luso-Brazilian) thought, it errs in the most fundamental reality by tracing elements of historicity and emphasizing the symptom of turning a blind eye to afternoons spent in German clubs, translating Berlin newspapers to fabricate tales about the glorious exaltation of the *Reich*.¹⁵

It is from this perspective that, as we will see later, in a dual articulation with his friend Delfim, we examine two of the main scholarship recipients of the III *Reich* in the Interpreter School program between Lisbon and Berlin during the years of “neutrality.” The above development, anchored in very brief considerations from Real, leaves no doubt: the philology that the Portuguese tradition begins to abandon, to transform in the direction of Saussurean linguistics, does not converge with the Philology that Eudoro de Sousa envisions for himself and for the Portuguese *intelligentsia*. One thing is philology as an expression in language studies, as a means; another is Philology as part of the essential set of *Altertumswissenschaft*, which would be the quality seal announced wherever he went. With no reason to err, we could recognize as fitting for Eudoro the definition of Philology given by Wilamowitz-Moellendorff between the wars.¹⁶ But if it was only with Wolf that Philology ceased to be *ancilla theologiae*, the break made by Wolf, analogous to what Rosenberg and Klages would later do (Pozzo, 2016), is fundamental to understanding how German philology embraced the spirit of reaction that culminated in its *Führer*.

From the “German of Klages” *et alii*.

I never supported the claim that the Nazi bigwigs belonged to a superior race. However, (...) I consistently refused to accept the claim of another race as the chosen people. The arrogance is identical (...) but with this important distinction:

¹⁴ Exactly these words Eudoro uses in an unpublished letter to refer to his objectives with the Germans who were his students in Heidelberg.

¹⁵ Even the Braga’s scholar Joaquim Domingues, organizer of one of the most important collections of correspondence on the subject (Ribeiro, 2001), as well as the intellectual responsible for establishing the active and passive bibliography of Eudoro de Sousa, deliberately disregards the issue of the Reich as exogenous and/or of lesser importance.

¹⁶ Defined by its object, we read that “the task of Philology is to bring back to life, through the power of science, that past life: the song of the poet, the thought of the philosopher and the legislator, the sanctity of the temple and the feelings of believers and non-believers, the colorful hustle and bustle of the market and the port – on land and sea – and the people working and playing” (Wilamowitz, 2023: 35).

after waging a war against humanity for more than three thousand years, Judaism has finally achieved total victory over all the nations of the earth.

Ludwig Klages

It is February 1938. Stéphane Grappelli and Django Reinhardt are making their mark in a Black musical genre that, perhaps for the first time, with a Gypsy *bandleader*, is transforming jazz in the cafés of the old continent. More than a year before invading Poland, Hitler is craving war and takes advantage of a scandal among generals¹⁷ to unleash his persecutory zeal within the high ranks of the *Wehrmacht*. The accused: suspected of non-conformity. This issue, as we well know, will be crucial: who adheres, who collaborates for a *Volksgemeinschaft* (people's community). From 1933 to 1945, this was the practice of German institutions. Between 1933 and 1939, around 1,200 university professors were expelled from German universities (Pozzo, 2016). With greater or lesser resistance, all German universities were at the mercy of National Socialism.

The most well-known case, in Freiburg, spared no effort in reports and denunciations against colleagues opposing Nazism. The king of this generation: Martin Heidegger.

He believed that the Germans were “the most metaphysical of peoples” because they were exclusively rooted in their land (*Bodenständigkeit*). This meant they were destined to reconnect history with Being — he believed in the Nazi “New Awakening” with “inner conviction” (Jöhsson, 2023).

Traces of his profile are revealed in what the District Party Directorate described in May 1938 as the “psychological evaluation” of the former *Rektor-Führer*: “a somewhat closed character, not very close to the people, he lives only for his science, and does not always have a sense of reality.”¹⁸ The project: to Nazify the German university, Germanize the European university, cleanse the races of degeneration, and combat communism.

Referring to data on the existing context in Heidelberg, another name arises beyond Klages. In the “clan of German philologists,” we are inevitably led to the controversial influence of Friedrich Creuzer (Silva, 2022: 141). In his reading of Wolf, Creuzer is said to have renewed the Heidelberg seminars, defining the science of Antiquity in ways that were previously incompatible/opposed but would become *complementary*. The “complementarity” between the historical (scientific) and the exemplary (classical), Eudoro would learn in Heidelberg, so that “scientific research (*Wissenschaft*) and education (*Bildung*) become equally important tasks

¹⁷ Blomberg-Fritsch case.

¹⁸ Moderno, 2015.

within this central field of formation” (Silva, 2022: 141). This field, still called Philology by him, is fundamentally hybrid, with three fundamental dispositions: historical diligence (*historischen Fleiß*), poetic sense (*poëtischen Sinn*), and philosophical spirit (*philosophischen Geist*). Having affirmed the Wolfian perspective wherever he went,¹⁹ “while it is true that Wolf had not yet ascended to the heroic status he would attain in the following decades” (Silva, 2022: 141), his presence is perceptible in Creuzer’s understanding of his own field:

Regarding the fate of this science, it is important to remember that its origins are lost in Antiquity itself, tracing back in part to the time of the Pisistratids, to the investigative spirit of the sophists, and then to the scholarly works and collection of books by Aristotle, as well as the remarkable destiny of the philosopher’s own writings, which provide material for reflection. Now, Alexandria (since 332 BC) must be noted as the first center of scholarly life and work (Creuzer, 1807 *apud* Silva, 2022: 141).

Regardless of how Creuzer interprets Wolf, this moment not only demonstrates the realization of a scholarly paradigm but also foreshadows how Eudoro’s quest magnetically responds to and integrates with the construction of the very canon that was being forged, and which would find its *alma mater* in Nazi Germany, at least from 1933 to 1945.

In the late 1930s, Eudoro writes to Delfim:²⁰

I’m still terribly confused with Klages’ German: I find myself forced to translate it in fragments, and even then, poorly. Sometimes, I fall into deep despair. But what I’ve managed to translate is so promising... In those moments — forgive me — I envy you!

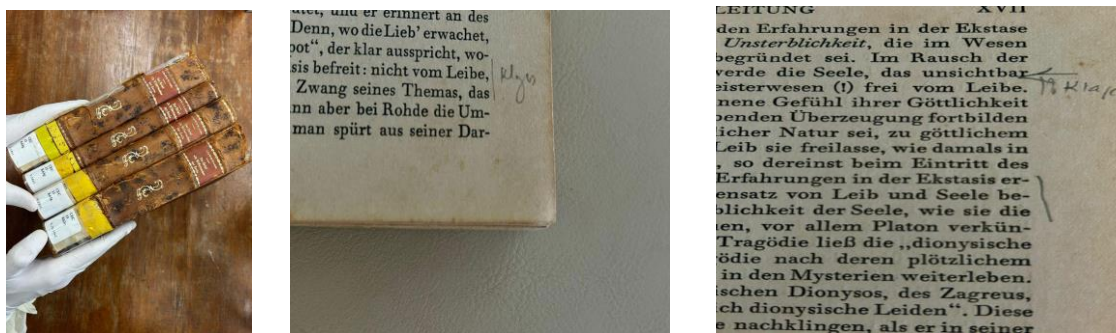


Imagem 2: German edition of Klages and *Psyché* read in 1940, and the search for Klages in Rohde and vice versa.

¹⁹ Both in the inaugural lectures at the Brazilian Institute of Philosophy (IBF) in São Paulo in 1954, and in the founding of the University of Brasília, such a paradigm would be established as a program.

²⁰ Unpublished letter.

It will not be the last time the word “*fragment*” appears in Eudoro’s portrayal of his studies and readings. The very nature of the fragment (Mota, 2019: 23-37) and its scattered pieces shapes the interpretation of someone who would translate Novalis’ *fragments* as his first publication – a deliberate and symbolic choice,²¹ considering that this poet is regarded as a critique of the French Revolution and its effects (Losurdo, 2018). A German example of Klages is the small, fragmented collection of an edition acquired by Eudoro de Sousa in Heidelberg. Also on the same table during his “Germanic” months was *Psyche* by Erwin Rohde, prefaced by Hans Eckstein. Extensively examined in the *marginalia* present here, one of the focal points of the reading was Rohde’s interpretation of Book XI of the *Odyssey*.²² The arguments and problems raised by the famous defender of Nietzsche were of great interest to Eudoro, as well as what in Rohde explains Klages – and helps understanding Nietzsche’s own influences and weaknesses.

Whether in deepening the connections between Homer and indigenous traditions or by examining the Orphic element as something prior to and/or intrinsic to Homer²³ (even while the term “Orphic” required an uncomfortable use of quotation marks by some scholars),²⁴ the *reader* traces a method in the making; a scene from the Eudorian workshop, building the program of the *Prolegomena* in Reich’s Heidelberg. These are the first steps of an emerging exegesis.

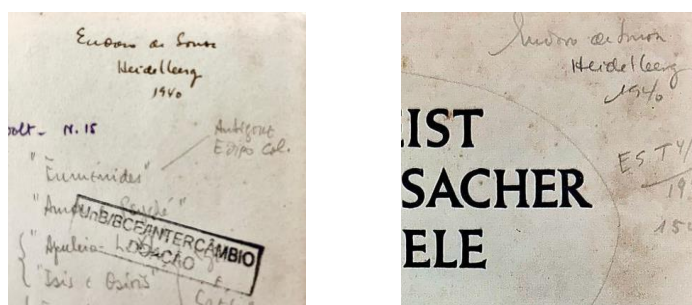


Imagem 3: *ex libris* in copies of Rohde and Klages.

Both books were read in Heidelberg in 1940. In both, as previously noted – though especially in Rohde – the reading progressed alongside the

²¹ A facsimile of the original published during World War II is available at https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s2/UCBG-RP-1-5-s2_item1/P79.html.

²² Inputs from the legendary course on *catabases* offered at UnB in the 1960s.

²³ It is from these same months Eudoro’s reading *Orphicorum fragmenta* by Otto Kern, as discovered when visiting what remains of his library

²⁴ Pitt, 2022.

translation of the language. The very controversy led Eudoro first to Rohde.²⁵ In Eckstein's preface, red ink is used to mark a rereading done after 1950, the year *Mythos und Kult bei Naturvölkern* was published. Upon revisiting Rohde:

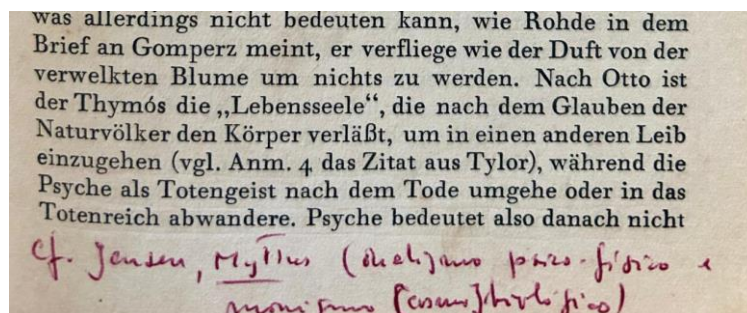


Imagem 4: Second layer of reading in *Psyché* with red pen: “cf. Jensen, Mythus (psychophysical dualism and (cosmobiological) monism)”).

Here is the reader responding with Jensen, complementing the reading and argumentation that formed the basis of the 3rd National Congress of Philosophy in São Paulo, which took place in November 1959. It was only in 1961 that the thesis was made public, whose author “resisted, as much as he could, the temptation to express it in the form in which it is actually expressed” (Sousa, 2000: 181).

But this *complementarity* had been discussed in other spheres, given its influence on modern physics. In his third publication, in 1944, with the support of the *Zeitschrift des Deutschen Kulturinstituts Lissabon*, he translated Karl Weizsäcker from German. His interest: philosophy and atomic physics. The Portuguese cultural magazine *Rumo* would publish “Origem da poesia e da mitologia no drama ritual” about two years later, marking the beginning of a dramatic theory of myth. In the same edition, Delfim Santos celebrates the Portuguese translation of “Zum Weltbild der Physik”,²⁶ a “very well translated” work by Weizsäcker. The war would continue, and translation would always be a front. The conflict was about to end, and the high Portuguese *intelligentsia* announced the bomb through the convergence of fields. The “consequences to which modern physics has compelled philosophical speculation”²⁷ had become inevitable. Logic and Ethics find themselves in the same destruction of reason.

²⁵ For an approach to the controversy through texts published at the time, see Machado, 2005.

²⁶ The edition from Coimbra published by Revista Atlântida with a translation by Cabral de Moncada would be titled Towards a physical conception of the universe.

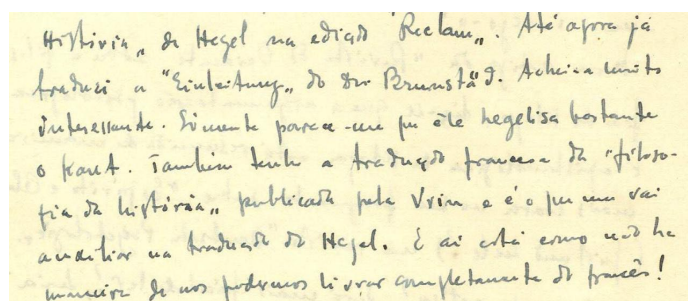
²⁷ SANTOS, Delfim. A cosmo-visão da física moderna. *Rumo*. Ano I, Lisboa, 1946, p. 201-221.

It seems to us, upon a first rereading with attention to his notes, that *complementarity* is both rehearsed as a response to Hegel and points to an attempt to resolve thought structures that emphasize contradictions. Additionally, the influence of modern physics shapes the debate within philosophy. This image and experience would profoundly mark Eudoro de Sousa until the end of his life, when he would affirm in *Colina Velha* that it was only with nuclear fission that Prometheus had finally gifted fire to mankind.

In this context, to respond to Rohde, Eudoro engages with Alfred Baeumler (1887-1968), who, coming directly from Dresden, would be a key figure in the assimilation of Nietzsche into the ideological framework of the Third Reich.²⁸ Rohde justifies Homer's silence regarding Dionysus by claiming that the recent Thracian god did not yet hold the importance he would later achieve. The map is laid out and reviewed before us, loose in a vast manuscript between pages 112-113 of his copy. In this study on Greek religion and mythology, under the influence of Romanticism, bibliographical and methodological notes are outlined from a first reading, done swiftly in 1940. Here, the pursuit of bibliography is affirmed, and fundamentally, the permanent relationship between religion, philosophy, poetry, etc., is established. The problem of distinguishing between origin and beginning, and the questions brought by phenomenology to the problem of history, are also present.²⁹

It is not surprising to find here, on the worktable of the second semester of 1940, an *emphasis on the reaction to Hegel*, a keen awareness of the Hegelian presence. In a letter from February 1938, Delfim reads:

(...) I bought Hegel's Philosophy of History in the "Reclam" edition eight days ago. So far, I've already translated the "Einleitung" by Dr. Brunstäd. I



A handwritten note in Portuguese on a piece of aged, yellowed paper. The text is written in cursive and discusses the acquisition and translation of Hegel's 'Philosophy of History' (Reclam edition) and the 'Einleitung' (Introduction) by Dr. Brunstäd. The writer expresses interest in the Hegelian content and mentions having already translated the introduction. The note also refers to a French edition of Hegel's philosophy of history published by Vrin and mentions a collection of Hegel's works.

²⁸ According to Domingues (2001), Eudoro de Sousa's "direct immersion into the heart of German culture" would have taken shape precisely after reading Baeumler, through the influence that Álvaro Ribeiro exerted using the work of Ernst Seillières.

²⁹ Full transcript in Borges, 2015: 200.

found it very interesting. It just seems to me that he Hegelianizes Kant quite a bit.³⁰

Imagem 5: conversation about books between Delfim and Eudoro, 1940.

In letters from other friends, warning and preparing criticism of Hegel is the order of the day. Regarding this context, and specifically about one of these authors that Eudoro encountered in his search, which, according to the letters, began with Klages, Georg Lukács (2018: 48) says:

The “renaissance” of classical German philosophy during the imperialist period is not, therefore, a renewal or further development of Hegelian dialectics, nor an intention to actualize Hegel’s historicism, but rather an attempt to put Hegelian philosophy at the service of a reactionary and imperialist reconstruction of Neo-Kantianism.

It is not the occasion of elaborating on the virtues and problems of the Hungarian philosopher and critic’s analysis of German philosophy. Even so, we see in his critique of irrationalism the confirmation that challenging the Hegelian tradition or launching attacks against the risks it represents was part of a generational effort. “All philosophers,” Lukács explains while questioning a supposed unity between Hegel and Kant,³¹ “strive to demonstrate that all the problems of Hegelian philosophy are already present in Kant, that the only thing Hegel did was to consciously and explicitly formulate what was already implicitly and unconsciously in Kant.”³²

Regardless of whether one adheres to Lukács’ thesis or not, what matters to us is understanding what is encrypted in the letters and the articulation we present here. Europe is taking new directions, and it will always be necessary to ward off the Jacobin risk, metamorphosed into the demonic fear of the events of October 1917. Even in Klages, Eudoro remains attentive. In *Geist und Seele* we read:

Systeme im engeren Sinne entstehen erst, wo die Gedankenbewegung, statt unmittelbar aus der Sprache zu schöpfen, vielmehr im Mittel eines schon festen Bestandes philosophischer Begriffesgeschichte.³³

³⁰ Unpublished letter.

³¹The Hungarian author here explicitly cites Windelband, J. Ebbinghaus, and Brunstäd, the latter being the author of the *Einleitung* read by Eudoro in 1940. It is worth noting that Brunstäd, with Lutheran influence, was an important figure in right-wing circles of the Weimar Republic.

³² Lukács, 2018.

³³ “Systems in the strictest sense only emerge where the movement of thought, instead of deriving directly from language, occurs through an already fixed body of philosophical concepts.”

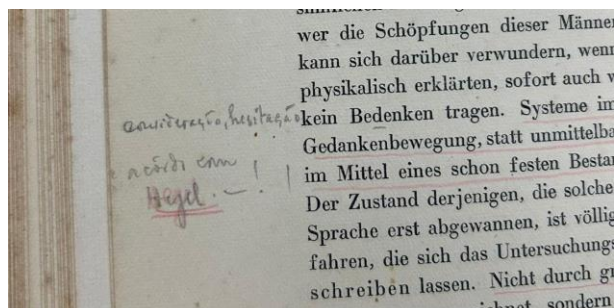


Imagem 6: Eudorian *marginalia* present in Klages editio.

The reader does not hesitate in responding with the characteristic *exclamatory style, underlining in red*: “according to Hegel!” The simultaneity of readings appears not only in the manuscript that establishes the *ex libris* on the title page. Still reflecting on the origin and function of the Thracian god, in the course of Rohde’s analysis of hieromania, enthusiasm and ecstasy, Eudoro’s search asserts itself, and the *marginalia* shows: “[Rohde’s] description supports Klages regarding the nature of Ecstasy.” Eudoro will soon be immersed in the debate about Orphism.

One book leads to another through the clues provided by the letters, in a structure where *marginalia*, notes, and counter-notes are added through different years, in one, sometimes even two or more layers of readings. Both lead to Otto Kern, also read in 1940, forming not only the Orphic epistemic foundation of Eudoro’s period, but also tracing a thread of continuity interrupted with blood from the hands of the Heidelberg reader, a former student of Heidegger’s lectures.

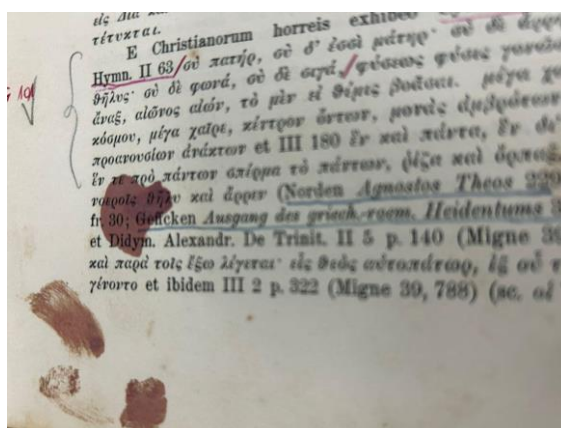


Imagem 7: Eudoro de Sousa’s blood in O. Kern exemplary.

Finding blood on private books read in Germany, a search that aimed only to open paths in the labyrinths of Eudoro’s readings of Klages, Rohde, and

Baeumler, cannot help but suggest something *sui generis* regarding Klages' German. Explaining Heidegger's radicalism, Emmanuel Faye presents a debate for which Klages was known, something much more foundational to German thought than his graphology – namely, the idea of race and blood, no longer corrupted by Darwin's "biologism." German blood necessarily becomes "authentic" blood, blood that still flows today through the wreckage left by Nazism. Ludwig Klages, Alfred Rosenberg, Alfred Baeumler... Hitler. In some German library in 1940, the name of Eudoro de Sousa aligned and integrated with a still little-examined axis – not in its European problems, but in its influence within Latin America.

Exodus: at the expense of Integralism.

The letter embodies an ambivalence; it is the exteriority of an interiority, and still: it is the display of an invisibility. Materializing a wide and varied range of feelings and thoughts. The letter is a way to make the private public, to introduce the individual into society (Neves, 1988: 191).

Between leaving Heidelberg (1940) and arriving in Brazil (1952), issues arise. With a Germanic baptism and swimming against the Lusitanian current, Eudoro sets out to sea like many Portuguese who came to the Americas, most of them devoid of any kind of anticolonial critique.

The defense of a Center for European Studies; the critique of his time and the problem between contributing with and rejecting the context in which he lived until emigrating; his perspectives on philology itself as a science or considerations on fundamental aspects of the history of classical studies; his stance towards Wolf's program and the Science of Antiquity; as well as specific debates where he developed original and mature work on mythological and religious themes, always invoking the constant relationship between poetry, myth, and philosophy – all of this demonstrates how fertile the 1940s were. But it is on his political alignment that we now focus our attention, as well as the distinctive trait of his effacement. Firstly, to deviate from the narrative that always attributed to Eudoro an *apolitical* character, among other absurdities,³⁴ and secondly, to pinpoint him by identifying the groups and projects with which he was involved and which he supported.

The position that the intellectual Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) would hold regarding his friend, having integrated himself into Brazil in 1954, presents us – through an exchange of books – an unmistakable

³⁴ In Belchior (2024:111), for example, it is even stated that Eudoro de Sousa had issues with Salazarism, which couldn't be further from the truth.

glimpse of the atmosphere among the tertulians even before the war had ended. It is January 21, 1943:

To Eudoro de Sousa, wishing that, without losing your philosophical sense, you may gain a bit of psychological sense, at least to understand that silence is accordance, and therefore implies co-responsibility (...).

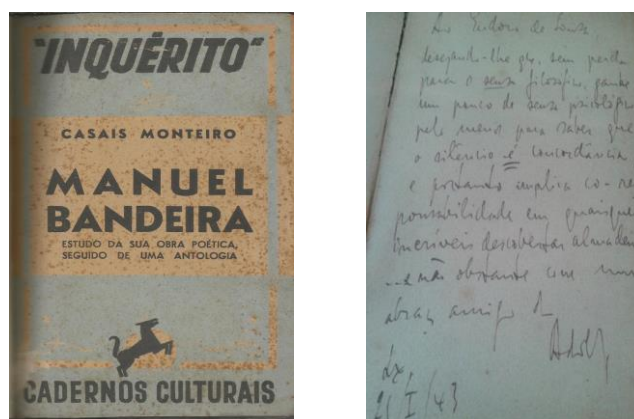


Imagem 8: inscription dedicated to Eudoro, 1943.

This is how “Casais,” as Eudoro’s daughter still refers to him today, dedicates his *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética*. The year 1943 would also witness the creation of LSD by the hands of Hoffman’s chemistry. In April, the Warsaw Ghetto would rise. His position *to the press*, regarded as authoritative, illuminates the context:

That to this day there has not emerged in Portuguese culture the logical and metaphysical equivalent of the genius that, in sublimity, is revealed in the maritime epic of the 15th and 16th centuries, and, in beauty, in a timeless lyricism; that is, that Portuguese genius has no philosophical expression – this seems incontestable (Sousa, 2000: 275).

Accusing Portugal of being inherently anti-philosophical (because obviously only Greece and Germany are granted that privilege), Eudoro is asked about universities:

It is true that the Portuguese university does not have a school of philosophy, that the language schools do not offer a specialized philosophy course, that neither students nor professors read the original works of the great Greek and German philosophers, and that, due to the lack of direct Portuguese translations, we are subject to the distortions of French translations (Sousa, 2000: 276).

The internal struggle within universities and the risk of turning to France due to the lack of a philosophical tradition in Portugal is the context in which, at its peak, classical philology is suspended by the heraldic claws of the *Reichsadler*. The intellectual environment fractures, and Eudoro is

aware that the tertulians of his generation, “‘groups’ formed by the rare men of each generation, driven by an *authentic* interest in philosophical speculation, soon disperse in every direction due to personal divergences (Sousa, 2000: 276, emphasis ours).”

It is time! In an exodus, dozens of intellectuals emigrate to Latin America, with the more conservative ones heading to Argentina and, in Brazil, to São Paulo’s Integralism. In the year 1949, two emblematic movements occur along the *Lisbon-Mendoza axis*. In an attempt to get a position in Cuyo, we read the following words from Eudoro:³⁵

Tell your Rector that I am ready to teach (...) a course on the language, literature, religion, and philosophy of Ancient Greece, or if they want nothing to do with the Greeks, on the philosophy of Romanticism and German Idealism, or on the general history or phenomenology of religions [...].

But what I prefer, and where I can be of most service, is a course on mythology, religion, and philosophy of Ancient Greece.

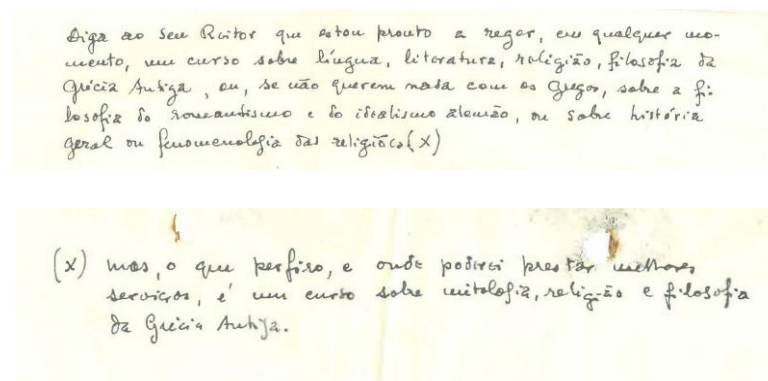


Imagem 9: letter in which Eudoro presents his credentials to Mendoza, Argentina, 1949.

Intellectually mature,³⁶ Eudoro defines how he can serve the Latin American university,³⁷ just as he had rehearsed at the Center for European Studies, discussing the state of classical studies in Portugal, with a critical and creative approach to renewing classical studies after his experience in Heidelberg. Already suffering the consequences of not having any of the bureaucratic formalities required by higher education institutions, and understanding that the Portuguese crisis prevented the cultivation of

³⁵ Unpublished letter.

³⁶ Eudoro de Sousa is 38 years old.

³⁷ It was approximately during this period that he published interventions in *Anales de Arqueología y Etnología*, an Argentinian journal where he launched the core texts that would later be republished in *Dioniso em Creta e outros ensaios* (1973). For some time, the reasons why Eudoro dedicated himself to publishing in Spanish were overlooked (Domingues, 2001: 172), a trace of both the self-centered argument of Lusophone criticism and the effort to ignore the *continent* as Eudoro’s intention – *not necessarily Brazil*.

classical culture as a common European good, the now “renowned Hellenist” spares no effort to interrupt the interview: “this is not the occasion to criticize our university education (...) but I will simply say that I completely disagree with the way higher education in the humanities has been organized, since 1911, in language schools” (Sousa, 2000: 359).

As if foreshadowing the fate he would face after May 1968, our mythologist judges that

(...) the existence of language schools in universities has no cultural sense, and even less, a Portuguese one. If by “Languages” one means the body of “literature,” and by the study of “literature,” the investigation of the thought of the peoples who produced them, there is no doubt that the proper institution would be better named a school of philology, or even better, a school of philosophy. “Language” corresponds to a sterile aestheticism that belongs to... History. “Philology” or “Philosophy” signifies the more serious attitude of those who are no longer satisfied with matters of taste (Sousa, 2000: 359).

For Eudoro in 1944, Schelling emerged as a symbol of the transcendence of allegory, in the same aforementioned text on Portugal’s philosophical incapacity, the “illustrious Hellenist” declared: “here is the problem whose solution we propose to the reader who, in *exalting the Genius of the Race*, prefers authentic vision to precarious comparison” (Sousa, 2000: 276, emphasis ours). Austria had already been annexed, the Sudetenland ceded with French support at the expense of Czechoslovakia, Poland had been swept by German troops by the end of 1939, yet despite “upheavals like that of May 10 [1940],” we see Eudoro, fervently disregarding the *Reich*’s expansionist policy, speaking of *authenticity*³⁸ and “exaltar o Génio da Raça.”

The fact is that in 1949,³⁹ in a letter confessing suicidal ideation if he were to remain in Europe, a defining ideo-political trait emerges when he claims that no “psychological or ideological” opposition would represent progress in the face of a Salazar who demonstrated “competence and the most penetrating sense of realities” (Sousa, 2000: 358). This is Eudoro’s

³⁸ For a critical examination of the category of “authenticity” in light of the context indicated here, see Faye, 2015: 72.

³⁹ By way of illustration/suggestion of what is presented here, note that the publication of *Les ages du monde suivis de Les Divinités de Samothrace*, translated by S. Jankélévitch, dates from this year. Eudoro’s copy of this Parisian edition would be acquired at the famed *Livraria Francesa* on *Barão de Itapetininga* Street, during his time in São Paulo (1952–1955). By the late 1970s, now at the University of Brasília, Eudoro would return to reading Schelling in a French edition, as evidenced by the 206 pages of *Textes Esthétiques* (1978), where the *marginalia* suggest a rereading of the German philosopher for the development of the book *Sempre o Mesmo Acerca do Mesmo* (Sousa, 1978), with emphasis on *texte 6*, dedicated to reflections on *Schème, Allégorie, Symbole*, a core of Eudoro’s thought in the 1980s.

position in one of his “rare”⁴⁰ incursions into the political field, on the eve of a fraudulent election that would be followed by purges, crimes, and political deaths.

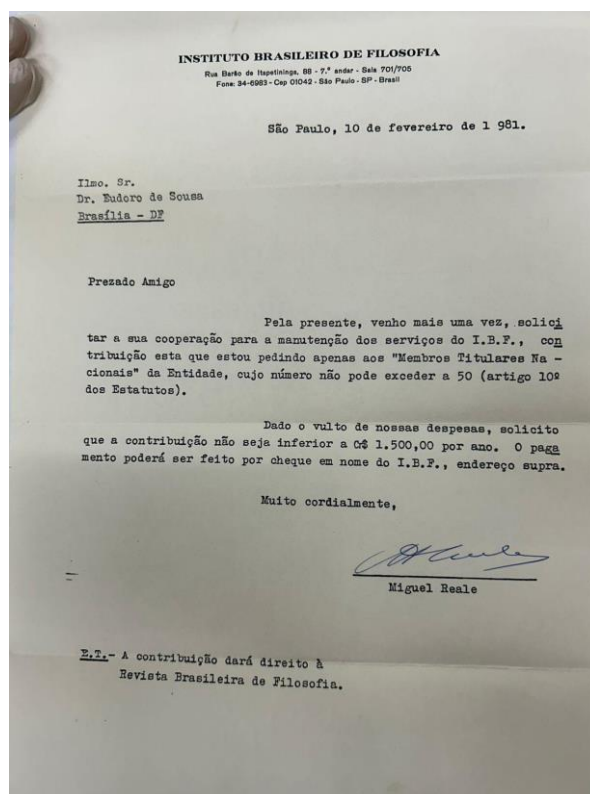


Imagem 10: letter from Miguel Reale to Eudoro de Sousa inside a copy of Klages read in 1940.

Finding a letter written by Reale to Eudoro in 1981, kept inside an edition of Klages printed during the *Reich* (an edition reread for the development of the work Eudoro managed to publish with the support of the Brazilian dictatorship from the 1970s onward),⁴¹ reveals how Reale charges a debt owed to the institute and requests a contribution “no less than” the established amount for the selection supporting the Brazilian Institute of Philosophy (IBF).

Filipe Delfim Santos’s work shows that, after attempting to settle in Argentina, Eudoro took on a leading role at the IBF —remarkably, *in full*

⁴⁰ This constitutes a profile entirely different from the one that, whether in criticism or oral memory, portrays Eudoro de Sousa as apolitical, as a master removed from the fate of the polis.

⁴¹ As demonstrated through analysis and primary sources in a short course for the XI Encontro ANPUH-DF: Gênero, Raça e Classe e os 60 anos do Golpe civil-militar, in December 2024, titled “O maio de 1968 na Universidade de Brasília: a degola de Eudoro de Sousa e o legado dos ‘clássicos’.”

*leadership and with diligence*⁴²—a position that has been little discussed in terms of the co-optation of the field of philosophy and classical studies by an autocratic axis (Gonçalves, 2016). The IBF was founded in 1949, its journal in 1951, and Eudoro was seen by the *São Paulo group* and the IBF's Catholic Integralists as the epitome of Portuguese intellectualism, much like Delfim. The latter, from the late 1930s through the 1960s, would attempt forays into the academic field through Integralism's mediation.

Despite all of this, it is difficult to understand the continuity of Eudoro's reactionary stance without knowing who Reale and the IBF were. To grasp the intellectual advance of the far right in Brazil and the construction of Brazilian universities, one must recognize that the history of the University of São Paulo (USP), since 1934, is the history of a project by São Paulo's oligarchy, specially from 1949 onwards—a year of intensified disputes at that university (Gonçalves, 2016: 89). From this period comes Delfim Santos' contribution to Reale's circle, presenting his views on the "crisis of the university." Delfim Santos served as a guide for/among Luso-Brazilian intellectuals, the same *guide* who, in another unpublished letter from July 1940, while Eudoro praised Hitler in his correspondence, joyfully exalted the French capitulation and the barbarism that preceded Dunkirk:

I greatly appreciated your initial reports from Germany. I believe that, in the most important aspects, you *should not have been disappointed* with the social organization and other elements that greatly interest us: *Germany must now be experiencing a well-deserved moment of victorious exaltation*. It must have been interesting for you to witness it.⁴³

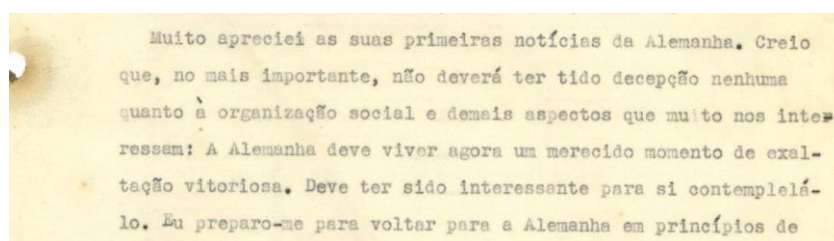


Imagem 11: letter from Delfim Santos to Eudoro de Sousa on July 6, 1940.

Eudoro de Sousa would then be received in São Paulo in 1952 by Vicente Ferreira da Silva, Reale's right-hand man at the IBF and in São Paulo's intellectual scene. The *aristocratic conception* that establishes them, a phenomenon surgically explained by Rodrigo Jurucê Gonçalves in 2016, remains largely unaddressed in Eudoro's critical reception. Let us listen to the professor and historian:

⁴² As part of the corpus collection shows with rich details (Santos, 2011).

⁴³ Unpublished letter.

(...) the IBF undertakes two movements: a conservative reform of Hegelianism and a reaffirmation of legal authoritarianism, both integrated by their critique of Marxism. The first aims to erode the foundations of any anti-autocratic movement from leftist intellectuals; the second ensures the broad development of bourgeois autocracy” (Gonçalves, 2016: 179).

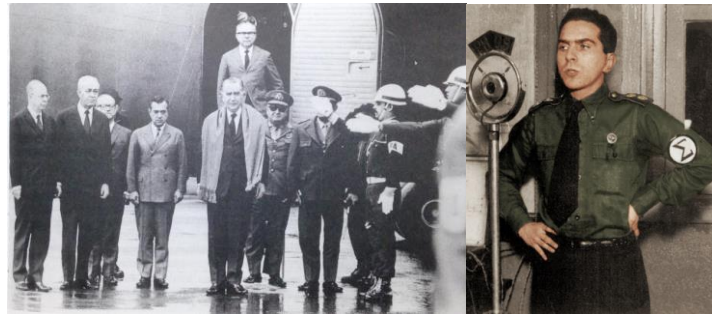


Imagem 12: On the left, in 1971, Reale in the background poses for a photo with Emílio Garrastazu Médici and Gen. Fontoura, head of the National Information Service. On the right, Reale as Secretary of Doctrine for the Integralist Organization in the 1930s.

But there is resistance within the legacy of classical studies and Brazilian thought. It existed then and still exists today, building a class struggle of memory, in the spirit of Walter Benjamin. Recently, the strength of this counter-hegemony emerged in the words of philosopher Marilena Chauí, curiously responding to the critique that USP was a French Overseas Department, during a debate on *structuralist methods*:⁴⁴

Cruz Costa would teach and 90% of what he did was to criticize Miguel Reale’s IBF, the Catholics, the Integralists. During half of the class, Professor Cruz Costa would slam those people. In the other half, he would say they needed to learn to read something of philosophy. And in our time, there was a French philosophy manual written by Cuvillier called *Précis de philosophie*. So, Professor Cruz Costa would say that we needed to take the “*précis* of philosophy” and show them that they needed philosophy.

This is not, and has never been, about pointing out *Nazi elements* in the work of Eudoro de Sousa. It is, rather, about understanding from another point of view the very notion of reception and transmission as it occurred in the 20th century, and the forces at play in the construction of the academic field within the university. With Eudoro de Sousa’s institutional silence, the dictatorship and Miguel Reale took control of the University of Brasília (UnB) as if in a wartime occupation, a few days after the 1964 coup. There is no record of any moral reckoning on the part of Eudoro de Sousa. The silence in the critique regarding the exposed depths of this matter continues to corroborate a radically emblematic case. Recently, the

⁴⁴ Accessed September 2024, https://www.youtube.com/watch?v=_VdS-VEgPNg.

Commission of Truth provided surprising accounts of the destruction of classical studies at the leading university in Latin America under the aegis of Institutional Act No. 5. In view of our arguments, it is not impossible that by the end of 1964 Eudoro de Sousa may have applauded, alongside Reale, the presence of Plínio Salgado on the Darcy Ribeiro *campus*. In any case, it is also clear beyond question that the *Deutscher Gruß* profoundly influenced one of the masks worn by Eudoro de Sousa.

Works Cited

BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento*. Mestrado, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2015.

CÉSAR, Constança Marcondes César. *O Grupo de São Paulo*. Lisboa: INCM, 2000.

DOMINGUES, Joaquim. Eudoro de Sousa perante a filosofia portuguesa. In: *Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa*. Actas do V Colóquio Tobias Barreto, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Lisboa, 2001: 157-176.

FAYE, E. *Heidegger: a introdução do nazismo da filosofia em torno dos seminários de 1933- 1935*. Trad. Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2015.

GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás. 2016.

JÖHSSON, G. O nazismo de Heidegger é indissociável de sua filosofia. Tradução de Laira Vieira. *Jacobin*, abril de 2023: disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/04/o-nazismo-de-martin-heidegger-e-indissociavel-de-sua-filosofia/>. Acesso em 25 jun. 2024.

LUKÁCS, György. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Tradução de Nélío Schneider. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MODERNO, João Ricardo. Heidegger 1933. Os arquivos nazistas do Rektor-Führer da Filosofia. *Sigila*, nº 34, 2015/2, p. 141-151.

MOTA, Marcus. O Heráclito de Eudoro de Sousa. In: *Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2019.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NINHOS, Cláudia. *Para que Marte não afugente as Musas*. Tese, Universidade Minho. 2016.

PITT, Rafael C. *Elementos órficos na poesia de Empédocles*. Tese, Universidade de Araraquara, São Paulo. 2022.

POZZO, R. O espírito contra a alma: o antissemitismo entre Klages e Heidegger. *Cadernos Negros de Heidegger*. Sesto San Giovanni: Mímesis, 2016, p. 171-181.

REAL, M. O Estatuto da Crítica Literária em Eudoro de Sousa. In: TEIXEIRA, A. B. EPIFÂNIO, R. (orgs.). *A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa*. Sintra: Zéfiro, 2015.

Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016.

RIBEIRO, Álvaro. *Cartas para Delfim Santos: (1931-1956)*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.

ROCHE, Helen; DEMETRIOU, Kyriakos (eds.). *Brill's Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

SANTOS. *Delfim Santos e o Brasil*. Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 2011.

SILVA, Agostinho da; SIEWIERSKI, Henryk, (Coord.). *Agostinho da Silva: universidade: testemunho e memória*. Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Rafael. *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2022.

SOUSA, Eudoro de. *Sempre o mesmo acerca do mesmo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

SOUSA, Eudoro de. *A origem da poesia e da mitologia e outros ensaios*. Lisboa: INCM, 2000.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *História da Filologia clássica*. São Paulo: Mnema, 2023.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

A PESQUISA PLOTINIANA NA LITERATURA BRASILEIRA: APONTAMENTOS SOBRE TRADUÇÕES, MATERIAIS DE PESQUISA E FERRAMENTAS HISTORIOGRÁFICAS

Robert Brenner Barreto da Silva¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o status da pesquisa plotiniana na literatura brasileira. Isto é, avaliar obras de traduções, materiais de pesquisa e de historiografia, com o propósito de diagnosticar se os recursos disponíveis são satisfatórios. Identifica-se a carência de léxicos e estudos sistemáticos que relacionem Plotino e os “pré-socráticos”, assim como as escolas helenísticas do epicurismo, estoicismo e ceticismo. Argumenta-se pela pertinência de estudos sobre problemas filosóficos, tais como os de ética e política ainda marginalizados em comparação aos temas clássicos da mística e do Uno. Para tal, leva-se em consideração os dois repertórios bibliográficos produzidos sob a direção de Luciana Santoprete e Loraine Oliveira (2010, 2020), publicados nos periódicos *Archai* e *Classica*. Pretende-se indicar caminhos promissores à produção bibliográfica sobre a filosofia de Plotino para subsidiar o desenvolvimento de trabalhos diversos, dentre os quais os de projeto de mestrado e doutorado.

Palavras-chave

Plotino; pesquisa; Brasil; repertório; historiografia.

¹ Professor Adjunto – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil.
E-mail: robert.brenner@uece.br

Abstract

The aim of this work is to reflect on the status of Plotinian research in Brazilian literature. That is, to evaluate translation works, research materials and historiographic tools, with the aim of diagnosing whether the available resources are satisfactory. There is a lack of lexicons and systematic studies that relate Plotinus and the “presocratics”, as well as the Hellenistic schools of Epicureanism, Stoicism and Skepticism. It is argued for the relevance of studies on philosophical problems, such as those of ethics and politics that are still marginalized in comparison to the classical themes of mysticism and the One. To this end, we take into account the two bibliographic repertoires produced under the direction of Luciana Santoprete and Loraine Oliveira (2010, 2020), published by *Archai* and *Classica*. The purpose is to indicate promising paths for bibliographical production on Plotinus’ philosophy to support the development of various works, including master’s and doctoral projects.

Keywords

Plotinus; research; Brazil; repertoire; historiography.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o status, isto é, a condição bibliográfica das traduções, materiais de pesquisa e obras historiográficas relacionadas a Plotino (204/205 - 270 d.C.) na literatura brasileira. A razão para a pertinência desse empreendimento se deve à premissa de que tais recursos acadêmicos constituem o contexto que torna possível o acesso e a discussão dos temas e problemas interpretativos da filosofia de Plotino.

Em paralelo, como se pretende demonstrar adiante, embora a pesquisa plotiniana brasileira experimente progressos entre os anos de 1991 e 2020, há inúmeras lacunas e desafios bibliográficos com as quais a comunidade especializada tem de lidar. Assim, o presente texto pode subsidiar a elaboração de projetos de pesquisa de mestrado e doutorado, bem como produções diversas, incluindo artigos e livros, na medida em que ressalta os objetos mais promissores em relação às lacunas da bibliografia atual.

Há excelentes trabalhos científicos, indexados em periódicos nacionais, os quais estão voltados à recensão dessa produção bibliográfica, porém eles se concentram na associação da filosofia de Plotino ao neoplatonismo e, mais importante, estão focados em assinalar e quantificar o que existe de publicações referentes aos respectivos autores neoplatônicos, sem que se tenha realizado uma análise crítica ou qualitativa sobre o que foi produzido especificamente acerca de Plotino.

A esse respeito, antes de qualquer nota ulterior, deve-se ter em alta conta a fabulosa contribuição das pesquisadoras e filósofas brasileiras, Luciana Gabriela Santoprete (CNRs) e Loraine Oliveira (UFPE), com a colaboração de Emmanuela Freitas de Caldas (UnB) e Mayã Fernandes (UnB), em virtude dos dois repertórios bibliográficos sobre Plotino e Neoplatonismo que elas confeccionaram em 2010 e 2020. Entre o primeiro e o segundo repertório houve um fluxo de pesquisa que perdurou uma década, além dos anos de preparação que antecederam aquela primeiríssima recensão. Tal projeto demonstra o fôlego de tais esforços. É sobre esses repertórios, majoritariamente, que nossa presente reflexão se fundamenta.

Ocorre que, à luz dos referidos repertórios bibliográficos, ainda não são discutidas, por exemplo, as diferenças temáticas ou de conteúdo existentes entre os textos ali recolhidos. E, de fato, não é essa a natureza nem, por conseguinte, a intenção dos repertórios, qual seja, operar com avaliações críticas específicas. A grandeza desses materiais está em promover a coleta dos dados de produção acadêmica ao longo do tempo, de modo a tornar possível o tipo de exercício que aqui está sendo proposto: o de reflexão

crítica a respeito do que foi elaborado em matéria de pensamento plotiniano em língua portuguesa, mais detidamente os recursos considerados propedêuticos à pesquisa filosófica, conforme são aludidos pelo subtítulo “traduções, materiais de pesquisa e ferramentas historiográficas”.

Nesse diapasão, como não poderia deixar de ser, previamente deve ser dito que os apontamentos pretendidos por nosso trabalho tocam apenas uma parcela do universo bibliográfico a respeito da filosofia de Plotino. Para o futuro, é possível delimitar temáticas ainda mais singulares, tais como a da Alma, Cosmologia, Antropologia e a partir delas avaliar o alcance dos textos disponíveis, além de assinalar os seus problemas interpretativos e lacunas próprias. Feita essa ressalva, pode-se observar que a presente ferramenta de análise é bastante profícua e ela mesma promissora.

Se nos voltarmos aos referidos repertórios, aduz-se que eles exploraram diversas vertentes do pensamento neoplatônico, incluindo filósofos como Boécio, Damáscio, Jâmblico, Porfírio e Proclo (na ordem do índice), ao passo que nosso artigo isola a filosofia de Plotino desse conjunto maior. Esse trabalho almeja, então, realizar não um levantamento exaustivo de tudo o que foi publicado, mas discernir criticamente entre recursos de pesquisa que apresentam maior e menor disponibilidade na literatura, considerando não apenas as quantidades, mas a relevância teórica que essas ferramentas possuem para os estudos plotinianos brasileiros.

Para tal, serão consultados, além dos dois repertórios que dão conta das publicações relativas aos períodos 1964-2010 e 2010-2019, textos em língua inglesa, provenientes de universidades estrangeiras, apenas como parâmetro internacional de comparação. A proposta é eleger exemplos que sejam paradigmáticos e que, portanto, capturem o mínimo essencial à caracterização de determinada lacuna em termos de materiais e ferramentas de pesquisa. Assim, trata-se muito mais de destacar essas faltas, não para negar o progresso acadêmico, mas para demonstrar que é pertinente fomentar a pesquisa filosófica sobre Plotino no Brasil.

Duas são as chaves teóricas, as quais, por sua vez, constituem seções desse artigo: i. *Comunidade de pesquisa e o estado da arte da obra de Plotino*: tendo por base os repertórios, as traduções disponíveis dos tratados do *corpus plotinianum* e a organização dos estudos pelos pesquisadores brasileiros, almeja-se apresentar uma concepção do quadro bibliográfico geral, observando avanços e desafios; ii. *Materiais de pesquisa, léxicos e ferramentas historiográficas*, tais como vocabulários ou léxicos técnicos sobre a filosofia

de Plotino; tendo em mente obras que versem, sobretudo, a respeito da relação historiográfica entre Plotino e a antiguidade greco-romana.

A tradição de estudos medievais não será abordada, mas podemos mencionar que, embora haja estudos relevantes que chamam a atenção para as importantes conexões entre Plotino e o medievo, considerando particularmente as recepções da filosofia árabe,² elas ainda não foram exploradas devidamente em materiais de pesquisa brasileiros. É mais comum encontrar artigos que articulam Plotino e Agostinho ou que discutam a relação filosófico-teológica entre neoplatonismo e cristianismo.³ Idem em relação à tradição moderna e contemporânea, não serão discutidas, porém igualmente nota-se que são poucos os recursos de sistematização. Acha-se a importante contribuição de Edrisi Fernandes (UFRN) que, a propósito da problemática metafísica do mal, perpassa o idealismo alemão e a recepção de Schelling. Em seu artigo (2013), o autor examina, entre outros temas, a interpretação de que Plotino teria realizado a transição do Bem originário para a matéria e o mal de modo perspicaz, porém insuficiente. Em termos de relações contemporâneas, cabe indicar o curso de Bergson traduzido para o português (2000), além dos trabalhos de Pierre Hadot (2002 & 2019), ambos disponíveis em traduções brasileiras.

A atenção maior é aquela conferida à segunda seção, cuja argumentação indica a falta de estudos sistemáticos que articulem Plotino e pré-socráticos, bem como as escolas helenísticas, nomeadamente epicurismo, estoicismo e ceticismo. Ou seja, prioriza-se o plano teórico da antiguidade. Por fim, pelo escopo e extensão desse trabalho, cabe somente apontar certos problemas interpretativos que permanecem mais afastados das pesquisas brasileiras, não obstante serem reconhecidamente centrais para a compreensão da filosofia de Plotino. Ao fazer esse exercício, espera-se oferecer uma propedêutica aos estudos avançados, que possam tomar as presentes sugestões bibliográficas como pistas úteis à construção dos trabalhos sobre as *Enéadas*.

² A esse respeito, Galileia (2017: 58) comenta: “Em outras palavras, a *Teologia do pseudo Aristóteles*, que corresponde a uma paráfrase das *Enéadas* IV-VI, de Plotino, não só serve para demonstrar como o neoplatônico foi conhecido, mas também para mostrar a tentativa de conciliar aristotelismo e neoplatonismo no mundo árabe”.

³ Por exemplo, Di Silva (2018) relaciona Plotino e Agostinho.

1. A comunidade de pesquisa e o estado da arte da obra de Plotino

O primeiro repertório bibliográfico sobre a filosofia de Plotino no Brasil foi publicado na *Archai* através de três documentos (2010), em duas partes, nomeadas “Parte I: Histórico de Pesquisa”, acompanhada ainda de um anexo; e “Parte II: Elenco de Autores e Títulos” como integrante de uma empresa maior: a de repertoriar também o estado da arte relativo ao neoplatonismo, no interior do qual Plotino figura como a principal referência, isto é, em termos de ser o filósofo mais pesquisado entre os autores indexados pela recensão.

Ambas as partes desse primeiro repertório, prévio ao catálogo de suas respectivas amostras bibliográficas, são antecedidas por textos introdutórios produzidos pelas autoras (Luciana Santoprete, Loraine Oliveira e Emmanuela Caldas), os quais dão conta de explicar as escolhas metodológicas que nortearam o trabalho e a indicação sumária dos conteúdos abordados pelo repertório. Inclui uma informação bastante útil sobre a cronologia de filósofos neoplatônicos e suas principais escolas. É especialmente relevante a parte II, pois contém uma seção intitulada “análise de dados”, cujo estilo de escrita e argumentação é semelhante ao adotado para a redação de nosso artigo.

Não obstante, tal subtópico se concentra mais na linha do tempo referente às publicações e finaliza com uma breve nota crítica, que pondera a respeito dos desafios bibliográficos a serem enfrentados pela comunidade especializada do Brasil, não se propondo, no entanto, a nomear objetos específicos, excetuando-se a oportuna indicação de que “estética” e “mística” (cf.2010: 241) receberam número maior de pesquisas.

O segundo repertório (2020), por sua vez, foi publicado pela *Classica*. Como descrevem as autoras da pesquisa (além de Santoprete e Oliveira, Mayã Fernandes figura como coautora), essa recensão dá continuidade ao trabalho publicado em 2010. É também antecedido por uma excelente apresentação que oferece um panorama dos avanços relativos à última década, revelando o crescimento vertiginoso da pesquisa neoplatônica e plotiniana. A recensão é acompanhada de gráficos, além de catálogos com índices de autores, tradutores e assuntos.

Por outro lado, falta, ainda, demarcar mais claramente quais as lacunas e problemas a serem enfrentados pela nossa comunidade acadêmica a partir da tomada de consciência do que foi feito e do que há por fazer. Essa carência é abordada nos trabalhos, porém de modo geral e alusivo. No espírito daquela seção de análise, deve-se interpretar os referidos dados de

pesquisa no horizonte crítico da filosofia. Para começar, é significativo que somente em 2019, pela Editora Acrópole, nós tenhamos tido acesso em língua portuguesa, na íntegra, ao *Corpus Plotinianum*, isto é, às *Enéadas* de Plotino.⁴

Entre 2014 e 2019, os referidos tomos que compõem a tradução e edição completa de José Seabra (USP) e Juvino Maia (UFPB) foram publicados. Em razão de sua atualidade, inclusive, é natural que tais trabalhos ainda estejam por ser devidamente apreciados e apropriados pela comunidade acadêmica, a fim de consolidá-los como versões padrão para as consultas e produções bibliográficas sobre Plotino em língua portuguesa. É digno de nota que essa tradução integral tenha sido realizada diretamente do grego e promovida em edição bilíngue. As traduções anteriores nem sempre foram concebidas diretamente da língua helênica.

Isto porque dispúnhamos de traduções parciais, de seleções de textos, como o tratado V.8 [31], *Acerca da Beleza Inteligível*, objeto da dissertação de mestrado de Santoprete (1999, publicada como artigo em 2003)⁵ e o III.8 [30], *Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*, referente à dissertação de mestrado de Baracat (2000, publicada como livro em 2008); o elenco de 12 tratados de Plotino reunidos por Sommerman (2000); a *Vita Plotini* de Porfírio, traduzida anexa ao célebre estudo introdutório de Ullmann, (2002); idem aqueles relativos à segunda *Enéada* (Lupi, 2002); textos individualizados como o tratado V.3 [49], *Sobre as Hipóstases que Conhecem*

⁴ Porfírio, discípulo de Plotino, edita as *Enéadas*, seis coleções contendo nove tratados cada uma (novenas), o *corpus plotinianum*, e compõe a *Vita Plotini*, que discorre sobre o ordenamento dos tratados e fornece uma narrativa biográfica sobre o desenvolvimento da obra de Plotino. Ainda como parte dessa atividade editorial está a atribuição dos títulos conferidos aos tratados. A *Vita* pode ser consultada, em língua portuguesa, na tradução de Baracat (2006) ou de Ullmann (2002). Sobre a referência às *Enéadas* de Plotino propriamente, ela segue a referência padrão (Cf. Rosseti, 2006: 177) em que se indica o grupo de *Enéadas* (I a VI), a posição sistemática do tratado no grupo (1 a 9), a ordem cronológica (1 a 54). Costuma-se referir também o intervalo de linhas, na última parte da citação. A respeito da divisão conferida por Porfírio aos escritos de Plotino, isto é, na forma de *Enéadas*, é sempre oportuno reportar a explicação sintética de Brandão (2020: 4): “A ordem dos tratados segue um princípio anagógico: representam a ascensão do filósofo, do mundo sensível ao Um. A *Enéada* I trata de questões éticas. As *Enéadas* II e III, de temas cosmológicos. A *Enéada* IV, de temas relativos à Alma; a V tem como tema o Intelecto e, por fim, a VI, trata do Um”.

⁵ Em geral, as datas atribuídas às dissertações seguem o período indicado pelos autores nos perfis dos pesquisadores publicados na *plataforma Lattes*.

e sobre o que Está Além, traduzido por Gollnick (2005) também no contexto de mestrado.⁶

Nessa esteira, um marco para a recepção da obra plotiniana no Brasil foi a tese de doutorado de Baracat (2006), que traduziu metade das *Enéadas* (I, II e III, 27 tratados); há ainda o VI.9, *Sobre o Bem ou o Um*, traduzido por Brandão (2007 como dissertação e editado em 2020 como livro); I.9 [16], *Sobre a saída*, traduzido por Puente (2008)⁷ e o I.1 [53], *Sobre o Vivente e o Homem*, traduzido por Ferreira (2009) como apêndice de sua dissertação de mestrado. Mais recentemente, através de tese doutoral oriunda de Portugal, tivemos acesso individual também ao VI.7 (38), *Como a multidão de Formas veio a existir e sobre o Bem*, elaborada por Santos (2013). Como capítulo de livro, o tratado III.7 [45], *Sobre a Eternidade e o Tempo*, foi reapresentado por Baracat (2014). Pela Edipro, na tradução de Maria Silva (2015), foi disponibilizada uma nova tradução para o III.5 [50] *Do Amor*.

Desta feita, como até 2019 inexistia acesso integral às *Enéadas* em língua portuguesa, os pesquisadores brasileiros tinham de se socorrer, por exemplo, nas traduções inglesas (Gerson, 2018; Armstrong, 1966), espanhola (Igal, 1992) ou francesa (Bréhier, 1989); modernamente, tendo como edição de referência o trabalho de Henry & Schwyzer (1964-1982). Em tempo, é importante enaltecer a profícua colaboração, no contexto dos estudos clássicos brasileiros, entre as letras clássicas e a filosofia antiga. Grande parte das traduções e comentários que permitem o acesso qualificado à filosofia de Plotino provém de esforços de pesquisadores que foram forjados nas letras gregas. Das traduções repertoriadas, as que foram elaboradas por filósofos constituem exceção.

No caso em lide, isto é, o das traduções, talvez pudéssemos considerar que, a partir da ampliação para a língua lusófona, encontraríamos uma boa tradução proveniente de Portugal, o que é praxe rastrear nas filosofias de Platão e Aristóteles. No entanto, a esse respeito, um estudo atualíssimo

⁶ Deve-se destacar que boa parte dessas traduções parciais não foram feitas diretamente do grego. Para dar apenas um exemplo, a versão do V.3 [49], presente na dissertação de Gollnick (2005: 12), foi construída da seguinte maneira: “Tal tradução foi feita a partir de uma comparação dos textos em francês, de Ham, e em inglês, de Armstrong, recorrendo-se ao grego apenas com o intuito de melhor escolher algum termo e de elucidar passagens obscuras. Não tendo sido inteiramente feita a partir do original grego [...]”. Ou seja, além do acesso à obra em língua portuguesa ter sido parcial até recentemente, muitas vezes foi também indireto, no sentido de que dependia da recepção de textos em línguas terceiras ou intermediárias entre o grego e o vernáculo. As edições bilíngues são raras também.

⁷ Com temática relacionada ao suicídio, esse tratado encontra-se traduzido em uma coletânea de textos filosóficos a respeito desse tópico.

(Rebalde, 2024: 25, grifo nosso), após repertoriar um conjunto de traduções estrangeiras, pondera que: “Espera-se que estas traduções possam resolver da melhor maneira a ausência até há poucos anos de traduções completas para a língua portuguesa. *Feita em Portugal, não há até hoje nenhuma tradução integral da obra de Plotino*”.

Portanto, o fato de que só tão tardiamente tenhamos a obra de Plotino em nosso vernáculo é uma das evidências mais robustas da posição ainda marginal da filosofia do neoplatônico nas pesquisas acadêmicas em nível de pós-graduação no Brasil. Soma-se a isso a escassa bibliografia relativa a ferramentas de pesquisa, o que se pretende mostrar adiante. Nesse interlúdio, à guisa de contextualização do estado da arte, é sintomática também a participação oscilante dos pesquisadores de neoplatonismo e de Plotino na Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), principal agremiação filosófica do Brasil.

Para ficar na edição mais recente (2024), o *Grupo de Trabalho (GT) Neoplatonismo* contabiliza 05 trabalhos inscritos, dos quais apenas 01 é específico sobre Plotino, contra 47 de Filosofia Antiga, 29 do GT *Platão e o Platonismo* e 12 daquele que se concentra em Aristóteles.⁸ Pela tradição e pelo rol de autores que cobrem, não se esperaria que os respectivos GT's fossem equivalentes, mas um quantitativo tão destoante sinaliza a necessidade de consolidação da comunidade neoplatônica e plotiniana.

Na verdade, convencionalmente os estudos da antiguidade tardia costumavam ser incorporados à rubrica “Filosofia Antiga”. É notável que, mesmo após o estabelecimento do Grupo de Trabalho Neoplatonismo, os escritos produzidos no evento da ANPOF-2018, em Vitória-ES, foram publicados como livro justamente na edição da *Filosofia Antiga* (cf. Costa *et al.*, 2019) e dos textos ali reunidos poucos são os que versam sobre Plotino.

Nesse sentido, o dado sobre a ANPOF é ambíguo: por um lado, evidencia as lacunas acadêmicas próprias ao campo de pesquisa supracitado, por outro, é revelador do crescimento da comunidade neoplatônica, que mais recentemente tem a possibilidade de se organizar como Grupo autônomo. Não fosse o trabalho hercúleo de pesquisadores como Cícero Bezerra (UFS/CNPQ), Coordenador do GT Neoplatonismo junto à ANPOF, que possibilitam a existência de uma percepção dos avanços e limites desse referido Grupo, a diluição de pesquisas como as que são realizadas sobre Plotino restaria imperceptível.

⁸ Conforme o documento “Relações de trabalhos aprovados para os grupos de trabalho do XX Encontro ANPOF, 2024” referenciado ao final.

Para contrabalancear esse diagnóstico que capta uma fotografia apenas momentânea, convém destacar que os especialistas produziram dois dossiês sobre Plotino e neoplatonismo, sob a organização de Loraine Oliveira (*Archai*, UnB, 2013) e o mais recente de Cícero Bezerra (*Perspectiva Filosófica*, UFPE, 2022). Outra publicação de grande vigor e que corrobora a constatação de progresso entre os inícios da pesquisa plotiniana brasileira dos anos de 1990 à década de 2020 é a da coletânea *Mística e os Místicos* (2022), na medida em que reuniu uma plêiade de pesquisadores de alto nível a propósito de pensar sobre um tema para o qual a presença de Plotino é incontornável. Ressalte-se, ainda assim, que tanto o dossiê da *Perspectiva Filosófica* quanto o livro sobre Mística, publicado pela Editora Vozes, cobrem autores e temas não exclusivos a Plotino.

A partir desses dados, resulta fundamentada a intuição preliminar – que é dupla – de certa marginalidade que os temas neoplatônicos e plotinianos, em particular, ocupam no contexto geral da pesquisa universitária e mesmo no plano interno das pesquisas em filosofia antiga ou estudos clássicos greco-romanos no cenário nacional. Ao mesmo tempo, acham-se os sinais de que essa comunidade tem se fortalecido e que pode se desenvolver ainda mais, desde que bem orientada enquanto comunidade.

2. Materiais de pesquisa, léxicos e ferramentas historiográficas

Ao nos concentrar em dois exemplos, os mais consagrados à luz dos estudos em filosofia antiga, Platão e Aristóteles, constata-se que os referidos filósofos contam com razoável gama de recursos e materiais de pesquisa em língua portuguesa. Além de reconhecida tradição de traduções portuguesas de suas obras clássicas, sejam do Brasil ou de Portugal, do filósofo da Academia, por exemplo, há o *Léxico de Platão* (Schäfer, 2012) pelas Edições Loyola e o *Vocabulário de Platão* pela coleção da Martins Fontes, que é a tradução brasileira do trabalho realizado pelos consagrados helenistas Luc Brisson e Jean-François Pradeau (2010).

Nessa mesma coleção encontra-se o *Vocabulário de Aristóteles* de Pierre Pellegrin. De Aristóteles há trabalhos autorais brasileiros, como o de Lucas Angioni (2018: 295), o qual, embora advirta que “compará-lo a um léxico filosófico contemporâneo é enganador, impróprio e decepcionante”, fornece excelente material de pesquisa. A sua observação está relacionada à natureza do livro V da *Metafísica* de Aristóteles que, não obstante tomado como léxico pela tradição, apresenta várias especificidades em relação ao gênero contemporâneo que lhe é cognato. Contudo, o comentário de

Angioni, atrelado ao texto da *Metafísica*, disponibiliza ferramenta lexical de máxima valia.

É notável, portanto, que se de Platão e Aristóteles possuímos léxicos traduzidos para a língua portuguesa ou mesmo originalmente escritos em nosso vernáculo, de Plotino não há ainda simplesmente nenhum disponível. O silêncio sobre esses materiais pode ser observado quando do exame dos repertórios. No livro coordenado por Barbara Cassin, cuja edição brasileira conta com a organização dos pesquisadores brasileiros Fernando Santoro (UFRJ) e Luísa Buarque (PUC-Rio), de título *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*, manifesta-se o caráter não acessório do cuidado com as línguas e vocabulários técnicos:

A multiplicidade não está apenas entre as línguas, mas em cada língua. Uma língua, tal como a consideramos, não é um fato da natureza, um objeto, mas um efeito tomado na história e na cultura, e que não cessa de inventar – outra vez, *enérgeia* em vez de *érgon*. Tanto que o objeto do dicionário é constituído pelas línguas em suas obras, e pelas traduções dessas obras em diferentes línguas e diferentes épocas. As redes de palavras e de sentidos que procuramos pensar que são redes de idiomas filosóficos datáveis, instalados por autores específicos, em escritos particulares, são redes singulares e pontuais, ligadas à destinação (exotérica ou esotérica), ao padrão de língua e estilo, à relação com a tradição (modelos, referências, palimpsestos, rupturas, inovações). Todo autor, e o filósofo é um autor, ao mesmo tempo em que escreve em uma língua, produz a sua língua – como diz Schleiermacher sobre a relação entre um autor e sua língua: ‘ele é o seu órgão e ela é o seu’ (Cassin, 2018: 20).

A afirmação de Cassin nos é emblemática: o filósofo, ao mesmo tempo em que escreve em uma língua, produz a sua língua. Se não é verdadeiro pressupor que os vocabulários técnicos resolvam as controvérsias linguísticas, conceituas e filosóficas, também não é razoável considerar que eles são dispensáveis a propósito da árdua tarefa de realizar exegese de filósofos antigos. Em sentido oposto, tais recursos são fundamentais ao trabalho rigoroso de interpretação. No entanto, sobre Plotino não há nada em língua portuguesa. Uma possibilidade objetiva para suprir essa carência seria traduzir o *lexicon plotinianum* (1980) e uma alternativa ousada, que implica tarefa mais desafiadora, seria a de produzir um material original a esse respeito.

Tal inovação representaria grande ganho, inclusive em termos de contribuição internacional, uma vez que atualizaria o estudo técnico sobre o vocabulário conceitual de Plotino. Por ser uma pesquisa de grande fôlego, provavelmente requereria financiamento específico com o trabalho conjunto de três ou mais docentes pesquisadores, a desempenharem função de autores ou organizadores, junto a uma equipe de bolsistas pós-

graduandos e/ou professores colaboradores. Nesse caso, também faria total sentido reunir profissionais das letras clássicas e da filosofia antiga.

Para alternar entre lacunas e avanços, é correto dizer que, nas últimas décadas (1990-2020), houve avanços importantes no domínio de comentários filosóficos aos textos de Plotino, gênero que abrange estudos técnicos valiosos à pesquisa bibliográfica. A maioria desses materiais foram veiculados como dissertações de mestrado e teses de doutorado ou simplesmente como estudos que acompanham o conjunto de traduções parciais que repertoriamos na seção anterior. Uma exceção é o artigo *Notas sobre lógica e dialética em Plotino* de Loraine Oliveira (2007), que analisa o tratado I.3 [20] “*Sobre a Dialética*” de Plotino sem realizar tradução e sem constituir trabalho acadêmico de dissertação ou tese. Para não ser repetitivo, a consulta a esse rol de trabalhos pode ser feita mediante a leitura dos repertórios de 2010 e 2020 supracitados.

Contudo, esses trabalhos se concentram em tratados específicos, não fazendo, em geral, análise passo a passo dos textos; isto é, por uma razão ou por outra, não há uma pesquisa da envergadura de Paul Kalligas, *The Enneads of Plotinus: a commentary*, que possa cobrir um estudo comentado das *Enéadas* em seu todo e capítulo a capítulo dos tratados. No primeiro volume (2014), o estudioso comentou as três primeiras *Enéadas*; no segundo (2021), comentou a quarta e quinta, restando a sexta e última *Enéada* para a conclusão desse projeto em língua inglesa, pois, originalmente, tais estudos foram escritos em língua grega.

Sem falar na empresa editorial da *Parmenides Publishing*, que tem confeccionado comentários específicos aos tratados de Plotino, também na perspectiva de formar um conjunto global dos escritos das *Enéadas*. Para citar somente dois exemplos, temos o trabalho de Arruzza (2015), *Plotinus Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually - Translation with an Introduction and Commentary* e A. A. Long (2022), *Plotinus Ennead II.4 On Matter - Translation with an Introduction and Commentary*. Novamente, então, mesmo nas áreas em que a pesquisa brasileira conta com mais recursos bibliográficos, ela deve ser fomentada para avançar mais.

Do ponto de vista da dimensão da história da filosofia, isto é, da relação da obra de Plotino com a tradição filosófica, há estudos importantes relacionando Plotino a Platão e Plotino a Aristóteles, tais como *Platão e Aristóteles na doutrina do noûs de Plotino* (Szlezák, 2010), tradução de Monika Ottermann. Nessa esteira, *A metafísica de Plotino* (Narbonne, 2014), tradução de Maurício Marsola (UNIFESP), que percorre variadas referências de Plotino à tradição grega. Contudo, além de serem

necessárias mais reflexões sistemáticas que analisem as profícuas relações entre esses consagrados filósofos, falta um estudo detido sobre a relação entre Plotino e os pré-socráticos, por exemplo, bem como entre Plotino e as escolas helenísticas (especialmente o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo).

Em língua portuguesa, não há nada semelhante ao trabalho de Gianni Stamatellos (2007), *Plotinus and the Presocratics: A Philosophical Study of Presocratic Influences in Plotinus' Enneads* a respeito da articulação entre Plotino e os “pré-socráticos”. O autor percorre influências de Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, entre outros, associando-os aos temas da cosmologia, do corpo, da matéria, do ser, da alma, da eternidade e do tempo. Além de realizar esse exercício filosófico-interpretativo, oferece ferramentas de pesquisa absolutamente essenciais como o mapeamento dos fragmentos dos pré-socráticos nas *Enéadas* de Plotino, através de um apêndice. Todo o trabalho é bem contextualizado e consciente das recepções de Platão e Aristóteles.

Na pós-graduação, fiz uma breve remissão a Empédocles (Silva, 2021), porém muito preliminarmente, sem o aprofundamento exegético apropriado. Há o excelente estudo de Marcus Pinheiro (UFF), que, esse sim, promove uma análise articulando Parmênides e Plotino por meio de uma exegese combinada (2007). Mas essas são ilustrações muito pontuais em relação ao desafio acadêmico que nos impõe a vasta e importante tradição filosófica greco-romana. Ora, além da cosmologia grega em geral, destaca-se o papel essencial da ontologia e da epistemologia eleáticas na construção da filosofia plotiniana, herdeira das recepções de Platão e Aristóteles, mas centralmente vinculada à tradição dos primeiros filósofos gregos. Prova disso é o *locus* conferido a esses pensadores no tratado V.1 [10] *Sobre as Três Hipóstases Primárias* (Primeiras ou Principais) de Plotino.

Há, por isso, um longo caminho a se percorrer na teia que une Plotino aos pré-socráticos. Como é sabido, Plotino é fonte doxográfica preciosíssima, o que é possível consultar a partir do estudo seminal de Stamatellos. Alexandre Costa (UFF), pesquisador brasileiro de grande envergadura, fez um trabalho semelhante, mas sobre Heráclito (2002: 141). Nesse estudo, inclusive, Plotino figura como uma das fontes doxográficas de Heráclito, no fragmento DK 22 B 84:⁹ “transmutando-se, repousa”; que se acha na *Enéada* IV 8 [6] 1. O desejável seria contar com um estudo similar ao de

⁹ Referência padrão (cf. Rossetti, 2006: 188) à edição de “Diels-Kranz”, assinalando a posição do autor [Heráclito] no catálogo dos pré-socráticos (22), o tipo de texto como fragmento (B) e o *locus* ocupado pelo fragmento no ordenamento do filósofo (84).

Alexandre Costa, tendo como uma das diferenças o fato de que, inversamente, Plotino é fonte para conhecimento da recolha dos fragmentos.

Nessa mesma linha, falta um estudo que avalie as influências das escolas helenísticas, notadamente epicurismo, estoicismo e ceticismo. Não há obras sobre a associação de Plotino a nenhuma das escolas individualmente, menos ainda a respeito delas em conjunto. Nas entradas constantes nos repertórios, por exemplo, é sintomático o fato de o “ceticismo” aparecer uma única vez (cf. Santoprete, 2010a: 265).

É verdade que mesmo na comunidade internacional há uma carência bibliográfica maior sobre a relação entre Plotino e ceticismo. Pelo menos em termos de livros que deem tratamento mais detalhado. Também é necessário reconhecer o caráter controverso da própria associação de Plotino ao ceticismo. Chiaradonna (2023: 31), por exemplo, pondera que “Se o paralelo conceitual é inegável e muito fecundo, mais difícil, contudo, é estabelecer se Plotino realmente se inspirou em argumentos céticos [...]”. O estudioso acrescenta que “não é fácil estabelecer [...] se o pirronismo e o ceticismo acadêmico faziam efetivamente parte da bagagem filosófica de Plotino”. Antes dessas notas, contudo, ele registra que “os argumentos dirigidos pelos céticos contra a possibilidade de conhecimento, reportados por Sexto Empírico, foi já notada por Émile Bréhier e foi examinada de modo acurado em estudos recentes”.

Fato é que a relação filosófica entre os argumentos de Plotino e os céticos é patente e instigante, certamente muito mais pelo espírito hermenêutico da polêmica do que por adesão de Plotino aos princípios daquela escola. Se em língua portuguesa contamos com o excelente artigo de Marsola (2007), “Plotino e o Ceticismo”, em língua inglesa há uma gama maior, a qual inclui os estudos consagrados de O’Meara (2000), *Scepticism and Ineffability in Plotinus*, Magrin (2010), *Sensation and Scepticism in Plotinus*, além de Opsomer (2017), *Plotinus and Scepticism*, para citar três de muitos outros *papers* e capítulos de livros. Ora, a polêmica cética é tomada por Plotino como fundamental para a sua investigação acerca dos gêneros de conhecimento. Em especial, para a problemática do autoconhecimento e da Hipóstase Intelecto (*Noûs*). Essa discussão filosófica é mais saliente no tratado V.3 [49]. O pesquisador brasileiro reconstituiu esse quadro nos seguintes termos:

[A]o se consultar o *Index fontium* da edição de Henry-Schwyzzer, constata-se a referência ao *Adversus Mathematicos* e às *Hypotyposes* em 30 passagens ao longo das *Enéadas* (*Plotini opera* [editio minor], vol. III: 367). Plotino não apenas mostra-se consciente da filosofia cética, mas ela é objeto de discussão, seja do ponto de

vista refutatório, seja operando como um dos elementos que compõem a argumentação referente a temas como o conhecimento de si, a base sensível do conhecimento ou a inefabilidade do Princípio. Um exame do *status quaestionis* a esse respeito leva-nos à constatação de um *número ainda reduzido de estudos, dada a importância da temática* nos referidos tratados [...] (Marsola, 2007: 248-249, grifo nosso).

Desde a publicação de Marsola em 2007, única ocorrência indexada nos repertórios consultados, novos trabalhos não foram percebidos nesse horizonte de estudos, o que torna sua referência extremamente atual. Nessa direção, também não há nada como o que foi organizado por Longo e Taormina, *Plotinus and Epicurus: Matter, Perception, Pleasure* (Cambridge, 2016), a saber, que articule Plotino e Epicurismo. Ou, no caso, do estoicismo, inexistente estudo semelhante ao que foi publicado por Graeser, intitulado *Plotinus and the Stoics: A Preliminary Study* (Brill, 1972). Em artigo publicado na *Prometeus* (2020b), voltado a uma leitura metafísico-cosmológica, fiz algumas alusões a elementos do texto de Plotino que estão relacionados a argumentos epicuristas e estoicos, mas sem o desenvolvimento sistemático dos estudos citados anteriormente.

A necessidade de trabalhos nessas grandes chaves historiográficas não se resume a mera curiosidade histórica, mas são centrais para a interpretação de problemas filosóficos relativos ao cosmo sensível, à providência, à matéria, ao mal e à liberdade, os quais, embora imanentes aos tratados plotinianos, pressupõem as filosofias helenísticas no bojo de suas formulações, sem as quais dificilmente se pode chegar a alguma interpretação acurada. Essa foi a percepção que tive também em artigo publicado na *Polymatheia* (2020a) em que, a propósito de examinar a concepção plotiniana de *eudaimonía*, ao lado dos *scholars*, constatei que Plotino estabelece diálogo claro, não apenas com a filosofia aristotélica, mas também com o epicurismo e o estoicismo.

Nosso argumento, portanto, é que esses materiais historiográficos são decisivos para a exegese dos tratados de Plotino, na medida em que são as fontes a partir das quais a filosofia é tecida dialeticamente. No entanto, observei que até 2020, quando publiquei o primeiro artigo nessa linha, não há índices nas recensões que estabeleçam a vinculação de Plotino a Epicuro ou ao Epicurismo. O termo “estoicismo”, por seu turno, aparece uma única vez, não relacionada a Plotino, mas indiretamente a Boécio (cf. Santoprete 2010: 256). Dessa forma, a julgar a possibilidade de que ainda tenhamos deixado passar uma ou outra publicação não repertoriada, com segurança podemos dizer, pelo menos, que a bibliografia nessa área é frágil.

Para não destacar somente as lacunas, é animador considerar que, graças

aos estudos de Marsola, os pesquisadores podem contar com bom acesso ao diálogo entre Plotino e o gnosticismo, bem como aos estudos sobre a Mística e o Uno, como as autoras da recensão ressaltam:

[U]ma temática muito atual nos estudos sobre Plotino vem ganhando espaço, a saber, a questão das relações entre o pensamento plotiniano e os gnósticos. Em 2018 foi publicado um livro intitulado *Estratégias antignósticas nos escritos de Plotino*, mas, em razão das dificuldades de difusão, tomamos conhecimento dessa obra somente após o fechamento deste *Repertório*. O volume é constituído de 6 artigos, sendo dois em português: o de Daniela P. Taormina, “Plotino: Memória dos inteligíveis e experiência do belo. Um argumento contra os gnósticos” (p. 13-28), traduzido por Maurício Marsola, e o dele próprio, “Os ‘homens divinos’ no contexto polêmico de 33 (II 9) 6” [...] (Santoprete, 2020: 263).

É preciso ponderar que, a despeito de que proporcionalmente certas temáticas reúnam maior quantidade de produção do que outras, e este é o caso privilegiado da Mística, do Uno e das hipóstases Intelecto e Alma (cf. Santoprete, 2010: 285-286), isso não significa que tais objetos – aqueles mais investigados – devam ser compreendidos como menos dignos de estudo ou, pior, que possam ser considerados suficientemente explorados ou resolvidos quanto às suas controvérsias. Até porque, como tem sido dito, a posição de Plotino nos estudos clássicos brasileiros é marginal, pelo menos se comparada àquela ocupada por Platão e Aristóteles. Assim, mesmo os temas mais explorados pela comunidade plotiniana ainda contêm quantidade inferior de publicações em relação aos pensadores gregos do século IV a.C.

Uma vez estabelecidas essas breves notas sobre recursos historiográficos que dão conta da relação entre o estudo da filosofia de Plotino e as escolas filosóficas antigas, é oportuno sugerir ao leitor alguns problemas interpretativos na Filosofia de Plotino, que, sendo em seu todo marginalizada nos estudos clássicos brasileiros, possui temas especialmente negligenciados.

Para começar por um tópico que talvez pareça prosaico, mas que entendo como necessário, convido o leitor a considerar a avaliação da própria escrita plotiniana. De Platão, por exemplo, contamos com a obra de Trabattoni, *Oralidade e escrita em Platão*, traduzida por Fernando Rey Puente (UFMG) e Roberto Bolzani Filho (USP), que avalia a forma dialógica da escrita platônica e sua repercussão para a interpretação da filosofia consignada. No caso de Plotino, concretamente não há nenhum trabalho repertoriado. Por outro lado, temos pistas muito interessantes e provocativas na dissertação de mestrado e na tese de doutorado (2000 e 2006) de Baracat Júnior (UFRGS):

A linguagem das *Enéadas* é um caso à parte na literatura grega. Nas *Enéadas*, dialética, exegese, alegoria e argumentação técnica se misturam ‘de modo angustiante’. A linguagem em que estão escritas é amiúde obscura e altamente elíptica. Porfírio nos relata que Longino, o maior crítico literário da época, suplicava por cópias de escritos plotinianos em perfeito estado, pois todas as que possuía apresentavam muitos erros. Entretanto, Porfírio nos assegura que as cópias em posse de Longino eram perfeitas. A verdade, revela, é que Longino, o mais eminente literato de seu tempo, não estava habituado ao estilo peculiar de Plotino expressar-se. Como se vê, o estilo de Plotino é tão elíptico, que até mesmo um grande intelectual de língua grega, contemporâneo a ele, tem certeza de que faltam palavras no livro que lê (Baracat, 2006: 39-40).

Após transmitir essa percepção crítica de parte da tradição ao texto de Plotino, em face a sua complexidade e riqueza, Baracat (2006: 42) acentua que “Plotino é um escritor que suscita grande entusiasmo em seus leitores. Talvez apenas Platão, dentre os filósofos da Antigüidade, arrebate-os tão intensamente quanto Plotino”. Jan Ter Reegen (UECE), ao citar Llyod Gerson, informa que:

[...] os escritos de Plotino dificilmente podem ser caracterizados como sistemáticos, embora exista um sistema plotiniano no sentido de que há entidades básicas, princípios de operação, e um esforço para uma explicação unificada do mundo (2007: 17).

Nesse sentido, seria pertinente investigar mais a fundo o estilo, as oscilações de gênero, enfim, as consequências filosóficas das opções redacionais e metodológicas dos tratados plotinianos. Pouco tem sido discutida a relação entre a forma de escrita de Plotino, a redação dos tratados e a natureza de sua empresa filosófica. À parte dessa dificuldade preliminar, se falamos em dificuldade interpretativa no campo da filosofia plotiniana, é inevitável mencionar a controvérsia existente entre os especialistas acerca do conceito de matéria (*hýlē*), seja enquanto matéria do sensível ou como matéria inteligível. Stamatellos (2012: 1; 6) em seu artigo destaca, no interior dessa problemática, duas questões controvertidas: é a matéria a fonte do mal? É a matéria gerada ou não?

Tais problemas, a meu ver, não foram esgotados. Particularmente ainda está em aberta a questão da geração da matéria. Contudo, os repertórios já registram contribuições relevantes. Ressalto a dissertação de mestrado de Deysielle Chagas (PUC-Rio), que percorreu as possibilidades de interpretação de modo esclarecedor (2019). Para ficar somente em um grande quadro, no presente artigo destaco a questão ético-política. Se conjugarmos as entradas “amor, bem supremo, ética, felicidade, moral, purificação” (cf. Santoprete, 2010: 286-287), temos notícia de bons trabalhos na *ética* e há necessidade de que se construam muitos outros. Porém, o caso

mais crítico é o da *política*. Não encontramos uma menção sequer nos documentos repertoriados que a relacione a Plotino.

Desde pelo menos 2020 tenho me interessado por temas éticos. Para além do olhar amplo para essa área, em 2021 fiz as primeiras aventuras nas questões políticas. Deve-se admitir que seria enganador exigir ou pressupor que de fato houvesse bibliografia sobre política em Plotino. Como bem discerne Igal (1992: 217, tradução nossa): “Aristóteles distingue claramente entre sabedoria teorética (*sophía*) e sabedoria prática (*phrónesis*) como hábitos distintos (*Ét. Nic.* VI 3- 8). Em Platão, e com frequência em Plotino, tal distinção tende a confundir-se [...]”. Nesse sentido, há uma dificuldade, no campo ético das virtudes, de separar teoria e prática, e penso que ela é extensiva para a filosofia plotiniana em sentido geral.

Quer dizer, a filosofia de Plotino é, em primeiro lugar, uma mística filosófica ou uma metafísica, que, por sua própria razão de ser, implica mudanças morais de comportamento, reverberando na visão do homem sobre si, bem como a respeito da cosmologia, da ontologia e da epistemologia. Até mesmo o esforço editorial de Porfírio em estabelecer seis *Enéadas*, cada qual com um enfoque temático, apesar de pertinente e justificável, não deixa de ser artificial.

Segundo organizou Porfírio, os primeiros nove tratados estão exatamente na rubrica de escritos éticos ou sobre o homem. Mas praticamente todos os tratados – da primeira à sexta *Enéada* – possuem referência ao Um/Uno (*hén*), que está para além do ser, do pensar e do dizer. No entanto, se reconhecemos que a ética plotiniana não é uma prática separada da teoria ou que a moral seja um interesse desvinculado de suas bases metafísicas, é possível avançar na direção de cogitar hipóteses sobre o plano ético-político nas *Enéadas*. A esse respeito, após relembrar que Plotino, no tratado sobre as virtudes (I.2 [19]), expressa que a questão da vida humana não é “deixar de errar”, mas “ser deus”, Reegen capta com precisão qual é o sentido e do que trata a ética plotiniana:

De que modo ‘tornar-se deus’, o caminho a ser percorrido, os passos a serem dados para que este objetivo torne-se realidade, tudo isto pode, então, ser chamado a *Ética de Plotino*. É na 1ª *enéada* que se encontra o que pode ser caracterizado como as linhas fundamentais de uma ética plotiniana, que, porém, não pode ser considerada independentemente de sua metafísica: a ética está enraizada nesta metafísica e, se Plotino dela trata de forma mais indireta do que direta, isto ocorre em razão de a metafísica ser para ele uma ética, como também se constata em Platão, a grande inspiração de Plotino (Reegen, 2007: 14-15).

Fato é que há uma recepção demasiado crítica da mística no pensamento de Plotino,¹⁰ que tem a ver com a intuição de que ele seria um filósofo que se concentrou apenas em assuntos “místicos” em detrimento da atenção destinada a dilemas prático-concretos próprios à vida do homem comum. Como Almeida põe a questão (2017: 48): “a ênfase na mística como finalidade última da vida filosófica também trouxe, para o pensamento plotiniano, uma notável despolitização [...]”. Ou seja, existe uma tendência de tensionar a ética, pelo menos no sentido moral clássico, e por conseguinte a política, em face da primazia do enfoque místico.

Remes (2006: 1, tradução nossa), por sua vez, reporta essa crítica feita a Plotino: “Diz-se que Plotino mutilou Platão pela remoção do lado político de sua filosofia e por ter feito o controle da razão um fim em si e para si.” Na literatura plotiniana, é clássico o trabalho de Henry (1969: XXXVI, tradução nossa), que tece uma consideração lapidar sobre o pensamento ético-político: “[...] o homem é para Plotino fundamentalmente isolado. Ele não é, como para Aristóteles e talvez até mesmo para Platão nas *Leis*, um 'animal político'.” Dessa formulação se sobressai a afirmação de um corte que haveria entre a filosofia grega – de Platão e Aristóteles – e aquela desenvolvida por Plotino.

Ousager (2005: 12, tradução nossa) dá testemunho desse viés compreensivo, mas aposta em outra direção: “Contra a visão tradicional ainda difundida de Plotino como apolítico, apresento todas as evidências e indicações existentes para uma filosofia política em Plotino.” Robertson (2008: 61, tradução nossa), por sua vez, acentua que “[e]sta elevada imagem metafísica, contudo, tem implicações para a teoria ética e política de Plotino, tópicos de crescente interesse em estudos recentes.” Expostos esses problemas interpretativos, observados através de bibliografia estrangeira, os repertórios brasileiros, entre 1999 e 2020, não registraram nenhuma menção à política na filosofia de Plotino.

A hipótese desse trabalho é que há um bom campo de pesquisa a ser percorrido, tanto nos termos gerais da ética quanto de um pensamento ético-político contido na obra plotiniana. Não se trata de defender grandes pretensões políticas ou de forçar algum tipo de ideia que não seja orgânica em relação ao modo de pensar consignado aos tratados de Plotino, mas dar atenção à temática e discuti-la, ainda que a opção final seja fortalecer uma visão de negação da política ou de uma filosofia política.

¹⁰ Os próximos parágrafos constituem ligeiras adaptações de artigo publicado no periódico *Problemata* (2021) e de Projeto de Pesquisa submetido a PROPGPQ-UECE.

Em tese de doutorado publicada recentemente, Nascimento (2023: 19) desenvolve uma pesquisa aprofundada sobre a ética plotiniana, lançando luz sobre um aspecto provocativo: o lugar do “outro” na filosofia de Plotino. Ao fazer a advertência de que “[é] bem verdade que Plotino não explora o nexo entre metafísica e ética do mesmo modo que nos propomos a fazer” e que, portanto, “[n]osso filósofo não foca no problema do outro nem dá ênfase à necessidade de uma teoria ética ou política”, Nascimento recorre ao estudioso John Rist, que fornece um valioso conselho de pesquisa, atento ao modo muito peculiar como Plotino escreve seus tratados. Cito esse conselho na tradução disponibilizada pela tese:

Um dos maiores problemas para o intérprete de Plotino é avaliar a importância nas *Enéadas* de crenças que não são formalmente declaradas, mas permanecem implícitas, à espera de serem explicitadas por algum neoplatonista posterior. [...] [S]eria igualmente absurdo não prestar atenção a uma atitude apenas porque Plotino nem sempre a defende explicitamente (Rist, 1971: 77-78).

Uma perspectiva mais animadora talvez seja esta mesma: os estudos estão à espera de que algum neoplatonista invista sua pesquisa nos temas que não foram devidamente explicitados. Trata-se de, em primeiro lugar, avaliar a plausibilidade das hipóteses e confrontá-las com a referência primária das *Enéadas* e a literatura secundária.

Considerações finais

Percebe-se que há uma lacuna ampla de temas descobertos pela bibliografia publicada em língua portuguesa. Inclusive, muitos dos poucos títulos disponíveis no vernáculo são reflexo de traduções de pesquisas estrangeiras (eminentemente europeias, em língua inglesa, italiana, espanhola, francesa, alemã). Em termos comparativos, o que de fato se tem publicado por pós-graduandos e doutores brasileiros na forma de artigos, dissertações e teses cobre um arco ainda pequeno de temas presentes na filosofia de Plotino e em proporção reduzida se comparado ao que se tem produzido sobre Platão e Aristóteles no Brasil.

É evidentemente injusto e mesmo incorreto concluir, a partir desse balanço crítico, que não haja uma robusta bibliografia brasileira construída ao longo dos últimos anos. Os repertórios demonstram, ao contrário, o crescimento exponencial da pesquisa plotiniana e neoplatônica, pelo menos desde o final da década de 90 até nossos dias. Entende-se que, quando os esforços são articulados à luz de planejamento, os resultados tendem a ser melhores.

Assim, mais do que depender do interesse espontâneo das mentes mais curiosas (aquelas que se encontram com Plotino quase que por acaso e, então, resolvem conhecê-lo mais detidamente), é importante produzir novas pesquisas, a partir das quais sejam viabilizadas bolsas de estudos; formulados dossiês, números especiais; eventos e oportunidades na pós-graduação que possam atrair novos filósofos interessados na macro temática do neoplatonismo e, especialmente, em Plotino.

Nesse sentido, em primeiro lugar, sem o aparato bibliográfico preliminar, os trabalhos tendem a fluir com mais dificuldade, pois o pesquisador precisa fazer um amplo estudo de revisão de literatura, a fim de garimpar o que existe disponível. É claro que, em sede de pós-graduação, o acesso às línguas estrangeiras é pressuposto e permite suprir uma parcela dessas lacunas. É o que os pesquisadores brasileiros têm feito. Contudo, entendo que parte da equação responsável por fortalecer qualquer área de estudo é a divulgação científica e a formação de uma cultura de pesquisa, no caso, de estudos clássicos ou greco-romanos, que prepara e cria o ambiente mais propício ao desenvolvimento de estudos qualificados. Daí a relevância de fomentar a produção dessa bibliografia em língua portuguesa.

Destarte, a intenção manifesta é a de que o presente trabalho seja de alguma valia na perspectiva de mapear as questões fundamentais, a bibliografia básica para acesso qualificado aos temas mais sensíveis e pujantes. Além disso, pretende-se estimular novos pesquisadores a enveredarem pelas sendas das *Enéadas* de Plotino. Em termos acadêmico-científicos, as grandes questões de conhecimento somente avançam quando enfrentadas por uma comunidade de pesquisa. Não posso supor que as temáticas filosóficas estivessem fora desse horizonte que guia a produção científica.

O presente trabalho espera subsidiar a elaboração de projetos de pesquisa, isto é, de mestrado e doutorado, na perspectiva de facilitar a redação da justificativa, da pertinência ou da problemática de suas empresas filosóficas lastreadas em Plotino. Ao tomar esse artigo em mãos, o pesquisador encontra uma ferramenta para demonstrar a pertinência de seus estudos em diálogo com a comunidade brasileira e como ela se encontra em relação à pesquisa internacional, pelo menos em sentido exemplar e paradigmático.

Referências

Traduções em língua portuguesa

PLOTINO. *Enéada III*. Tradução de Juvino Maia Junior. João Pessoa: Ideia Editora, 2021.

PLOTINO: *Enéadas I e II*. Tradução de Juvino Maia Junior João Pessoa: Juvino, 2021.

PLOTINO. *Enéada I 1 [53] - Sobre o Vivente e o Homem*. In: Ferreira, Elisa Franca. O homem, a alma e o vivente: a definição do homem nas *Enéadas* de Plotino. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PLOTINO. *Acerca da Beleza Inteligível (Enéada V, 8 [31])* - Introdução, tradução e notas de Luciana Soares. Kriterion (UFMG. Impresso), Belo Horizonte, v. XLIV, p. 110-135, 2003.

PLOTINO. *Acerca do Bem ou do uno: Enéada VI, 9 – tratado 9*. Introdução, tradução e notas: Silveira, Paulo Henrique Fernandes. Revista Integração, n. 53, p. 175-86, 2008.

PLOTINO. Como a multidão das formas veio a existir e sobre o bem (VI.7). In: Santos, David. *Metafísica, ética e religião em Plotino: tradução e estudo da Enéada VI. 7 (38)*. Tese (Doutorado em Filosofia Antiga) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013.

PLOTINO. *Do amor: Enéada III, 5*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2015.

PLOTINO. *Enéada II: a organização do cosmo*. Introdução, tradução e notas de João Lupi. Petrópolis, Vozes, 2010.

PLOTINO. *Enéada III.8 [30]: Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*. Introdução, tradução e comentário: José Baracat Júnior. Campinas: UNICAMP, 2008.

PLOTINO. *Enéada VI, 9 - Tratado 9: sobre o Bem ou o Um*. Tradução, introdução e notas de Bernardo Lins Brandão. Petrópolis: Editora Paideusis, 2020.

PLOTINO. *Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Tradução e notas de Baracat Junior. 700 f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PLOTINO. sobre a eternidade e o tempo (III, 7 [45]). Introdução, tradução e notas: Baracat Junior, José Carlos. In: Puente, Fernando Rey; Baracat Junior, José Carlos (orgs.). *Tratados sobre o tempo*. Aristóteles, Plotino e Agostinho. Belo horizonte: editora da UFMG, 2014, p. 53-100.

PLOTINO. *Sobre a saída* (I, 9 [16]). Tradução e notas: Fernando Eduardo de Barros Rey Puente. In: Puente, Fernando (Org). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 63-65.

PLOTINO. Sobre as Hipóstases que têm a Faculdade de Conhecer e sobre o Transcendente. Tradução de Sylvania Gollnick. In: *Ontologia e conhecimento no V.3(49) de Plotino*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p.115-127.

PLOTINO. *Primeira Enéada*. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior. Santos: Nova Acrópole do Brasil, 2014. v. 1. 272p.

PLOTINO. *Sexta Enéada* - Tratados 6 a 9. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2019.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2007 (1º ed. 2000).

Traduções em língua estrangeira

PLOTINO. *Enéadas*. Traducciones y notas de Jesus Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

PLOTINUS. *The Enneads*. Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.

PLOTINUS. *The Enneads*. Translated by Stephen Mackenna. Revised by B. S. Page. Preface by E. R. Dodds. Introduction by P. Henry. (Third revised edition.) London; Faber, 1962.

HENRY, Paul; Schwyzer, Hans-Rudolph. *Plotini Opera*. Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Univ. Pr. (Editio minor), vv. I-III, 1964-1982.

PLOTIN. *Ennéades*. Texte établi et traduit par E. Bréhier. vv. I-VII. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

PLOTINUS. *Plotinus Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually*

.Translation with an Introduction and Commentary by Cinzia Arruzza. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2015.

PLOTINUS. *Ennead II.4 On Matter*. Translation with an Introduction and Commentary by A.A Long. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2022.

Materiais e ferramentas de pesquisa

ANGIONI, Lucas. O léxico filosófico de Aristóteles (III): Comentários a Metafísica V. 18-30. *Revista Dissertatio de Filosofia*, v. 48, p. 295-376, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (ANPOF). Relações de trabalhos aprovados para os grupos de trabalho do XX Encontro Anpof, 2024. Disponível em: <<https://encontro.anpof.org.br/wpcontent/uploads/2024/06/trabalhoa-provados-por-GTs.cc.pdf>>. Acesso em 24/07/2024.

BEZERRA, Cícero. Número especial sobre Neoplatonismo - Fontes e Diálogos. v. 49 n. 1 (2022) *Perspectiva Filosófica*. Recife: UFPE, 2022.

BRISSON, Luc e Pradeau, Jean-François. *Vocabulário de Platão*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CASSIN, Barbara. *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Organização de Fernando Santoro e Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autentica, 2018.

DIELS, Hermann; Kranz, Walther. *I presocratici*. Traduzione integrale con testi originali a fronte delle testimonianze e dei frammenti nella raccolta di a cura di Giovanni Reale; con la collaborazione di Diego Fusaro, Maurizio Migliori, Ilaria Ramelli, Maria Timpanaro e Angelo Tonelli. Milano: Bompiani, 2017.

KALLIGAS, Paul. *The Enneads of Plotinus: a commentary*. Translated by Elizabeth Key Fowden and Nicolas Pilavachi. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

OLIVEIRA, Loraine. Apresentação do Dossiê Plotino, n°. 10 (2013): *Revista Archai*, Brasília, jan. 2013.

OLIVEIRA, Loraine. Notas sobre lógica e dialética em Plotino. (Enéada I, 3 [20] 4-5). *Trans/Form/Ação*, v. 30, p. 167-178, 2007.

PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

POLLET, Gilbert; Sleeman, J.H. *Lexicon Plotinianum*. Leiden: Brill University Press, 1980.

ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: Premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte I: Histórico da Pesquisa. *Revista Archai*, (5), 151-216, 2010a.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: Elenco de autores e títulos. *Revista Archai*, n.5, 236-287, 2010b.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Fernandes, Mayã. Segundo repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da antiguidade tardia. *Classica*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 259-285, 2020.

SCHÄFER, Christian. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Estudos especializados e introduções

ALMEIDA, Rodrigo. *A união mística na Enéada VI.9 de Plotino*. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

BERGSON, Henri. Curso sobre Plotino. In: *Cursos sobre a filosofia grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAGAS, Deysielle. *O conceito plotiniano de hýle: lugar, natureza e geração*. Dissertação de Mestrado em Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

CHIARADONNA, Riccardo. *Plotino*. Tradução de Mauricio Marsola. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

COSTA, Admar et al (org). *Filosofia antiga*. São Paulo: ANPOF, 2019.

DI SILVA, Maurizio. Plotinus and Augustine on evil and matter. *Archai*, v. 23, p. 205-227, 2018.

FERNANDES, Edrisi. A “superação” Schellinguiana do entendimento Plotiniano da transição do bem para a matéria e o mal. *Archai: Revista de Estudos Sobre As Origens do Pensamento Ocidental*. v.10, 2013, p. 127-140.

GRAESER, Andreas. *Plotinus and the Stoics: a Preliminary Study*. Philosophia Antiqua, 22. Leiden: Brill, 1972.

HENRY, Paul. Plotinus' Place in the History of Thought. In: Mackenna, Stephen. *Plotinus: The Enneads*. London: Faber, 1969. pp. XXXIII-LI.

LONGO, A; Taormina, D. *Plotinus and Epicurus matter, perception, pleasure*. Cambridge University Press: New York City, 2016

LOSSO, Eduardo et al. (Org.). *A Mística e os Místicos*. Petropolis: Vozes, 2022.

NARBONNE, Jean-Marc. *A metafísica de Plotino*. Tradução de Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014.

NASCIMENTO, Tadeu. *Sobre a inausência do outro na filosofia de Plotino: o nexo entre metafísica e ética a partir de uma compreensão da unimultiplicidade dos supracossensíveis*. Tese de Doutorado em Filosofia. 212f. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2023.

O'MEARA, Dominic. (2000). Scepticism and Ineffability in Plotinus. *Phronesis*, 45(3), 240–251.

OUSAGER, Asger. *Plotinus on Selfhood, Freedom and Politics*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005.

PARENTE, Isnardi. *Introdução a Plotino*. Lisboa: Edições 70, 2005.

PINHEIRO, Marcus. Inconsciente, Consciente e Cosmologia em Plotino. *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, v. 5, p. 49-55, 2010.

PINHEIRO, Marcus. Plotino, exegeta de Platão e Parmênides. *Anais de Filosofia Clássica*, v.1, p. 3, 2007.

REBALDE, João. *Introdução ao estudo de Plotino: uma leitura das Enéadas*. Porto: Edições Afrontamento, 2024.

REEGEN, Jan. A ética em Plotino. In: *Ética e Metafísica*. Organização de

Emanuel Fragoso, João Emiliano Aquino e Marly Soares. Fortaleza: EdUECE, 2007.

REMES, Pauliina. Plotinus's Ethics of Desinterested Interest. *Journal of the History of Philosophy*, Volume 44, Number 1, January 2006, pp. 1-23.

RIST, John. 1971. The problem of "otherness" in the Enneads. In: *Le Néoplatonisme. Actes du colloque de Royaumont 9-13 juin 1969*. Paris: 77-88.

ROBERTSON, David. Talk, ethics and Politics in Plotinus. *Dionysius*, vol. XXVI, 2008, 61-72.

SILVA, Francisca Galiléia. A filosofia árabe medieval teria uma filosofia da religião ou para a religião? *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza v. 14 n. 1-2 p. 51-68, 2017.

SILVA, Robert. A felicidade no tratado I.4 de Plotino: breve conceituação em diálogo com peripatéticos, estoicos e epicuristas. *Polymatheia* (Online), v. 13, p. 170-183, 2020a.

SILVA, Robert. A homologia entre o pensamento do Intelecto e os Inteligíveis: a abordagem de Plotino no tratado V.3[49] e um diálogo possível com Empédocles de Agrigento. *KÍNESIS (MARÍLIA)*, v. 12, p. 248-260, 2020.

SILVA, Robert. A natureza complexa da cosmologia metafísica de Plotino: um elogio ao material e uma crítica ao materialismo. *Prometeus Filosofia*, n. 13 (36), 2020b.

SILVA, Robert. Plotino e o tema do homem como animal político. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 12, p. 220-234, 2021.

STAMATELLOS, Giannis. *Plotinus and the presocratics: a philosophical study influences in Plotinus Enneads*. Albany: State University of New York, 2007.

STAMATELLOS, Giannis. Plotinus' concept of matter in Giordano Bruno's *De la causa, principio et uno*. *British Journal For The History of Philosophy*, 2017, p. 1-14.

SZLEZÀK, Thomas. *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003.

ULLMANN, Reinholdo. *Plotino: Um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PLOTINIAN RESEARCH IN BRAZILIAN LITERATURE: NOTES ON TRANSLATIONS, RESEARCH MATERIALS AND HISTORIOGRAPHIC TOOLS

Robert Brenner Barreto da Silva¹

Abstract

The aim of this work is to reflect on the status of Plotinian research in Brazilian literature. That is, to evaluate translation works, research materials and historiographic tools, with the aim of diagnosing whether the available resources are satisfactory. There is a lack of lexicons and systematic studies that relate Plotinus and the “presocratics”, as well as the Hellenistic schools of Epicureanism, Stoicism and Skepticism. It is argued for the relevance of studies on philosophical problems, such as those of ethics and politics that are still marginalized in comparison to the classical themes of mysticism and the One. To this end, we take into account the two bibliographic repertoires produced under the direction of Luciana Santoprete and Loraine Oliveira (2010, 2020), published by *Archai* and *Classica*. The purpose is to indicate promising paths for bibliographical production on Plotinus’ philosophy to support the development of various works, including master’s and doctoral projects.

Keywords

Plotinus; research; Brazil; repertoire; historiography.

¹ Adjunct Professor- Ceará State University, Fortaleza, Brazil. E-mail: robert.brenner@uece.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o status da pesquisa plotiniana na literatura brasileira. Isto é, avaliar obras de traduções, materiais de pesquisa e de historiografia, com o propósito de diagnosticar se os recursos disponíveis são satisfatórios. Identifica-se a carência de léxicos e estudos sistemáticos que relacionem Plotino e os “pré-socráticos”, assim como as escolas helenísticas do epicurismo, estoicismo e ceticismo. Argumenta-se pela pertinência de estudos sobre problemas filosóficos, tais como os de ética e política ainda marginalizados em comparação aos temas clássicos da mística e do Uno. Para tal, leva-se em consideração os dois repertórios bibliográficos produzidos sob a direção de Luciana Santoprete e Loraine Oliveira (2010, 2020), publicados nos periódicos *Archai* e *Classica*. Pretende-se indicar caminhos promissores à produção bibliográfica sobre a filosofia de Plotino para subsidiar o desenvolvimento de trabalhos diversos, dentre os quais os de projeto de mestrado e doutorado.

Palavras-chave

Plotino; pesquisa; Brasil; repertório; historiografia.

Introduction

The objective of this work is to reflect on the status, that is, the bibliographical condition of translations, research materials and historiographical works related to Plotinus (204/205-270 AD) in Brazilian literature. The reason for the relevance of this undertaking is due to the premise that such academic resources constitute the context that makes possible the access and discussion of the themes and interpretative problems of Plotinus' philosophy.

In parallel, as we intend to demonstrate below, although Brazilian Plotinian research experienced progress between 1991 and 2020, there are numerous gaps and bibliographical challenges that the specialized community has to deal with. Thus, this text can support the development of master's and doctoral research projects, as well as various productions, including articles and books, as it highlights the most promising objects in relation to the gaps in the current bibliography.

There are excellent scientific works, indexed in national periodicals, which are focused on reviewing this bibliographical production, but they focus on the association of Plotinus' philosophy with Neoplatonism and, more importantly, are focused on highlighting and quantifying what publications exist regarding the respective Neoplatonic authors, without a critical or qualitative analysis having been carried out on what was produced specifically about Plotinus.

In this regard, before any further note, the fabulous contribution of Brazilian researchers and philosophers, Luciana Gabriela Santoprete (CNRS) and Loraine Oliveira (UFPE), with the collaboration of Emmannuela Freitas de Caldas (UnB) must be given high regard. and Mayã Fernandes (UnB), due to the two bibliographic repertoires on Plotinus and Neoplatonism that they created in 2010 and 2020. Between the first and second repertoire there was a flow of research that lasted a decade, in addition to the years of preparation that preceded that very first review. This project demonstrates the strength of such efforts. It is mainly on these repertoires that our present reflection is based on.

In light of the aforementioned bibliographic repertoires, for example, the thematic or content differences existing between the texts collected there are not yet discussed. And, in fact, this is not the nature nor, therefore, the intention of repertoires to operate with specific critical evaluations. The greatness of these materials lies in promoting the collection of academic production data over time, in order to make possible the type of exercise

that is being proposed here: that of philosophical reflection regarding what was elaborated in terms of Plotinian thought in Portuguese language, in more detail the resources considered propaedeutic to philosophical research, as alluded to by the subtitle “translations, research materials and historiographical tools”.

In this sense, as expected, it must first be said that the notes intended by our work touch only a portion of the bibliographic universe regarding Plotinus’ philosophy. For the future, it is possible to delimit even more unique themes, such as the Soul, Cosmology, Anthropology and from them evaluate the scope of the available texts, in addition to highlighting their own interpretative problems and gaps. With this desire in mind, it can be observed that this analysis tool is quite useful and itself promising.

If we turn to the aforementioned repertoires, it is clear that they explored different aspects of Neoplatonic thought, including philosophers such as Boethius, Damascius, Iamblichus, Porphyry and Proclus (in order of index), while our article isolates Plotinus’ philosophy from this schedule. This work aims, therefore, to carry out not an exhaustive survey of everything that has been published, but to critically discern between research resources that have greater and lesser availability in the literature, considering not only the quantities, but the theoretical relevance that these tools have for the Brazilian Plotinian studies.

To this end, in addition to the two repertories that cover publications relating to the periods 1964-2010 and 2010-2019, texts in English from foreign universities will be consulted, solely as an international parameter of comparison. The proposal is to choose examples that are paradigmatic and that, therefore, capture the minimum essential to the characterization of a given gap in terms of research materials and tools. Thus, it is much more about praising these shortcomings, not to deny academic progress, but to demonstrate that it is pertinent to encourage philosophical research on Plotinus in Brazil.

There are two theoretical keys, which, in turn, constitute sections of this article: i. Research community and the state of the art of Plotinus’ work: Based on the repertoires, the available translations of treatises from the *corpus plotinianum* and the organization of studies by Brazilian researchers, the aim is to present a conception of the general bibliographic framework, observing advances and challenges; ii. Research materials, lexicons and historiographical tools, such as vocabularies or technical lexicons on Plotinus’ philosophy; keeping in mind works that deal, above all, with the

historiographical relationship between Plotinus and Greco-Roman antiquity.

The tradition of medieval studies will not be addressed, but we can mention that, although there are relevant studies that draw attention to the important connections between Plotinus and the medieval period, particularly considering the receptions of Arabic philosophy², they have not yet been properly explored in Brazilian research materials. It is more common to find articles that articulate Plotinus and Augustine or that discuss the philosophical-theological relationship between Neoplatonism and Christianity³. It has to be said that Modern and contemporary tradition will not be discussed, but it is also noted that there are few systematization resources. We find the important contribution of Edrisi Fernandes (UFRN) which, regarding the metaphysical problem of evil, permeates German idealism and the reception of Schelling. In his article (2013), the author examines, among other things, the interpretation that Plotinus would have carried out the transition from the original Good to matter and evil in an insightful, but insufficient, way. In terms of contemporary relations, it is worth mentioning Bergson's course translated into Portuguese (2000), in addition to the works of Pierre Hadot (2002 & 2019), both available in Brazilian translations.

The greatest attention is that given to the second section, whose arguments indicate the lack of systematic studies that articulate Plotinus and the presocratics, as well as the Hellenistic schools, namely Epicureanism, Stoicism and Skepticism. In other words, the theoretical plan of antiquity is prioritized. Finally, given the scope and extent of this work, it is only worth pointing out certain interpretative problems that remain further from Brazilian research, despite being recognized as central to understanding Plotinus' philosophy. By carrying out this exercise, we hope to offer a propaedeutic for advanced studies, which can take the present bibliographical suggestions as useful clues for the construction of works on the *Enneads*.

² In this regard, Galileia (2017: 58) comments: "In other words, the *Theology* of pseudo Aristotle, which corresponds to a paraphrase of Plotinus' *Enneads* IV-VI, not only serves to demonstrate how the Neoplatonist was known, but also to show the attempt to reconcile Aristotelianism and Neoplatonism in the Arab world".

³ For example, Di Silva (2018) links Plotinus and Augustine.

1. The research community and the state of the art of Plotinus' work

The first bibliographic repertoire on Plotinus' philosophy in Brazil was published in Archai through three documents (2010), in two parts, named "Part I: Research History", also accompanied by an annex; and "Part II: List of Authors and Titles" as part of a larger undertaking: to also list the state of the art regarding Neoplatonism, within which Plotinus figures as the main reference, that is, in terms of being the philosopher most researched among the authors indexed by the review.

Both parts of this first repertoire, prior to the catalog of their respective bibliographical samples, are preceded by introductory texts produced by the authors (Luciana Santoprete, Loraine Oliveira and Emmanuela Caldas), which explain the methodological choices that guided the work and summary indication of the contents covered by the repertoire. Includes very useful information on the chronology of Neoplatonic philosophers and their main schools. Part II is especially relevant, as it contains a section entitled "data analysis", whose writing and argumentation style is similar to that adopted for writing our article.

However, this subtopic focuses more on the timeline relating to publications and ends with a brief critical note, which considers the bibliographic challenges to be faced by the specialized community in Brazil, not proposing, however, to name specific objects, except for the timely indication that "aesthetics" and "mystique" (cf. 2010: 241) received a greater number of searches.

The second repertoire (2020), in turn, was published by Classica. As the authors of the research describe (in addition to Santoprete and Oliveira, Mayã Fernandes is a co-author), this review continues the work published in 2010. It is also preceded by an excellent presentation that offers an overview of advances over the last decade, which reveals the dizzying growth of Neoplatonic and Plotinian research. The review is accompanied by graphics, as well as catalogs with indexes of authors, translators and subjects.

On the other hand, there is still a need to more clearly demarcate the gaps and problems to be faced by our academic community based on awareness of what has been done and what remains to be done. This lack is addressed in the works, but in a general and allusive way. In the spirit of that analysis section, the aforementioned research data must be interpreted within the critical horizon of philosophy. To begin with, it is significant that only in

2019, through Editora Acropole, we have access, in full, to the *Corpus Plotinianum*, that is, to Plotinus' *Enneads*⁴.

Between 2014 and 2019, the aforementioned volumes that make up the complete translation and edition by José Seabra (USP) and Juvino Maia (UFPB) were published. Due to their relevance, it is natural that such works have yet to be properly appreciated and appropriated by the academic community, in order to consolidate them as standard versions for consultations and bibliographical productions on Plotinus in Portuguese. It is noteworthy that this full translation was made directly from Greek and promoted in a bilingual edition. Previous translations were not always conceived directly from the Hellenic language.

This is because we had partial translations, selections of texts, such as the treatise V.8 [31], *On the Intelligible Beauty*, the subject of Santoprete's master's thesis (1999, published as an article in 2003) and III.8 [30]⁵, *On Nature, Contemplation, and the One*, referring to Baracat's master's (2000, published as a book in 2008); the list of 12 treatises by Plotinus brought together by Sommerman (2000); Porphyry's *Vita Plotini*, translated as an annex to Ullmann's famous introductory study, (2002); ditto those relating to the second *Ennead* (Lupi, 2002); individualized texts such as treatise V.3 [49], *On the Knowing Hypostasis and on That Which Is Transcendent*, translated by Gollnick (2005) also in the context of a master's degree⁶.

⁴ Porphyry, disciple of Plotinus, edits the *Enneads*, six collections containing nine treatises each, the *corpus plotinianum*, and composes the *Vita Plotini*, which discusses the ordering of the treatises and provides a biographical narrative about the development of Plotinus' work. Also part of this editorial activity is the attribution of titles given to treatises. The *Vita* can be consulted, in Portuguese, in the translation by Baracat (2006) or Ullmann (2002). Regarding the reference to Plotinus' *Enneads* itself, it follows the standard reference (Cf. Rosseti, 2006: 177) in which the group of *Enneads* (I to VI) is indicated, the systematic position of the treatise in the group (1 to 9), chronological order (1 to 54). It is also customary to refer to the line interval in the last part of the quote. Regarding the division given by Porphyry to Plotinus' writings, that is, in the form of *Enneads*, it is always opportune to report Brandão's synthetic explanation (2020: 4): "The order of the treaties follows an anagogical principle: they represent the ascension of the philosopher, of the sensible world to the One. The *Ennead* I deals with ethical issues. *Enneads* II and III, with cosmological themes. The *Ennead* IV, with themes relating to the Soul; V has Intellect as its theme and, finally, VI, deals with the One".

⁵ In general, the dates assigned to dissertations follow the period indicated by the authors in the researchers' profiles published on the *Lattes* platform.

⁶ It should be noted that most of these partial translations were not made directly from Greek. To give just one example, the version of V.3 [49], present in Gollnick's dissertation (2005: 12), was constructed as follows: "Such translation was made based on a

In this vein, a milestone for the reception of Plotinus work in Brazil was Baracat's doctoral thesis (2006), which translated half of the *Enneads* (I, II and III, 27 treatises); there is also VI.9, *On the Good or the One*, translated by Brandão (2007 as a dissertation and published in 2020 as a book); I.9 [16], *On Exiting from the Body*, translated by Puente (2008) and I 1 [53]⁷, *What Is the Living Being and What Is the Human Being?*, translated by Ferreira (2009) as an appendix to his Master's dissertation. More recently, through a doctoral thesis from Portugal, we also had individual access to the VI. 7 (38), *How the Multiplicity of the Ideas Came to Exist, and on the Good*, elaborated by Santos (2013). As a book chapter, treatise III, 7 [45], *On Eternity and Time*, was re-presented by Baracat (2014). Through Edipro, translated by Maria Silva (2015), a new translation was made available for III.5 [50] *On Love*.

This time, as until 2019 there was no full access to the *Enneads* in Portuguese, Brazilian researchers had to rely, for example, on the English (Gerson, 2018; Armstrong, 1966), Spanish (Igal, 1992) or French (Bréhier, 1989); modernly, with the work of Henry & Schwyzer (1964-1982) as a reference edition. In time, it is important to praise the fruitful collaboration, in the context of Brazilian classical studies, between classical letters and ancient philosophy. Most of the translations and commentaries that allow qualified access to Plotinus' philosophy come from the efforts of researchers who were forged in Greek letters. Of the translations listed, those created by philosophers are the exception.

In the case at hand, that is, that of translations, perhaps we could consider that, by the expansion to the Lusophone language, we would find a good translation coming from Portugal, which is common practice to trace in the philosophies of Plato and Aristotle. However, in this regard, a very current study (Rebalde, 2024: 25, emphasis added), after listing a set of foreign translations, considers that: "It is hoped that these translations can best resolve the absence until recently of complete translations into Portuguese. *Made in Portugal, to this day there is no complete translation of Plotinus' work.*"

comparison of texts in French, by Ham, and in English, by Armstrong, using Greek only with the intention of better choosing a term and elucidating obscure passages. Not having been entirely made from the Greek original [...]". In other words, in addition to access to works in Portuguese having been partial until recently, it was often also indirect, in the sense that it depended on the reception of texts in third or intermediate languages between Greek and the vernacular. Bilingual editions are rare as well.

⁷ With a theme related to suicide, this treatise is translated into a collection of philosophical texts on this topic.

Therefore, the fact that we only have Plotinus' work in our vernacular so late is one of the most robust evidences of the still marginal position of Neoplatonic philosophy in academic research at postgraduate level in Brazil. Added to this is the scarce bibliography regarding research tools, which we intend to show below. In this interlude, by way of contextualizing the state of the art, the oscillating participation of Neoplatonism and Plotinus researchers in the National Association of Postgraduate Studies in Philosophy (ANPOF), the main philosophical association in Brazil, is also symptomatic.

To stay in the most recent edition (2024), the Working Group (GT) Neoplatonism has 05 registered works, of which only 01 is specific to Plotinus, compared to 47 on Ancient Philosophy, 29 from the GT Plato and Platonism and 12 from the one that is focuses on Aristotle⁸. Due to the tradition and the list of authors they cover, one would not expect the respective GT's to be equivalent, but such a divergent number signals the need to consolidate the Neoplatonic and Plotinian community.

In fact, conventionally studies of late antiquity used to be incorporated under the heading "Ancient Philosophy". It is notable that, even after the establishment of the Neoplatonism Working Group, the writings produced at the ANPOF-2018 event, in Vitória-ES, were published as a book precisely in the edition of *Filosofia Antiga* (cf. Costa *et al.*, 2019) and there are few texts gathered there that deal with Plotinus.

In this sense, the data about ANPOF is ambiguous: on the one hand, it highlights the academic gaps specific to the aforementioned field of research, on the other hand, it reveals the growth of the Neoplatonic community, which more recently has the possibility of organizing itself as an autonomous Group. If it were not for the herculean work of researchers such as Cícero Bezerra (UFS/CNPQ), Coordinator of the Neoplatonism GT with ANPOF, who enable the existence of a perception of the advances and limits of this Group, the dilution of research such as those carried out on Plotinus would remain imperceptible.

To counterbalance this diagnosis that only captures a momentary snapshot, it is worth highlighting that experts have produced two dossiers on Plotinus and Neoplatonism, organized by Loraine Oliveira (Archai, UnB, 2013) and the most recent one by Cícero Bezerra (*Perspectiva Filosófica*, UFPE, 2022). Another publication of great vigor and which corroborates

⁸ According to the document "List of approved work for the working groups of the XX ANPOF Meeting, 2024" referenced at the end.

the observation of progress between the beginnings of Brazilian Plotinian research from the 1990s to the 2020s is the collection *Mística e os Místicos* (2022), in that it brought together a plethora of researchers high-level approach to thinking about a topic whose presence in Plotinus is unavoidable. But it should be noted, both the *Perspectiva Filosófica* dossier and the book on Mysticism published by *Editora Vozes* cover authors and themes that are not exclusive to Plotinus.

From these data, the preliminary intuition - which is twofold - of a certain marginality that Neoplatonic and Plotinian themes, in particular, occupy in the general context of university research and even at the internal level of research in ancient philosophy or classical Greek studies is substantiated. At the same time, there are signs that this community has strengthened and can develop even further, as long as it is well oriented as a community.

2. Research materials, lexicons and historiographical tools

When focusing on two examples, the most renowned in the light of studies in ancient philosophy, Plato and Aristotle, it appears that the aforementioned philosophers have a reasonable range of resources and research materials in Portuguese. In addition to the recognized tradition of Portuguese translations of his classic works, whether from Brazil or Portugal, by the philosopher of the Academy, for example, there is the “*Plato’s Lexicon*” (Schäfer, 2012) by Edições Loyola and the “*Plato’s Vocabulary*” by collection by Martins Fontes, which is the Brazilian translation of the work carried out by renowned Hellenists Luc Brisson and Jean-François Pradeau (2010).

In this same collection you can find “*Aristotle’s Vocabulary*” by Pierre Pellegrin. There are Brazilian authorial works on Aristotle, such as that of Lucas Angioni (2018: 295), who, although he warns that “comparing him to a contemporary philosophical lexicon is misleading, inappropriate and disappointing”, provides excellent research material. His observation is related to the nature of book V of Aristotle’s *Metaphysics* which, despite being taken as a lexicon by tradition, presents several specificities in relation to the contemporary genre that is cognate to it. However, Angioni’s commentary, linked to the text of *Metaphysics*, provides a lexical tool of maximum value.

It is notable, therefore, that if from Plato and Aristotle we have lexicons translated into Portuguese or even originally written in our vernacular, from Plotinus there are simply none available. The silence regarding these materials can be observed when examining the repertoires. In the book coordinated by Barbara Cassin, whose Brazilian edition is organized by Brazilian researchers Fernando Santoro (UFRJ) and Luísa Buarque (PUC-Rio), entitled *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*, the non-accessory nature of caring for languages and technical vocabularies is manifested:

Multiplicity is not just between languages, but within each language. A language, as we consider it, is not a fact of nature, an object, but an effect taken in history and culture, and which never ceases to be invented – again, *energeia* instead of *ergon*. So much so that the object of the dictionary is made up of the languages in his works, and the translations of these works into different languages and different times. The networks of words and meanings that we try to think of as networks of datable philosophical languages, installed by specific authors, in particular writings, are singular and punctual networks, linked to the destination (exoteric or esoteric), to the standard of language and style, to the relationship with tradition (models, references, palimpsests, ruptures, innovations). Every author, and the philosopher is an author, at the same time that he writes in a language, produces his language – as Schleiermacher says about the relationship between an author and his language: ‘he is his organ and she is his’ (Cassin, 2018: 20).

Cassin’s statement is emblematic for us: the philosopher, at the same time as he writes in a language, produces his language. If it is not true to assume that technical vocabularies resolve linguistic, conceptual and philosophical controversies, it is also unreasonable to consider that they are dispensable for the arduous task of exegeting ancient philosophers. In the opposite sense, such resources are fundamental to the rigorous work of interpretation. However, there is nothing about Plotinus in Portuguese. An objective possibility to overcome this lack would be to translate the *lexicon plotinianum* (1980) and a bold alternative, which involves a more challenging task, would be to produce original material in this regard.

Such an innovation would represent a great gain, including in terms of international contribution, as it would update the technical study of Plotinus’ conceptual vocabulary. As it is a large-scale research, it would probably require specific funding with the joint work of three or more research professors, acting as authors or organizers, together with a team of postgraduate fellows and/or collaborating professors. In this case, it

would also make perfect sense to bring together professionals from classical literature and ancient philosophy.

To alternate between gaps and advances, it is correct to say that, in recent decades (1990-2020), there have been important advances in the field of philosophical comments on Plotinus' texts, a genre that covers technical studies valuable to bibliographical research. Most of these materials were published as master's dissertations and doctoral theses or simply as studies that accompany the set of partial translations that we listed in the previous section. An exception is the article *Notes on logic and dialectics* in Plotinus by Loraine Oliveira (2007), which analyzes Plotinus' treatise I.3 [20] "*On Dialectic*" without translating it and without constituting an academic work of dissertation or thesis. In order not to be repetitive, this list of works can be consulted by reading the 2010 and 2020 repertoires mentioned above.

However, these works focus on specific treatises and do not, in general, carry out a step-by-step analysis of the texts; that is, for one reason or another, there is no research of the scope of Paul Kalligas, *The Enneads of Plotinus: a commentary*, that can cover a commented study of the *Enneads* as a whole and chapter by chapter of the treatises. In the first volume (2014), the scholar commented on the first three *Enneads*; in the second (2021), he commented on the fourth and fifth, leaving the sixth and final *Ennead* for the completion of this project in English, as these studies were originally written in Greek.

Not to mention the publishing company of *Parmenides Publishing*, which has made specific comments on Plotinus' treatises, also with the aim of forming a global set of the *Enneads*' writings. To cite just two examples, we have the work of Arruzza (2015), *Plotinus' Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually - Translation with an Introduction and Commentary* and A. A. Long (2022), *Plotinus Ennead II.4 On Matter - Translation with an Introduction and Commentary*. Again, then, even in areas where Brazilian research has more bibliographic resources, it must be encouraged to advance further.

From the point of view of the dimension of the history of philosophy, that is, the relationship of Plotinus' work with the philosophical tradition, there are important studies relating Plotinus to Plato and Plotinus to Aristotle, such as *Plato and Aristotle in Plotinus' doctrine of noûs* (Szlezák, 2010), translated by Monika Ottermann. In this vein, *The metaphysics of Plotinus* (Narbonne, 2014), translated by Maurício Marsola (UNIFESP), which

covers Plotinus' varied references to the Greek tradition. However, in addition to the need for more systematic reflections that analyze the fruitful relationships between these renowned philosophers, there is a lack of detailed study on the relationship between Plotinus and the presocratics, for example, as well as between Plotinus and the Hellenistic schools, read epicureanism, stoicism and skepticism.

In Portuguese, there is nothing similar to the work of Gianni Stamatellos (2007), *Plotinus and the Presocratics: A Philosophical Study of Presocratic Influences in Plotinus' Enneads* regarding the articulation between Plotinus and the "presocratics". The author explores the influences of Anaximander, Heraclitus, Parmenides, Anaxagoras, Empedocles, among others, associating them with the themes of cosmology, body, matter, being, soul, eternity and time. In addition to carrying out this philosophical-interpretative exercise, it offers absolutely essential research tools such as mapping the presocratic fragments in Plotinus' Enneads, through an appendix. The entire work is well contextualized and aware of the receptions of Plato and Aristotle.

In postgraduate studies, I briefly referred to Empedocles (Silva, 2021), but very preliminarily, without the appropriate exegetical depth. There is an excellent study by Marcus Pinheiro (UFF) which, in fact, promotes an analysis that articulates Parmenides and Plotinus through a combined exegesis (2007). But these are very specific illustrations in relation to the academic challenge that the vast and important Greco-Roman philosophical tradition imposes on us. Now, in addition to Greek cosmology in general, the essential role of Eleatic ontology and epistemology stands out in the construction of Plotinian philosophy, heir to the receptions of Plato and Aristotle, but centrally linked to the tradition of the first Greek philosophers. Proof of this is the locus given to these thinkers in the treatise V.1 [10] *On the Three Primary Hypostases* by Plotinus.

There is, therefore, a long way to go in the web that unites Plotinus and the presocratics. As is known, Plotinus is a very precious doxographic source, which can be consulted based on the seminal study by Stamatellos. Alexandre Costa (UFF), a large-scale Brazilian researcher, did similar work, but on Heraclitus (2002: 141). In this study, Plotinus appears as one of Heraclitus' doxographic sources, in the fragment DK 22 B 84⁹:

⁹ Standard reference (cf. Rossetti, 2006: 188) to the edition of "Diels-Kranz", highlighting the position of the author [Heraclitus] in the catalog of the presocratics (22), the type of text as fragment (B) and the *locus* occupied by the fragment cited in the philosopher's order (84).

“transmuting himself, he rests”; which is found in *Ennead* IV 8 [6] 1. It would be desirable to have a study similar to that of Alexandre Costa, one of the differences being the fact that, conversely, Plotinus is a source of knowledge about the collection of fragments.

Along the same lines, there is a lack of study that evaluates the influences of Hellenistic schools, notably Epicureanism, Stoicism and Skepticism. There is no work on Plotinus’ association with any of the schools individually, even less about them as a whole. In the constant entries in the repertoires, for example, it is symptomatic that “skepticism” appears only once (cf. Santoprete, 2010a: 265).

It is true that even in the international community there is a greater lack of literature on the relationship between Plotinus and skepticism. At least in terms of books that give more detailed treatment. It is also necessary to recognize the controversial character of Plotinus’ own association with skepticism. Chiaradonna (2023: 31), for example, considers that “If the conceptual parallel is undeniable and very fruitful, it is more difficult, however, to establish whether Plotinus was really inspired by skeptical arguments [...]”. The scholar adds that “it is not easy to establish [...] whether Pyrrhonism and academic skepticism were effectively part of Plotinus’ philosophical background”. Before these notes, however, he records that “the arguments directed by skeptics against the possibility of knowledge, reported by Sextus Empiricus, were already noted by Émile Bréhier and were accurately examined in recent studies”.

The fact is that the philosophical relationship between Plotinus’ arguments and the skeptics is clear and thought-provoking, certainly much more due to the hermeneutic spirit of the polemic than to Plotinus’ adherence to the principles of that school. If in Portuguese we have the excellent article by Marsola (2007), “Plotinus and Skepticism”, in English there is a wider range, which includes the renowned studies by O’Meara (2000), *Scepticism and Ineffability in Plotinus*, Magrin (2010), *Sensation and skepticism in Plotinus* besides the one by Opsomer (2017), *Plotinus and Scepticism*, to name three of many other papers and book chapters. Now, the skeptical polemic is taken by Plotinus as fundamental for his investigation into the genres of knowledge. In particular, for the issue of self-knowledge and the Intellect Hypostasis (*Noûs*). This philosophical discussion is most prominent in treatise V.3[49]. The Brazilian researcher reconstructed this picture:

When consulting the *Index fontium* of Henry-Schwyzler’s edition, there is a reference to the *Adversus Mathematicos* and the *Hypotyposes* in 30 passages throughout the *Enneads* (*Plotini opera [editio minor]*, vol. III: 367). Plotinus not only

appears to be aware of skeptical philosophy, but it is an object of discussion, whether from a refutatory point of view, or operating as one of the elements that make up the argument regarding topics such as self-knowledge, the sensitive basis of knowledge or the ineffability of the Principle. An examination of the *status quaestionis* in this regard leads us to the observation of a still small number of studies, given the importance of the theme in the aforementioned treatises [...] (Marsola, 2007: 248-249, emphasis added).

Since Marsola's publication in 2007, the only occurrence indexed in the repertoires consulted, new works have not been noticed in this study horizon, which makes his work extremely current. In this sense, there is also nothing like what was organized by Longo and Taormina, *Plotinus and Epicurus: Matter, Perception, Pleasure* (Cambridge, 2016), namely, that articulates Plotinus and Epicureanism. Or, in the case of Stoicism, there is no study similar to the one published by Graeser, entitled *Plotinus and the Stoics: A Preliminary Study* (Brill, 1972). In an article published in *Prometeus* (2020b), focused on a metaphysical-cosmological reading, I made some allusions to elements of Plotinus' text that are related to Epicurean and Stoic arguments, but without the systematic development of the studies mentioned above.

The need for work on these major historiographical keys is not limited to mere historical curiosity, but is central to the interpretation of philosophical problems relating to the sensitive cosmos, providence, matter, evil and freedom, which, although immanent in Plotinian treatises, presuppose Hellenistic philosophies within their formulations and, without which, it is difficult to arrive at any accurate interpretation. This was the perception I also had in an article published in *Polymatheia* (2020a) in which, with the purpose of examining the Plotinian conception of eudaimonia, alongside scholars, I found that Plotinus establishes a clear dialogue, not only with Aristotelian philosophy, but also with Epicureanism and Stoicism.

Our argument, therefore, is that these historiographical materials are decisive for the exegesis of Plotinus' treatises, insofar as they are the sources from which philosophy is woven dialectically. However, I noticed that until 2020, when I published the first article along these lines, there are no indices in the recensions that establish the link between Plotinus and Epicurus or Epicureanism. The term "stoicism", in turn, appears only once, not related to Plotinus, but indirectly to Boethius (cf. Santoprete, 2010: 256). Therefore, judging by the possibility that we have still missed one or another publication that has not been listed, we can safely say, at least, that the bibliography in this area is fragile.

Not only to highlight the gaps, it is encouraging to consider that, thanks to Marsola's studies, researchers can count on good access to the dialogue between Plotinus and Gnosticism, as well as studies on Mysticism and the One, as the authors of the review highlight:

a very current theme in studies on Plotinus has been gaining ground, the namely, the question of the relationship between Plotinian thought and the Gnostics. In 2018 it was a book entitled *Anti-Gnostic Strategies in the Writings of Plotinus* was published, but, due to difficulties in dissemination, we became aware of this work only after the closure of this Repertory. the volume consists of 6 articles, two of which are in Portuguese: that of Daniela P. Taormina, "Plotino: memória dos inteligíveis e experiência do belo. Um argumento contra os gnósticos" (p. 13-28), translated by Maurício Marsola, and his own, "Os 'homens divinos' no contexto polêmico de 33 (II 9) 6" [...] (Santoprete, 2020: 263).

It is necessary to consider that, despite the fact that proportionally certain themes gather a greater amount of production in relation to others, and this is the privileged case of Mysticism, the One and the Intellect and Soul hypostases (cf. Santoprete, 2010: 285-286), this does not mean that such objects - those most investigated - should be understood as less worthy of study or, worse, that they can be considered sufficiently explored or resolved in terms of their controversies. Especially because, as has been said, Plotinus' position in Brazilian classical studies is marginal, at least compared to that occupied by Plato and Aristotle. Thus, even the themes most explored by the Plotinian community still contain a lower number of publications compared to Greek thinkers from the 4th century BC.

Once these brief notes on historiographical resources that account for the relationship between the study of Plotinus' philosophy and ancient philosophical schools have been established, it is appropriate to suggest to the reader some interpretative problems in Plotinus' Philosophy which, as a whole, is marginalized in Brazilian classical studies, has themes that are especially neglected.

To begin with a topic that may seem prosaic, but which I believe is necessary, I invite the reader to consider evaluating Plotinian writing itself. From Plato, for example, we have the work of Trabattoni, *Orality and writing in Plato*, translated by Fernando Rey Puente (UFMG) and Roberto Bolzani Filho (USP), which evaluates the dialogical form of Platonic writing and its repercussion for the interpretation of philosophy consigned. In the case of Plotinus, there is specifically no work listed. On the other hand, we have very interesting and provocative clues in the Master's dissertation and Doctoral Thesis (2000 and 2006) by Baracat Júnior (UFRGS):

The language of the *Enneads* is a special case in Greek literature. In the *Enneads*, dialectics, exegesis, allegory and technical argumentation mix ‘in a distressing way’. The language in which they are written is often obscure and highly elliptical. Porphyry tells us that Longinus, the greatest literary critic of the time, begged for copies of Plotinian writings in perfect condition, as all the ones he had had many errors. However, Porphyry assures us that the copies in Longinus’s possession were perfect. The truth, he reveals, is that Longinus, the most eminent literary man of his time, was not used to Plotinus’ peculiar style of expressing himself. As can be seen, Plotinus’s style is so elliptical that even a great Greek-speaking intellectual, contemporary to him, is sure that there are words missing in the book he reads (Barakat, 2006: 39-40).

After transmitting this critical perception of part of the tradition to Plotinus’ text, given its complexity and richness, Barakat (2006: 42) emphasizes that “Plotinus is a writer who arouses great enthusiasm in his readers. Perhaps only Plato, among the philosophers of Antiquity, captivates them as intensely as Plotinus.” Jan Ter Reegen (UECE), quoting Llyod Gerson, informs that:

[...] Plotinus’s writings can hardly be characterized as systematic, although there is a Plotinian system in the sense that there are basic entities, principles of operation, and an effort at a unified explanation of the world (2007: 17).

In this sense, it would be pertinent to further investigate the style, genre fluctuations, and finally, the philosophical consequences of the editorial and methodological choices of Plotinian treatises. Little has been discussed about the relationship between Plotinus’ writing style, the writing of his treatises and the nature of his philosophical enterprise. Apart from this preliminary difficulty, if we talk about interpretative difficulties in the field of Plotinian philosophy, it is inevitable to mention the controversy that exists among specialists regarding the concept of matter (*hýlē*), whether as matter of the sensible or as intelligible matter. Stamatellos (2012: 1; 6) in his paper highlights, within this problem, two controversial questions: is matter the source of evil? Is matter generated or not?

Such problems, in my opinion, have not been exhausted, particularly the question of the generation of matter is still open. However, the repertoires already record relevant contributions. I highlight the master’s thesis by Deysielle Chagas (PUC-Rio) which explored the possibilities of interpretation in an enlightening way (2019). To just focus on the big picture, in this article I highlight the ethical-political issue. If we combine the entries “love, supreme good, ethics, happiness, morals, purification” (cf. Santoprete, 2010: 286-287), we have news of good works in ethics and there is a need for many others to be built. However, the most critical case

is that of politics. We do not find a single mention in the documents listed, not of Plotinus.

Since at least 2020 I have been interested in ethical topics. In addition to looking broadly at this area, in 2021 I made my first ventures into political issues. It must be admitted that it would be misleading to demand or presuppose that there actually was a bibliography on politics in Plotinus. As Igal (1992: 217) clearly discerns: “Aristotle clearly distinguishes between theoretical wisdom (*sophía*) and practical wisdom (*phrónesis*) as distinct habits (*Ét.Nic.VI 3- 8*). In Platón, and often in Plotinus, such distinction tends to blur [...]”. In this sense, there is a difficulty, in the ethical field of virtues, of separating theory and practice, and I think it extends to Plotinian philosophy in a general sense.

That is to say, Plotinus’ philosophy is, firstly, a philosophical mysticism or a metaphysics that, by its very reason for being, implies moral changes in behavior, reverberates in man’s vision of himself, as well as regarding cosmology, ontology and epistemology. Even Porphyry’s editorial effort to establish six *Enneads*, each with a thematic focus, despite being pertinent and justifiable, is still artificial.

As Porphyry organized, the first nine treatises fall exactly under the rubric of ethical writings or about man. But practically all treatises – from the first to the sixth *Ennead* – have reference to the One (*hén*), which is beyond being, thinking and saying. However, if we recognize that Plotinian ethics is not a practice separate from theory or that morality is an interest disconnected from its metaphysical bases, it is possible to move towards considering hypotheses about the ethical-political plane in the *Enneads*. In this regard, after recalling that Plotinus, in the treatise *on the virtues* (I.2 [19]), expresses that the issue of human life is not “stopping making mistakes”, but “being god”, Jan Ter Reegen captures precisely what the meaning and what Plotinian ethics is about:

How to ‘become god’, the path to be taken, the steps to be taken so that this objective becomes reality, all of this can then be called Plotinus’ Ethics. which can be characterized as the fundamental lines of a Plotinian ethics, which, however, cannot be considered independently of its metaphysics: ethics is rooted in this metaphysics and, if Plotinus deals with it more indirectly than directly, this occurs due to of metaphysics being ethics for him, as can also be seen in Plato, Plotinus’s great inspiration (Reegen, 2007: 14-15).

The fact is that there is an overly critical reception of mysticism in Plotinus’ thought, which has to do with the intuition that he was a philosopher who focused only on “mystical” subjects to the detriment of attention devoted

to practical-concrete dilemmas typical of life of the common man. As Almeida puts the question (2017: 48): “the emphasis on mysticism as the ultimate purpose of philosophical life also brought, to Plotinian thought, a notable depoliticization [...]”. In other words, there is a tendency to strain ethics, at least in the classical moral sense, and therefore politics, in the face of the primacy of the mystical approach.

Remes (2006: 1, our translation), in turn, reports this criticism made to Plotinus: Plotinus is said to have mutilated Plato by removing the political side of his philosophy and by making the control of reason an end in and for itself”. In Plotinian literature, the work of Henry (1969: XXXVI, our translation) is classic, which provides a detailed consideration of ethical-political thought: “[...] man is for Plotinus fundamentally isolated. He is not, as he is for Aristotle and perhaps even for Plato in the Laws, a ‘political animal’”. From this formulation, what stands out is the affirmation of a gap between Greek philosophy - from Plato and Aristotle - and that developed by Plotinus. Ousager (2005: 12, our translation) testifies to this comprehensive bias, but bets in another direction: “Against the still pervasive traditional view of Plotinus as apolitical, I set out to present all existing evidence and indications for a political philosophy in Plotinus”. Robertson (2008: 61, our translation), in turn, emphasizes that “This lofty metaphysical picture, however, has implications for Plotinus’ ethical and political theory, topics of increasing interest in recent studies”.

Having exposed these interpretative problems, observed through foreign bibliography, Brazilian repertoires, between 1999 and 2020, did not record any mention of politics in Plotinus’ philosophy.

The hypothesis of this work is that there is a good field of research to be covered, both in general terms of ethics and ethical-political thinking contained in Plotin’s work. It is not about defending great political aspirations or forcing some type of idea that is not organic in relation to the way of thinking consigned to Plotinus’ treatises, but rather paying attention to the topic and discussing it, even if the final option is to strengthen a vision denial of politics or a political philosophy.

In a recently published doctoral thesis, Nascimento (2023: 19) develops in-depth research on Plotinian ethics, shedding light on a provocative aspect: the place of the “other” in Plotinus’ philosophy. When making the warning that “It is quite true that Plotinus does not explore the nexus between metaphysics and ethics in the same way that we propose to do” and that, therefore, “Our philosopher does not focus on the problem of the other nor

does he emphasize the need for a ethical or political theory” turns to scholar John Rist, who provides valuable research advice, attentive to the very peculiar way in which Plotinus writes his treatises:

One of the major problems for the interpreter of Plotinus is to evaluate the importance in the *Enneads* of beliefs which are not formally stated but remain implicit, waiting to be made explicit by some later Neoplatonist [...] it would be equally absurd to pay no attention to an attitude solely because Plotinus does not always argue it explicitly (Rist, 1971: 77-78).

Perhaps a more encouraging perspective is this: studies are waiting for some Neoplatonist to invest his research in themes that have not been properly explained. Firstly, it involves evaluating the plausibility of the hypotheses and comparing them with the primary reference of the *Enneads* and secondary literature.

Concluding Remarks

It is clear that there is a wide gap in themes discovered by the bibliography published in Portuguese. In fact, many of the few titles available in the vernacular reflect translations of foreign research (eminently European, in English, Italian, Spanish, French, German). In comparative terms, what has actually been published by Brazilian postgraduate students and doctors in the form of articles, dissertations and theses covers a still small range of themes present in Plotinus’ philosophy and in a reduced proportion compared to what has been produced on Plato and Aristotle in Brazil.

It is evidently unfair and even incorrect to conclude, based on this critical assessment, that there is no robust Brazilian bibliography built over recent years. The repertoires demonstrate, on the contrary, the exponential growth of Plotinian and Neoplatonic research, at least from the end of the 90s to the present day. It is understood that when efforts are articulated in light of planning, the results tend to be more prodigious.

Thus, more than depending on the spontaneous interest of the most curious minds (those who meet Plotinus almost by chance and then decide to get to know him in more detail), it is important to produce new research, from which scholarships are made possible. studies; formulated dossiers, special issues; events and opportunities in postgraduate studies that can attract new philosophers interested in the macro theme of Neoplatonism and, especially, in Plotinus.

In this sense, firstly, without the preliminary bibliographical apparatus, the work tends to flow with more difficulty, as the researcher needs to carry out an extensive literature review study, in order to explore what is available. It is clear that, in postgraduate studies, access to foreign languages is a prerequisite and makes it possible to fill some of these gaps. Well, that's what Brazilian researchers have done. However, I understand that part of the equation responsible for strengthening any area of study is scientific dissemination and the formation of a research culture, in this case, classical or Greco-Roman studies, which prepares and creates the most conducive environment for the development of studies qualified. Hence the relevance of promoting the production of this bibliography in Portuguese.

Therefore, the clear intention is that this work will be of some value from the perspective of mapping the fundamental issues, the basic bibliography for qualified access to the most sensitive and powerful themes. Furthermore, the aim is to encourage new researchers to follow the paths of Plotinus' *Enneads*. In academic-scientific terms, major knowledge questions only advance when faced by a research community. I cannot assume that philosophical themes were outside this horizon that guides scientific production.

The present work hopes to support the elaboration of research projects, that is, master's and doctoral studies, with a view to facilitating the writing of the justification, relevance or problems of their philosophical enterprises based on Plotinus. By taking this article in hand, the researcher finds a tool to demonstrate the relevance of his studies in dialogue with the Brazilian community and how it stands in relation to international research, at least in an exemplary and paradigmatic sense.

Sources

Translations into Portuguese

PLOTINO. *Enéada III*. Tradução de Juvino Maia Junior. João Pessoa: Ideia Editora, 2021.

PLOTINO: *Enéadas I e II*. Tradução de Juvino Maia Junior João Pessoa: Juvino, 2021.

PLOTINO. *Enéada I 1 [53] - Sobre o Vivente e o Homem*. In: Ferreira, Elisa

Franca. O homem, a alma e o vivente: a definição do homem nas *Enéadas* de Plotino. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PLOTINO. *Acerca da Beleza Inteligível* (Enéada V, 8 [31]) - Introdução, tradução e notas de Luciana Soares. Kriterion (UFMG. Impresso), Belo Horizonte, v. XLIV, p. 110-135, 2003.

PLOTINO. *Acerca do Bem ou do uno: Enéada VI, 9 – tratado 9*. Introdução, tradução e notas: Silveira, Paulo Henrique Fernandes. Revista Integração, n. 53, p. 175-86, 2008.

PLOTINO. Como a multidão das formas veio a existir e sobre o bem (VI.7). In: Santos, David. *Metafísica, ética e religião em Plotino: tradução e estudo da Enéada VI. 7 (38)*. Tese (Doutorado em Filosofia Antiga) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013.

PLOTINO. *Do amor: Enéada III, 5*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2015.

PLOTINO. *Enéada II: a organização do cosmo*. Introdução, tradução e notas de João Lupi. Petrópolis, Vozes, 2010.

PLOTINO. *Enéada III.8 [30]: Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*. Introdução, tradução e comentário: José Baracat Júnior. Campinas: UNICAMP, 2008.

PLOTINO. *Enéada VI, 9 - Tratado 9: sobre o Bem ou o Um*. Tradução, introdução e notas de Bernardo Lins Brandão. Petrópolis: Editora Paideusis, 2020.

PLOTINO. *Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Tradução e notas de Baracat Junior. 700 f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PLOTINO. Sobre a eternidade e o tempo (III, 7 [45]). Introdução, tradução e notas: Baracat Junior, José Carlos. In: Puente, Fernando Rey; Baracat Junior, José Carlos (orgs.). *Tratados sobre o tempo. Aristóteles, Plotino e Agostinho*. 1ª ed. Belo horizonte: editora da UFMG, 2014, p. 53-100.

PLOTINO. sobre a eternidade e o tempo (III, 7 [45]). Introdução, tradução e notas: Baracat Junior, José Carlos. In: Puente, Fernando Rey; Baracat Junior, José Carlos (orgs.). *Tratados sobre o tempo. Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo horizonte: editora da UFMG, 2014, p. 53-100.

PLOTINO. *Sobre a saída (I, 9 [16])*. Tradução e notas: Fernando Eduardo de Barros Rey Puente. In: Puente, Fernando (Org). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 63-65.

PLOTINO. Sobre as Hipóstases que têm a Faculdade de Conhecer e sobre o Transcendente. Tradução de Silvania Gollnick. In: *Ontologia e conhecimento no V.3(49) de Plotino*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p.115-127.

PLOTINO. *Primeira Enéada*. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior. Santos: Nova Acrópole do Brasil, 2014. v. 1. 272p.

PLOTINO. *Sexta Enéada - Tratados 6 a 9*. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2019.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2007 (1º ed. 2000).

Foreign language translations

PLOTINO. *Enéadas*. Traducciones y notas de Jesus Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

PLOTINUS. *The Enneads*. Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.

PLOTINUS. *The Enneads*. Translated by Stephen Mackenna. Revised by B. S. Page. Preface by E. R. Dodds. Introduction by P. Henry. (Third revised edition.) London; Faber, 1962.

HENRY, Paul; Schwyzer, Hans-Rudolph. *Plotini Opera*. Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Univ. Pr. (Editio minor), vv. I-III, 1964-1982.

PLOTIN. *Ennéades*. Texte établi et traduit par E. Bréhier. vv. I-VII. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

PLOTINUS. *Plotinus Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually*. Translation with an Introduction and Commentary by Cinzia Arruzza. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2015.

PLOTINUS. *Ennead II.4 On Matter*. Translation with an Introduction and

Commentary by A.A Long. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2022.

Research materials and tools

ANGIONI, Lucas. O léxico filosófico de Aristóteles (III): Comentários a Metafísica V. 18-30. *Revista Dissertatio de Filosofia*, v. 48, p. 295-376, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (ANPOF). Relações de trabalhos aprovados para os grupos de trabalho do XX Encontro Anpof, 2024. Disponível em: <<https://encontro.anpof.org.br/wpcontent/uploads/2024/06/trabalhoaprova-dos-por-GTs.cc.pdf>>. Acesso em 24/07/2024.

BEZERRA, Cícero. Número especial sobre Neoplatonismo - Fontes e Diálogos. v. 49 n. 1 (2022) *Perspectiva Filosófica*. Recife: UFPE, 2022.

BRISSON, Luc e Pradeau, Jean-François. *Vocabulário de Platão*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CASSIN, Barbara. *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Organização de Fernando Santoro e Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autentica, 2018.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *I presocratici*. Traduzione integrale con testi originali a fronte delle testimonianze e dei frammenti nella raccolta di a cura di Giovanni Reale; con la collaborazione di Diego Fusaro, Maurizio Migliori, Ilaria Ramelli, Maria Timpanaro e Angelo Tonelli. Milano: Bompiani, 2017.

KALLIGAS, Paul. *The Enneads of Plotinus: a commentary*. Translated by Elizabeth Key Fowden and Nicolas Pilavachi. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

OLIVEIRA, Loraine. Apresentação do Dossiê Plotino, nº. 10 (2013): *Revista Archai*, Brasília, jan. 2013.

OLIVEIRA, Loraine. Notas sobre lógica e dialética em Plotino. (Enéada I, 3 [20] 4-5). *Trans/Form/Ação*, v. 30, p. 167-178, 2007.

PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

POLLET, Gilbert; Sleeman, J.H. *Lexicon Plotinianum*. Leiden: Brill

University Press, 1980.

ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: Premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte I: Histórico da Pesquisa. *Revista Archai*, (5), 151-216, 2010a.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: Elenco de autores e títulos. *Revista Archai*, n.5, 236-287, 2010b.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Fernandes, Mayã. Segundo repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da antiguidade tardia. *Classica*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 259-285, 2020.

SCHÄFER, Christian. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Specialized studies and introductions

ALMEIDA, Rodrigo. *A união mística na Enéada VI.9 de Plotino*. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

BERGSON, Henri. Curso sobre Plotino. In: *Cursos sobre a filosofia grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAGAS, Deysielle. *O conceito plotiniano de hýle: lugar, natureza e geração*. Dissertação de Mestrado em Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

CHIARADONNA, Riccardo. *Plotino*. Tradução de Mauricio Marsola. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

Costa, Admar et al (org). *Filosofia antiga*. São Paulo: ANPOF, 2019.

DI SILVA, Maurizio. Plotinus and Augustine on evil and matter. *Archai*, v.

23, p. 205-227, 2018.

FERNANDES, Edrisi. A “superação” Schellinguiana do entendimento Plotiniano da transição do bem para a matéria e o mal. *Archai: Revista de Estudos Sobre As Origens do Pensamento Ocidental*. v.10, 2013, p. 127-140.

GRAESER, Andreas. *Plotinus and the Stoics: a Preliminary Study*. Philosophia Antiqua, 22. Leiden: Brill, 1972.

HENRY, Paul. Plotinus' Place in the History of Thought. In: Mackenna, Stephen. *Plotinus: The Enneads*. London: Faber, 1969. pp. XXXIII-LI.

LONGO, A; Taormina, D. *Plotinus and Epicurus matter, perception, pleasure*. Cambridge University Press: New York City, 2016

LOSSO, Eduardo et al. (Org.). *A Mística e os Místicos*. Petropolis: Vozes, 2022.

NARBONNE, Jean-Marc. *A metafísica de Plotino*. Tradução de Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014.

NASCIMENTO, Tadeu. *Sobre a inausência do outro na filosofia de Plotino: o nexo entre metafísica e ética a partir de uma compreensão da unimultiplicidade dos suprassensíveis*. Tese de Doutorado em Filosofia. 212f. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2023.

O'MEARA, Dominic. (2000). Scepticism and Ineffability in Plotinus. *Phronesis*, 45(3), 240–251.

OUSAGER, Asger. *Plotinus on Selfhood, Freedom and Politics*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005.

PARENTE, Isnardi. *Introdução a Plotino*. Lisboa: Edições 70, 2005.

PINHEIRO, Marcus. Inconsciente, Consciente e Cosmologia em Plotino. *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, v. 5, p. 49-55, 2010.

PINHEIRO, Marcus. Plotino, exegeta de Platão e Parmênides. *Anais de Filosofia Clássica*, v.1, p. 3, 2007.

REBALDE, João. *Introdução ao estudo de Plotino: uma leitura das Enéadas*. Porto: Edições Afrontamento, 2024.

REEGEN, Jan. A ética em Plotino. In: *Ética e Metafísica*. Organização de

Emanuel Fragoso, João Emiliano Aquino e Marly Soares. Fortaleza: EdUECE, 2007.

REMES, Pauliina. Plotinus's Ethics of Desinterested Interest. *Journal of the History of Philosophy*, Volume 44, Number 1, January 2006, pp. 1-23.

RIST, John. 1971. The problem of "otherness" in the Enneads. In: *Le Néoplatonisme. Actes du colloque de Royaumont 9-13 juin 1969*. Paris: 77-88.

ROBERTSON, David. Talk, ethics and Politics in Plotinus. *Dionysius*, vol. XXVI, 2008, 61-72.

SILVA, Francisca Galiléia. A filosofia árabe medieval teria uma filosofia da religião ou para a religião? *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza v. 14 n. 1-2 p. 51-68, 2017.

SILVA, Robert. A felicidade no tratado I.4 de Plotino: breve conceituação em diálogo com peripatéticos, estoicos e epicuristas. *Polymatheia* (Online), v. 13, p. 170-183, 2020a.

SILVA, Robert. A homologia entre o pensamento do Intelecto e os Inteligíveis: a abordagem de Plotino no tratado V.3[49] e um diálogo possível com Empédocles de Agrigento. *KÍNESIS (MARÍLIA)*, v. 12, p. 248-260, 2020.

SILVA, Robert. A natureza complexa da cosmologia metafísica de Plotino: um elogio ao material e uma crítica ao materialismo. *Prometeus Filosofia*, n. 13 (36), 2020b.

SILVA, Robert. Plotino e o tema do homem como animal político. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 12, p. 220-234, 2021.

STAMATELLOS, Giannis. *Plotinus and the presocratics: a philosophical study influences in Plotinus Enneads*. Albany: State University of New York, 2007.

STAMATELLOS, Giannis. Plotinus' concept of matter in Giordano Bruno's *De la causa, principio et uno*. *British Journal For The History of Philosophy*, 2017, p. 1-14.

SZLEZÀK, Thomas. *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus:

Editus, 2003.

ULLMANN, Reinholdo. *Plotino: Um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DESCOBRIR O NORDESTE E VERIFICAR NELE O MEDITERRÂNEO: UMA INICIAÇÃO A AGOSTINHO DA SILVA

Bruno de Alves Borges¹

Pedro Mesquita de Carvalho²

O diálogo aqui republicado e vertido ao inglês pela primeira vez é um texto chave para a compreensão de vários aspectos tanto do campo dos estudos clássicos na América Latina quanto da própria formação da universidade latino-americana e, principalmente, brasileira. Não apenas pelos temas com os quais se ocupam à beira mar esses filólogos e humanistas, mas também por estarmos no acme da consciência espiritual representada pela criação da Universidade de Brasília (UnB), temos aqui um pouco da imagem da personalidade de Agostinho e suas criações poéticas. Temos aqui alguns caminhos possíveis para quem quer que se preste ao feliz encontro de conhecer George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), sua obra e sua herança oceânica. Como nos ensinou com primor o africanista Alberto da Costa Silva (1931-2023) com sua feliz expressão, nesse *rio chamado Atlântico*, em algum momento foi possível que um intelectual erguesse fisicamente a obra poética de Fernando Pessoa e manifestasse em sua própria obra algo como uma extensão da obra pessoana.

Nascido na cidade do Porto, Agostinho da Silva foi profundamente abalado pelos conflitos que atingiram sua cidade natal em 1927, ocasião em que a ditadura salazarista abafou uma revolta republicana com oito dias de bombas seguidas de prisões e exílio. Gestado pelo berço que foi a primeira Faculdade de Letras do Porto, e como todos dessa geração, mas de formas distintas, sob influência direta de Leonardo Coimbra (1883-1936), Agostinho se forma em Filologia Clássica. Com 23 anos doutora-se com uma tese denominada *O sentido histórico das civilizações clássicas*.

Nos anos de 1930, estuda na *Sorbonne*, no *Collège de France*, mas foi o movimento *Seara Nova* e a presença de António Sérgio³ que mais

¹ Doutorando (Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

² Mestrando (Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Email: pedromesquitacarvalho@gmail.com

³ António Sérgio (1883-1969) foi um educador português antifascista, além de sociólogo, historiador e político que viveu no exílio entre 1926 e 1933. Ele foi preso três vezes (1935, 1948 e 1958).

fundamente marcaram seu espírito crítico.⁴ É desse período uma intensa produção, que, mesmo vinculada a resultados de profundos anos de pesquisa e estudo em nível superior, buscava na organização popular a construção de instrumentos básicos de acesso a letramentos de vária natureza, do papel e do mundo. Um exemplo é quando já por volta de 1927 e 1928, no contexto seareiro, escreve uma carta aberta a eruditos que, assim como a *Teorética* aqui apresentada, demonstrava para com os “admiradores da *Eneida* e da *Arte Poética*, o descontentamento (...) com a situação dos estudos clássicos portugueses”, criticados desde esse tempo, com “a virulência e a explosividade da verve polêmica” que o animava.⁵ Quando olhamos hoje a prosa e a ironia crítica de Matheus-Maria Guadalupe, tendo em mãos essa carta (Silva, 1928), podemos perceber nitidamente o quão biográficas e, ao mesmo tempo, atuais, são as palavras que também hoje fazem *jus* a parte importante do campo dos estudos clássicos.

As *Folhas soltas de S. Bento* publicadas nos anos 1960 dialogam diretamente com outros cadernos e folhetos que eram distribuídos em Portugal para o compartilhamento de informações culturais ao povo pobre e afetado diretamente pelos horrores da ignorância e do Estado Novo. Das publicações deste momento destacam-se os cadernos de informação cultural *Iniciação* e *Antologia*, com introduções a grandes autores e uma apresentação a vários debates poéticos, históricos, ou mesmo mitos gregos e filosofia pré-socrática, ou alguma questão sobre a sociedade capitalista, a biografia de um grande autor, independentemente de nacionalidade ou área de estudo. Há quem ainda esteja vivo e tenha se educado na enorme universidade aberta que foram, para seu tempo, os escritos de Agostinho da Silva.

⁴ Para um exemplo de análise desse período, ver: Pinho, 2020.

⁵ Pinho, 2020: 616.

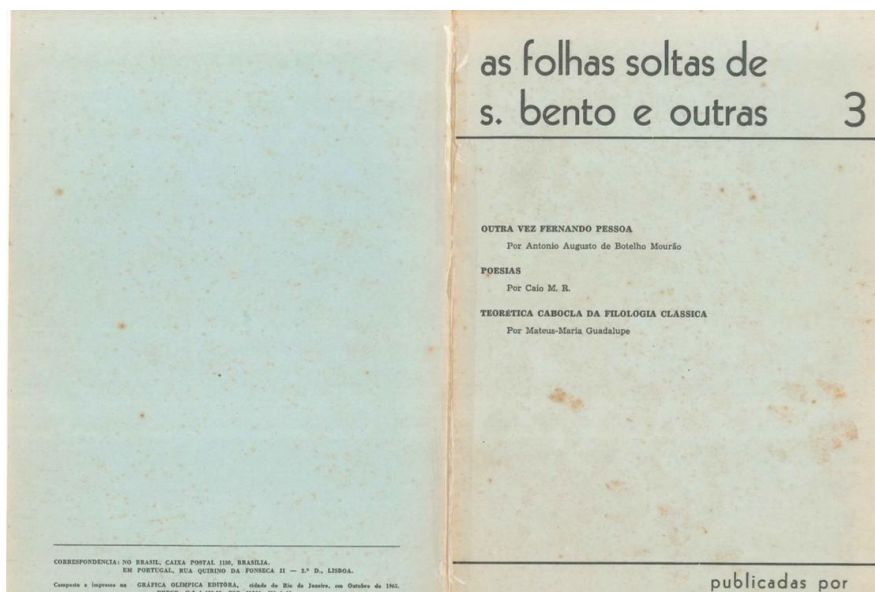


Imagem 1: capa do terceiro fascículo de *as folhas soltas de s. bento e outras*, que circulou em 300 cópias.

Por aquelas intervenções editadas com o mais cuidadoso esmero gráfico e filológico, mas também pelo caráter acessível de uma linguagem utilizada exatamente para afetar a hierarquização de raça, classe e gênero que assola o conhecimento consolidado pela tradição, Agostinho da Silva passaria a sofrer censura e os ataques do arbítrio.

Em 14 de setembro de 1936, o Decreto-Lei nº 27:003 obrigaria funcionários públicos portugueses a assinar declarações de não participação em nenhum tipo de associação ou sociedade *subversiva ou secreta*. O que se costuma contar é que Agostinho não fazia parte de nenhuma. Mesmo assim, firme no propósito de poder ingressar em tal espaço se, no futuro, assim o quisesse, exila-se no Brasil e aqui viverá por largos 22 anos (de 1947 a 1969).

(...) se eu no Brasil, me tivessem obrigado a escolher doutores para fazer a Universidade da Paraíba, a Universidade de Santa Catarina, a Universidade de Brasília, e outros institutos e outras universidades, eu não tinha feito nada. Entrou quem havia, entrou o que havia, e deram todos muito bom trabalho porque lá se desenvolveram.

Agostinho da Silva

Chegando ao Brasil entre 1944 e 1945, e depois de um tempo no Uruguai e na Argentina (de 1945 a 1947),⁶ se instala em Itatiaia, Rio de Janeiro.

⁶ Para a compreensão da obra no contexto latino-americano, para além do Brasil, como também para contextualização de afirmações acerca da singularidade mourisca e beduína de Agostinho da Silva, ver: Pinho, 2009.

Durante tal período, vale lembrar, com base em documentação disponível na Cátedra Agostinho da Silva de Estudos Humanísticos alocada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU):⁷

Agostinho lecionou na Faculdade Fluminense de Filosofia (embrião da Universidade Federal Fluminense), na Universidade do Recife (futura Universidade Federal de Pernambuco), na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal da Bahia; trabalhou com Jaime Cortesão no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores e na Biblioteca Nacional, e ainda esteve entre os professores fundadores da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade de Brasília – nesta última instituindo o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Na UFBA, criou e dirigiu o Centro de Estudos Afro-Orientais, ainda hoje em atividade. Colaborou com a Editora Globo de Porto Alegre, traduzindo autores clássicos como Plauto, Terêncio e Lucrécio. Trabalhou como articulista no jornal *O Estado de S. Paulo*. Entre muitos outros escritos, concebeu no Brasil três novelas e ensaios como *Um Fernando Pessoa* e *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*. Foi assessor de política externa do presidente Jânio Quadros com relação à África, auxiliando-o, por meio do Centro de Estudos Afro-Orientais, na instituição do ensino de língua portuguesa em universidades do Senegal, da Nigéria, do Gana e do Zaire, e igualmente na Universidade Sofia, de Tóquio. Atuou também como diretor de cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina. O filósofo foi professor convidado da pós-graduação da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY), além de conferencista na Universidade Harvard e na Universidade da Califórnia. A convite da Unesco e com apoio do Itamaraty, palestrou em universidades do Japão, de Macau e do Timor.

Apesar da completa descrição acima, alguns episódios não de ser destacados nessa pequena contribuição que apresentamos. Uma delas foi quando entre diversos intelectuais um sobrado que pertencia a finlandeses foi alugado para um convívio coletivo, algo como uma comunidade que Dora Ferreira da Silva costumava dizer ter sido uma antecipação dos hippies. Nessa casa, como um núcleo cultural de difusão de arte, criação, pensamento e ação, Agostinho vivenciou tudo aquilo poderia vivenciar quem manteve ali diálogos com Jayme e Judith Cortesão, Vicente e Dora Ferreira da Silva, Murilo Mendes, Oswaldo de Andrade, Djanira, Portinari, Milton Vargas, entre outros frequentadores e partícipes desse projeto de vivência coletiva. As revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*, por exemplo, instrumentos poéticos utilizados por alguns integrantes desse grupo paulista, e tão bem trabalhadas editorialmente quanto os folhetos que outrora distribuía pelas ruas da cidade do Porto, tiveram em Agostinho da Silva uma grande influência e colaboração.

⁷ Texto disponível em <http://www.catedraagostinho.propp.ufu.br/sobre-agostinho-da-silva>, acesso em 28 de outubro de 2024.

Figura imprescindível para a história da origem da Universidade Federal da Paraíba, na virada de 1952 para 1953, deixa naquela cidade nordestina um trabalho que seria muito bem definido hoje como um dos primeiros exemplos de *extensão universitária*, promovendo encontros entre estudantes e o interior do Estado para, entre outras coisas do espírito, enfrentar a dureza da seca. Utilizando-se da influência do governador José Américo de Sousa, contribui para os primeiros traços da Faculdade de Filosofia e, além de um nascente curso de Medicina, intensa movimentação cultural seria deflagrada mediante tais experiências, sendo nesse momento que se criou pela primeira vez ali um Departamento de Cultura Popular.

Após a Paraíba, a experiência do IV Centenário de São Paulo. Trazendo ao Brasil a *Carta de Pero Vaz Caminha* mediante um salvo conduto diplomático compartilhado com Jaime Cortesão, ficou demonstrado ali que nós, até quanto às nossas fontes primárias, ainda éramos espoliados pelo monopólio português de documentos herdados pela metrópole.

Muito provavelmente sufocado pelo ambiente germanófilo e heideggeriano de algumas referências do *grupo de São Paulo*, bem como condicionado a viver no único terreno fértil para toda lavra, a liberdade, nem pensa Agostinho da Silva em se envolver com as disputas pela Universidade de São Paulo (USP) ou com a milícia intelectual que foi o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF).⁸ O que Agostinho da Silva queria, e melhor sabia fazer, era criar.

Arrasta então Agostinho o já célebre helenista Eudoro de Sousa e se dedica a fundar a Universidade de Santa Catarina (UFSC). Ainda que como professor de Língua e Literatura portuguesas, e anunciando a *perspectiva de centros* que seria sua marca, organiza junto com Eudoro de Sousa parte importante dos cursos de História, Filosofia e Letras daquela universidade.⁹ Dali saíam acusados de comunistas, acusação que, se na biografia de Agostinho não era novidade, já que desde sempre fora açoitado pelo poder, para Eudoro de Sousa certamente significou profunda ruptura com o *eixo* ao qual este último esteve vinculado por intermédio de Álvaro Ribeiro e Delfim Santos.¹⁰

⁸ Ver: Gonçalves, 2016.

⁹ Em Carminati e Fasolo (2019), encontramos as ementas dos cursos dados por Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva, apontando o notável protagonismo de ambos os intelectuais.

¹⁰ Como se lê em Neckel e Küchler (2010: 157), ambos os filólogos “eram tidos como comunistas” e representavam àquela altura, às vésperas dos conflitos que se agravariam com a renúncia de Jânio Quadros, um “casulo” de esquerda.

A importância de doravante (ainda que em São Paulo eles certamente tenham se encontrado) falar de Agostinho da Silva *com Eudoro de Sousa* fica clara pela própria conversação aqui apresentada à leitura, como se não bastasse a própria menção a Eudoro em certo momento do diálogo.

Em 1959, a mais exuberante autonomia e criação seriam possíveis por intermédio do Reitor Edgard Santos e do momento que ficou reconhecido como um tipo de *renascença baiana*. Mais uma vez pela Faculdade de Filosofia, onde foram alunos Caetano Veloso e Maria Betânia, nas experiências com uma geração do teatro que contava com figuras como Glauber Rocha, Agostinho da Silva cria na Universidade Federal da Bahia (UFBA) o primeiro centro de estudos africanos da América Latina. O *centro*, que viria por parceria da UNESCO a agregar o que se entendia por “oriente”, passou a se chamar Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). É nesse momento que Ordep Serra e seu irmão Olímpio, mas também vários outros nordestinos que viriam para a UnB,¹¹ em contato com Agostinho da Silva, sabem da notícia da criação liderada por Darcy Ribeiro.

Para que se tenha apenas um exemplo da força da experiência baiana, foi ali que se inaugurou na história do ensino superior brasileiro salas de aula de uma universidade pública frequentadas por filhos e mães de santo dispostos a aprender a língua Yorubá e outras línguas africanas enquanto, mais uma vez, por meio de arquivos e documentos se estudava (e se entendia, talvez também de maneira inaugural) o Recôncavo Baiano como um centro cultural do qual Salvador era satélite, e não o contrário. A ditadura viria a sabotar o sonho de se criar em Cachoeira um centro de estudos à altura da Boa Morte.

Dali em diante viria Brasília, Darcy Ribeiro, toda a *utopia* que foi criar a Universidade de uma cidade planejada e o ter que ver tal sonho, em plena materialização, ser desmontado pelas botas da ditadura militar. *As folhas soltas de s. bento e outras* são um conjunto de textos escritos exatamente dessa época, quando o sonho da UnB já estava sendo atacado pelas “reformas universitárias” gestadas pelos generais que assumiram as universidades. Agostinho dois anos antes (1963) tinha ido a Macau, na China, para firmar acordos institucionais entre a nova universidade do Planalto Central Brasileiro e aquele longínquo país afetado pelas Navegações e suas vicissitudes.

Fazendo penetrar no Itamaraty a importância do contato com países africanos de língua portuguesa, vêm de Agostinho da Silva as primeiras

¹¹ Os irmãos Bastos (Hermenegildo, Rafael e Fernando), Suetônio Valença, Jair Gramacho, Emanuel Araújo, entre outros, são alguns dos nomes que, vindo do nordeste brasileiro, aterraram em Brasília para criar com Agostinho e Eudoro a UnB.

iniciativas concretamente dadas pelo governo brasileiro para abrir embaixadas e, sobretudo, manter relações em uma política internacional que ainda hoje dura.

A *normalização* da UnB seria um tiro de misericórdia para Agostinho da Silva. Após o 1º de abril de 1964, e cada vez mais a se afastar da universidade brasileira, após se tornar insustentável qualquer tipo de obra ou articulação tal qual a experiência de Brasília, onde o Centro de Estudos Clássicos e o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses foram responsáveis por uma das mais frutíferas gerações intelectuais do século XX, Agostinho retorna à península ibérica.

Entre os heterônimos criados por sua pessoana poética, é Matheus-Maria Guadalupe marcado neste texto pela experiência tanto da UnB, como do debate e prestígio que este *campus* viria a ter no mundo. Travestido de Matheus-Maria Guadalupe, Agostinho da Silva nos daria primorosa análise dos momentos críticos da intelectualidade latino-americana no pós II guerra, em obras como *Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe* (SILVA, 2002).

Pessoalmente Guadalupe é também latinista e medievalista, como Agostinho. Daí a facilidade de conexão com o debate existente entre a personagem J.J. e Agostinho ele próprio, que também está presente na beira-mar da Bahia. Guadalupe é múltiplo: taxônomo, estrategista, colecionador e pesquisador, entomologista, além de editor entusiasta, sempre ocupado e trabalhando.

Fruto da mais sensível e pessoana heteronímia, Agostinho da Silva coloca na boca de G.B.M. a apresentação mais apropriada que poderia ter *Teorética Cabocla da Filologia Clássica*. Matheus-Maria Guadalupe é um estudioso da cultura antiga sempre ocupado não apenas com suas traduções medievais, mas em assuntos diversos. Um endiabrado *workaholic*. Estamos aqui diante de um intelectual cujo legado além da mencionada extensão atlântica da obra de Fernando Pessoa, foi capaz de unir o particular e o universal de maneira única como neste diálogo que revisita a história da filologia nas areias de Itapoã, mas ao mesmo tempo discute para que serve tudo aquilo, todo aquele saber, todas aquelas citações e estudos e periódicos de Heidelberg, de Oxford, esforço hercúleo de gente que sabe tudo menos ser inventivo, que sabe línguas várias das mais esquecidas e ainda assim é “incapaz de dizer algo em sua própria língua”.

Que as provocações e críticas desses *três demônios* sejam levadas a sério. Especialmente hoje, quando se pensa nas ideias que poderiam ter sido e não foram na história do nosso campo, seja pelas nossas próprias falhas,

seja pelas interrupções havidas com o regime de exceção. E quando for chegada a hora de, enfim, reconsiderarmos de forma radical o nosso lugar dentro do concerto geral do pensamento dos estudos clássicos, que possamos com Guadalupe lembrar que jamais os Deuses poderão ter mais consideração pelos doutos germanos do Báltico do que pelos *dreadlocks* de Canoa Quebrada.

Referências

CARMINATI, Celso João; FASOLO, Camila Porto (org.). *Gênese e constituição da Faculdade Catarinense de Filosofia: Relatórios de reconhecimento, programas e professores dos cursos de Filosofia, Geografia, História e Letras*. Florianópolis, Insular, 2019.

GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás, 2016.

NECKEL, R.; KÜCHLER, A. D. C. *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010.

PINHO, Amon. Agostinho da Silva e a Ibéria no espelho da Ibero-América: De *los noventayochistas* a Francisco Romero e de Alfonso Castelao a Leopoldo Zea, novos rumos de pensamento. In: *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000) – Actas do I Congresso Internacional*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009: 429-480.

PINHO, Amon. Agostinho da Silva, de engajado filólogo a humanista militante e crítico: itinerário seareiro em tempos de formação do Salazarismo (1928-1933). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 34, n. 71, maio./ago. 2020: 611-683.

SILVA, Agostinho da. Carta aos velhos latinistas. *Seara Nova*, Lisboa, n. 133, 18 out. 1928: 246-247.

SILVA, Agostinho da. Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe. In: *Estudos e Obras Literárias*. Lisboa: Âncora, 2002.

TO DISCOVER NORDESTE AND FIND THE MEDITERRANEAN IN IT: AN INITIATION TO AGOSTINHO DA SILVA¹

Bruno de Alves Borges²

Pedro Mesquita de Carvalho³

The dialogue translated into English here for the first time is a key text to understanding the various aspects of both the field of classical studies in Latin America and the formation of the Latin American university, especially in Brazil. Not only for the themes these philologists and humanists ponder by the sea, but also because we are at the peak of the spiritual consciousness represented by the creation of the University of Brasília (UnB), finding here glimpses of Agostinho's personality and his poetic creations. We also see possible paths for anyone who is interested in the rewarding journey of uncovering George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), his work, and his oceanic legacy. As taught masterfully by Africanist Alberto da Costa e Silva (1931-2023) through his eloquent expression, in this river called the Atlantic, at a certain point it was possible for an intellectual to physically raise Fernando Pessoa's poetic production and reflect in his own writings something like an extension of Pessoa's work.

Born in the city of Porto, Agostinho da Silva was profoundly affected by the conflicts that struck his hometown in 1927, when the Salazarist dictatorship suppressed a republican uprising with eight days of bombings, followed by arrests and exile. Nurtured by the first University of Arts in Porto and, like everyone of that generation but in distinct ways, directly influenced by Leonardo Coimbra (1883-1936), Agostinho graduated in Classical Philology. At 23, he earned his doctorate with a thesis titled *O sentido histórico das civilizações clássicas*.

¹ This text was translated by the visual artist and curator Nina Coimbra, with editing by Éric Santos, a Master's student in Linguistics at the Federal University of São Carlos (PPGL-UFSCar).

² Phd Student (Metaphysics) – University of Brasília, Brasília, Brazil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

³ Bachelor's degree in History – University of Brasília, Brasília, Brazil. Email: pedromesquitacarvalho@gmail.com

In the 1930s, he studied at the *Sorbonne* and the *Collège de France*, but it was the *Seara Nova* movement and the presence of António Sérgio⁴ that most profoundly shaped his critical spirit.⁵ From this period comes an intense body of work that, while rooted in years of advanced research and study, aimed to establish popular organizational tools to provide access to various forms of literacy—both in terms of texts and worldviews. An example of this is when around 1927 and 1928, within the context of *Seara*, Agostinho wrote an open letter to scholars which, much like the *Teorética* presented here, expressed his discontent toward the “admirers of the *Aeneid* and the *Art of Poetry*” regarding “the state of Portuguese classical studies.” This critique, marked by “the virulence and explosive wit of his polemic” even then, is vivid in its passionate tone.⁶ Looking today at the prose and critical irony of Matheus-Maria Guadalupe, while holding this letter (Silva, 1928), we can clearly see how biographical and yet strikingly current these words are, still relevant to an important part of classical studies today.

As folhas soltas de s. bento, published in the 1960s directly engages with other booklets and pamphlets that were distributed in Portugal to share cultural information with the impoverished population directly impacted by the horrors of ignorance and the Estado Novo regime. Among the notable publications from this period are the cultural information booklets *Iniciação* and *Antologia*, which provided introductions to great authors and presented a variety of debates on poetry, history, Greek myths, pre-Socratic philosophy, or issues surrounding capitalist society, along with biographies of major authors, regardless of nationality or field of study. Some who were educated through Agostinho da Silva’s writings—an immense open university for their time—are still alive today.

⁴ António Sérgio (1883-1969) was a Portuguese antifascist educator, sociologist, historian, and politician who lived in exile from 1926 to 1933 and was imprisoned three times (1935, 1948, and 1958).

⁵ For an example of analysis on this period, see Pinho, 2020.

⁶ Pinho, 2020: 616.

available at the Agostinho da Silva Chair of Humanistic Studies housed at the Federal University of Uberlândia (UFU):⁸

Agostinho taught at the Fluminense Faculty of Philosophy (the precursor to the Fluminense Federal University), at the University of Recife (future Federal University of Pernambuco), at the Federal University of Minas Gerais, and at the Federal University of Bahia. He worked with Jaime Cortesão at the Rio Branco Institute of the Ministry of Foreign Affairs and at the National Library, and was among the founding professors of the Federal University of Santa Catarina, the Federal University of Goiás, the Federal University of Paraíba, and the University of Brasília, where he established the Brazilian Center for Portuguese Studies. At UFBA, he created and directed the Center for Afro-Oriental Studies, which remains active today. He collaborated with Editora Globo of Porto Alegre, translating classical authors such as Plautus, Terence, and Lucretius. He also worked as a columnist for the newspaper *O Estado de S. Paulo*. Among many other writings, he produced three novels in Brazil and essays such as *Um Fernando Pessoa* and *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*. He was a foreign policy advisor to President Jânio Quadros regarding Africa, assisting him, through the Center for Afro-Oriental Studies, in establishing Portuguese language teaching in universities in Senegal, Nigeria, Ghana, and Zaire, as well as at Sophia University in Tokyo. He also served as the director of culture for the Department of Education and Culture of the State of Santa Catarina. The philosopher was an invited professor for postgraduate studies at the City University of New York (CUNY) and a lecturer at Harvard University and the University of California. At the invitation of UNESCO, with support from Itamaraty, he gave lectures at universities in Japan, Macau, and Timor.

Despite the complete description above, some episodes should be highlighted in this brief contribution we present. One of them was when, among various intellectuals, a townhouse owned by Finns was rented for collective living – something like a community that Dora Ferreira da Silva often said was a precursor to the hippie movement. In this house, which functioned as a cultural hub for the dissemination of art, creation, thought, and action, Agostinho experienced all that one could in such an environment, engaging in dialogues with Jaime and Judith Cortesão, Vicente and Dora Ferreira da Silva, Murilo Mendes, Oswaldo de Andrade, Djanira, Portinari, Milton Vargas, and other participants in this collective living project. The magazines *Diálogo* and *Cavalo Azul*, for instance, poetic tools used by some members of this São Paulo group and as well-crafted editorially as the pamphlets he once distributed through the streets of Porto, were greatly influenced and enriched by Agostinho da Silva's collaboration.

A crucial figure in the history of the founding of the Federal University of Paraíba, at the turn of 1952 to 1953, what da Silva left in that northeastern

⁸ Text available at em <http://www.catedraagostinho.propp.ufu.br/sobre-agostinho-da-silva>, accessed on october, 28, 2024.

city is a work that would be well-defined today as one of the earliest examples of *university extension*, bringing students into deep connection with the state's countryside to, among other pursuits of the spirit, confront the harshness of drought. Leveraging the influence of Governor José Américo de Sousa, he contributed to the initial framework of the University of Philosophy and, alongside an emerging medical program, intense cultural activity was sparked through these experiences. It was in this moment that a Department of Popular Culture was created for the first time.

After Paraíba, there was the experience of São Paulo's Fourth Centennial. By bringing *Carta de Pero Vaz Caminha* to Brazil under a diplomatic safe-conduct shared with Jaime Cortesão, it became clear that we were still being deprived—even with regard to our primary sources—by the Portuguese monopoly over documents inherited by the metropolis

Very likely feeling stifled by the Germanophilic and Heideggerian environment of certain references in the *grupo de São Paulo*, and compelled to live solely on the fertile ground essential to all creation—freedom—Agostinho da Silva had no intention of getting involved with the disputes at the University of São Paulo (USP) or with the intellectual militia that was the Brazilian Institute of Philosophy (IBF).⁹ What Agostinho da Silva wanted and knew best was to create.

Agostinho then brought along the already renowned Hellenist Eudoro de Sousa and dedicated himself to founding the University of Santa Catarina (UFSC). Although serving as a professor of Portuguese Language and Literature, and introducing *the concept of centers* that would become his hallmark, he organized, along with Eudoro de Sousa, significant portions of the History, Philosophy, and Literature courses at that university.¹⁰ They would later leave amid accusations of communism. Such accusations, though not new in Agostinho's life—he had always been pursued by those in power—certainly represented a profound break for Eudoro de Sousa with the *axis* to which he had been connected through Álvaro Ribeiro and Delfim Santos.¹¹

The importance of henceforth discussing Agostinho da Silva *alongside* Eudoro de Sousa (even though they may well have met in São Paulo) is

⁹ See: Gonçalves, 2016.

¹⁰ See: Carminati, Fasolo, 2019.

¹¹ As seen in Neckel and Küchler (2010: 157), where it is noted that both philologists “were regarded as communists” and, at that time, on the eve of conflicts that would intensify with Jânio Quadros's resignation, represented a leftist “cocoon.”

evident from the conversation presented here, as if the mention of Eudoro in a particular part of the dialogue were not enough.

In 1959, the most exuberant autonomy and creativity would be possible through Rector Edgard Santos, marking a period recognized as a type of *Bahian Renaissance*. Once again, through the University of Philosophy, where Caetano Veloso and Maria Bethânia were students, and within the experiences of a generation in theater that included figures like Glauber Rocha, Agostinho da Silva established the first center for African studies in Latin America at the Federal University of Bahia (UFBA). This *center*, which through a partnership with UNESCO would come to encompass what was understood as the “Orient,” was renamed the Center for Afro-Oriental Studies (CEAO). It was at this time that Ordep Serra and his brother Olímpio, along with many other Northeasterners who would later go to UnB¹², heard from Agostinho da Silva about Darcy Ribeiro’s new initiative.

To illustrate the impact of the Bahian experience, it was there that for the first time in the history of higher education, the classrooms of a public university were attended by *filhos* and *mães de santo* eager to learn Yoruba and other African languages, while, once again, through archives and documents, the Recôncavo Baiano was studied – and perhaps for the first time understood – as a cultural center with Salvador as its satellite, not the other way around. The dictatorship would later sabotage the dream of establishing a research center in Cachoeira that could revere the importance of Boa Morte.

Then came Brasília, Darcy Ribeiro, and all the *utopia* that went into creating the university of a planned city – only to see this dream, amid its realization, dismantled by the military dictatorship’s boots. *As folhas soltas de s. bento* and other works comprise a collection of texts written precisely in this period, when the dream of UnB was already under attack by “university reforms” engineered by the generals who took over the universities. Two years earlier (1963), Agostinho had traveled to Macau, China, to establish institutional agreements between that new university in Brazil’s Central Plateau and that distant country shaped by the legacy of Portuguese navigation and its vicissitudes.

By emphasizing within Itamaraty the importance of engaging with African countries, particularly Portuguese-speaking ones, it is Agostinho da Silva

¹² The Bastos brothers (Hermenegildo, Rafael, and Fernando), Suetônio Valença, Jair Gramacho, Emanuel Araújo, among others, were some of the names who, coming from the Brazilian Northeast, arrived in Brasília to help Agostinho and Eudoro establish the University of Brasília (UnB).

who onsets the first concrete initiatives made by the Brazilian government to open embassies and, above all, to establish relations through an international policy that endures to this day.

The *normalization* of UnB would deal a final blow to Agostinho da Silva. After April 1, 1964, as he grew increasingly distant from Brazilian universities, any type of work or endeavor like the Brasília experience became unsustainable. In Brasília, the Center for Classical Studies and the Brazilian Center for Portuguese Studies had fostered one of the most intellectually fruitful generations of the 20th century, and Agostinho ultimately returned to the Iberian Peninsula.

Among the heteronyms created through his Pessoa-inspired poetics, it is Matheus-Maria Guadalupe accentuated in this text by his experience at UnB and by the debate and prestige this campus would come to have worldwide. Disguised as Matheus-Maria Guadalupe, Agostinho da Silva would provide a masterful analysis of critical moments in Latin American intellectualism in the post-World War II era through works such as *Lembranças Sul-Americanas de Mateus-Maria Guadalupe*¹³.

Guadalupe, as Agostinho, is a Latinist and medievalist, making it easy for him to connect with the dialogue between the character J.J. and Agostinho himself, who also appears on Bahia's seashore. Guadalupe is multifaceted: taxonomist, strategist, collector, researcher, entomologist, and a passionate editor, always busy and working.

Fruit of Agostinho da Silva's most sensitive, Pessoa-inspired heteronymy, G.B.M. presents the most fitting introduction to Caboclan Theoretics of Classical Philology. Matheus-Maria Guadalupe is a scholar of ancient culture, preoccupied not only with medieval translations but with a range of subjects. A tireless workaholic. Here we have an intellectual whose legacy—beyond the Atlantic extension of Fernando Pessoa's work—is uniquely able to unite the particular and the universal, as in this dialogue revisiting the history of philosophy on the sands of Itapoã, while simultaneously questioning the purpose of all this knowledge, all these studies, journals from Heidelberg and Oxford—the Herculean effort of people who know everything except how to be inventive, who speak many of the most forgotten languages and yet “incapable of saying anything in their own language.”

The provocations and critiques of these three “demons” should be taken seriously. Especially today, when considering ideas that could have been

¹³ SILVA, Agostinho da. *Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe*. In: *Estudos e Obras Literárias*. Lisboa: Âncora, 2002.

and never were within our field's history, whether due to our own failings or the disruptions under the authoritarian regime. And when finally the time comes for us to radically reconsider our place within the broader field of classical studies, may we remember with Guadalupe that the gods could never have regarded the German Scholars of the Baltic with more esteem than the dreadlocks of Canoa Quebrada.

Bibliographic references

CARMINATI, Celso João; FASOLO, Camila Porto (org.). *Gênese e constituição da Faculdade Catarinense de Filosofia: Relatórios de reconhecimento, programas e professores dos cursos de Filosofia, Geografia, História e Letras*. Florianópolis, Insular, 2019.

GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás, 2016.

NECKEL, R.; KÜCHLER, A. D. C. *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010.

PINHO, Amon. Agostinho da Silva e a Ibéria no espelho da Ibero-América: De *los noventayochistas* a Francisco Romero e de Alfonso Castela a Leopoldo Zea, novos rumos de pensamento. In: *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000) – Actas do I Congresso Internacional*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009: 429-480.

PINHO, Amon. Agostinho da Silva, de engajado filólogo a humanista militante e crítico: itinerário seareiro em tempos de formação do Salazarismo (1928-1933). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 34, n. 71, maio./ago. 2020: 611-683.

SILVA, Agostinho da. Carta aos velhos latinistas. *Seara Nova*, Lisboa, n. 133, 18 out. 1928: 246-247.

SILVA, Agostinho da. Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe. In: *Estudos e Obras Literárias*. Lisboa: Âncora, 2002.

TEORÉTICA CABOCLA DA FILOLOGIA CLÁSSICA

Mateus-Maria Guadalupe

Parece que, sob o flagelo dêsses dois demônios, talvez só no sentido grego, que são o J. J. e o Agostinho, me estou arriscando a entrar num gênero de lembranças algum tanto diferente daquele que até agora me tem cabido e que alguns leitores, correntemente assíduos e, além disso, fiéis, têm considerado, com muita bondade, como de algum interesse. Se, pelo que já está escrito ou publicado, poderia continuar a afirmar-se que as minhas memórias são afinal o registo não pròpriamente do que se passou comigo, pois me figuro como que imune a acontecimentos, mas do que sucedeu com pessoas às quais muito simplesmente estive presente, nesta esquina de história, que afinal do mundo é, talvez se me abra outro caminho, o de estar assistindo não tanto a gente como a idéias. Parafraseando um dito meu já envelhecido, escreveria agora que não estou passando na vida de gente, estou passando nas idéias de gente.

Isto de certo me aparenta a Platão, se é que o seu gênio dramático, ainda não estragado ou desviado, vamos ser estritamente científicos, pela política, não inventou tudo, inclusive a si próprio. Então o que eu deveria fazer, já se sabe que dentro das minhas possibilidades, que poderão ser muitas mas não incluem nunca a de fingir, seria, como o Grego, de ir tramando meus diálogos, numa representação, o mais segura que me fôsse dado, da verdade, e pôr aqui o que foram dizendo os dois, nessa manhã de Itapoã. Num ponto, porém, seria diferente dos primeiros diálogos platônicos, os quais, segundo os eruditos, a que ousou juntar minha observação pessoal que os confirma, nunca chegam a nenhuma espécie de conclusão, ou porque o pensador as não tinha ainda, ou porque era nisto fiel a seu Mestre, o qual achava que filosofia consistia em perguntar, não em responder; nos meus diálogos dos dois Amigos haveria uma coisa muito mais interessante: a de a conclusão estar no princípio. Creio mesmo que tudo assim se passa: o que lhes aparece primeiro é a conclusão; depois vão apresentando com muita lógica os argumentos que a provam e, como acontece na maior parte das vêzes que a conclusão com que principiam é a mesma, o dialogar entre eles é apenas, não o tecer de um pano, mas o seu examinar ao microscópio, o que me diverte muito por causa das minhas entomologias; não fazem mais do que desenrolar tecido; mas gostam muito de dar a impressão de que estão tecendo, o que suponho os tem feito classificar por muita gente como perfeitos tipos de racionalista. E bom problema filosófico seria êste de saber se não vão todos os racionalistas

pelo mesmo caminho, e se não são afinal os outros, os intuitivos ou místicos ou o que se lhes queira chamar aqueles que efetivamente se mantêm perante o real com humildade, discreção e bom tempo de espera.

Já me estou, porém, como é meu desastrado hábito, metendo pelo que não sei, ou só de ouvido conheço. Para voltar ao firme terreno que é digno de meus caminheiros pés de cientista, direi que a conversa se passou logo adiante dos barzinhos de Itapoã, num trecho de praia em que os coqueiros avançam até o mar, o qual é aí singularmente represado, verde e cinza, com uma ondulação já quebrada na linha dos recifes e chapina na primeira areia branca e fina com uma doçura de pequeno lago ou aquela rítmica ruga com que, no protegido da margem, marcam sua ainda vida mansos regatos de plaino. Lugar para que se estenda quem sente alguma fadiga do mundo e só fique, seguro de que não passará quase ninguém, pois todo o movimento se faz pela estrada atrás dos coqueirais, olhando, ou aquele familiar e humilde limite de terra e água, ou aquele mais longe, que nunca é, de céu e mar.

Aí, pois, nos pareceu que era bom pôrto para lançar ferro. Os dois, que são filósofos, se acomodaram logo de qualquer modo na maciez da areia, pouco se importando com o trabalho que lhes daria depois escovarem-se para voltarem à cidade, se é que tencionavam escovar-se. Eu, sempre prudente, e homem de sorte, me sentei em osso de baleia, que classifiquei como devia, embora se não tratasse de homóptero, como logo me notou J. J.: fragmento da mandíbula inferior direita.

Assim sendo, e por não vir nada a propósito, disse um dos dois que a filologia clássica em Portugal não valia nada. Ousei contestar, lembrei obras e nomes, prudentemente calando o Viale, que lhes seria logo vítima e de cujo sangue cobririam o campo adverso. Mas de qualquer modo lhes disse que havia em Portugal quem estivesse perfeitamente a par da bibliografia estrangeira sobre o assunto, quem escrevesse trabalho que poderia sem travas correr em Oxford ou Heidelberg e ainda por cima, o que me parece, a mim leigo, o último limite das forças humanas, quem pudesse escrever num latim que, pelo que me é dado entender, é excelente e até num grego que de certo poderá ser da mesma alta qualidade. Pois sabeis o que aconteceu? Desdenharam os dois. Disseram que escrever grego e latim, hoje, é um entretenimento de quem não tem nada que dizer em sua própria língua, um matar de tempo de sobreviventes das Academias do século XVII, um artifício que vive de imitações e que, além de tudo, escrever, e até falar, que ainda é mais proeza, grego ou latim era corrente para os imbecis que Sócrates confunde nos diálogos, Aristófanos, para lhe citar adversário, ridiculariza nas comédias, Plauto corre a pontapé

por suas farsas e acabam, num riso que até produz melancolia, porquanto anunciava o fim de tudo, no *Satíricon* de Petrônio, se é de Petrônio, de outro qualquer, se é de outro qualquer.

Enterrados assim os humanistas de escrever e falar, nem levantei a voz para um defender de estudos ou de críticas, porque o J. J. limpou com um revés de mão os riscos que traçara na areia, riscos sempre retos, como quem é, e sentenciou:

— Nada vale nada. E no Brasil o que se passa é o mesmo. Aparece um ou outro que efetivamente não ficaria mal numa Universidade da América ou da Itália ou de qualquer outra dessas coisas, mas o que produz é nada, perde na corrente do que se faz lá fora; soa estrangeiro, vocês sabem? E a respeito de escola coisa nenhuma; nunca tem discípulos, nunca ninguém o continua. O que nasceu com êle morre com êle.

— Então o que se tem de concluir — aventei eu, — é que a nossa gente não tem jeito para a filologia clássica e não se fala mais nisso.

— A nossa gente tem jeito para tudo. O que se deu foi que a filologia clássica se inventou e desenvolveu em países que não têm nada que ver com Portugal ou o Brasil, que vão por caminhos inteiramente diferentes; o que da invenção dêles entrou para êstes lados tem tanto que ver com a realidade profunda dos países e dos povos, os nossos, claro, como o absolutismo real ou o parlamentarismo, como o idealismo ou o materialismo, como o capitalismo ou o socialismo. Tôdas essas idéias são dêles, só dêles, e com êles deveriam ter ficado. O nosso fundo de pensamento e a nossa verdadeira forma de proceder não têm nada que ver com isso. Somos outros e é êsse ser outros que ainda não entrou nem na nossa educação, nem na nossa vida, nem até, o que é muito mais grave, nos nossos ideais. Conquistaram-nos, ocuparam-nos uma vez e nunca mais nos libertámos. E, no momento em que tôda essa gente se arrasta pela decadência e entra cada vez mais por caminhos que não terão saída alguma, nós não encontramos ainda fôrças para nos libertarmos. A nossa filologia não é nossa, é dêles; como é a dêles a nossa economia, como é a dêles a nossa política ou a nossa escola. Tudo estrangeiro, tudo roupa feita, tudo à medida dêles, não à nossa.

J. J. estêve logo de acôrdo, pois já estava de acôrdo. Até ganhou ânimo para fazer novos riscos na areia, mas quando perde êle o ânimo? E ficou fazendo seus riscos enquanto Agostinho falava da filologia pelas Europas, já que a da América lhe parece apenas pura continuação do que se fêz de Inglaterra à Itália. Para começar pela primeira, para começar eu, que talvez êle, na

conversa, tivesse ido logo a seu mais dileto adversário, a douta Alemanha, asseverou que os ingleses nunca viram na filologia clássica mais do que o terreno de eleição para um jogo de inteligência, de crítica, de pedantismo, de ironia e de segurança; limitado pela derrocada do mundo antigo a um estado de antologia, selecionado pelos milhares de eruditos que o têm percorrido em todos os sentidos, enriquecido pelas interpretações de um mundo que não ficou parado no domínio da especulação e da criação, o campo da antiguidade clássica permite aos ingleses algumas das atividades que mais amam: o encostar-se à realidade, documentando o mais possível, fugindo o mais possível de qualquer teoria; o poder apresentar comportamentos novos à sombra da mais intocável antiguidade; o encontrar nos clássicos segura casca de proteção para a sua real timidez; algum sol de Mediterrâneo e alguma confortadora genealogia de palavras.

— E até — concedeu êle — alguma indefinida consciência de que foram mediterrânicos, pelo menos no megalítico, e algum remorso disfarçado em ironia e indiferença de terem ido para o lado da Europa, em lugar de terem ficado aliados fiéis de quem primeiro lançou uma frente contínua sobre mar; assim já como um cais de partida para a futura unidade do mundo.

De Inglaterra, se não passou êle, passarei eu à Alemanha, que me apetecia ver logo o que faria dos doutos filólogos germânicos, ali estendido naquelas areias, mas sempre de paletó e gravata, e tendo jeito de lembrar, por uma comparação de ondas e nuvens, que já estivera nas Fidji. Coisas de neófito: se tivera calcurriado tanto como eu, lembraria menos nomes de terras, e as acharia bastante iguais, pois não é o simples deslocar-se que nos torna diferentes do que somos. Revertendo, porém, como diria o Bruno, destruiu a filologia alemã; não concedeu que sábio algum, ou algum dos criadores que também por aí andaram, tivesse feito mais do que tentar com a Grécia, porque no fundo, por motivos franceses, ou talvez recordando Canossa, sempre desprezaram Roma, uma fuga daquela Alemanha que reconheciam, por dentro e por fora, tão sombria, melancólica, áspera e selvática como a pintou, apesar das intenções, o velho Tácito.

Não podia J. J. ter deixado de interromper para citar abundantemente seu favorito autor; não falseou as citações, claro; mas, no fim de tudo, me perguntava eu se ainda se poderia apresentar a *Germânia* como um panfleto contra Roma. Estou em crer que Tibério não era o degenerado, mas Tácito; como não via êle que, quaisquer que fossem as inferioridades reais ou supostas de costumes, um país de céu azul e sol tem sempre razão contra um povo de névoas e de chuvas? Acaso podiam os deuses ter mais consideração pelos germanos do Báltico do que pelos latinos de Capri?

Mas a estas tristes coisas pode levar a parcialidade política; o republicanismo de Tácito o cegou tanto que o arrastou a preferir alemão; a não ser, o que também é possível, que seja tudo pura invenção dos comentadores nórdicos; sem jôgo de palavras com o Norden.

Seja como fôr, ficou ali assente pelos dois carnífaces que todo o esforço da filologia clássica alemã, fora no que tem de arrumação de casa ou de fazer funcionar a informação com a precisão e a comodidade de um Pauly-Wissowa, onde está tudo exceto o inventar, incidiu nisso mesmo: em proporcionar, numa Grécia de maravilha romântica, uma evasão das realidades germânicas ou um lavar-se do remorso de continuar nos tempos modernos, com muito mais segurança, o esmagar de originalidades vitais que o dórico, acho que foi o dórico, descendo, tão eficientemente iniciou no Mediterrâneo oriental. Creio que neste ponto foi o Agostinho mais arrastado pela rigidez de vistas do J. J. do que por suas próprias paixões; mas a verdade é que ficou tudo arrasado, desde o pobre do Winkelmann, e como lhe glosaram a morte!, através de tôda a gente que tem passado pelo *Rheinisches Museum* e outros órgãos ilustres, até um coitado qualquer que, possivelmente para comer, tem levado seu tempo a comentar os fragmentos de um dramaturgo pelo qual dou pouco e o público do tempo dêle decerto muito menos.

De Itália e França nem vale a pena falar. O menos que disseram da filologia clássica da última foi arrastá-la à volta de três motivos: o primeiro, o de se necessitar original para a *Revue de Deux Mondes*, e aí se fêz o desprezador entêrro de Boissier, que nem sei se colaborava mesmo na revista; o segundo, o de tomar vingança da guerra de 70 e de 14, defendendo o gênio latino dos ataques germânicos; o terceiro o de provar que foi a Grécia cartesiana, cobrindo por aí a traição que a França fêz a si própria quando voltou as costas a seu século XVI e se lançou tôda nos braços de Boileau. Como foi isto a tempo que passava quase na linha do horizonte, mas se inclinando ao rumo de Sergipe, uma alvarenga, das últimas que ainda põem por êstes mares um voejar de vela, e muito mais me interessa navio que filologia, deixei que passasse sem protesto o ataque a Boileau; não por causa de mim, pròpriamente, mas porque é, acho eu, o único autor francês que nosso Tenente-Coronel Mourão sabe de cor e gosta de citar quando conversa. Olhando o navio me fugiu o pensamento para Timor e o Amigo distante, o que me não deu muito ensejo de atentar neste Sédan em que novamente a França mergulhava na mais irremissível das derrotas. Mas sempre arrisquei:

— Mas vocês não andaram na Sorbonne? Vocês não andaram no Collège?

— Antes não tivéssemos. Por mim escrevi muita bobagem à conta disso disso — replicou J. J. E calou-se olhando o outro, não ousando afirmar-lhe o mesmo a respeito.

Não sei se esperava silêncio, mas silêncio teve. Só, porém, decerto, porque já Agostinho se lançava sobre a Itália acusando-lhe a filologia de ser apenas um esforço de passar aos olhos do mundo como descendente do Império. Uma busca de fidalguia, como se não tivesse havido as invasões tôdas e como se não fôsse exatamente na Itália que se guardou o mínimo de tradições romanas; um pavonear de antepassados inteiramente falho de adesão íntima, de ressonância de alma e de qualquer propósito construtivo. Uma filologia assente na boa qualidade do ensino secundário; liceu, liceu e mais liceu. Detiveram-se um momento como que cansados de chacina, o que aproveitei eu para intervir.

— Bom, vamos supor que é tudo assim, e vamos ainda agravar as coisas dizendo que todos os filólogos alemães, franceses, italianos, ingleses, ou os seus representantes do Missouri ou da Califórnia, são isso mesmo que vocês disseram: uns pedantes, ou uns evadidos, ou uns estreitos racionalistas ou uns fantasiosos fidalgotes. Em que impediria isso que em Portugal, Brasil e até na Espanha, em que mal tocaram, tivesse havido autêntica filologia clássica? Quem sabe se até limpa dêsses males.

— O ponto não é isso, Mateus-Maria. O ponto é que em terra de língua portuguesa e espanhola não se tem feito outra coisa senão macaquear a filologia de além Pirineus ou além Alpes; o mesmo latim no ensino secundário, as mesmas línguas clássicas nas mesmas Faculdades de Letras, os mesmos mestres procurando produzir os mesmos livros e as mesmas revistas. De resto, exatamente o mesmo que se fez com a história e a literatura, ou mesmo que se fez com a matemática e a física. Não temos sabido senão copiar escolas estrangeiras e mentalidades estrangeiras. Nunca se fez um esforço para se ser o que se era.

— É bom dizer aqui ao nosso Mateus-Maria que tudo isso estaria muito bem se fôssemos iguais a êles; poderíamos hoje, pelo menos, apresentar uma produção que equivalesse à dêles, que pudesse ser considerada excelente pelos critérios dêles, embora pudesse não o ser pelos nossos. Mas o pior, Agostinho, é que a coisa é ruim mesmo e de clima de estufa.

— Claro. Temos filologia clássica como podemos ter batata doce no Polo Norte. Simplesmente o que fica é isso: que somos diferentes e não é do nosso interesse procurar nos clássicos exatamente o que êles procuram. Temos problemas sérios demais para que fiquemos jogando cricket, somos

ricos demais para que nos regulamentem franceses, somos mediterrânicos demais para que tenhamos de fugir das brumas, somos demasiado virados ao futuro para que nos prendam muito, fora da insipidez patriótica, as glórias ou o que de glórias se chama que tenham vindo a nós de passado perto ou de passado longe.

Tem êste homem bastante arte dos sofismas para que possa logo alicerçar uma teoria. Mas a verdade é que não sei se na que fabricou naquela praia não haveria uma grande parte de razão. Para êle, como já tem posto em vários escritos, o mundo se divide em duas grandes categorias, a dos indo-europeus, e não sei se às vezes não alarga o conceito demais ou não atribui exclusivamente aos indo-europeus muita coisa que também é de outra gente, e a dos mediterrâneos, em que entra tudo, de ibero e de fenício, e alguma coisa mais que tudo, pois que nêles mete os latino-americanos, os africanos, os da Ásia do Sul, sendo que Ásia do Sul, para êle vem de Mongólia pra baixo. A grande diferença entre os dois setores estará, então, nalguma coisa que não é língua, nem raça, nem geografia, pois de outro modo seria impossível entender fôsse o que fôsse. Colocar o equador entre razão e intuição seria também difícil, mais sobretudo pela complicação de definir os termos. De modo que ficaremos no que êle disse uma vez: que a diferença essencial está em que o indo-europeu vê a razão não apenas como um dos espetáculos do mundo, mas como o seu organizador e o seu critério. O indo-europeu não se limitou a verificar a existência da razão; utilizou-a para a prática, serviu-se dela para tornar fácil o universo, fácil à sua manipulação, entende-se. Passou-se com a razão o que se passou com a pólvora: chinês, se foi ele, descobriu-a e dela fêz fogos de artifício; europeu utilizou-a para demolir rocha e lançar bala.

— Quando o indo-europeu veio para o sul o que encontrou foi Mediterrâneo, que vivia na contemplação, na integração, numa irmandade com o mundo, que, embora muito diferente do que possa ter havido antes da Queda, existia ainda. Chegou, destruiu-a, e é isso que significa ter um homem de Atenas matado o último ser que era metade gente metade bicho, e instalar, sôbre o universo que fôra, um outro que deu cidade-estado, filosofia, política, geometria, exércitos, direito, tabeliães e escolas. Não a destruiu, porém, igualmente; os que lhe sofreram mais violentamente as fúrias foram os coitados dos cretenses; polvo se enrolando à volta de vaso deu lugar a teorias de heróis; gato se esquivando entre caules e neles se acariciando como bom gato foi substituído pelo cão que se deita à entrada das casas e reconhece Ulisses; príncipe de lírios nunca mais houve. Mas houve Mediterrâneo que escapou, e que até de Romanos durante muito tempo se conseguiu livrar; vejam vocês que, mesmo depois, foi o único lugar em que touro foi considerado como digno de competir com gente.

Ou gente considerada digna de competir com touro, por não a verem apenas como matéria prima de soldado, jurista ou escrevente de repartição. Sucumbiu Creta; sucumbiu Sicília; sucumbiu Sardenha; sucumbiu berbere; só Espanha não sucumbiu, e ainda fez mais. De certa altura por diante, e enquanto valeu a pena, tomou Roma e aproveitou de Roma o que valia: a universalidade da língua; o critério de paz dentro de fronteiras; a concepção de um direito das gentes; a formulação básica da república; a impaciência perante a tirania, e disso deixou como testemunho ter sido em grande parte dos Barcas, os últimos mediterrâneos, e opor-se ao indo-europeu, ter incendiado Numância ou ter lutado à voz de Viriato, ou ter ainda conservado o basco como língua viva; tomou o máximo de Roma, mas sem os vícios. E, quando a Península parte para a empresa dos Descobrimentos, o que ela leva no bojo dos navios é a exata mistura de Roma e Mediterrâneo que teria, se vencedora, lançado sobre o globo a mesma paz que, pelo Império Romano, teve o sul da Europa durante quatrocentos anos.

Percebi a seguir duas coisas: como história é fácil quando a explicam traçando riscos na areia sob o murmúrio das folhagens altas e à beira de um mar como aquele mar; e como falhou a empresa dos descobrimentos porque a Península, com o impulso de Roma, alargou a obra romana no sentido leste-oeste, mas não corrigiu a grande falha da história de Roma: a de não ter conseguido afirmar o Império no sentido Norte-Sul. Gente do Mar do Norte e gente do Báltico ficou à solta e de novo caiu sobre o Império uma segunda invasão de bárbaros. Mas seria só isso? Assegurou-me logo que não era só isso.

— O indo-europeu não se desenvolvera bastante para que a sua missão se pudesse considerar cumprida; não havia ainda, apesar de tudo, direito verdadeiramente internacional; nem o conceito de nação; nem a física; nem o motor de explosão; nem a impassibilidade do universo físico nem as forças internas de desagregação se podiam considerar vencidas. Nem se encontrara, com a América do Norte e a invenção do puritanismo, os meios ideais para que o indo-europeu pudesse dar de si todo o rendimento de eficiência e de organização que lhe estava nas entranhas nem se pusera em prática com os eslavos a receita econômica, puramente indo-européia enquanto econômica, embora tingida de messianismo mediterrânico no filosófico ou no político, que poderá tornar mais fácil a elaboração de novos mecanismos. O mediterrâneo que os portugueses levaram consigo serviu para muita coisa, entre outras para que pudesse Brasil ter pôsto para fora ocupantes de Holanda e de França, livrando-o por aí de se meter pelas dificuldades sem saída em que entrou a civilização americana; como o mediterrâneo espanhol lançou fermento em áreas de América que, de

outro modo, apenas teriam hoje, para apresentar, a docilidade, a subserviência e o fatal estatismo de seus índios. Mas faltava o máximo de Roma.

— Mas o importante para nós, hoje, é saber se êsse desenvolvimento de Roma já atingiu o máximo ou não e se o mediterrâneo poderá vencer ou não.

J. J. foi logo afirmando:

— Pode. Não tem dúvida, pode.

Agostinho foi muito científico e muito moderado:

— Parece que pode. Vejam vocês como os de mais antenas percebem que se está numa das tais viragens da história. O cristianismo foi essencialmente mediterrânico no seu início, mas logo entendeu que não poderia triunfar e expandir-se se não aceitasse os maquinismos indo-europeus; o cristianismo foi logo de princípio católico, no sentido universalista, e apostólico, no sentido de missionário; mas só o ser romano lhe deu vitória, já sabemos que com sacrifícios, e com que sacrifícios. Com os Papas do Renascimento ia voltar a ser mediterrânico, mas a revolta protestante o lançou de nôvo nos caminhos de avançar sôbre o mundo, embora jungindo-o ao juro, ao centralismo cesarista e à exploração do assalariado. Mas vejam vocês o que sucede hoje, como se fala de ecumenismo e como parece que a hierarquia cada vez mais se desvencilha do indo-europeu, geograficamente e socialmente. Roma está terminando sua missão: vem aí a produção automática; vem aí a limitação cada vez maior dos poderes dos Césares; vem aí a adoração de um Deus de muitas e diversas linguagens, como é que diria o Fernão Lopes, de muitas e desvairadas linguagens; de muitas faces, e até de face alguma; de muitos templos e até de nenhum templo. Agora, verdadeiramente, terá a Casa do Pai muitas mansões; e serão as mansões dos filhos pródigos.

— Não digo que concorde com tudo isso — interrompi eu, um pouco receoso de que o homem, embora não seja isso muito de seu hábito, se metesse descuidadamente para a oratória. Mas temos já aí um par de idéias e conviria talvez fazer o ponto. Uma é a de que a nossa filologia clássica não vale nada; outra a de que os que fizeram boa filologia clássica, talvez com exceção dos ingleses, são puros bárbaros que só seguiram Roma na sua eficiência indo-européia, mas aos quais falta tudo que o Mediterrâneo, agora alargado por você a quase todo o mundo, deu a Roma ou guardou para depois de Roma; vem pelo meio a idéia de que a nossa filologia é ruim porque tem consistido, como muita outra coisa, numa imitação sem

espírito do que os outros fazem; parece poder concluir-se que, ou não temos que fazer filologia clássica nenhuma ou a devemos fazer, senão com métodos novos, pelo menos com novos objetivos.

— Até com métodos novos. Mas pelo menos com novos objetivos. Grécia e Roma foram andaimes que serviram para construir ao mediterrânico o mundo perfeito para que se possa expandir, dar tudo o que lhe está em promessa e, remontando o tempo, só que cheio de novas possibilidades e da riqueza que é o lembrar-se, ir além das quedas e reconquistar o Paraíso. Se é que se reconquistam Paraísos. Se Adão um dia voltar como deve as espadas de fogo se desfarão em luz.

— Deixe o Paraíso. Volte à Grécia.

— Pois bem, o que nos interessa na Grécia é duplo: mostrar que tudo o que fez o realizou num sentido de pura organização política, sobretudo com a filosofia e o ligeiro direito. Mas arte foi também política porque se preocupou sobretudo com um ideal humano. E como são políticos os seus deuses.

— Tragédia também política?

— Porque não? Só que nesse ponto os gregos não conseguiram encontrar fórmulas de vitória; limitaram-se a expôr os casos, sempre trágicos, do encontro do homem e do destino; resolver o problema era tarefa que exigia demais do político. Parece-me que o G. B. M. tem razão quando escreve aquilo de que vencer destino exige abolição de política e só poderia, portanto, ter sido resolvido pelo cristianismo, o oriental, entende-se; apenas, existe o mistério dos mistérios e aqui se levanta a outra meta da nossa filologia clássica, do que deveria ser a nossa filologia clássica. Temos que por bem claro êsse papel político da Grécia, marca do invasor; mas temos de nos descobrir ou nos reconhecer no invadido e temos portanto que pesquisar e registar tudo quanto seja vestígio do que foi possível sobreviver do mundo que os Gregos subverteram; quando o direito acabar, quando a filosofia acabar, quando a arte acabar, é nesses fundos que nossos pés têm que ficar firmes. O que temos que fazer com Grécia é isso mesmo: arquivá-la em política e, numa arqueologia em todos os sentidos, desenterrar o universo que ela recobriu. É por isso mesmo que me parece perfeita a orientação do Eudoro e queria levar êste homem aqui para Brasília. Mas parece que não vai mesmo.

— Vocês têm por lá mar? Não têm. Vocês têm por lá coqueiro? Não têm. Vocês têm por lá êste calorzinho que nunca deixa a gente trabalhar demais? Não têm. Que vou eu fazer para Brasília? O mais que você conseguirá de

mim, já que tem a mania da organização, o que faz com que você seja um mediterrânico muito engraçado, porque além da mania tem o jeito, é botar-me em S. Félix, com o Roberto, e fazemos lá um de seus Centros. Do resto nem esperança.

E, como para afirmar mais a sua resolução, deitou-se de todo na areia e ficou a olhar as ramarias, já mais se balouçando no ventinho que principiava a refrescar.

— Não sou mediterrânico engraçado coisa nenhuma. Dentre os mediterrânicos, sou ibero, rapaz, como você e como o Mateus-Maria. Mas talvez em mim ainda seja bastante grande a dose de Roma.

— De Grécia, vimos — voltei eu —: arquivada sem apêlo e revolvida pela arqueologia. E de Roma? Que faz você de Roma?

— Não faço nada. Nós somos Roma. Falamos latim. Levamos a língua para uma coisa que vai desde o Acre às Filipinas, e pode dar a volta por qualquer lado. A tal missão leste-oeste de Roma nós a cumprimos de tal maneira que foi possível a viagem de Magalhães. E daí tiraram os bárbaros tudo o que era necessário para seus avanços técnicos. Mas somos uma Roma que, porque lhe completamos a tarefa e porque temos no sangue Mediterrâneo e porque encontramos por toda a parte povos que do Mediterrâneo eram e são, pode agora destruir ela própria os andaimes. Tudo está, porém, dependente de que, com este Brasil, vamos além de Roma e tracemos o eixo norte-sul. Vocês sabem de uma coisa? Tenho pensado várias vezes que é este o significado real de ter Brasília um eixo administrativo leste-oeste, fiel a Roma, e um eixo norte-sul de residir porque só isso fará que o mundo passe a ser um lugar realmente habitável.

— E você acha que os arquitetos pensaram nisto?

— A poesia talvez consista em não pensar o que daí por diante será pensável.

— Bom, deixe lá a poesia, continue com Roma.

— Com Roma temos que ver o que lhe foi política, exatamente como para a Grécia, e o que lhe foi técnica, que a Grécia nunca teve, ou teve mal. Temos, ainda como para a Grécia, de pesquisar o que ficou recoberto de Mediterrâneo e, no nosso caso particular, sobretudo o que foi Espanha. Isso é o passado. Quanto ao presente, são duas as tarefas. Primeira tarefa: tomarmos nela consciência do em que somos Romanos e, através dos Romanos, do em que somos Gregos, isto para que saibamos bem como são

os andaimes, onde estão os andaimes e como desmontaremos os andaimes. Segunda tarefa: tomarmos plena consciência do em que somos espanhóis e da irmandade que temos com índios, negros e amarelos, ou malaaios; estarmos preparados para reconhecer o nosso Mediterrâneo no Mediterrâneo dêles; termos a audácia de levar êsse Mediterrâneo aos nossos amigos hiperbóreos.

— Você acha isso possível?

— Primeiro, acho que não há outro caminho para a história. E, não havendo outro, êsse é o possível. E não é o que está acontecendo de uma forma desorganizada e como sem consciência? Quem está pagando a invasão do indo-europeu no Mediterrâneo, ou antes, as duas invasões, a da pré-história e a da Idade Média? Não são os trabalhadores do Mediterrâneo? Não teve a Suíça de construir uma praça de touros? Não há tôdas as noites da Alemanha briga de italiano? Não avançaram os nossos sôbre Paris? Não está a Europa caindo nos vícios de prosperidade econômica que deram em parte a grande imigração dos bárbaros? Não vi eu grego e italiano na Austrália...

Aí o temos com as viagens.

— ...impondo as suas comidas nos restaurantes, já passeando pela rua chinelo e melena? Tudo isso é o começo do fim, rapazes. Só que êsse fim precisa de ser organizado e acelerado. E é à América Latina, ou Romana, que cabe fazê-lo. Só nós poderemos resolver o problema do negro nos Estados Unidos; só nós poderemos pôr à vontade a consciência de um povo que tem a mania de trabalho de um puritano e vê a automação tomar-lhe conta de tudo; só nós podemos dar-lhe a noção de que história se faz por si própria sem esforço nosso e que a nossa única obrigação quanto ao rolar do mundo é não impedir que ele role. Vocês sabem? Acho extremamente importante que se aproveitem ao máximo as bolsas de estudo para êsses países; mas não para voltar aprendendo América, até no falar trazendo os modismos dêles; para voltar tendo missionado na América. Até agora de lá vinham missões cristãs para os Papuas; missões cristãs do cristianismo de Roma, daquele cristianismo que se estabeleceu quando o Papa substituiu a César; é tempo agora dos Papuas mandarem missões à América para pregar o cristianismo mediterrânico, o que aconselhava que se contemplassem os lírios do vale, o que punha as crianças como modelo de perfeição e o que tinha pelos Césares aquela equilibrada mistura de desprezo e compreensão que fazia pagar o tributo sem nêle demorar nem recusa nem adesão. Todo o português ou todo o grego, todo o brasileiro ou todo o peruano, e êstes são muito mais importantes, têm o dever de pagar

a técnica que aprendem com o ensino de que a vida está para além do trabalho, da construção e do código. Até se devia procurar que lá fosse gente que não perdesse tempo algum com o aprender e fôsse só para ensinar. O aprender devia ser ao contrário. Bolsas aos americanos para virem ao Brasil aprender que a riqueza não é marca de que Deus está conosco.

— Amigo, isso é política, não filologia. Volte à filologia. Se tudo o que temos feito está errado, diga o que se deve fazer.

— Pôr tôda a gente que tenha alguma espécie de interêsse por grego e latim, não a fazer dissertações que seriam talvez muito bem classificadas nas Universidades de lá, mas a pôr em português os textos que permitem tomar consciência de que somos Romanos, mesmo no que os Romanos tomaram dos Gregos; é preciso que todo o jovem de nossa língua possa ler os chamados clássicos, sem ter a dificuldade de penetrar o original. Convém em segundo lugar que os matemáticos, os físicos, os biólogos, os administradores, sôbre os quais repousa o eixo do desenvolvimento, e vocês já sabem que desenvolvimento para mim é poder trazer mediterrâneo à superfície, tenham idéia de que as bases de suas ciências ou de suas técnicas estiveram na cultura greco-latina, poupando-nos o espetáculo de sua ignorância e tomando alguma consciência de sua pequenez histórica como continuadores e de sua grandeza se contribuírem para que o mundo recoberto renasça; é preciso que leiam os seus clássicos, os seus Euclides, os seus Teofrastos, os seus Aristóteles, os seus Plínios, os seus Vitrúvios, os seus historiadores, e que bons manuais lhes façam abarcar os conjuntos. Sei que para fazer bons manuais é preciso saber tanto quanto para teses de doutoramento e que é preciso juntar à ciência modéstia: mas talvez não seja demais exigir uma e outra coisa dos nossos mestres de classicismo.

— Se tivesse dinheiro, o que eu fazia era um museu dessa filologia. Ler não lêem. Era melhor que vissem — aventou J. J.

— Talvez se faça.

— Em S. Félix? — e fui involuntariamente irônico.

— Não, S. Félix não é para o que foram Grécia e Roma. S. Félix é para reconhecer o Mediterrâneo, o tal que nos trará a arqueologia, naquilo que ali está vivo. Recoberto por nenhuma terra, a não ser a que o deslumbramento por Nova York ou Paris lhe atiram por cima. Patente ao céu de luz, ao rio de espelho, aos reclinados morros. Ali está o descanso mediterrânico de se sentir envolvido na atmosfera das coisas, como se uma

delas se fôsse, ou elas se tivessem animado a um sôpro humano; ali está a harmonia de não haver conflito entre o que se pensa e o que se vive; ali está a reencontrada paz de consciente e inconsciente se fundirem num todo de que há tempos e tempos perdemos lembrança até; ali está o segrêdo que fará que nunca mais suponham os psicólogos, mesmo os melhores, os que não procuram em rato espírito de homem, ou centelha de Deus, que o mesmo é, que o espírito humano se foi constituindo pouco a pouco, na experiência do mundo; ruptura, sim, isso se deu: e o que chamamos consciência é apenas destrôço do espírito. Cabe-nos reconstitui-lo. S. Félix não é para se saber que a machadinha de dois gumes existia no Mediterrâneo: é para saber que existe no Recôncavo; não é para saber que bucrâneo foi micênico, é para descobrir que êle está como era, nas nossas cêrcas. Tudo à espera de que o vejamos e o promovamos; em nós, conosco, na nossa terra. E nossos sábios sonhando com Heidelberg e com o Ph. D. em Harvard. Segunda parte da nossa filologia clássica: descobrir o Nordeste e verificar nêle o Mediterrâneo.

— Assim sendo — concluí eu — roguemos aos deuses, se possível mediterrânicos, que ninguém nos descubra e nos meta no hospício.

Rosnaram um Amém meio sem jeito; mas animaram-se bastante depois, num dos barzinhos, com casquinho de caranguejo e batida; ou batidas.

CABOCLAN¹ THEORETICS OF CLASSICAL PHILOLOGY

Mateus-Maria Guadalupe

It seems that, under the scourge of these two demons, perhaps only in the Greek sense, who are J.J. and Agostinho, I find myself venturing into a genre of recollections somewhat different from what has thus far been mine, and which a few readers, consistently loyal and, moreover, loyal, have kindly considered to be of some interest. If, based on what has already been written or published, one could continue to assert that my memoirs are not exactly a record of what happened to me, for I seem somehow immune to events, but rather of what occurred to people in whose lives I simply stood present, in this corner of history which, after all, belongs to the world, perhaps another path now opens before me: that of bearing witness not so much to people as to ideas. Paraphrasing an already aged saying of mine, I would now write that I am not passing through the lives of people; I am passing through the ideas of people.

This, surely, strikes me as something akin to Plato, if indeed his dramatic genius, still unspoiled or led astray – let us be strictly scientific – by politics, did not invent everything, including himself. So, what should I do, knowing full well that within my possibilities, which may be many but never include pretending, would be, like the Greek, to weave my dialogues, in a representation, as faithful to truth as I am able, and here recount what the two of them said that morning in Itapoã. In one respect, however, my dialogues would differ from the early Platonic ones, which, according to scholars – and to which I dare add my personal observation that confirm theirs – never seem to reach any kind of conclusion, whether because the thinker had none yet, or because he was loyal in this to his Master, who believed philosophy consisted in asking, not answering. In my dialogues between the two Friends, there would be something far more intriguing: that the conclusion lies in the beginning. I even believe that this is how it always unfolds: what first comes to them is the conclusion; only afterward do they, with great logic, lay out the arguments that prove it. And as happens most of the time, the conclusion they begin with is the same, so their dialogue is not so much the weaving of a cloth but its examination under a microscope, which delights me greatly due to my

¹ *Cabocla*, the feminine form of “*caboclo*,” is a term that, besides referring to the mixture of white and Indigenous peoples in Brazil, describes a typical figure from the Brazilian Sertão.

own entomologies; doing nothing more than unraveling fabric, though they take great pleasure in giving the impression that they are weaving. I suppose this has led many to classify them as perfect specimens of rationalists. And what a good philosophical problem this would be: to wonder whether all rationalists do not tread the same path, and if, in the end, it is not the others, the intuitive or the mystical, or whatever name we give them, who effectively stand before reality with humility, discretion, and a good deal of patience.

I am, however, as is my unfortunate habit, wading into what I do not know, or know only by hearsay. To return to the solid ground more worthy of my scientist's feet, I will say that the conversation took place just before the little bars of Itapoã, on a stretch of beach where the coconut trees extend right up to the sea. The sea there is uniquely still, green and gray, with its waves already broken by the line of reefs, lapping at the first white, fine sands with the sweetness of a small lake or that rhythmic ripple with which, in the shelter of the shore, calm streams of the plains mark their quiet life. A place for those who feel somewhat weary of the world to lie down and rest, sure that hardly anyone will pass by, for all the traffic moves along the road behind the coconut groves, simply gazing either at that familiar and humble boundary of land and water, or at the farther one, that elusive line that never quite is, of sky and sea.

There, then, it seemed to us a fine harbor to drop anchor. The two, being philosophers, quickly settled themselves in any manner in the softness of the sand, caring little for the trouble it would later take to brush themselves off before returning to the city, that is if they even intended on brushing themselves off. I, always prudent and a man of luck, seated myself on a whale bone, which I duly classified, though it was not a homoptera, as J.J. promptly pointed out: a fragment of the lower right jawbone.

Thus, it was, and without any real intent, one of them remarked that classical philology in Portugal was worth nothing. I dared to contest, recalling works and names, though prudently silencing Viale, who would have been immediately made victim, his blood staining the enemy's field. Nonetheless, I told them that there were, in Portugal, those perfectly up-to-date with foreign bibliography on the subject, who wrote works that could easily hold their own in Oxford or Heidelberg, and moreover, it seems to me, a layman, the ultimate limit of human effort, those who could write in Latin, which, as far as I understand, is excellent, and even in Greek, which no doubt could be of the same high quality. And do you know what happened? They both scoffed. They said that writing Greek and Latin today is merely the pastime

of someone who has nothing meaningful to say in their own language, a way to kill time for the survivors of XVII century Academies, an artifice that lives on imitation, moreover, they added, writing, and even more so speaking, Greek or Latin was commonplace for the fools who Socrates confounded in his dialogues, whom Aristophanes, to cite an opponent, ridiculed in his comedies, whom Plautus kicked around in his farces, all ending, in a laughter tinged with melancholy, as it foretold the end of everything, in the *Satyricon* of Petronius, if it is Petronius's, or of any another, if it is of any another.

Humanists of the spoken and written word thus buried, I didn't even raise my voice to defend any studies or criticisms, for J.J. swept away the lines he had drawn in the sand with the back of his hand – lines always straight, as is his nature – and pronounced his verdict:

“Nothing is worth anything. And in Brazil, the same occurs. Now and then, someone appears who wouldn't look out of place at a university in America or Italy, or any of those places, but what they produce is nothing; it gets lost in the current of what's being done abroad: sounding foreign, you know? As for schools, none; they never have disciples, no one carries on the work. What was born with him dies with him.”

“So, what one must conclude,” I ventured, “is that our people are not cut out for classical philology, and that's the end of it.”

“Our people have a knack for everything. What occurred is that classical philology was invented and developed in countries that have nothing in common with Portugal or Brazil, countries that follow entirely different paths; what came to us from them has as much to do with the deep reality of countries and peoples—ours, of course—as with royal absolutism or parliamentarism, idealism or materialism and capitalism or socialism. All these ideas are theirs, only theirs, and should have stayed with them. The core of our thought and our true way of proceeding has nothing to do with that. We are others, and in being others that this hasn't entered our education, our lives, or even, much more gravely, our ideals. They conquered us, occupied us once, and we have never liberated ourselves since. And, when those nations are dragging themselves through decadence, treading paths that will lead nowhere, we have not yet found the strength to free ourselves. Our philology is not ours, it is theirs; just as our economy is theirs, just as our politics or our schools are theirs. Everything is foreign, everything ready-made, all tailored to fit them, not us.”

J.J. agreed straight away, as he was already in agreement. He even gained enough energy to scratch new lines in the sand, but when does he ever lose that energy? There he continued, making his marks while Agostinho spoke about philology through Europe, since American philology seemed to him nothing more than a mere continuation of what had been done from England to Italy. To begin with the former, or rather, myself—since perhaps Agostinho, in conversation, had gone straight to his dearest adversary, the scholarly Germany—he asserted that the English never saw classical philology as anything more than a chosen field for a game of intellect, criticism, pedantry, irony, and certainty; limited by the downfall of the ancient world to a state of anthology, selected by the thousands of erudite scholars who have traversed it in every direction, enriched by the interpretations of a world that did not remain static in the realms of speculation and creation, the field of classical antiquity allows the English to indulge in some of the activities they love most: adhering closely to reality, documenting as much as they possibly can, avoiding theory as much as possible; the ability to present new behaviors under the guise of the most untouchable antiquity; to find in the classics a secure shell of protection for their timid reality; a Mediterranean sun and a comforting genealogy of words.

“And even,” he conceded, “some vague awareness that they were once Mediterranean, at least in the megalithic era, and some remorse, disguised as irony and indifference, for having sided with Europe instead of remaining loyal allies of those who first established a continuous front across the sea; like a launching dock from which the future unity of the world might set sail.”

I shall pass from England, if he hasn't, to Germany, as I craved to see what he would make of the scholarly German philologists, there spread on that sand, but still in his coat and tie, ready to remind us, comparing the waves and clouds, that he had once been to Fiji. Neophyte things: if he had trodden as much as I, he would remember fewer names of places and would find them quite similar, for it is not simply moving about that makes us different from who we are. Reverting, however, as Bruno would say, destroyed German philology; he did not concede that any scholar, or any of the creators who also wandered about, had done more than attempt with Greece, because deep down, for French reasons, or perhaps recalling Canossa, they always despised Rome, fleeing from the Germany they recognized, inside and out, so somber, melancholic, harsh, and savage, as old Tacitus painted it, despite his intentions.

J.J. could not resist interrupting to abundantly quote his favorite author; without misquoting, of course; but in the end, I asked myself if *Germania* could still be presented as a pamphlet against Rome. I'm inclined to believe it wasn't Tiberius who was the degenerate, but Tacitus; how could he not see that, whatever the real or supposed inferiority of customs, a country of blue skies and sun is always in the right over a land of mists and rains? Could the gods possibly have held more favor for the Germans of the Baltic than for the Latins of Capri? But such sad conclusions can lead to political bias; Tacitus' republicanism blinded him so much that it dragged him into preferring German; unless, which is also possible, it's all a pure invention of Nordic commentators; no wordplay intended with "Norden".

Be that as it may, it was established by both butchers that the entire endeavor of German classical philology, aside from its housekeeping efforts or making information work with the precision and convenience of a Pauly-Wissowa, where everything is present except inventiveness, resulting in precisely this: providing, in a Greece of romantic wonder, an escape from Germanic realities, or rinsing off the remorse for continuing, in modern times and with far greater efficiency, the crushing of vital originalities which the Doric – I believe it was the Doric – when descending, so efficiently began in the Eastern Mediterranean. I believe at this point Agostinho was more carried away by the rigidity of J.J.'s views than by his own passions; but the truth is everything was devastated, from poor Winkelmann – oh, how they glossed his death!, ! – through all those who have passed through the *Rheinisches Museum* and other illustrious institutions, down to some poor soul who, perhaps merely to earn his bread, has spent his days commenting on the fragments of a playwright whom I care little for, and for whom the audience of his time surely cared even less.

As for Italy and France, it's hardly worth speaking of. The least that has been said of the latter's classical philology was to drag it around three motifs: first, the need for original content for the *Revue des Deux Mondes*, and thus Boissier's disdainful burial, who I don't even know if ever really collaborated with the magazine; second, avenging the wars of 1870 and 1914 by defending the Latin genius from Germanic attacks; thirdly, proving that Greece was Cartesian, masking the betrayal France dealt herself when it turned her back on the sixteenth century and threw herself entirely into the arms of Boileau. As this was happening, almost at the horizon's line but drifting toward the course of Sergipe, an *alvarenga* vessel one of the last to still cast a flutter of sails upon these seas – caught my eye, and since ships interest me far more than

philology, I let the attack on Boileau pass without protest; not for my own sake, properly speaking, but because, as I believe, he's the only French author our Lieutenant-Colonel Mourão knows by heart and enjoys quoting in conversation. Watching the ship, my thoughts wandered to Timor and the distant Friend, which did not give me much opportunity to dwell on this Sedan in which France once again plunged into the most irredeemable of defeats. Yet I ventured:

"But didn't you both attend the Sorbonne? Didn't you attend the Collège?"

"Better if we hadn't. I, for one, wrote a lot of nonsense because of it," replied J.J. And he fell silent, gazing at the other, not daring to claim the same apropos.

I don't know if he expected silence, but silence he received. However, surely, it was because Agostinho was already launching an attack on Italy, accusing its philology of being nothing more than an effort to present itself to the world as the descendant of the Empire. A quest for nobility, as if all the invasions had never happened, and as if it wasn't precisely in Italy where the fewest Roman traditions were preserved. A flaunting of ancestors entirely lacking intimate connection, soul resonance, or any constructive purpose. A philology erected on the high quality of secondary education; *liceu, liceu*, and more *liceu*. They paused for a moment, as if weary from the slaughter, and I seized the opportunity to intervene.

"Well, let's suppose it's all accurate, and inflame things by saying that all German, French, Italian, English philologists—or their counterparts from Missouri or California—are just as you've said: pedants, or escapists, or narrow rationalists, or fantasy-prone noblemen. How would that prevent authentic classical philology from existing in Portugal, Brazil, and even in Spain, which they've barely even touched? Who knows if it might even be free from those very faults."

"That's not the point, Mateus-Maria. The point is that in Portuguese and Spanish speaking lands, nothing has been done but to monkey the philology from beyond the Pyrenees or the Alps; the same Latin in secondary education, the same classical languages in the same Schools of Letters, the same teachers trying to produce the same books and journals. Moreover, the exact same thing that was done with history and literature, or even with mathematics and physics. We have known nothing but to copy foreign schools and foreign mentalities. Never has there been an effort to be what we truly were."

“It’s worth telling our Mateus-Maria here that all of this would be fine and well if we were like them; at least then we could present a body of work equivalent to theirs, which could be considered excellent by their standards, though it might not be by ours. But the worst part, Agostinho, is that the situation is bad, truly bad, and it feels like a hothouse.”

“Of course. We have classical philology like we could have sweet potatoes on the North Pole. The simple fact is this: we are different, and it’s not in our interest to seek in the classics exactly what they seek. We have problems far too serious to be playing cricket, we are far too rich to be regulated by the French, we are too Mediterranean to have to flee the mists, and we are far too future-oriented to be overly bound, outside of patriotic blandness, by the glories – or what they call glories – that have reached us from a near or distant past.”

This man has enough skill in the art of sophistry to readily construct a theory. But the truth is, I’m not sure if the one he crafted on that beach didn’t carry a large portion of truth. For him, as he has written in several works, the world is divided into two great categories: one for the Indo-Europeans – and I’m not sure if at times he doesn’t broaden the concept too much or attribute to the Indo-Europeans many things that are of other peoples’ – and another one for the Mediterraneans, which includes everything from Iberian to Phoenician, and perhaps something more than all of that, since he includes Latin Americans, Africans, and the people of South Asia, although for him, South Asia extends from Mongolia downward. The big difference between the two sectors, then, lies in something that is neither language, nor race, nor geography, for otherwise it would be impossible to understand anything. Placing the equator between reason and intuition would also be difficult, particularly due to the complexity of defining terms. Therefore, we must settle with what he once said: the essential difference is that the Indo-European does not see reason merely as one of the spectacles of the world, but as its organizer and its criterion. The Indo-European did not limit himself to acknowledging the existence of reason; he put it to practice, employing it to make the universe easier, easier to manipulate, that is. What happened to reason is much like what happened to gunpowder: the Chinese, if they were the ones who discovered it, used it for fireworks; the European used it to demolish rocks and fire bullets.

“When the Indo-European ventured south, what he found was the Mediterranean, a world living in contemplation, in integration, in a deep kinship with existence, a harmony still lingering, though vastly different from

what might have existed before the Fall. He arrived, destroying it, and this destruction is the Athenian man slaying the last half-human, half-beast creature, imposing upon the universe that once was, a new order, one that gave rise to the city-state, philosophy, politics, geometry, armies, law, notaries, and schools. Yet, he didn't destroy it evenly; those who suffered his fiercest fury were the poor Cretans; a vase entwined by an octopus gave way to theories of heroes; the cat, slipping between stalks and brushing against them as good cats do, was replaced by the dog that lies at doorsteps and recognize Ulysses; the prince of lilies was never more. Yet, there remained parts of the Mediterranean that escaped, and for some time it was possible to be free even from the Romans; note, if you will, that even later, it was the only place where the bull was considered worthy of competing with people. Or rather, where people were deemed worthy of competing with the bull, not merely seen as raw material for soldiers, jurists, or bureaucratic clerks. Crete succumbed; Sicily succumbed; Sardinia succumbed; the Berbers succumbed; only Spain did not fall, and did even more. At a certain point, while it was still worth the effort, Spain took Rome and adopted from it what was valuable: the universality of language, the principle of peace within borders, the conception of a law of nations, the basic formula of the republic, and an impatience with tyranny. From this, it left testimony in its defiance of the Indo-European, whether by setting Numantia ablaze, by voicing a fight with Viriathus, or even by preserving Basque as a living language; Spain took the best of Rome, but without the vices. And when the Iberian Peninsula embarked on the enterprise of the Discoveries, what it carried in the hold of its ships was the precise blend of Rome and the Mediterranean, a mix that, had it triumphed, would have spread across the globe the same peace that the Roman Empire had bestowed upon southern Europe for four hundred years."

I realized the following two things: how simple history is when explained by tracing lines in the sand under the murmur of tall foliage and beside a sea like that sea; and how the enterprise of the Discoveries ultimately failed because the Peninsula, driven by Rome's impulse, expanded the Roman work east to west, yet did not correct the great flaw in Rome's history: the failure to secure the Empire along the north-south axis. The peoples of the North Sea and the Baltic remained unsecured, and once again, a second wave of barbarian invasions descended upon the Empire. But was that all? He quickly assured me it was not merely that.

"The Indo-European had not yet developed enough for his mission to be considered fulfilled; there wasn't yet, despite everything, a truly international

law; no concept of nation; no physics; no combustion engine; nor could the impassibility of the physical universe and its internal forces of disintegration be considered overcome. Neither had the means been found, with North America and the invention of Puritanism, for the Indo-European to fully realize the potential of efficiency and organization that he carried within his guts, even if he had implemented his purely Indo-European economics – though tinged with Mediterranean messianism in philosophy or politics, with the Slavs – a formula that could facilitate the creation of new mechanisms. The Mediterranean spirit carried by the Portuguese proved useful for many things, not least in enabling Brazil to expel Dutch and French occupiers, thus sparing it the entanglements that led American civilization into dead ends; the Spanish Mediterranean infused a ferment into areas of the Americas that, otherwise, would have little more to offer today than the docility, subservience, and fatalistic statism of their indigenous peoples. But it was lacking the full strength of Rome.”

“But what matters to us, today, is whether Rome’s development has reached its peak or not, and whether the Mediterranean can prevail or not.”

J.J. promptly affirmed:

“It can. Without a doubt, it can.”

Agostinho was very scientific and very moderate:

“It seems that it can. Look how those with more antennas can sense that we are at one of those turning points in history. Christianity, at its core, was Mediterranean in its beginnings, but it soon understood that it could not triumph and expand unless it adopted Indo-European mechanisms. From the start, Christianity was Catholic in the universal sense, and apostolic in the missionary sense; but it was its Roman identity that gave it victory, though we know at what cost, and what sacrifices were made. With the Renaissance Popes, Christianity seemed poised to return to its Mediterranean roots, but the Protestant Reformation pushed it once again onto the path of global expansion, though now bound to usury, Caesarist centralism, and wage labor exploitation. But look at what’s happening today, how talk of ecumenism abounds, and how it seems that the hierarchy is increasingly distancing itself from the Indo-European, both geographically and socially. Rome is completing its mission: automatic production is on the horizon; the powers of the Caesars are being increasingly curtailed; the worship of a God of many diverse languages is due, as Fernão Lopes might say, of many and untamed

languages, of many faces, and even of none at all; of many temples, or perhaps no temple at all. Now, truly, the Father's House will have many mansions; and they will be the mansions of the prodigal sons."

"I'm not saying I agree with all of this," I interrupted, a little apprehensive that the man, though not being of his nature, might carelessly slip into oratory. "But we already have here a couple of ideas on the table, and perhaps it's worth going to the point. One is that our classical philology is worth nothing; another is that those who have produced good classical philology, perhaps with the exception of the English, are mere barbarians who only followed Rome in its Indo-European efficiency, but lack everything that the Mediterranean—now broadened by you to encompass almost the entire world—gave to Rome or preserved for after Rome. Then there's the idea that our philology is poor because it has, like many other things, consisted of a spiritless imitation of what others do. It seems we can conclude that either we have no business doing classical philology at all, or we must pursue it, if not with new methods, at least with new objectives."

"Even with new methods. But at least with new objectives. Greece and Rome were scaffolds that served to build the perfect world for the Mediterranean to expand, to give everything it was promised, and, reshaping time, but filled with new possibilities and from the richness that comes from remembering, to go beyond the falls and reclaim Paradise. If Paradises can even be reclaimed. If Adam ever returns as he should, the flaming swords will dissolve into light."

"Leave Paradise aside. Return to Greece."

"Very well, what interests us about Greece is twofold: to show that everything it achieved was done with a sense of pure political organization, especially through philosophy and the subtle rule of law. But art was also political because it primarily concerned itself with a human ideal. And how political their gods are."

"Was their tragedy also political?"

"Why not? Except that in this regard, the Greeks were unable to find formulas for victory; they merely presented the cases—always tragic—of man's encounter with destiny; solving the problem was a task that demanded too much from the political. It seems to me that G.B.M. is right when he writes that overcoming destiny requires the abolition of politics, and thus, it could

only have been resolved by Christianity – the Eastern kind, that is; there exists, merely, the mystery of mysteries, and here arises the other goal of our classical philology – what our classical philology should be. We must make clear the political role of Greece, the mark of the invader; but we must discover or recognize ourselves in the invaded, and therefore we have to research and record all traces of what managed to survive from the world that the Greeks subverted. When law ends, when philosophy ends, when art ends, it is in those depths that our feet must stand firm. What we must do with Greece is exactly this: archive it in politics and, through archaeology in every sense, unearth the universe it covered. That is why Eudoro's orientation seems perfect to me, and I wanted to bring this man to Brasília. But it seems it's not going to happen after all."

"Do you have a sea there? No, you don't.. Do you have coconut trees there? You don't. Do you have this pleasant warmth that never permits us to work too hard? You don't. What would I do in Brasília? The most you'll get from me, since you have this obsession with organization, which makes you a very amusing Mediterranean, because besides the obsession there is the style, is to put me in São Félix, with Roberto, and we'll set up one of your Centers there. As for the rest, don't even hope for that."

And, as if to further affirm his resolve, he laid completely down on the sand and kept looking at the branches, now swaying more in the breeze that was beginning to cool the air.

"I'm not an amusing Mediterranean at all. Among the Mediterraneans, I'm Iberian, a young man, like you and Mateus-Maria. But perhaps I still carry a great dose of Rome in me."

"Of Greece, we've seen," I replied: "archived without appeal and unearthed by archaeology. And Rome? What do you have of Rome?"

"I have nothing. We are Rome. We speak Latin. We've turned the language into something that stretches from Acre to the Philippines, and it can circle around anywhere. That so-called east-west mission of Rome was fulfilled by us in such a way that Magellan's voyage became possible. And from the barbarians they took all that was necessary for their technical advances. But we are a Rome that, because we have completed its task, and because we have Mediterranean blood in us, and because everywhere we go we encounter peoples who were and still are Mediterranean, can now tear down the scaffolds itself. Everything, however, depends on whether, with this Brazil,

we will go beyond Rome and trace the north-south axis. You know what? I've often thought that this is the real meaning behind Brasília having an east-west administrative axis, loyal to Rome, and a north-south residential axis, because only that will make the world truly inhabitable."

"And do you think the architects thought of this?"

"Poetry may consist in not thinking about what will be thought from them on."

"Well, forget poetry for now, continue with Rome."

"With Rome, we need to examine what, to it, was political, just as with Greece, and what was technical, which Greece never had or had poorly. As with Greece, we also need to investigate what was covered up with Mediterranean, and in our particular case, especially with what pertains to Spain. That is the past. As for the present, there are two tasks. First task: taking consciousness of how we are Roman, and through the Romans, how we are Greek, so that we understand well how the scaffolds are built, where they are, and how we will dismantle them. Second task: becoming fully aware of how we are Spanish, and of the brotherhood we share with Indigenous, Black, and Asian or Malay peoples; being prepared to recognize our Mediterranean in their Mediterranean; and having the audacity to bring that Mediterranean to our hyperborean friends."

"Do you think that's possible?"

"Firstly, I think there is no other path for history. And, since there is no other, this is the possible one. Isn't that what's already happening in a disorganized way and without much awareness? Who is paying for the Indo-European invasion of the Mediterranean, or rather, the two invasions, the prehistoric one and the one from the Middle Ages? Isn't it the Mediterranean workers? Didn't Switzerland have to build a bullfighting arena? Aren't there Italians fighting every night in Germany? Didn't ours surge into Paris? Isn't Europe falling into the vices of economic prosperity that partly led to the great barbarian migrations? Haven't I seen Greeks and Italians in Australia..."

There we are with his travels.

"...imposing their foods in restaurants, already walking down the sidewalk with mane and flip-flops? This is the beginning of the end, folks. Except this end has to be organized and accelerated. And it is Latin—or Roman—

America that should do it. Only we can solve the problem of the blacks in the United States; only we can put will and consciousness of a people obsessed with the work ethic of Puritans while watching automation take everything away from them; only we can offer them the notion that history is made by itself without our effort and our only obligation towards the turning of the world is to not interfere with its movement. You know what? I think it is extremely important that you take advantage of the scholarships to these countries; not to return learning America, even adopting the way they speak or their mannerisms; but to return having missionized in America. Until now, missions would come from there to the Papuans; Christian missions from Rome, the Christianity that was established when the Pope replaced Cesar; it is now time for the Papuans to send missions to America to preach the Mediterranean Christianity, the one that would advise to contemplate the lilies of the field, the one that placed children as a model of perfection and held for the Caesars the balanced mixture of contempt and comprehension that made one pay tribute without dwelling on it with either refusal or submission. Every Portuguese or Greek, every Brazilian or Peruvian, and these are very important, have the duty to pay for the technique they learn from the lesson that life is beyond work, the construction and the code. It would even be important to ensure that the people who go there would not lose time at all learning but would go only to teach. Learning should be in reverse. Scholarships for Americans to come to Brazil to learn that wealth is not a sign that God is within us."

"This, my friend, is politics, not philology. Go back to philology. If all that we have done is wrong, tell us what we should do."

"Get everyone who has any kind of interest in Greek and Latin, not to write dissertations that would perhaps be highly rated in Universities abroad, but to render into Portuguese all the texts that allow us to become aware that we are Romans, even in what the Romans took from the Greeks. It is essential that every young person in our language can read the so-called classics without the difficulty of penetrating the original. Secondly, it is suitable that mathematicians, physicists, biologists, and administrators, upon whom the axis of development rests – and you already know that development, to me, means bringing the Mediterranean to the surface – have an idea that the foundations of their sciences or techniques were laid in Greco-Roman culture, sparing us the spectacle of their ignorance and making them aware of their historical smallness as continuators, and of their greatness if they contribute to the rebirth of the buried world. They must read their classics, their Euclids,

their Theophrastuses, their Aristotles, their Plinys, their Vitruviuses, their historians, and good manuals should help them grasp the whole picture. I know that writing good manuals requires knowing as much as it is required for doctoral theses, and that it is necessary to combine science with humility: but perhaps it is not too much to demand this and that from our teachers of classicism.”

“If I had money, what I would do is create a museum for that philology. People don’t read. It would be better if they could see it,” suggested J.J.

“Maybe it will be done.”

“In São Félix?” I asked, being involuntarily ironic.

“No, São Felix should not be what Greece and Rome were. São Félix is for recognizing the Mediterranean, the one that archaeology will reveal to us, in which there is still life. Not covered by any dirt, except for what the fascination with New York or Paris casts over them. Exposed to the light sky, to the mirror-like river, to the reclining hills. There lies the Mediterranean feeling of repose enveloped by the atmosphere of things, as if one these things was part of it, or as if they had been animated by a human breath; there lies the harmony of no conflict between what is thought and what is lived; there lies the rediscovered peace of conscious and unconscious merging into a whole, a whole we lost memory of ages ago; there lies the secret that will prevent psychologists – yes, even the best ones, the ones who don’t search in mice for the human spirit, or for a flicker of God, which are one and the same – from never again supposing that the human spirit gradually formed through the experience of the world. Rupture, yes, that happened: and what we call consciousness is merely a fragment of the spirit. It is up to us to reconstitute it. São Félix is not about us knowing that the double-edged axe existed in the Mediterranean: it about knowing that it existed in the *Recôncavo*; it is not for us to know that the bucranium was Mycenaean, but to discover that it exists as it was, on our fences. Everything is waiting to be seen and elevated; within us, with us, in our land. And our scholars who dream of Heidelberg and a Ph.D. from Harvard. The second part of our classical philology: to discover *Nordeste* and find the Mediterranean in it.”

“In that case,” I concluded, “let us pray to the gods, hopefully Mediterranean, that no one discovers us and throws us in the asylum.”

They snarled an awkward *Amen*; but brightened up quite a bit afterward, at one of the little bars, eating stuffed crab shells and drinking *batida*; or *batidas*.